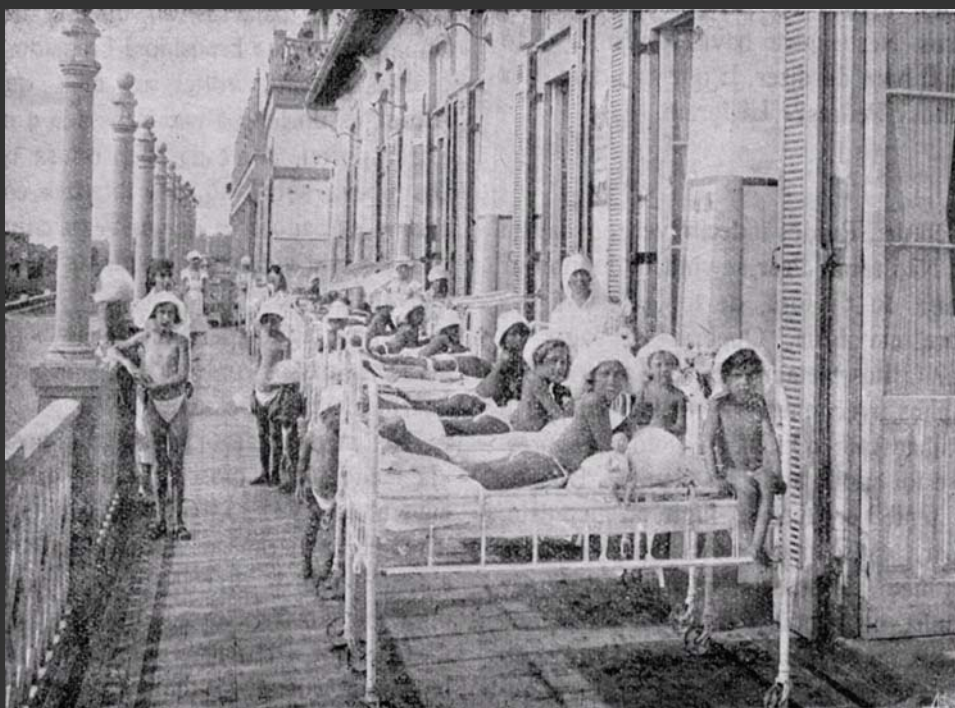


FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

**VIVÊNCIAS EDUCATIVAS DA TUBERCULOSE
NO SANATÓRIO MARÍTIMO DO NORTE E CLÍNICA HELIÂNTIA
(1917-1955)**



ANABELA ARAÚJO DE CARVALHO AMARAL

PORTO

2007

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

**VIVÊNCIAS EDUCATIVAS DA TUBERCULOSE
NO SANATÓRIO MARÍTIMO DO NORTE E CLÍNICA HELIÂNTIA
(1917-1955)**

ANABELA ARAÚJO DE CARVALHO AMARAL

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da
Universidade do Porto, para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da
Educação, Especialização em Educação e Herança Cultural
Realizada sob a orientação científica da
Professora Doutora Margarida Maria Pereira dos Santos Louro Felgueiras, da
Universidade do Porto

Porto
Julho de 2007

Dedico este trabalho
aos meus pais,
aos meus filhos Sara e André
e ao meu marido,
pelo seu amor, carinho e compreensão.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e aos meus filhos, Sara e André, que compreenderam a minha dedicação a este projecto e tudo fizeram para que ele fosse possível.

Ao meu marido pelo apoio incondicional, pelo incentivo e companheirismo.

A todos os professores do curso de Mestrado, pelo enriquecimento transmitido que muito contribuiu para o nosso crescimento pessoal e profissional.

Agradeço igualmente aos meus colegas deste percurso, em especial à Branca, companheira de todos os momentos, à Adozinda, que apesar da distância, foi uma presença constante.

A concretização deste projecto deveu-se ao apoio, gentileza e colaboração de várias pessoas, que dividiram conhecimentos e memórias do Sanatório e cujas histórias contribuíram para a compreensão do significado desta instituição.

Aos meus colegas de escola e à minha querida amiga Isabel, modelo de vida e de coragem, que sempre estiveram disponíveis para uma palavra amiga de incentivo.

Agradeço, em especial à minha orientadora, a Professora Doutora Margarida Felgueiras, por ter sido sempre presente, disponível e crítica, pela cedência de elementos bibliográficos, pelas sugestões, leitura atenta deste trabalho, e por ter sempre respeitado o nosso próprio caminho. Este projecto nunca teria sido possível sem o seu apoio.

Resumo

A presente dissertação consiste num estudo dirigido às marcas de herança cultural deixadas por um sanatório marítimo vocacionado para o tratamento da tuberculose óssea e constituído por dois edifícios, o Sanatório Marítimo do Norte (1917) e a Clínica Heliântia (1930) localizados em Valadares. Este trabalho, de carácter monográfico, organiza-se em duas grandes áreas:

- * as marcas das vivências educativas de crianças e adultos, vítimas de tuberculose, deixadas no jornal *O Girassol*, feito pelos doentes, para os doentes;
- * o papel desempenhado por duas personalidades, Joaquim Gomes Ferreira Alves, o médico, fundador da instituição e Manuel Oliveira Guerra, doente, o fundador de *O Girassol*.

É exposto o trabalho do fundador que como médico manifesta a sua preocupação com a educação na tradição pedagógica do final do século XIX e início do século XX em que estes assumiram um papel de relevo no discurso pedagógico propondo uma regulamentação do tempo e cuidados com as crianças.

A análise dos aspectos supracitados é precedida de uma breve contextualização dos discursos médico-higienistas dos finais do século XIX e início do século XX, com particular incidência nas teses de profilaxia social de combate à tuberculose, apologia dos sanatórios marítimos e da helioterapia no tratamento da tuberculose óssea. É também dado um destaque aos movimentos de benemerência e filantropia no combate à doença, em particular na criação e financiamento de sanatórios e como se aliaram os discursos médico-social e filantrópico.

Abstract

This dissertation is a study of the marks of cultural inheritance left by a maritime sanatorium built for the treatment of bone tuberculosis and consisting of two buildings, the *Sanatório Marítimo do Norte* (1917) and *Heliântia* Clinic (1930), both located in Valadares. This monograph focuses on two areas in particular:

- * the marks of the educative experiences of children and adults, victims of tuberculosis, left in the journal *O Girassol* (*The Sunflower*), written by the patients, for the patients;
- * the role played by two personalities, Joaquim Gomes Ferreira Alves, the doctor and founder of the institution, and Manuel Oliveira Guerra, a patient and founder of *O Girassol*.

The analysis of the aforementioned aspects is preceded by a brief contextualisation of the medical-hygienist speeches of the end of the 19th century and of the beginning of the 20th century. Particular emphasis is given to the theses of social prophylaxis to combat tuberculosis, the ones adopted by the maritime sanatoriums and by heliotherapy in the treatment of bone tuberculosis. Prominence is also given to the beneficent and philanthropic movements in the combat of tuberculosis, in particular in setting up and financing sanatoriums, and to the fact that the medical-social and philanthropic speeches were allied.

Resumé

La présente dissertation consiste en une étude portant sur les marques d'héritage culturel laissées par un sanatorium maritime voué au traitement de la tuberculose osseuse et constitué par deux bâtiments : le *Sanatório Marítimo do Norte* (1917) et la *Clínica Heliântia* (1930) tous les deux situés à Valadares. Ce travail, à caractère monographique, s'organise en deux grands secteurs:

- * les témoignages des expériences éducatives d'enfants et d'adultes victimes de tuberculose, laissés dans le journal *O Girassol*, fait par les malades pour les malades;
- * le rôle joué par deux personnalités, Joaquim Gomes Ferreira Alves, médecin et fondateur de l'institution et Manuel Oliveira Guerra, malade et fondateur de *O Girassol*.

On y rapporte le travail du fondateur, sa préoccupation en tant que médecin concernant l'éducation dans la tradition pédagogique de la fin du XIX^e siècle et du début du XX^e siècle où les médecins ont assumé un rôle majeur dans le discours pédagogique en proposant une réglementation du temps et des soins des enfants.

L'analyse des aspects susmentionnés est précédée d'une brève mise en contexte des discours médicohygiénistes de la fin du XIX^e siècle et du début du XX^e siècle, tout particulièrement des thèses de prophylaxie sociale de combat contre la tuberculose, et de l'apologie des sanatoriums maritimes et de l'héliothérapie dans le traitement de la tuberculose osseuse. On y accordera aussi une attention spéciale

aux mouvements de bienfaisance et de philanthropie dans le combat contre la maladie, en particulier la création et le financement de sanatoriums et aussi la question de savoir comment l'union du discours médicosocial et du discours philanthropique s'est-elle produite.

ÍNDICE

Siglas e Abreviaturas	XI
Índice de Ilustrações	XII
Capítulo I	1
Introdução	1
1. Razões de uma escolha.....	2
2. Os Discursos higienistas	8
2.1. O higienismo na educação da criança	8
2.2. Higiene e educação no século XIX	12
2.3. A higiene, tempos e ritmos educativos.....	19
2.3.1. A higiene médica no edifício escolar	23
2.3.2. A acção dos médicos ao nível da legislação e inspecção sanitária das escolas	29
1.3. Quotidiano, Memórias e História	35
Capítulo II	45
Tuberculose, Ciência e Filantropia na criação dos Sanatórios.....	45
1. A tuberculose, um problema social e médico.....	46
2. O início das campanhas antituberculose.....	55
3. A defesa dos sanatórios marítimos	65
4. A Filantropia antituberculose	71
Capítulo III	79
O Sanatório Marítimo do Norte e a Clínica Heliântia.....	79
1. Joaquim Gomes Ferreira Alves	80
2. A filantropia na origem do Sanatório Marítimo do Norte.....	87
2.1. e na origem a <i>escola</i>	93
3. A Clínica Heliântia	98
4. Movimentos de benemerência	102
5. O doente do sanatório.....	107
5.1. A rotina.....	112
5.2. A girândola do Tempo no Sanatório.....	121

Capítulo IV.....	126
1. Os espólios	127
1. O Jornal como suporte de memória	127
2. Descrição do espólio de <i>O Girassol</i>	130
2.1. O Fundador de <i>O Girassol</i>	132
3. A primeira série de <i>O Girassol</i> (1924 a 1928)	137
3.1. O surgimento do jornal	137
3.2. Visitantes ilustres	140
3.3. As diversões.....	141
3.4. O financiamento de <i>O Girassol</i>	142
3.5. Valadares como zona de veraneio	147
3.6. As viagens de Ferreira Alves	153
4. A segunda série de <i>O Girassol</i> (1934 a 1935)	154
4.1.O trabalho	158
4.2. As visitas	160
5. A terceira série de <i>O Girassol</i> (1954 a 1955)	165
Capítulo V.....	172
Bibliografia.....	180
Anexos	189

Siglas e Abreviaturas

AHMP – Arquivo Histórico Municipal do Porto

AMVNG – Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia

ANT – Assistência Nacional aos Tuberculosos

ANTDR – Associação Nacional de Tuberculose e Doenças Respiratórias

Cap. – Capítulo

Cf. – Confrontar

Cfr – Conferir

Coord - Coordenação

Dir. – Direcção

Doc. – Documento

Ed. – Edição

ESJGFA – Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves - Valadares

IANT – Instituto Assistência Nacional aos Tuberculosos

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico

LPPS – Liga Portuguesa de Profilaxia Social

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

op. cit. – Obra citada

Orgs – Organização

p. – Página

pp. – Páginas

s. d. – Sine data

s. l. – Sine loco

s. n. – Sine nomine

SLAT – Serviço de Luta Antituberculosa

SMN – Sanatório Marítimo do Norte

Vd. – Vide

Vol. – Volume

Índice de Ilustrações

Figura 1 – Posição recomendada para a escrita	14
Figura 2 – Cartaz da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Porto (Década de 30) ...	60
Figura 3 – Cartaz da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, de angariação de fundos para a construção de Sanatórios (Espólio LPPS)	78
Figura 4 – Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves	80
Figura 5 – Selos do Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)	106
Figura 6 – Crianças do Sanatório na praia acompanhadas por uma empregada ...	116
Figura 7 – Manuel Oliveira Guerra (Espólio ESJGFA)	133
Figura 8 – Oliveira Guerra com poetas galegos (Espólio ESJGFA)	135
Figura 9 – Cabeçalho da 1ª série de <i>O Girassol</i>	137
Figura 10 – Cartaz de divulgação do jogo de futebol entre o Futebol Clube do Porto e o Celta de Vigo	145
Figura 11 – Cabeçalho da 2ª série de <i>O Girassol</i>	154
Figura 12 – Nuno Guerreiro Marques – Director da 2ª Série de <i>O Girassol</i>	155
Figura 13 – António Gouveia, Francisco Correia e Karminé Nobre membros da direcção d' <i>O Girassol</i> , imobilizados nas suas camas do Sanatório	155
Figura 14 – Cabeçalho de <i>O Girassol</i> dos Pequenininos	157
Figura 15 – Cabeçalho da 3ª série de <i>O girassol</i>	165
Figura 16 – Poema Inédito de Eugénio de Andrade	169
Figura 17 – Poema de Teixeira de Pascoais dedicado a Álvaro Ferreira Alves in <i>O Girassol</i> , Agosto 1955	170

Capítulo I

Introdução

***Sede bellos e fortes por amor
Do Sol, e irmãos do Sol, sereis depois
Cheios da sua graça e resplendor,
Homens de Deus, a raça dos heroes!***

*Affonso Duarte*¹

1. Razões de uma escolha

Uma janela que se abre para o pinhal e que teima em ser portal do tempo mostra um edifício que faz sonhar e imaginar os dias lá vividos. Remete para uma época onde, apesar da doença, a origem de tudo, esta tenta ser esquecida e lembra tempos de *glamour*, de requinte em que os detalhes dominam cada momento vivido.

A vida social intensa, os saraus com artistas do momento, as festas, os discursos de homenagem e agradecimento, os jornais, as revistas da actualidade, os livros, os poemas, os contos, os torneios, os passatempos, os visitantes ilustres, dominam os dias e iludem a realidade, confundem-se estatutos, os sujeitos tornam-se o centro das atenções tal como numa estância da *belle époque*.

Num regresso ao passado e na pele de um narrador heterodiegético, é possível percorrer o caminho que rompe o pinhal, escoltado pela cortina dos raios de sol que as agulhas dos pinheiros permitem passar, sentir a brisa salgada que anuncia a presença do mar, e na clareira, com alguma surpresa, iluminado pelo sol, eis que surge o imponente edifício, o novo lar.

¹ Texto de um azulejo da galeria de cura do edifício do Sanatório Marítimo do Norte

Com alguma surpresa, este porto de abrigo parece, não um sítio de tormenta, como seria de esperar, mas um verdadeiro hotel de luxo saído de uma ilha distante e paradisíaca, “apresentava-se com a elegância de um hotel das baleares.”²

O edifício dominado por uma longa galeria voltada para o mar que convida a uma preguiça com as suas cadeiras de espaldas, onde em cumplicidade com o sol e com o mar se espantam maleitas e pesadelos. A escadaria, estrategicamente central, simboliza a entrada numa nova vida, longe de tudo e de todos, apenas com os companheiros de infortúnio.

A tuberculose inevitavelmente rodeada de uma aura de romantismo. O longo convívio da doença desperta paixões e relações que se prolongam mesmo depois da cura. Desenvolvem-se veias poéticas materializadas em declarações de amor, bilhetinhos de segredos, descrições da natureza, diários sentimentais e confessionários, ensaios literários, correspondência abundante, intercâmbios longínquos, estudos diversos. Todas estratégias de engano ao tédio e ao tempo que teima em passar.

Neste projecto podemos imaginar uma narrativa em que a personagem principal será uma criança, a personagem colectiva que representará um todo, as crianças vítimas de tuberculose, apenas vestida com um “pirata branco” e um chapéu da mesma cor.

As personagens adultas, símbolo de esperança, de cura e de poder, por rigor médico da desinfecção como prevenção do contágio ou por solidariedade, também envergam o branco: o médico portador de boas ou más notícias, a enfermeira intransigente no cumprimento das rotinas diárias religiosamente cumpridas, as

² BESSA-LUÍS, Agustina, *Os Meninos de Ouro*, Guimarães Editores, Lisboa, 1983, p. 9.

vigilantes, as cozinheiras, lavadeiras e demais pessoal, os lençóis brancos e as caminhas brancas. Tudo branco e neutro.

No exterior mudará a cor e teremos o verde dos pinhais que emanam ar puro, o azul ou verde do mar, fronteira do sonho e fantasia, o transporte para a cura e para o regresso à vida, o amarelo do sol, dos girassóis, a cor da esperança, da felicidade, do conforto e da preguiça.

Nesta viagem, somos invadidos pelos cheiros, o da maresia salgada e da areia da praia, do sol a tisonar a pele e a cicatrizar os ossos enfermos, longe do álcool do interior, da higiene imaculada, do cheiro do chá, da sopa, das refeições, do mobiliário de verga e do chão encerado.

O espaço dominado pelos imponentes edifícios em cumplicidade com o poder do mar e do sol, as varandas, o espaço de partilha com a natureza, são a garantia de cura, da libertação da doença, do direito à sociedade.

A intenção deste trabalho é o estudo das vivências das crianças no Sanatório Marítimo do Norte e na Clínica Heliântia, a preocupação com a sua escolarização numa instituição hospitalar “destinada ao tratamento de crianças pobres, linfáticas e raquíticas e que sofram de tuberculose óssea”.³

Reflectir sobre a realidade do passado que motivou o aparecimento do Sanatório Marítimo do Norte, descrever o contexto médico-social, encerrará, sem dúvida, um manancial de informações com pertinência para a actualidade: “o passado mantém o papel de fonte da experiência, fornecendo um conteúdo concreto de questões postas pela análise do social, das técnicas e das ideias, fornecendo

³ *Auto de inauguração da primeira pedra do edifício do Sanatório Marítimo do Norte*, Processo Camarário de Construção do Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliântia, Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia.

factos e exemplos do mais variado tipo”⁴. Segundo Felgueiras, o testemunho material arquitectónico, em degradação ou em reutilização, responsabiliza a sociedade pela reconstituição e conservação da história, do passado e seus testemunhos, suscita a imaginação, para chegar à compreensão e explicação do seu processo histórico, a partir do qual é possível o conhecimento mais profundo do património edificado⁵.

Esta instituição foi um Sanatório Marítimo que fundamentava a cura no sol, no ar do mar e dos pinhais envolventes e na disciplina médica “O ar marinho mais denso, mais constante na sua temperatura, agitado pelos ventos e pelas ondas, carregado de electricidade e de ozone, saturado de sal e de iodo, banhado de luz, estimula as funções orgânicas”⁶. Ainda “O ar e o sol da praia desinfectam muito mais que os inumeráveis antisépticos”⁷.

No início do século XX, época de criação deste Sanatório, são inúmeros os autores que revelam grandes preocupações com o corpo saudável, com a vida, a morte e a doença. A tuberculose, considerada um flagelo, é o inimigo da sociedade

“Será uma autêntica cruzada de luta contra a tuberculose, em que todos – grandes e pequenos, crianças e adultos ricos e pobres, sãos e doentes – têm de enquadrar-se e combater com toda a força das suas possibilidades. A tuberculose esse “terrorismo bacilar”, que ensombra ainda tantas vidas, tantos lares de Portuga!”⁸

No nosso projecto de pesquisa haverá uma prioridade no estudo da criança como personagem principal numa Instituição e numa época assolada por uma doença específica, a tuberculose. Poderá constituir um mergulho enriquecedor para

⁴ Cf. FELGUEIRAS, Margarida Louro, *Pensar a história repensar o seu ensino*, Porto, Porto Editora, 1994, p. 54.

⁵ Idem, p. 51.

⁶ SERRA, Augusto Pais da Silva, *Sanatórios Marítimos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930, p. 22.

⁷ Idem, p. 21.

⁸ “O Nosso Jornal – Dos Internados e para os internados do Sanatório D. Manuel II”, 10 de Junho de 1962.

repensar a hospitalização da criança de modo a recuperar a histórica cumplicidade entre a doença e a educação. Faremos uma reflexão sobre a preocupação com a instrução no meio hospitalar e a relação entre as prioridades da cura da criança e a sua escolarização uma vez que foi preocupação imediata dos fundadores a necessidade da contratação de uma professora primária que seria, inicialmente, paga pelos beneméritos.

”O mesmo director clínico mostrou à Direcção a necessidade de crear um lugar de professora para as crianças, cuja cura demande largo tempo de hospitalisação, não ficando assim descurada, a sua educação intelectual. Não havendo verba suficiente para a remuneração d’esta professora a Direcção confia na generosidade dos benfeitores d’esta casa de caridade”⁹.

Esta preocupação virá a manifestar-se mais tarde também no Sanatório D. Manuel II, actual Hospital Santos Silva onde existia a sala de aula, ao lado da sala de brinquedos, na enfermaria feminina e infantil, que não era suficiente para as crianças pequenas internadas, foi necessária a construção de um edifício de raiz, exclusivo para o funcionamento da escola primária. Na Maternidade Júlio Dinis, também fruto do intercâmbio com as maternidades suíças, a experiência foi semelhante “Chamou então o Prof. Costa Sacadura a nossa atenção para a Maternidade de Lausana”¹⁰.

O período de internamento, para a maioria das crianças, era longo e sujeito a uma rigorosa disciplina com o cumprimento de rituais diários dependentes dos preceitos da helioterapia. A rotina diária era completamente ditada pelo sol e pelo mar e pelos períodos benéficos à recuperação do doente. No âmbito da tuberculose óssea, geradora de múltiplas deformações, o corpo assume um papel de relevo.

⁹ *O Século*, 2 de Outubro de 1922, [Espólio ESDJGFA].

¹⁰ MAGALHÃES, Alfredo, “O significado social e nacional da maternidade de Júlio Dinis”, in *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, Porto, 1938, p. 124.

Terão de ser corrigidas as deformações de modo a reintegrar o indivíduo na sociedade. Assim, poderão ser reconhecidas muitas das reflexões de Foucault, no que diz respeito à “arte do corpo humano” e ao aumento das suas capacidades como objecto de poder e de obediência, “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis”¹¹.

Como complemento à helioterapia, a “école au soleil”, a ginástica rítmica, os longos passeios pelo pinhal e pela praia e os banhos de mar, funcionam como estimulantes à recepção do iodo e ao restabelecimento os corpos e à aceitação de preceitos higienistas e disciplinares. Em suma de operações sobre o corpo humano.

A iniciativa do Médico impulsionador e responsável por este projecto será também alvo de estudo uma vez que há indícios de que as suas fortes convicções terão sido o motor de criação da Instituição e a ciência terá sido o meio e mesmo o pretexto para a sua existência.

”Mil pequenas cousas há, que difficilmente nós podemos aqui conglobar, pequenos nada, pequenos nada, mas todos preciosos (...)Esses cumpre sempre ao médico preparal-os com aquella intelligencia e amor que deve possuir o medico d’um sanatório. Só assim, de resto, elle valerá: Tout vaut le medicin, tant vaut le sanatorium. (Sersiron)”¹².

A inteligência, referida por Monterroso, será a Ciência dominada pelo médico e que possibilitará a cura, o Amor, a convicção e a dedicação que o médico deverá ser portador. As duas características serão aliadas na luta contra a tuberculose.

¹¹ FOUCAULT, Michel, *Vigiar e Punir*, Editora Vozes, Petrópolis, 2006, p. 119.

¹² MONTERROSO, M.A. da Costa, *A Tuberculose e o Sanatório*, Dissertação Inaugural apresentada à Escola Médico-cirúrgica do Porto, Porto, 1902, p. 39.

2. Os Discursos higienistas

2.1. O higienismo na educação da criança

A análise histórica da interacção entre a Ciência e a Pedagogia permite-nos, enquanto curiosos do passado e actores do presente, verificar alguns *efeitos de regresso*, que funcionam como um instrumento de investigação na abordagem histórica de um problema. Os temas do regresso e da ambiguidade são importantes na medida em que poderão influenciar as decisões relativas aos problemas da actualidade¹³.

Segundo António Gomes Ferreira¹⁴, a referência à Higiene, em Portugal, data do século XV, com Dom Duarte e posteriormente nos séculos XVI e XVII podemos encontrar obras que são fundamentalmente dedicadas à problemática das epidemias. Constituem excepção as obras de Fernando Rodrigo Cardoso (1602) e a de Fernão Solis da Fonseca (1626) “que se debruçavam sobre as seis coisas não naturais, tecendo considerações sobre o ar, a alimentação, o sono, a vigília, o exercício, no fundo sobre os aspectos que podiam condicionar a saúde dos indivíduos”¹⁵. As obras posteriores versam sobre a mesma temática, embora com aspectos mais inovadores, *Ancora medicinal* (Henriques, 1721), *A arte com vida ou vida com arte* (Leitão, 1738). Contudo a obra que de destaca é *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756), de Ribeiro Sanches, que “começando por ocupar-se do ar, abordou um conjunto de aspectos de natureza sanitária, numa

¹³ LÉON, Antoine, *Introdução à História da Educação*, Lisboa, 1983, p. 16.

¹⁴ FERREIRA, António Gomes, *Higiene e controlo médico da infância e da escola*, in cadernos CEDES, vol. 23,nº 59, 2003, p. 10.

¹⁵ *Ibidem*

concepção tão ampla e tão precisa que tem sido considerado um verdadeiro tratado de medicina pública e preventiva”¹⁶.

Ribeiro Sanches, enquanto aluno da Universidade de Coimbra, insatisfeito com o meio e com o estudo aborrecido das leis e da filosofia - “aprender a filosofia era pior que não aprender”- refere que o estudo lhe provocava efeitos indesejáveis e outros distúrbios funcionais, enxaquecas, desmaios, dores de estômago, acentuados pelo esforço em excesso dedicado ao estudo, moléstias estas que no futuro se irão agrupar em queixas ou demais sintomas psicossomáticos¹⁷.

Na procura de uma cura para as suas enfermidades, o *Método para aprender e estudar a Medicina* (1763) que vai ter uma influência decisiva na reforma pombalina dos estudos médicos em 1772.

Todas as suas obras denunciam preocupações higiénicas e sanitárias mas tendo como alvo o adulto, como se confirma na sua afirmação: “Deste modo, que a mocidade plebeia tenha ou não mestre, os costumes, a cultura que tiver, serão sempre a imitação do que virem nos seus maiores, e não do ensino que tiveram nas escolas”. Segundo Luís Graça, Sanches “é o grande pioneiro da saúde pública, que alicerça a sua Medicina Política num modelo de compreensão global do Homem em equilíbrio com o meio”¹⁸ e foi mesmo considerado o primeiro higienista português.

A temática da higiene ligada à infância foi também objecto de estudo para Martinho de Mendonça Pina e Proença, em *Apontamentos para a educação de um menino nobre* (1734), em que refere ter-se dedicado à “melhor literatura pedagógica e, naturalmente, dos autores mais em voga (...) Locke, Rollin e Fénelon”. Para Rogério Fernandes este autor faz recomendações médico-higienistas inovadoras

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Cf. GRAÇA, Luís, “Demografia e higiene da cidade do Porto”, www.ensp.unl.pt/graca/textos_papers.htm, 2/10/06.

¹⁸ *Ibidem*.

para a época relativamente à alimentação e vestuário “o vestuário não devia tolher os movimentos. Convinham às crianças os banhos frios, assim como o contacto ocasional com o sol (...) Igualmente lhes seriam salutareos os exercícios de corrida”¹⁹.

Outra visão ousada foi protagonizada no “caso Stockler”, em 1799, no plano de reforma da educação, apresentado à Academia Real das Ciências, este plano admitia a escolarização das raparigas até aos doze anos (idade instituída e aceite pela igreja para o casamento). Uma vez que o destino da mulher era ser mãe de família, propunha nas matérias de ensino para as raparigas, no terceiro ano, o “cuidado dos filhos”, “das filhas”, “economia doméstica” e “cuidado das moléstias da família”²⁰. Este plano incluía aspectos de formação geral e comum dos jovens nos dois primeiros anos e referia assuntos como a preparação da mulher para o parto, noções de puericultura, e educação médica preventiva “exposição dos symptomas das moléstias mais ordinárias, o methodo de as curar, o conhecimento dos symptomas mais graves, q. devem obrigar a recorrer aos Professores, e as qualidades e cautellas de bom enfermeiro”²¹. No compêndio relativo ao último ano das escolas do primeiro grau, a parte VI compreendia uma “Collecção de princípios em forma de aforismos sobre a Hygiene, ou Medicina Preservativa”²².

Rogério Fernandes afirma que Jerónimo Soares Barbosa manifesta já preocupações de ordem ergonómica relativa à postura dos alunos na sala de aula e aos seus efeitos. Descrevia depois a posição do corpo, o modo de pegar na pena, a sua situação e seus efeitos: lado esquerdo do corpo quase encostado à mesa, “e o

¹⁹ FERNANDES, Rogério, *O Pensamento Pedagógico em Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978, p. 47.

²⁰ FERNANDES, Rogério, *Caminhos do ABC, Sociedade Portuguesa e Ensino das Primeiras Letras*, Porto, Porto Editora, 1994, p. 89.

²¹ Idem, p. 89.

²² *Ibidem*.

direito arredado couda de quatro ou cinco dedos; braço esquerdo assentado sobre o bufete, os dedos da mão esquerda segurando o papel; o cotovelo do braço direito ficaria fora da mesa. O corpo inclinar-se-ia para diante, o suficiente para ver a escrita, os olhos fitos no bico da pena. Era a postura inglesa, a seu ver a melhor, contrariamente ao parecer de outros que seguiam a postura contrária.”²³

Nesta altura ainda não havia um interesse pelos exercícios corporais, notando-se apenas nas brincadeiras ao ar livre alguma desenvoltura física da criança nas actividades em que participava.

“Por outro lado, embora não existisse propriamente um interesse generalizado pela educação física, cada vez mais se olhava a apetência das crianças pelos exercícios corporais como algo que fazia parte da idade e era necessário ao seu desenvolvimento. Deste modo, as corridas, os jogos e mais brincadeiras tenderam a ser encarados não como uma futilidade infantil mas como uma vertente a respeitar e até fomentar.”²⁴

Já no século XVIII, são referidos os cuidados com o corpo da criança com o objectivo de implementar regras de higiene. Neste sentido as famílias foram abrandando a protecção exagerada do lar contra as maleitas do exterior para assim deixarem as crianças usufruir de uma vida saudável ao ar livre. “Em vantagem nítida estavam, é claro, os filhos da aristocracia mais proeminente. As casas que habitavam (...) dispunham geralmente de quintas, pátios, jardins, varandas e terraços onde era possível passarem grande parte do dia em brincadeiras sem fim.”²⁵

São também apontadas as vantagens dos banhos de mar e do sol nos cuidados higiénicos da criança. “Não era invulgar, entre os que viviam em Lisboa, ir

²³ Idem, p. 252.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ FERREIRA, António Gomes, *Gerar, Criar, Educar. A Criança no Portugal do Antigo Regime*, Coimbra, Coimbra, Quarteto, 2002, p. 214.

passar alguns dias aos arrabaldes, em Maфра ou Sintra, ou qualquer outro lugar, ter outra casa, por exemplo, em Benfica, ou ir a banhos à Cruz Quebrada.”²⁶ Nas memórias do marquês de Fronteira e Alorna são referidas as estadias à beira-mar. “Em deambulações idênticas decorreu a meninice do marquês de Fronteira e Alorna. (...) interessante deve ter sido a sua estadia em S. José de Ribamar, na casa do Conde de Lumiares, onde esteve a banhos com a família, durante todo o Verão e Outono.”²⁷

O exercício físico tende a ser uma prática, começam-se a delinear regras, horários e indicações múltiplas, quer para rapazes quer para raparigas com objectivos médico – sanitários

“Assim, consideravam-se exercícios capazes de ajudarem à conservação da saúde e ao desenvolvimento do homem, actividades como o jogo de bola (...). Para as raparigas desta idade devia preferir-se a dança, (...) porque, além de dar graça e harmonia aos movimentos, habituava à correcta posição do corpo.”²⁸

2.2.Higiene e educação no século XIX

“Arte de conservar a saúde, e si é verdade, como diz a sabedoria antiga, que a saúde é o primeiro dos bens a hygiene deve ser a primeira das artes. Sim é arte e não sciencia representa a aplicação de todos os conhecimentos com o objectivo coordenado de proteger a saúde, prolongando a vida dentro dos limites optimos da sua duração normal. E é arte victoriosa, conseguindo aos poucos expurgar o planeta das pestes, das infecções, sanear regiões insalubres valorizar o solo e beneficiar a vida humana em todos os sentidos. (Kehl, 1926, p. 16)”²⁹[sic].

²⁶ Idem, p. 215.

²⁷ Idem, p. 214.

²⁸ Idem, p. 217.

²⁹ FERREIRA, António Gomes, *Higiene e controlo médico da infância e da escola*, in Cad. Cedes, Campinas, v. 23, 59, Abril 2003, p. 28.

Em finais do século XIX começa a verificar-se uma proliferação dos discursos médico – higienistas tendo como objecto principal de preservação a criança. António Gomes Ferreira³⁰ afirma que em vários quadrantes da sociedade vai-se preparando uma nova mentalidade acerca da infância: na saúde, na educação, na justiça, no urbanismo, na política. As preocupações com as epidemias, com o controlo das cidades, a necessidade de exércitos e mão-de-obra bem adestrados e resistentes confluem em discursos higienistas que procuram expandir-se ao todo social: ruas, vida familiar, escolas, e é transformado em discursos políticos diversos.

Em diferentes países europeus, apesar das diferenças estruturais, assiste-se a dinâmicas muito semelhantes. A higiene mental da criança, com os seus ritmos de concentração e atenção, de estudo e de recreio, de exercício físico e de ar livre mereceram a atenção por parte da ciência médica e teve repercussões directas na educação. Em Portugal, na viragem para o século XX há uma intervenção e aceitação crescente do discurso médico-higienista, legitimado pela necessidade de prevenção das epidemias, da defesa da saúde individual e colectiva. A racionalidade moderna manifesta-se tanto na organização e higiene do espaço público como do privado. No sistema de ensino são os professores que reclamam a criação da inspecção médica escolar, que previna o contágio e ajude a identificar, esclarecer e separar/orientar os desvios à norma – as anomalias pedagógicas – para criar em cada criança um indivíduo socialmente completo.

É dada uma maior atenção à vida física e à vida psíquica, ao bem estar material e ao equilíbrio afectivo, que legitima a intervenção, no espaço educativo, da abordagem material da higiene, como os seus reflexos no edifício escolar assim como em novas figuras profissionais no espaço educativo, os médicos, as

³⁰ *Ibidem.*

visitadoras e mais tarde os psicólogos na montagem de novas tecnologias de governo do espírito.

Estes novos preceitos foram divulgados em manuais, que forneciam conselhos, de forma a corrigir comportamentos. Neles se destacam as preocupações aos níveis da postura física, ergonomia do mobiliário escolar, exercício físico, com o intuito de corrigir e evitar problemas sanitários.

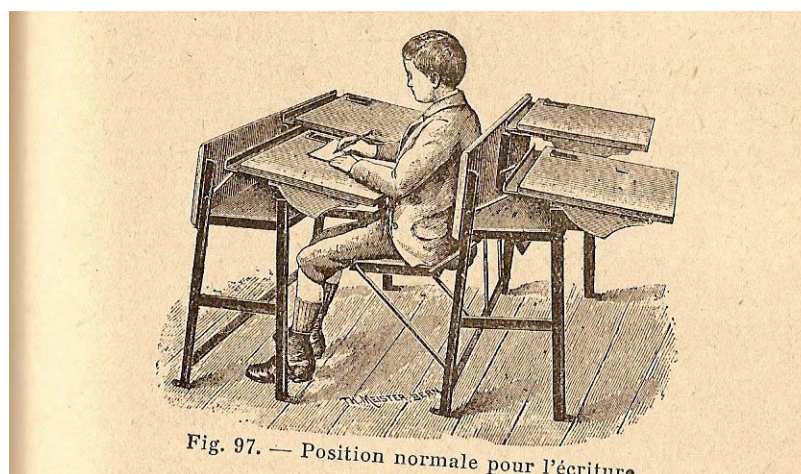


Figura 1 – Posição recomendada para a escrita³¹

Preconizam a vida ao ar livre como ideal para o quotidiano da criança de modo a aliviar os ritmos escolares e a evitar o contágio com doenças infecto-contagiosas, sobretudo a tuberculose. O trabalho manual é referido como complemento às actividades intelectuais.

Também relativamente à higiene dos edifícios escolares é realizada uma reflexão científica e sanitária que conduz à elaboração, desde finais do século XIX, de uma série de normas e regulamentos³², sobre as salas os corredores, as janelas, a iluminação, num esforço de adaptação às correntes higiénicas modernas, que

³¹ PIZON, *Hygiène*, G. Doin Editeurs, Paris, 1930.

³² SACADURA, Costa, "Relação entre a superfície iluminante e a superfície das salas de classe nos estabelecimentos de ensino secundário em Portugal", Lisboa, 1912 "Normas técnicas, higiénicas e pedagógicas a que devem obedecer os novos edifícios escolares", Imprensa Nacional, 1913-1914.

trazem perspectivas de organização curricular e de educação integral que influenciam profundamente a concepção de edifícios escolares, a utilização dos espaços e a estruturação do tempo dos alunos.

São ainda surpreendentes as temáticas sobre a moral sexual³³ cuja didactização é bastante pormenorizada. As doenças infecto-contagiosas são referidas como possíveis de serem evitadas e o sono e o exercício físico são recomendados. Preocupação dominante relaciona-se com a urgência na mudança de hábitos relativos aos cuidados com o corpo sobretudo da criança. Hábitos que estão intimamente ligados com a precariedade da alimentação e das condições de habitação. Estas reflexões são realizadas quer na Europa quer no Brasil como afirmou o médico António João da Silva, em 1912, no VII Congresso Medicina e Cirurgia realizado no Brasil:

“Até há poucos anos que tem feito a higiene? Queremos regenerar um povo, dar-lhe a robustez física das antigas datas para que a moral crescendo em vigor a “pari-passo”, surja de novo forte e duro, apto para impor-se aos olhos do mundo civilizado e não civilizado, pronto a fazer concorrência na vida... Todo o nosso desejo é fazer homens, mas com dificuldades obteremos conseguir obter indivíduos com o nome de empregados (...). Para restaurarmos um povo, “a nossa gente”, esse belo e bom ideal, agora mais do que nunca por uma das mais dignas, das mais nobres classes da sociedade: a classe médica.”³⁴

Surgem discursos de apologia da “raça” e no Brasil, por exemplo, organizam-se diversos eventos para promover estes ideais tais como as paradas de robustez

³³ Apresentamos alguns exemplos de bibliografia consagrada a temas de educação sexual: ALBUQUERQUE, José, “Como dirijo no Rio de Janeiro a campanha do problema sexual”, Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Porto, 4ª série, 1936. BRITO, Rocha, “Profilaxia da sífilis no casamento”, Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Porto, 2ª série, 1934. FARO, Emílio, “A profilaxia das doenças venéreas e o dispensário de higiene da Armada”, Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Porto, 3ª série, 1935. LAPA, Álvaro, “O problema da luta anti-venérea em Portugal”, Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Porto, 1ª série, 1930. PIZON, A. *Hygiène*, G. Doin Editeurs, Paris, 1930. SELMON, A. C., *Saúde e Longevidade*, Sociedade Filantrópica Adventista, Lisboa, 1934. VERNEAU, Ch., *Saúde e Amor na Vida Sexual*, Guimarães e Cª Editores, Lisboa, 1947.

³⁴ VEIGA, Cynthia Greive, FARIA, Luciano Mendes de, *Infância no sótão*, Belo Horizonte, 1999, p. 35.

infantil que incentiva os pais e famílias a preservarem, o mais possível, a criança das ameaças do quotidiano e a adoptarem comportamentos de higiene e profilaxia social.

“A beleza e a graça, a força, a saúde, a robustez física dos nossos pequeninos serão passados em revista, num concurso interessante e de elevado alcance patriótico. A população que em grande e franco entusiasmo irá apreciar e aplaudir os dotes físicos de maior valia cada concorrente há de concentrar-se para meditar na significação dessa exibição de força eugénica, promessa auspiciosa e alviçareira para o futuro da raça.”³⁵

Em Portugal organizam-se os batalhões escolares, que pretendem afirmar a robustez e disciplina infantil. Referimos como exemplo o jornal publicado em Vilar do Paraíso, Vila Nova de Gaia, “A Pátria Nova” que apresenta diversas notícias sobre o Batalhão escolar e a respectiva aquisição de armas:

“ O sr. Ministro da Instrução vai interessar-se para que seja concedida a isenção de direitos para a importação de espingardas Flober destinadas ao batalhão infantil desta freguesia. É provável que na próxima festa escolar já os alunos tenham as suas ambicionadas armas verdadeiras.”³⁶

São dados conselhos específicos às famílias para protegerem a criança, desde a mais tenra idade, dos perigos de contágio de diversas doenças que poderiam comprometer seriamente o seu futuro como indivíduo saudável e útil à sociedade.

“Apanhar a criança no berço, tirá-la da atmosfera pestilenta em que domina o micróbio e reina a corrupção; faze-la crescer acobertada no amor da terra natal e

³⁵ Idem, p. 32.

³⁶ “Batalhão infantil (4ª coluna) in “A Pátria Nova”, *Números publicados*: dezoito, de 14 de Dezembro de 1913 (o primeiro) a 30 de Agosto de 1914 (o último). *Director*: Alfredo Moreira (professor primário) *Redacção e Administração*: Rua Conselheiro Fonseca, Vilar do Paraíso. *Formato*: comprimento – cerca de 58,5 cm; largura – 35,5 cm; texto em 5 colunas de 6 cm de largura. *Composição e impressão*: Typ. Paulino, rua Formosa, 219 – Porto.

No n.º 2 de 27 de Dezembro de 1913, toda a primeira página deste quinzenário é ocupada com a fotografia de 77 crianças, de pé, todas fardadas, com estandarte, armas e caixa musical. Acompanha um adulto. Estão registados também os nomes de todos os alunos.

no espírito do dever e das hierarquias intelectual; deve ser a principal intenção para estimular uma sociedade decadente.”³⁷

Mais tarde na revista “*Os Nossos Filhos*”, encontram-se preocupações com a robustez da criança na promoção de concursos de fotografias de crianças:

“(…) Ver a fotografia dos seus pequeninos publicadas em “*Os Nossos Filhos*” – eis a aspiração de todos os pais portugueses. Correspondendo a este desejo que tanto nos desvanece, resolvemos organizar um grandioso Concurso de Fotografias de crianças. Haverá valiosos prémios para a melhor expressão, a melhor atitude, o melhor conjunto e a melhor fotografia ao ar livre. As fotografias premiadas serão publicadas na capa e no interior da revista.”³⁸

Ainda na mesma revista são promovidos os concursos “*Natus* (...) resolveu oferecer aos Bebés que usam os seus produtos a oportunidade de terem os seus retratos publicados nestas páginas.”³⁹ e “*Concurso FotoNestlé*”.⁴⁰

Em Junho de 1954, na mesma revista, é anunciado o concurso “*Grande e linda roda dos nossos filhos*”⁴¹ que para além de valorizar a robustez e beleza da criança estimula a vida ao ar livre, no campo e na praia e os preceitos de higiene elementares como o banho e as refeições:

“(…) Agora não podemos adiar mais (...) Meninos de todo o Império Português vão dar-se as mãos, trocar um pensamento afectuoso, ao contemplarem-se nas páginas da nossa Revista (...) Queridos leitores; começai já a fotografar os vossos amores pequeninos. Fixai com o vosso Kodak, em lindas cenas de praia e de campo, as expressões, atitudes dos vossos meninos; fixai também os seus hábitos quotidianos – a hora do banho, da refeição (...)”⁴².

³⁷ NOGUEIRA, Braz, *A “Escola ao Sol” e a Pretuberculose*, Tip. Henrique Torres, Lisboa, 1922, p. 59.

³⁸ “*Os Nossos Filhos*” (Nº 70, Março 1948, p.20) in PESSOA, Ana Maria Pires, *A Educação das Mães e das Crianças no Estado Novo: a proposta de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, Doutoramento em Ciências da Educação Especialidade História da Educação, Lisboa, Setembro de 2005, p.524.

³⁹ Idem, p. 524.

⁴⁰ Idem, p.527.

⁴¹ Idem, p. 540.

⁴² Idem, “*Os Nossos Filhos*”, Junho 1954.

O ar livre, ricamente oxigenado, batido pelo sol é associado à longevidade e à qualidade de vida. A luz solar modifica as qualidades do ar, tornando o oxigénio mais facilmente assimilável pelo organismo. Surgem teses de apologia do sol como factor fundamental à adopção de uma vida saudável “onde o Sol não entra, não tardam a entrar a doença e o médico.”⁴³

Augusto Paes Serra, médico de Coimbra, aponta a helioterapia como a solução de diferentes males, em especial a tuberculose, pulmonar e óssea, em complemento do ar marítimo.

“Este meio de cura, que também o é de profilaxia, tão antigo, quantos os séculos, coevo da helioterapia, certamente usado desde o primeiro homem que passou junto ao mar, é a climatoterapia marítima. (...).

Muito antes que se pensasse em curar os tuberculosos pulmonares pelo clima de altitude seco e puro se recorreu *larga manu* ao revigoramento e tonificação do organismo que o bacilo de Koch corroe, pelas viagens no mar e pela permanência à beira-mar. Os antigos são unânimes a este respeito. Aretêo e Plínio, entre outros, foram dos mais confiantes no benefício que o tuberculoso adquire com a vizinhança do mar, defendendo os passeios, o ar marítimo, o exercício, o sol na praia. Citam-se curas de homens célebres como Alexandre e Cícero o qual sofrendo de hemoptises conseguiu vê-las desaparecer viajando nos mares da Grécia.”⁴⁴[sic]

Também no Brasil, é feita a defesa da helioterapia, como substituto de medicação na cura da tuberculose óssea e outras doenças do foro ortopédico. São partilhados conceitos e conhecimentos em congressos médicos promovidos por diferentes organizações.⁴⁵

⁴³ LIMA, José de Oliveira, “Algumas considerações sobre a vida humana, sua duração e meios de a prolongar”, Conferência proferida no salão nobre do Clube Fenianos Portuenses em 10 de Dezembro de 1938, in *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, 7ª série, Porto, LPPS, 1952, p. 173.

⁴⁴ SERRA, Augusto Paes da Silva Vaz, *Sanatórios Marítimos*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930, p. 7.

⁴⁵ **Congresso Nacional de Tuberculose**, Comissão Promotora do Congresso Nacional de Tuberculose, Coimbra, 24 a 27 de Março de 1895 (Climatologia e Hospitalização, onde é feita a apologia de sanatórios de altitude e marítimos para a cura da tuberculose).

Congresso Contra a Tuberculose, Liga Nacional Contra a Tuberculose, Coimbra, Abril 1904 (Defesa dos sanatórios marítimos e de altitude).

“A cura solar representa hodiernamente therapia segura e imprescindível ao tratamento de determinado grupo de doenças. A despeito dos seus brilhantes resultados, não logrou no nosso meio o conceito e a diffusão alcançados em outros paizes, apesar de dispormos de invejável situação climatérica e meteorológica. Recebida com desconfiança e descrença por alguns, ou praticada sem systematisação e preceitos de technica, surgiram naturalmente as decepções, empanando os primeiros enthusiasmos ou augmentando as convicções dos que lhe negam as características de uma das mais scientificas e potentes medicações modernas.”⁴⁶[sic]

Filgueiras, médico brasileiro, relata a sua experiência com o “Heliotherapium”, uma moderna clínica à semelhança das mais modernas clínicas europeias. Defende uma tese de introdução da helioterapia no próprio edifício escolar como meio profilático da tuberculose e impulsionador de gerações mais fortes e sadias.

“Nas debilidades geraes, nas convalescenças das doenças infectuosas e em todos os casos em que o organismo esteja em lucta para restabelecer o equilibrio, o sol será sempre o factor da harmonia e da hygidez. Mas a sua acção transpõe os domínios da therapeutica alcançando os da hygiene e da eugenia. Por sua acção eminentemente tónica e reconstituente, o banho de ar e de sol é agente prophylactico de primeira ordem. No dia em que as escolas publicas, os collegios, as creches, os orphanatos e as casernas, dispuzerem de solários, teremos dado, no Brasil, o passo mais seguro na prophylaxia da tuberculose e concorrido do modo o mais decisivo para formar gerações mais fortes e mais sadias.”⁴⁷[sic]

2.3. A higiene, tempos e ritmos educativos

Com as recomendações de uma vida ao ar livre para a criança surge, mais tarde, o interesse pelo exercício físico, e a ginástica é considerada um conjunto de meios postos em prática para desenvolver a actividade muscular.

Conferências de Divulgação Científica e Cultura Popular, Junta Geral do Distrito de Lisboa, Instituto Clínico, Serviços de puericultura, Secção de Propaganda Gratuita, Lisboa, Maio 1933 (Reflexões sobre a Psicologia dos doentes com tuberculose).

Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, de 1929 a 1952 (7 séries de publicações)

⁴⁶ FILGUEIRAS, Alves, “Breves considerações sobre a technica, os efeitos e as indicações da Helioterapia”, Departamento da Creança no Brasil, Empresa Graphica Editora, Rio de Janeiro, 1926, p. 3.

⁴⁷ Idem, p. 11.

“As crianças que têm uma cavidade torácica pequena não absorvem uma quantidade suficiente de ar em cada movimento respiratório, que poderá ser corrigida através de movimentos respiratórios calculados e voluntários para habituarem os músculos respiratórios a contraírem de forma adequada.”⁴⁸

Segundo o “Regulamento das escolas do collegio de Alcobaça” (1776):

“a actividade física era útil na medida em que afastava as crianças da ociosidade e as aliviava do enfado dos estudos” e estes objectivos “complementam-se com as novas ideias médico – sanitárias de que o exercício físico além de natural era imprescindível à manutenção da boa forma e da saúde das pessoas. Ele revigorava o corpo, predispunha-o ao trabalho e preparava-o para melhor resistir às doenças.”⁴⁹

Será pertinente referir o conceito de educação integral, como aquele que melhor define a modernidade escolar (o conjunto de actividades do indivíduo em formação reveladora de uma desmedida ambição pedagógica). Num primeiro momento da História da Educação, a educação integral consagra a necessidade de articular a educação física, intelectual e moral.

Emygdio Pereira da Cruz, no âmbito das dissertações produzidas na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, no final da década de 1870, manifesta preocupações relativamente à fadiga mental da criança. Recomenda o descanso e a alternância entre o exercício físico e o intelectual.

“Para que a intelligencia da creança se não cance, é necessário que o trabalho esteja regulado de modo que alternem constantemente os exercícos intellectuaes e os exercícos physicos.(...) Assim, após uma hora de constante trabalho de intelligencia, deve fazer-se seguir um intervallo de descanso ou uma outra hora em que a creança se entregue a outros exercícos, como o desenho, a gymnastica e a musica.”⁵⁰

⁴⁸ PIZON, A., *Hygiène*, Paris, Gaston Doin éd., 1930, p. 279.

⁴⁹ FERREIRA, António Gomes, *Gerar, Criar, Educar. A Criança no Portugal do Antigo Regime*, Coimbra, Coimbra, Quarteto, 2002, pp. 220-221.

⁵⁰ FERREIRA, António Gomes, *Higiene e controlo médico da infância e da escola*, Cadernos CEDES, vol. 23, nº 59, 2003.

Entre 1850 e 1880, progrediu decisivamente o conhecimento da criança e a medicina infantil (o termo “pediatria” data, provavelmente, de 1872). Na última década do século XIX, começa a ganhar forma o movimento da Educação Nova, que dominaria toda a metade do século XX. É neste contexto que aparece, em 1900, a obra “O século da criança”, de Ellen Key (1849-1926), onde se lia, nomeadamente, que as crianças “têm deveres e direitos tão firmemente estabelecidos como os dos seus pais.” Muito influenciada por Rousseau, republicana e acérrima defensora da liberdade, Ellen Key era muito crítica relativamente à escola “Mata-se o espírito nas escolas”⁵¹.

A literatura que se propaga ao longo do século XIX, chama a atenção para as questões do corpo e da actividade física, no quadro de práticas de higiene e saúde, em estreita ligação com uma sólida formação moral, do carácter e do espírito.

“A escola secundária foi criada na época da superstição pela Antiguidade; reformaram-na no século XIX na época da superstição pela Ciência; pois reformemo-la finalmente, não para o culto da Antiguidade, não para o culto da Ciência, – mas para a valorização da vida humana.” (1917)⁵²

A saúde e a educação andaram a par com a protecção social à criança. Em 1919, foi criado o Comité de protecção da Infância pela Sociedade das Nações; em 1921, foi constituída a Associação Internacional para a Protecção da Infância, projectada desde 1913, em Bruxelas. A expressão “direitos da criança”, que já se encontra, por exemplo, num artigo intitulado “The Rights of Children”, publicado nas EUA em 1852, aparece num texto internacional pela primeira vez, em 1923, na *Declaração dos Direitos da Criança*, elaborada por Eglantyne Jebb (1876-1928).

⁵¹ MONTEIRO, A. Reis, *A revolução dos direitos da criança*, Porto, 2002, Campo das Letras.

⁵² HAMELINE, Daniel, NÓVOA, António, “Autobiografia inédita de António Sérgio”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29 Fevereiro, 1990, p. 171.

Mulher cristã, pacifista, fundou o movimento humanitário “Save The Children”, em 1919, em Londres, e a “International Save The Children Union”, em 1920, em Genebra (sob a protecção da Cruz Vermelha), que organizou o I Congresso Internacional sobre o Bem-Estar da Criança, em 1925.⁵³

Em 1922, em Genebra, Eglantyne Jebb concebeu a primeira Declaração dos Direitos da Criança. Primeira definição de direitos da criança, vagos mas inovadores, revelam-se algumas contradições: de que a criança com fome deve ser alimentada mas também deve ser posta em condições de ganhar a vida, apesar de ser evocada a protecção contra a exploração. Levantam-se questões como a idade limite da infância e da criança trabalhadora.

No domínio dos programas educativos, António Sérgio defende a redução dos programas gerais de ensino em favor de uma séria educação física: “Desejamos que se consagrem, pelo menos, oito horas semanais à cultura física, sob a direcção de um médico; que ela, a cultura física, seja essencialmente higiénica e educativa.”⁵⁴

Agostinho de Campos em 1917, nos seus ensaios sobre educação, valoriza o exercício físico como pausa no esforço intelectual e na adaptação dos planos de estudo às diferenças de desenvolvimento de género apurou-se:

“contrariamente à antiga crença, que as aulas de ginástica não deviam ser consideradas como horas de repouso intelectual, porque demandam também, como outra qualquer disciplina, um fatigante esforço do cérebro. Foi assim que se descobriu que o desenvolvimento cefálico da mulher se completa entre os treze e os catorze anos, ao passo que o do homem dura mais três ou quatro, seguidos de um período de regressão ou paragem, que os planos de estudos escolares precisam de ter em conta.”⁵⁵

⁵³ ONU (1990), *Convention relative aux droits de l'enfant* – Dossier d'information, Centre des Nations Unies pour les Droits de l'homme, UNICEF.

⁵⁴ Idem, p. 15.

⁵⁵ CAMPOS, Agostinho, *Casa de Pais, Escola de Filhos*, Ensaios sobre Educação, Lisboa, Livraria Ferin, Rio de Janeiro 1917, p. 284.

António Sérgio, nalguns textos críticos, propõe como meta a atingir que a escola não faça mal à criança: “A escola, até hoje, tem sido um acervo de coisas maléficas, de tratos diabólicos, de prescrições tirânicas: e já é importantíssima reforma a simples anulação das coisas más. Grande programa: não fazer mal!”⁵⁶

2.3.1. A higiene médica no edifício escolar

“Os médicos estão a chegar, e diria mesmo que dentro de dez anos eles terão (...) já exigido a remoção de algumas dependências dos edifícios, de maneira a que os professores e os pequenos tenham o benefício total destas duas mais preciosas bênçãos, luz e ar.”⁵⁷

O primeiro marco da arquitectura escolar portuguesa foi constituído pelo legado do Conde de Ferreira (1782/1866) com as escolas construídas com a verba do seu testamento. As normas publicadas para a execução destas escolas já tinham grandes preocupações higienistas, com a circulação do ar, humidade, sol e luz “as salas de aula deveriam ter uma superfície entre 50 a 115 m² e um pé direito de 4 metros. Teria ainda um vestíbulo e uma sala destinada a biblioteca, recepções, festas escolares e prática de labores femininos.”⁵⁸

Em finais do século XIX, através da influência francesa e da construção dos grandes liceus, é planificada a construção dos liceus por pressões ligadas às questões higienistas, sobretudo pelo impacto causado pelo IV Congresso da Liga Nacional contra a Tuberculose em 1907. No que diz respeito às preocupações

⁵⁶ HAMELINE, Daniel, NÓVOA, António, “Autobiografia inédita de António Sérgio”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29 de Fevereiro de 1990, p.154.

⁵⁷ *Journal of the Royal Sanitary Institute*, XXXI, 1910-11: 106-107 Citado em SILVA, Carlos Manique, *Escolas belas ou espaços são? Uma análise histórica sobre a arquitectura escolar portuguesa 1860-1920*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 2002.

⁵⁸ RODRIGUES, António Simões, FERREIRA, António Gomes, (coord.), *Escola, memória e realidade*, Coimbra, Direcção Regional de Educação do Centro, 2000, p. 26.

arquitectónicas, é dado um relevo especial ao ar e à sua circulação pois este seria um meio privilegiado de transmissão das doenças infecciosas, entre elas a tuberculose. Neste domínio são realizadas reflexões científicas relativamente ao pé direito das salas de aula e da superfície útil a ocupar por cada aluno.

“A República procurou estabelecer as normas técnicas, higiénicas e pedagógicas que deviam orientar as construções escolares. Para esse fim nomeou uma comissão em 1913, composta por um médico, um professor e um arquitecto. O resultado do trabalho desta equipa foi aprovado e publicado em decreto somente em 1917. (...)

Na análise das normas verifica-se que as condições gerais seguem as de 1866, dando mais ênfase às condições de drenagem dos terrenos e isolamento, para combater a humidade. Dão prioridade a edifícios térreos, possibilitando a construção até 2 andares, em caso de concentração de alunos, que nunca deverá ultrapassar os 600. Dá preferência ao uso de materiais de cada região e determina que o projecto preveja a futura ampliação do edifício, de modo a aproveitar a construção inicial.”⁵⁹

No discurso médico as primeiras preocupações relativas ao espaço escolar são referidas pelo médico, Emygdio Pereira da Cruz que escreve em 1879 “O estudo da hygiene das escolas (...) é de recente data. A sua história acha-se mais ou menos confundida com a da instrução popular, de tal modo que se torna impossível fallar d’uma sem alludir mais ou menos á outra”. Este médico defende critérios bastante pertinentes no que diz respeito à hygiene do espaço escolar na sequência do fenómeno da escolarização

“Cada meio tem uma hygiene sua, que lhe é própria, e o da escola também o deveria ter. E tem-na. È por isso que na sciencia se encontram regras relativas à situação, exposição, luz e mobília d’estas casas de instrucção, aos trabalhos, attitudes, exercícios, jogos e doenças dos seus habitantes temporários – os alumnos. E hoje que as escolas se multiplicam, que por toda a parte se proclama a instrucção obrigatória, compellindo todos os indivíduos á frequência

⁵⁹ FELGUEIRAS, Margarida Louro, “A arquitectura da escola primária em Portugal nos séculos XIX e XX. Contributos”, *in* LA ESCUELA Y SUS ESCENARIOS, [no prelo em Espanha].

escolar, mais do que nunca abundam argumentos para se justificar a legitima intervenção da hygiene n'este grupo de edifícios de que estamos fallando.”⁶⁰

Em finais do século XIX, surge uma nova cultura da infância em que a sociedade faz adaptações de equipamentos à criança. Egle Becchi refere que a sala de aula se vai adaptando à “medida dos alunos”. A moderna arquitectura escolar contempla modelos espaciais mais flexíveis e higiénicos e de acordo com as necessidades humanas e as teorias pedagógicas. O espaço pedagógico começa a ser visto como um factor de educação e não como um obstáculo; a decoração torna-se menos austera e os cenários permitem atitudes mais flexíveis na gestão dos tempos da infância.⁶¹

As práticas educativas deram origem a determinados discursos de legitimação, construídos à volta das contribuições das ciências humanas e pedagógicas para o estudo da criança e da sua formação. Na sequência destas preocupações surgem obras como “La Fatigue intellectuelle” (1898), “Les idées modernes sur les enfants” (1911) que introduzem as tentativas de conciliar o tempo com o espaço escolar. Escolano aponta o ano de 1900 como o despertar do interesse pela criança e refere Ellen Key como defensora das teorias naturalistas, que conferiam total liberdade à criança para que esta se revelasse na sua espontaneidade. Estas pedagogias emancipadoras pretendiam preservar a criança num mundo escolar próprio, afastado da realidade social.⁶²

O mesmo autor define duas categorias essenciais, o espaço e o tempo – que podem ser percebidos como duas dimensões da cultura de escola com forte ligação

⁶⁰ FERREIRA; António Gomes, *Higiene e controlo médico da infância e da escola*, Cad. CEDES, vol. 23, nº 59, 2003, p. 4.

⁶¹ Cf. BECCHI, G., “Le XXe siècle”, in Becchi, E. e Júlia, D., *Histoire de L'enfance en Occident*, Paris, Seuil, 1998, vol. 2, in ESCOLANO BENITO, A., *Tiempos e espacios para la escuela*, Ensaios históricos, Madrid, Biblioteca Nueva, 2000, p. 91.

⁶² Idem, p. 96.

entre elas. O ritmo quotidiano das escolas e a utilização dos seus espaços determinam as regras de funcionamento e a cultura das mesmas. A organização do trabalho dos professores estrutura o tempo e determina o ritmo e a disciplina dos alunos em que o descanso desempenha uma função higienizadora. O espaço terá uma função paralela. Actualmente surgem novas relações entre o tempo e o espaço, devido à criação do ciberespaço, que afectarão seguramente os sistemas escolares.

A arquitectura escolar revela os padrões de pedagogia de uma época através de uma “geometria da recordação” e da “memória do lugar”⁶³. Escolano refere a escola do mar em Barcelona, aberta em 1922, em que a praia é outro espaço para o exercício físico e para a educação higiénica. O mar é um lugar adequado para a formação e para o recreio em tempos extra-escolares e refere como exemplo a colónia “Vilamar” de Calafell. A arquitectura da escola do mar e dos edifícios da colónia são em madeira e mostram a sua adaptação ao local onde se encontram.⁶⁴

Podemos constatar, neste exemplo, em Espanha, e mesmo em Portugal, em que a arquitectura de vilegiatura, do tempo de veraneio, das estâncias e colónias balneares, influencia o próprio espaço escolar, quando não se confunde com ele. Podemos referir o caso da Colónia Sanatorial Marítima da Foz do Douro em que no mesmo edifício é ministrada a instrução e a recuperação médica da criança.

“Para essa enorme legião de crianças anémicas, linfáticas e escrofulotuberculosas que se estiolam no ar contaminado da cidade, vivendo nas habitações mais insalubres e com uma alimentação insuficiente, torna-se indispensável a criação de Escolas d’ar livre em terrenos arborizados e nos subúrbios do Porto, com um semi-internato, onde, em constante permanência de ar puro e do sol, se fortifiquem e instruam simultaneamente.”⁶⁵

⁶³ ESCOLANO, Agustín Benito, *Tiempos y espacios para la escuela. Ensayos históricos*, Madrid, 2000, Biblioteca Nueva, p. 46.

⁶⁴ Idem, p. 96.

⁶⁵ ALVES, Joaquim Gomes Ferreira, *Relatório Apresentado à Exma Câmara Municipal do Porto pelo Director Clínico*, Porto, 1917, p. 3.

Francisco Giner defende que a escola não devia sujeitar-se à “ditadura do arquitecto” a primeira escola é a vida e o local em que ela se instala. Estarão abertos ao ar e ao sol e num meio natural que impeça a propagação das doenças. Então a escola procurará o ar e luz como mandam a higiene e a pedagogia.”⁶⁶

No entanto, em Portugal, “A noção de um espaço qualificado para o ensino elementar aparece tardiamente. (...) A aula confundia-se com a actividade do professor e significava simultaneamente a casa do professor, o lugar da lição e o ensino efectivamente ministrado”⁶⁷. Os edifícios escolares “não tinham condições de habitabilidade nem de higiene, aglomerando-se as crianças em pequenas salas insalubres, o que facilitaria a propagação da doença. Várias notícias informam sobre desabamento de escolas, instaladas em edifícios arrendados, sem segurança nem condições.”⁶⁸

Segundo Manique⁶⁹, Costa Sacadura, dedicado à luta contra a tuberculose, em 1906, tinha referido que a existência de edifícios escolares com condições de higiene seria uma condição fundamental ao desenvolvimento físico dos alunos.

“É também preciso acudir à penúria dos edifícios em que se ministra o ensino liceal, tanto na capital como no resto do país, visto que um dos elementos mais valiosos para a profilaxia anti-tuberculosa escolar são os edifícios escolares que satisfaçam a todas as condições higiénicas e pedagógicas e obedeçam em todas as suas partes aos preceitos que a ciência recomenda.”⁷⁰

Durante a primeira metade do século XX, em países como a Inglaterra, afirma-se que as “escolas ao ar livre”, desenhadas de acordo com determinados princípios,

⁶⁶ ESCOLANO, Agustín, *Tiempos y espacios para la escuela. Ensayos históricos*, Madrid, 2000, Biblioteca Nueva, p. 188.

⁶⁷ FELGUEIRAS, Margarida Louro, “A arquitectura da escola primária em Portugal nos séculos XIX e XX. Contributos”, in *LA ESCUELA Y SUS ESCENARIOS*, [no prelo em Espanha].

⁶⁸ Idem, p. 31.

⁶⁹ SILVA, Carlos Manique, *Escolas belas ou espaços são? Uma análise histórica sobre a arquitectura escolar portuguesa 1860-1920*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 2002, p. 128.

⁷⁰ COSTA, S., “A tuberculose e a escola”, 1907a:9, in *Ibidem*.

trariam grandes benefícios na prevenção e controlo de doenças, nomeadamente a tuberculose.

“Estas escolas (ao ar livre) eram habitualmente desenhadas como pavilhões, assim, neles, as crianças que eram diariamente arrancadas ao interior da cidade poderiam obter um benefício completo do seu ambiente semi-rural (...) Os arquitectos dessas escolas que estavam envolvidos na concepção de escolas primárias mais salubres para as áreas urbanas, viram rapidamente o significado destes pavilhões, compreendendo iluminação natural e ventilação cruzada.”⁷¹

A tuberculose, era considerada uma doença social que, “aliada à má nutrição, falta de condições higiénicas e de habitação condignas, propagava-se com muita facilidade. O *Século* noticiava em primeira página, a 6 de Abril de 1920, que a guerra dera a Portugal cerca de 4000 militares tuberculosos e em Setembro de 1920, que em Lisboa, a tuberculose era a primeira causa de morte.”⁷²

Na sequência desta doença surgem os sanatórios que acolhem crianças durante longos períodos de internamento, no âmbito da helioterapia, como prática de regeneração do indivíduo doente. Em 1909, no momento da inauguração da Clínica “Les Frênes”, Auguste Rollier inaugura a sua “École au soleil”, que ficou instalada numa antiga pensão de montanha, entre Leysin e Le Sepey, à qual Rollier adicionou “une annexe contenant trois terrasses superposées et en partie découvertes” adjacentes a uma “salle d’étude pourvue de grands vitrages et largement aérée”, para que, mesmo com mau tempo, chuva ou neve, as aulas tivessem lugar nos terraços.”⁷³

⁷¹ LOWE, Roy, “*The medical profession and school design in England, 1902-1914*”, in SILVA, Carlos Manique, *Escolas belas ou espaços são? Uma análise histórica sobre a arquitectura escolar portuguesa 1860-1920*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 2002, p. 124.

⁷² FELGUEIRAS, Margarida, *Para uma história social do Professorado primário em Portugal no séc. XX*, Vol.1, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da universidade do Porto, 2002, p. 318.

⁷³ TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose, Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, Porto, FAUP Publicações, 2005, p.136.

Fortemente influenciado por Rollier, Ferreira Alves, na proposta das obras de ampliação do Sanatório Marítimo do Norte em 1927, propõe a construção de uma escola ao sol com artes e ofícios para adolescentes.⁷⁴

Em 1933 foi inaugurado em Vila Nova de Gaia o Sanatório D. Manuel II, que compreendia vários pavilhões, o Pavilhão Feminino e Infantil que, de acordo com a sua planta incluía sala de brinquedos e sala de aula. Posteriormente “foi instalada ainda uma Escola Primária, onde as crianças internadas continuavam as suas actividades escolares obviando, assim, a paragem provocada pelo internamento.”⁷⁵

Outro exemplo de instituição dedicada à cura da tuberculose foi a obra de Bissaya – Barreto, em Coimbra, que se preocupou também com a escolarização dos seus doentes mais jovens, fornecendo-lhes orientação e formação profissional.

“Preparou-se um estabelecimento destinado a receber crianças expostas ao contágio, crianças enfrazadas, raquíticas, predispostas – *O Ninho dos Pequenos*. Está a funcionar. Temos lá 60 crianças. Dá-se-lhes o ar e robustez de que precisam. Depois, aos 3 anos, partirão desse *Ninho* para o Preventório de Penacova (...) Depois aos 12 anos, seguirão para a escola agrícola de Semide. Tiram ali um curso de agricultura. Serão capatazes, feitores. Aprenderão uma profissão qualquer.”⁷⁶

2.3.2. A acção dos médicos ao nível da legislação e inspecção sanitária das escolas

Em Portugal, no espaço privilegiado que constituirá a escola, a higiene irá ser considerada em duas vertentes, como matéria de estudo e como exigência arquitectónica. Na primeira vertente é adoptado, em 1861, o “Compendio de Hygiene

⁷⁴ Idem, Carta de Joaquim Gomes Ferreira Alves a Lopo de Carvalho, Director da Assistência Nacional à Tuberculose, 4 de Julho de 1935.[Espólio ESJGFA].

⁷⁵ ALMEIDA, António Ramalho, *Sanatório de D. Manuel II, Alguns contributos para a sua história*, Vila Nova de Gaia, 1998, p. 28.

⁷⁶ *A Pátria Portuguesa* Jornal do Rio de Janeiro, in BISSAYA-BARRETO, *Uma obra social*, Coimbra, 1970, p. 136.

popular” para a instrução primária, mas é na vertente arquitectónica que se regista uma maior preocupação, como é referido por Mariano Ghira “se a casa da escola não estiver em condições convenientes, se os alunos estiverem constrangidos, apertados, e metidos em uma atmosfera viciada, não pode haver gosto pelo estudo, nem disciplina, nem saúde.”⁷⁷ Tendo já considerado esta segunda vertente analisaremos agora a higiene como matéria de estudo.

Desde fins do século XIX os higienistas debruçaram-se sobre questões como a fadiga, a ergonomia, os efeitos do trabalho intelectual na conduta psicofísica dos alunos e professores, analisaram também as relações entre a nutrição, trabalho e descanso⁷⁸. Já em 1812, e perante os elevados índices de mortalidade infantil, a vitalidade da criança é encarada com preocupação e são criados dispositivos no sentido de “assegurar a criação dessas crianças em melhores condições de salubridade e higiene”.⁷⁹

Neste contexto tornou-se pertinente a divulgação das doenças mais frequentes em cada região do país, as suas causas, tratamento e modo de as evitar ou remediar. Esta divulgação tornava-se pública através da imprensa, para que os médicos pudessem apontar soluções e para que a autoridade civil exercesse algum controlo das situações emergentes. Os médicos eram obrigados a realizar relatórios periódicos das condições sanitárias das áreas da sua responsabilidade.

Já, no período próximo de 1820, a orientação da instrução elementar, com base no naturalismo pedagógico, são contemplados assuntos higienistas “cujo estudo prepare os meninos para virem a ser bons cidadãos, esposos, pais de famílias,

⁷⁷ GHIRA, Mariano, *Relatório sobre a Visita de Inspeção Extraordinária às escolas do Distrito de Lisboa feita no Anno Lectivo de 1863-1864*, Lisboa, Typographia Portugueza.

⁷⁸ BENITO, Agustin, Escolano, *Tiempos y espacios para la escuela. Ensayos históricos*, Madrid, 2000, Biblioteca Nueva, p. 190.

⁷⁹ FERNANDES, Rogério, *Caminhos do ABC, Sociedade Portuguesa e Ensino das Primeiras Letras*, Porto, Porto Editora, 1994, p. 307.

prudentes, fortes, justos e sãos; entrando nesta parte algumas noções sobre as causas das doenças e o cuidado de as evitar, preceitos que pertencem à virtude da temperança.”⁸⁰

A higiene escolar foi considerada uma prioridade, pelas autoridades educativas, ainda em finais de 1901, com a criação da Inspeção Sanitária Escolar (ISE), ao lado da Direcção Técnica das construções Escolares (Decreto 8, de 24 de Dezembro). Estes departamentos surgiram num diploma relativo à reorganização do ensino primário e eram-lhe inteiramente destinados.

A Inspeção Sanitária Escolar tinha como competência “inspeccionar e fiscalizar sanitariamente os colégios, escolas e quaisquer outros estabelecimentos públicos e particulares de instrução”; “inspeccionar os alunos”, fazendo referência aos que não eram vacinados e aos que “sofriam de doença contagiosa ou prejudicial à colectividade”; “organizar, para cada um dos alunos inspeccionados, o boletim antropométrico ou revê-lo e organizá-lo”; “inspeccionar os edifícios escolares e suas instalações, quer públicas, quer particulares, observando a sua cubagem, asseio, ventilação, aquecimento, iluminação, mobiliário, etc.”; “fazer conferências de higiene elementar, e especialmente higiene escolar, nas escolas normais”; “elaborar instruções de higiene geral e aplicada às escolas”.⁸¹

Segundo Ramos do Ó⁸², que cita o Decreto de 19 de Agosto de 1905 relativo à reforma do Ensino Liceal, refere que a inspeção sanitária se estendeu às escolas secundárias, cujos alunos eram alvo de um exame específico para a prática da “ginástica sueca”. Muito foi legislado mas pouco foi cumprido, tendo mesmo sido

⁸⁰ Idem, p. 571.

⁸¹ Ó, Jorge Ramos do, “Pedagogia moderna em tempos de conservadorismo político-social: a expansão das tecnologias de governo do aluno liceal nos anos 30 e 40 do século XX” in Martins, E. C. (Coord.), *Actas do Vº Encontro Ibérico de História da Educação: Renovação Pedagógica* (1.ª ed.). Lisboa: Alma Azul, 2003, p. 294.

⁸² *Ibidem*

referido pelo *Boletim de Inspeção-geral da Sanidade Escolar, nos anos vinte*, que os inspectores sanitários pouco teriam feito devido à grande extensão de área da sua responsabilidade. No entanto, a partir de 1911, as competências do médico começaram a definir-se, foi-lhes atribuída a inspecção e fiscalização sanitária dos edifícios liceais com o objectivo de organizar o “cadastro sanitário do edifício escolar” (Decreto 2 de 26/5/1911). Os médicos teriam também de organizar um registo caracterizador da população escolar o “exame médico-antropométrico”⁸³.

Costa-Sacadura, a propósito de dois artigos publicados em 1959 sobre Higiene escolar, reage contra a afirmação feita de que a Medicina escolar se desenvolveu em 1934 e com o impulso do Prof. Serras e Silva. Nele afirma: “como fui o primeiro médico nomeado para médico escolar em Portugal”⁸⁴ e contesta esta versão com quatro documentos:

i) o primeiro, um diploma oficial de 30 de Junho de 1824 “Instrução Interina para os Mestres de Instrução de Primeiras Letras” que legislava sobre Higiene Escolar e se praticavam regras por ele ditadas;

“Nunca os Mestres precipitem a instrução dos Meninos, mas seguirão a ordem natural das matérias, pela qual a umas se devem seguir outras determinadas, procedendo sempre do mais simples e fácil para o mais composto e difícil; e lhes taxarão lições”.⁸⁵

ii) o segundo documento “Parecer do inspector sanitário escolar S.C. Costa Sacadura acerca do horário do liceu da 1ª zona escolar de Lisboa em vigor no ano lectivo de 1907-1908”, um relatório publicado em apêndice no Diário do Governo;

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ SACADURA, Costa, *Achegas para a história da Higiene Escolar em Portugal*, Conferência proferida em 28 de Janeiro de 1960, no Centro de Estudos de Higiene Escolar Universitária, *in* Separata da SEMANA MÉDICA, nº 42, de 14 de Fevereiro de 1960.

⁸⁵ *Ibidem*.

iii) o terceiro documento “Títulos de 30 relatórios e comunicações apresentados na secção “A Tuberculose e a Escola” criada no Congresso da Liga Nacional Contra a Tuberculose, realizado em Abril de 1907, no Porto onde são apresentadas comunicações de médicos e especialistas universitários sobre esta temática;

iv) o quarto documento, uma lista dos diplomas oficiais referentes a higiene escolar e ginástica, publicados no período de 24 de Agosto de 1901 até 2 de Agosto de 1916 (30 decretos e 44 diplomas oficiais) e a citação de seis teses defendidas sobre Higiene Escolar na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa.

Costa Sacadura lembra ainda que “a Higiene Escolar não é matéria de limites estanques, pois entesta, sem dúvida, com a Higiene Geral, a Pedagogia, a Pedologia, a Puericultura, a Pediatria, a Arquitectura, etc.”⁸⁶

No âmbito da propaganda antituberculosa, os médicos e as enfermeiras tiveram um papel fundamental no sentido de sensibilizar a população para a adopção de hábitos de higiene, que contrariassem a propagação da doença. “Aos médicos, convidando-os a preparar a opinião pública no sentido de ser facilitada a instalação dos Dispensários foram dirigidas 100 circulares. Às enfermeiras visitadoras, dando instruções sobre a maneira de agir, foram enviados 45 ofícios.”⁸⁷

A reconstituição da publicação da legislação sobre Higiene Escolar, realizada por Costa Sacadura, revela grandes preocupações sanitárias para com a criança e a escola. A ligação entre a medicina e a educação é muito estreita e bastante exaustiva, chegando a ser legislada com grande pormenor.

“Intervêm hoje os médicos escolares na elaboração dos horários? É da sua atribuição localizar os alunos nas classes segundo o seu grau de visão e de audição, ou promover a correcção desses defeitos pelos meios científicos

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ BISSAYA-BARRETO, *Uma obra social*, Coimbra, 1970 “A Pátria Portuguesa” Jornal do Rio de Janeiro, p. 17.

actuais? São os médicos escolares convidados hoje, como foram no meu tempo, a dar o seu parecer sobre os tipos de impressão, caracteres e a cor do papel da impressão dos livros aprovados para uso dos seus alunos, etc? (ver D.G. nº140, de 6 de Julho de 1904, e nº 96, de 1 de Maio de 1907).”⁸⁸

Os congressos da Liga Nacional contra a Tuberculose revelam que havia investigação no domínio da higiene escolar; os médicos escolares tinham participado em congressos nacionais e estrangeiros, mantinham-se actualizados, publicava-se bibliografia e partilhavam-se as conclusões. No congresso de 1907 alguns dos títulos revelavam grande diversidade de estudos sobre a matéria “Necessidade de uma inspecção médica regular e metódica aos alunos”, “Regime apropriado aos alunos predispostos à tuberculose”, “A profilaxia da tuberculose nos estabelecimentos de ensino”, “Caderneta sanitária individual”, “Em que idade deve a criança principiar a aprendizagem da leitura e da escrita?”, “Jardins de infância”, “Banhos e exercícios de natação”, “Jogos ao ar livre”, “Passeios escolares”, “Antropometria escolar”, “Da leitura e da escrita em relação às atitudes viciosas do corpo”, “Bibliotecas escolares e doenças contagiosas”, “A escrita direita e a escrita inclinada. Sua influência na função respiratória”.⁸⁹

Todas estas preocupações e medidas sanitárias para com a criança e a escola constituem o pano de fundo que enquadra o aparecimento de estruturas direccionadas para o cuidado das crianças, nas quais se incluem os sanatórios e os preventórios. Revelam uma estruturação de um discurso teórico ao nível da ciência médica, que teve grande aceitação social e exerceu forte influência nas acções filantrópicas, na organização do ensino e na tomada de algumas decisões políticas no combate à tuberculose, nomeadamente ao nível escolar.

⁸⁸ SACADURA, Costa, *Achegas para a história da Higiene Escolar em Portugal*, Conferência proferida em 28 de Janeiro de 1960, no Centro de Estudos de Higiene Escolar Universitária, Separata da SEMANA MÉDICA, nº 42, 14 de Fevereiro de 1960.

⁸⁹ Cf. *Ibidem*.

1.3. Quotidiano, Memórias e História

“Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é velar por ela, isto é estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.”⁹⁰

Os espólios e acervos são considerados elementos importantes e mesmo insubstituíveis na preservação e transmissão da História, quer de instituições, quer de personalidades que se destacaram num tempo e num lugar.

Um estudo histórico com base num espólio terá necessariamente como objectivo a sua preservação pois os elementos do espólio serão, inevitavelmente, um testemunho da herança cultural da comunidade ao qual pertencem.

Inerente à preservação surge a necessidade de estudar, organizar, mostrar, devolver aos outros de diversas formas a experiência passada, para interpretar, analisar o contexto em que o espólio foi produzido, organizado e mesmo encontrado.

Neste domínio poder-se-á lembrar a comparação de Augé “ As recordações são moldadas pelo esquecimento como os contornos da costa o são pelo mar.”⁹¹

As instituições são portadoras de memória e perpetuam essa memória na prática do quotidiano, nas vivências, nos testemunhos, nos acontecimentos, nos documentos, na correspondência, nas aquisições, em suma, no seu espólio. É pois esta memória que confere à instituição uma identidade própria, institucional e que a distingue de todas as outras.

⁹⁰ CÍCERO, Antonio. *Guardar: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p.11, in MIGNOT, Ana Chrystina. *Baú de Memórias, Bastidores de Histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. S. Paulo. Editora da Universidade São Francisco, 2002, p. 25.

⁹¹ AUGÉ, Marc, *As formas do esquecimento*, Lisboa, Íman Edições, 2002, p.26.

“Nas diferentes formas que assumem, as memórias social, cultural e colectiva são processos dinâmicos de conflito e mudança, através dos quais se rememora e se reproduz o passado. A memória histórica opera por diferenças ou por especificidades e procura inscrever as significações do passado em novas maneiras de pensar, sentir e agir.”⁹²

A tarefa a realizar será a abordagem sintáctica e semântica das informações e a sua concretização numa narrativa, quase com a estrutura da ficção, “pôr em ficção a vida social e colectiva; são as modalidades do esquecimento (...) que configuram o tempo na própria vida para fazer dele uma espécie de narrativa que contam a si próprios os que o vivem ao mesmo tempo que o vivem.”⁹³

O conceito de memória tem assumido diferentes concepções e frequentemente Memória tem sido utilizado como sinónimo de História. No entanto, “a memória não consiste somente em recordar o que se passou o que se deve ter em mente sobre determinados fatos e acontecimentos. A memória é também reconstrução, através da crítica e da reinterpretação do passado sob um novo olhar.”⁹⁴

“As instituições (educativas) como as pessoas, são portadoras de uma memória. Uma memória factual, assente na transmissão oral, uma memória fixista e por vezes justificativa e marcada de exageros de vária ordem. Uma memória gerada por contraposições com outras memórias, que corre ao ritmo do tempo -o tempo da ou das pessoas, o tempo das gerações. Uma memória que encalha no acontecimento. Uma memória em torno do fabuloso e do heróico. Uma memória ritualista e comemorativa.”⁹⁵

Numa perspectiva diferente mas que se prolongará na anterior, a memória poderá ser considerada uma prática social que pode ser identificada nas famílias, nos grupos religiosos, nos grupos étnicos e profissionais, nos partidos políticos, nas

⁹² FELGUEIRAS, Margarida Louro, “Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa.” in Revista “Pro-Posições”, vol. 16, nº 1 (46), Campinas, Janeiro /Abril 2005.

⁹³ Idem, p. 43.

⁹⁴ FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias, questões para a história da Educação*, S. Paulo, Editora da Universidade São Francisco, 2000, p. 103.

⁹⁵ Idem, p. 69.

instituições públicas e privadas e, de modo particular, nos museus. Se aquilo que preserva é concebido como suporte de informação e como alguma coisa passível de ser utilizada para transmitir (ou ensinar) algo a alguém, pode-se falar em documento e memória.

“(…) sobre os grandes homens , os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. Interessa-se agora por todos os homens, suscita uma nova hierarquia mais ou menos implícita dos documentos.”⁹⁶

Assim, a memória social poderá ser parte integrante de uma comunidade ou instituição, esta terá como principal objectivo a libertação dos homens de modo a salvar o passado para servir e credibilizar o presente e o futuro “Cabe (...) aos profissionais sabedores da memória – antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos – fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objectividade científica.”⁹⁷

1.4. Metodologia e Fontes

1.4.1. O espólio de *O Girassol*

“Muitos de nós tivemos o privilégio de viver um desses momentos mágicos em que as mãos de uma avó buscam no fundo de uma gaveta uma chave antiga, fazem-na girar na fechadura de um baú sempre trancado e, com o ruído seco das dobradiças que se movem sobre si mesmas, abrem para nós o seu mundo. Os que viveram um momento assim sabem, por experiência, que o tempo é muito mais que um fluir contínuo.”⁹⁸

⁹⁶ LE GOFF, Jacques, *História e Memória*, II volume, Edições 70, Porto, 2000, p. 108.

⁹⁷ Idem, p. 58.

⁹⁸ MIGNOT, Ana Chrystina, *Baú de Memórias, Bastidores de Histórias: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto*, S. Paulo, Editora da Universidade São Francisco, 2002, p. 10.

Este trabalho consta de um estudo monográfico sobre o Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliântia dedicados ao tratamento da tuberculose óssea, sobretudo em crianças e localizados na praia de Valadares.

Os espólios constituem um património muito frágil daí que a sua destruição é em regra silenciosa e irreversível. Queimar ou destruir umas quantas pastas ou maços de papéis tem um efeito muito menos visível, muito menos exposto do que demolir um castelo ou destruir uma calçada romana.

No entanto, a sua importância relativa, como tudo o que diz respeito à memória colectiva, material ou imaterial, deveria permitir equipará-los. É secundária a polémica sobre os lugares de depósito desses fragmentos de memória.

A valorização dos espólios surge hoje como um complemento ao “espírito do tempo”⁹⁹, um conjunto de olhares que nos mostram o sistema regulador da sociedade em cada época.

A conservação do maior número de espólios é uma condição para o trabalho histórico: de famílias, de indivíduos, de associações, de empresas e unidades fabris, porque eles nos dão, por vezes com uma fineza extraordinária, os matizes da vida, das relações sociais com que é feita a História. Permitem-nos recolher dados, com alguma precisão relativos às vivências às quais se referem. Permitem também reconstituir percursos familiares, profissões extintas, rotas industriais e de intercâmbios culturais, comerciais e políticos.

Trabalhar um espólio é “um processo de investigação onde se cruzam informações de vária natureza – orais, arquivísticas, museológicas, arquitectónicas, fontes originais e fontes secundárias – um manancial de informação cujas

⁹⁹ *Ibidem.*

exploração e utilização carecem de uma cuidada vigilância hermenêutica. Um vaivém esclarecido entre a memória e o arquivo.”¹⁰⁰

Segundo Mignot, um espólio deve pertencer a um lugar de memória, mas um lugar aberto e não depósito de papéis sem sentido e sem utilidade social. Deve estar disponível para a consulta de pesquisa, divulgação e preservação. Só assim o investigador do presente executará a sua missão de divulgar e estudar o que alguém seleccionou no passado, as fotografias, diários de viagem que foram cuidadosamente organizados e guardados.

“Guardados em sotãos e porões, conservados em gavetas fechadas a chaves, perdidos em bibliotecas cobertas pela poeira do tempo, arquivos pessoais são mantidos sob os cuidados de muitas famílias. Cobiçados, esses “legados incômodos” protegem segredos, aguçam curiosidades. Chegar até eles é tarefa árdua e imprevisível. Envolve conquistar confiança, revolver saudades, embaraçar-se com lágrimas.”¹⁰¹

Para que um espólio cumpra realmente as suas funções como testemunho vivo de uma realidade terá:

“de colocar à disposição do usuário o conteúdo do seu acervo, faz-se necessário que se processe de forma clara a descrição dos documentos que poderá resultar em diferentes instrumentos de pesquisa (...) essa descrição quando feita de forma apropriada, tem condições de vir a ser fator decisivo para estreitar os vínculos entre o usuário, qualquer que seja o objeto de pesquisa a que se propõe”¹⁰²

Acervos só adquirem sentido quando são disponibilizados para pesquisas. Para o historiador Danúzio Gil Bernardino da Silva, organizador da colecção “Diários de

¹⁰⁰ FERNANDES, Rogério, MAGALHÃES, Justino. *Para a História do Ensino Liceal em Portugal. Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895), Contributo para a história das instituições educativas - entre a memória e o arquivo*, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Centro de Estudos em Educação e Psicologia-Universidade do Minho.Braga, 1999, p. 63.

¹⁰¹ MIGNOT, Ana Chrystina. *Baú de Memórias, Bastidores de Histórias: o legado pioneiro de Armada Alvaro Alberto*. S. Paulo Editora da Universidade São Francisco, 2002, p. 16.

¹⁰² FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.), *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias, questões para a história da Educação*, S. Paulo, Editora da Universidade São Francisco, 2000, p. 114.

Langsdorff”, a preservação não tem valor se não houver divulgação do acervo. “Não adianta deixar a informação oculta nas coleções de obras raras”, alerta. Para ele, a dificuldade de acesso por parte dos pesquisadores gera subutilização do acervo “O ideal é que a consulta seja aberta para todos, não apenas nas universidades, mas que inclua alunos e professores do ensino médio”.¹⁰³

A maior parte das informações que hoje dispomos acerca da instituição é proveniente de relatos de antigos funcionários e doentes que fizeram parte da vida do Sanatório e pela leitura atenta do seu jornal *O Girassol* publicado ao longo da existência da instituição e pelo respectivo espólio.

Considerámos a instituição numa época, assolada pela tuberculose, a figura do seu criador, Ferreira Alves, a mobilização social e os contactos por ele promovidos para a construção do sanatório.

Na génese desta dissertação está a existência do espólio do jornal *O Girassol* pertencente à escola secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves em Valadares. Importa, também nesta pesquisa, a preservação e divulgação de um património existente, o Jornal publicado na e para os utentes da Instituição “O Girassol”, o seu Fundador, Manuel de Oliveira Guerra, e todo o seu espólio.

Será realizada uma abordagem histórica, qualitativa e sobre o quotidiano, e simultaneamente de história social, de modo a representar a “mentalidade colectiva”¹⁰⁴ “memória social” de uma instituição, desaparecida mas com sujeitos ainda vivos que se sentem unidos por um elo, que não conseguem definir nem explicar, mas que existe e provém da vida comum em internamento a que foram sujeitos.

¹⁰³ SILVA, Danuzio Gil Bernardino, (org.), *Os Diários de Langsdorff*, 1997, vol. 2, Co-edição com a Associação Internacional de Estudos Langsdorff e a Casa de Oswaldo Cruz, http://members.tripod.com/CybelleF/Engler/cengler/citacoes.htm_27/04/07.

¹⁰⁴ FALCON, Frederico J Calazans, ‘História e Representação’, in *Revista de História das Ideias*, vol. 21, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, 2000, p. 97.

“O imaginário social é assim uma força reguladora da vida colectiva que, ao definir lugares e hierarquias, direitos e deveres, constitui um elemento decisivo de controle dessa mesma vida colectiva, aí incluído o exercício do poder”¹⁰⁵

Na recuperação da história do Sanatório, analisamos o impacto, bastante significativo, que teve na imprensa, a correspondência diversificada, os álbuns fotográficos, folhetos de propaganda, selos, emblemas, desenhos, manuscritos e o próprio jornal “O Girassol”, que nos fornecem uma multiplicidade de informações, como a caracterização das personalidades envolvidas, actividades e eventos, contactos e intercâmbios médicos e culturais, as dinâmicas e práticas educativas escolarizantes da instituição «fontes documentais, entendidos como procedimentos prévios e imprescindíveis à elaboração do discurso histórico enquanto portador de conhecimento sobre uma “realidade” definida genericamente como “passado”.»¹⁰⁶

Também utilizámos como fontes o espólio fotográfico de Joaquim Gomes Ferreira Alves e o Acervo Ferreira Alves do Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP), o processo camarário e correspondência respeitante ao Sanatório Marítimo do Norte, do Arquivo Geral da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia (ACCMVNG), processo de classificação do edifício Heliântia e Sanatório Marítimo do Norte da responsabilidade do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), Direcção Regional do Porto.

Consultámos ainda, para a compreensão da temática da tuberculose e da sua profilaxia na cidade do Porto, o espólio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Nesta pesquisa foi realizada uma abordagem histórico-qualitativa com base na análise dos documentos incluídos nos espólios pesquisados.

¹⁰⁵ Idem, p. 101.

¹⁰⁶ Idem, p. 107.

No que diz respeito ao estudo do jornal *O Girassol*, realizamos uma primeira análise que permitiu a caracterização global dos diferentes números e a identificação das diferentes séries quer ao nível formal quer temático. Numa pesquisa posterior definiram-se assim duas vertentes prioritárias, a análise morfológica e temática.

Na análise morfológica ou externa, foram privilegiados os aspectos formais tais como os títulos e subtítulos, responsáveis, director, administrador, redactores e colaboradores. Inventariou-se a periodicidade, a evolução da estrutura interna, rubricas e secções, e descreveram-se as numerosas ilustrações, desenhos e fotografias. Esta análise consubstancia uma tentativa de crítica externa peculiar aos trabalhos historiográficos.

Relativamente à análise temática, foram seleccionadas os temas mais recorrentes e que davam resposta às questões levantadas no âmbito do projecto de investigação e que estavam ligadas ao objecto de estudo as vivências educativas no Sanatório Marítimo do Norte e a clínica Heliântia, a vida na instituição e as crianças doentes e internadas no sanatório.

Na análise de conteúdo foram definidas duas grandes categorias de análise, a referente a assuntos de interesse nacional e a segunda, exclusivamente dedicada à caracterização da vida quotidiana no sanatório. Após a distribuição das temáticas pelas respectivas categorias verificámos que a primeira só pontualmente interessava aos objectivos do nosso trabalho, pelo que só utilizámos algumas notícias com carácter ilustrativo e/ou comprovativo.

Relativamente à segunda categoria – vida quotidiana no Sanatório organizámo-la em duas subcategorias: vida na instituição e educação. No que respeita à primeira subcategoria – vida na instituição – integrou os seguintes aspectos: a vida cultural e artística, em que apresenta informações respeitantes aos

eventos promovidos pelo Sanatório e para o Sanatório, as comemorações de datas festivas, os visitantes, a produção literária, a bibliografia nacional e estrangeira, as entrevistas, desenhos e fotografias. A segunda categoria refere-se à rotina do quotidiano, o despertar, as refeições, a cura do sol, a sesta, o crepúsculo, e as visitas particulares. A subcategoria Educação incluiu elementos comprovativos e esclarecedores do sentido de muitas das acções empreendidas.

Foi também possível definir uma parte relativa às questões médico-científicas, as viagens de pesquisa de Ferreira Alves, os congressos científicos, o vocabulário da doença, as novas terapêuticas, as intervenções cirúrgicas, o equipamento médico, o mobiliário hospitalar e mesmo a hierarquia dos recursos humanos do Sanatório. Para tudo isto encontrámos n' *O Girassol* aspectos direccionados para as crianças internadas, a maior parte delas constantes da separata *O Girassol dos Pequenininos*, como contos infantis, jogos e brincadeiras, concursos, banda desenhada, referência a professores, ginástica, canto coral, trabalhos manuais. Dada a profusão de aspectos a considerar organizámos as subcategorias por itens conforme se pode ver em anexo. Será a partir desses itens e na aglutinação de forma variável e não estanque que elaborámos a narrativa sobre o quotidiano da instituição e das vivências educativas que nele tiveram lugar. Procuramos tornar sensíveis os sentimentos e emoções vividos como a saudade e a tristeza, a resignação, os laços familiares, os conselhos, as reflexões sobre o tempo e as conquistas e intrigas amorosas.

1.4.1. Plano da dissertação

Privilegiando o estudo monográfico de uma instituição, o Sanatório Marítimo do Norte, esta dissertação integra quatro partes principais: o enquadramento teórico, que constitui uma revisão bibliográfica da literatura sobre os discursos médico higienistas na história da educação, contemporâneos à fundação da instituição e a importância dos espólios e acervos como testemunhos de memória histórica. A segunda parte constará dos pressupostos de ciência e filantropia na criação dos sanatórios, o enquadramento da tuberculose e em particular a tuberculose óssea em tratamento helioterápico.

O terceiro capítulo será dedicado à instituição em estudo, à figura do seu criador, Joaquim Gomes Ferreira Alves, aos movimentos de filantropia na origem do sanatório, à acção educativa e escolar da instituição, à caracterização do perfil do doente e à sua rotina de cura.

O quarto capítulo diz respeito ao estudo do jornal *O Girassol* produzido pelos e para os doentes do sanatório, fazendo referência ao seu fundador, Manuel Oliveira Guerra.

Por último, na conclusão referimos os resultados do estudo e indicamos algumas pistas de continuação da pesquisa sobre as vivências educativas da tuberculose no Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliântia, assim como a necessidade de alargar o âmbito da pesquisa a outras instituições do mesmo tipo que existiam em Portugal.

Capítulo II

Tuberculose, Ciência e Filantropia na criação dos Sanatórios

1. A tuberculose, um problema social e médico

O início do século XX é marcado pelo controlo das invasões epidémicas da cólera através da vacina anticolérica, a difusão da vacina antivaríola e o desenvolvimento da medicina laboratorial e com a descoberta do bacilo de Koch. As principais doenças sociais do início do século XX foram a tuberculose, a sífilis e o alcoolismo. Tal como os higienistas¹⁰⁷ vinham defendendo ao longo do século XIX, na entrada do século XX a melhoria da saúde passava por uma regulação das condutas pessoais e pela tomada de medidas a nível de profilaxia social no combate às doenças infecto-contagiosas. A doença passava a ser considerada um fenómeno colectivo e social, as doenças infecto-contagiosas, as chamadas doenças sociais, monopolizaram os esforços dos médicos, políticos e autoridades nacionais pois corporizavam o perigo no domínio da saúde pública. Ao afectarem um grande número de indivíduos, geralmente pressupõem um problema social ou as causas que a originam têm a sua raiz profunda em motivos sociais.

Argumentos demográficos de degeneração da raça, morais, económicos, ligados à baixa produtividade laboral do doente, e políticos foram esgrimidos e dominaram os discursos contra estas doenças, que seriam em si mesmas evitáveis, quer no passado quer na actualidade.

Entre as doenças sociais referidas, a tuberculose apresentou até meados do século XX os maiores índices de mortalidade e morbilidade. A magnitude que alcançou no campo clínico, social e político deu lugar a uma abundante literatura

¹⁰⁷ Para a compreensão do contexto médico-social do início do século XX são fundamentais os discursos dos higienistas como António Emílio de Magalhães, Cândido Henrique Gil da Costa, fundadores da Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Estes discursos são corroborados através das conferências por ele promovidas com a colaboração de diferentes profissionais com preocupações higienistas, arquitecto Rogério de Azevedo, Dr. Artur de Magalhães, Dr. Raul de Faria, Dr. Costa Sacadura, e estrangeiros, cujas conferências se encontram publicadas pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

médica, preocupada em conhecer as causas, profilaxia e remédios, tanto médicos como sociais da doença e em sensibilizar a população e o poder político da gravidade da mesma. Esta preocupação facilitará a implementação de uma intensa campanha antituberculosa de proporções nacionais e internacionais desde o início do século XX.

“Todos os dias vemos, por essas ruas, crianças raquíticas, anémicas, escrofulosas, ou portadoras de disformidades de origem tuberculosa, que as inutilizam; crianças definhadas, mal desenvolvidas, filhas de pais alcoólicos, tuberculosos, sífilíticos e senis. Quem não viu ainda em noutes tormentosas de inverno, no frio desvão de uma escada, no escuro interior dum portal, na inclemente algidez duma soleira, ou na arrepiante humidade da calçada, esses tristes cachos humanos de pálidas florinhas da rua, fenecendo em botão, cabecitas louras, de olhar mortiço, como rosas d’outono estiolando na haste? Deprimente espectáculo, em verdade, bem doloroso, e que confrange os corações menos sensíveis.”¹⁰⁸

Surge também a convicção entre médicos e agentes sociais, de que para melhorar a saúde de uma população era imprescindível actuar directamente no meio social e familiar de modo a pôr em prática uma série de programas de prevenção e intervenção dirigidos aos principais grupos de risco.¹⁰⁹

A Assistência Nacional aos Tuberculosos foi criada como medida de combate à tuberculose, em 1899,¹¹⁰ com o incentivo da Rainha D. Amélia (1865-1951) que se destacou no apoio que deu à luta contra a tuberculose. Entre outras competências, coube a este organismo lançar as raízes para a construção, em todo o país, de instalações apropriadas para acolher estes doentes. Destacam-se os artigos que incentivam a criação de sanatórios no combate à tuberculose.

¹⁰⁸ TELES, Aires Gomes de Oliva, *A cura pelo sol nas tuberculosas cirúrgicas*, Dissertação Inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Porto, Escola Tipográfica da Oficina de S. José, Porto, 1919, p. 25.

¹⁰⁹ Cf. Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Imprensa Social, Porto, 1929 a 1952.

¹¹⁰ A A.N.T. foi criada por alvará de 26 de Dezembro de 1899, in ROSA, Álvaro Barros, Serviço de Luta Antituberculosa, *Da ANT ao SLAT, História Sumária da Instituição, 1899-1979*, Lisboa, 1979, p.17.

“Art. 2º - A Assistência Nacional aos Tuberculosos tem por fins especiais:

1º - Estabelecer hospícios, asilos ou enfermarias, privativos para tísicos, a fim de minorar-lhes o sofrimento e impedir o contágio, de que eles possam ser causa;

2º - Construir sanatórios para tratamento de tuberculosos curáveis;

3º - Criar hospitais marítimos para crianças escrofulosas, ou dispostas por qualquer tara hereditária, ou vício nutritivo adquirido a contrair a tuberculose;

4º - Fundar institutos regionais de observação, estudo e tratamento da tuberculose e distribuição de socorros aos doentes desta moléstia e suas famílias;¹¹¹

A partir de 1900, tem início a construção de sanatórios – os primeiros são os de Outão e Carcavelos – que se multiplicaram por todo o país nas décadas seguintes “Iniciadas as actividades da nova Assistência, a sua primeira obra foi a adaptação da antiga fortaleza do Outão para Sanatório, destinada a crianças escrofulosas”¹¹². Também se assistiu à inauguração do primeiro dispensário antituberculoso em Lisboa, na rua do Alecrim. Daí que a última rainha de Portugal (1889-1908) seja considerada como a mãe dos sanatórios. A unidade de tuberculosos do Hospital Pulido Valente funciona, de resto, no antigo sanatório com o seu nome. A assistência médica às crianças mais desfavorecidas mereceu também a sua atenção.

“A tuberculose adquiriu, em Portugal, proporções assustadoras na segunda metade do século XIX, com milhares de mortos registados, sobretudo em Lisboa e no Porto. Estima-se que, no ano de 1898, tenham falecido entre 15 a 20 mil portugueses vítimas da doença (297 a 367 pessoas por 100 mil habitantes).”¹¹³

A luta contra a tuberculose teve início, oficialmente, com a Lei de 17 de Agosto de 1899¹¹⁴, que permitiu a criação de um fundo destinado à luta contra a doença. A participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial deve ter agravado o problema, e em

¹¹¹ ROSA, Álvaro Barros, Serviço de Luta Antituberculosa, *Da ANT ao SLAT, História Sumária da Instituição, 1899-1979*, Lisboa, 1979, pp. 17-18.

¹¹² Idem, p. 23.

¹¹³ SANTOS, João Paulo, OLIVEIRA, Luís, “Os anos negros da peste”, *O correio da Manhã*, 13 de Outubro de 2006.

¹¹⁴ ROSA, Álvaro Barros, Serviço de Luta Antituberculosa, *Da ANT ao SLAT, História Sumária da Instituição, 1899-1979*, Lisboa, 1979, p. 35.

1927, são consagradas, em decreto¹¹⁵, medidas especiais para os funcionários públicos civis afectados pela doença. Isto porque, rezava a lei, a maior parte “não possui os recursos necessários para o tratamento”¹¹⁶.

Através deste diploma, o Estado assumia o dever de prestar assistência aos funcionários, que passaram a ter direito “a todos os vencimentos como se estivessem ao serviço”, à viagem de ida e regresso para um sanatório e ao “pagamento de todas as despesas com o seu tratamento”.

A classe dos professores, por se encontrarem em contacto com muitos alunos e as suas famílias, a maioria bastante carenciados, estavam demasiado expostos à tuberculose. Para além das regras higienistas de preocupação com as construções escolares e a sua arquitectura¹¹⁷, os organismos de combate à doença, o A.N.T. (Assistência Nacional aos Tuberculosos) cria as escolas ao ar livre como meio de impedir a propagação da doença “pedem-se à Direcção Geral de Instrução Primária professores para a Escola ao Ar Livre “. ¹¹⁸ “A falta de dinheiro é assustadora, o que leva a procurarem-se subscritores privativos para a Escola ao Ar Livre por a A.N.T. não ter cursos para o seu funcionamento”¹¹⁹.

O Instituto do Professorado Primário pretende mesmo criar um sanatório destinado ao tratamento professores com tuberculose.

“Alia ao Instituto o Montepio, que atravessava uma situação difícil, e a ideia de fundar um sanatório, que constituísse «*um dique à tuberculose*», procurando

¹¹⁵ Decreto 14 546 de 8 de Novembro de 1927.

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ Cf. FELGUEIRAS, Margarida Louro, “A arquitectura da escola primária em Portugal nos séculos XIX e XX. Contributos”, *in* LA ESCUELA Y SUS ESCENARIOS, [no prelo em Espanha].

¹¹⁸ ROSA, Álvaro Barros, Serviço de Luta Antituberculosa, *Da ANT ao SLAT, História Sumária da Instituição, 1899-1979*, Lisboa, 1979, p. 52.

¹¹⁹ *Idem*, p. 56.

resolver as questões sociais mais prementes, a que a morte prematura de dois dirigentes deu ainda mais visibilidade.”¹²⁰

O decreto-lei nº35.108 de 7 de Novembro 1945 criava o I.A.N.T. (Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos), abrangendo, a partir de 1950, a prevenção, terapêutica e recuperação. Consagrando o tratamento gratuito aos doentes, a tuberculose continuava ainda a ser a doença que mais desgaste causa nas populações e na economia do País.¹²¹

Na Serra do Caramulo, Tondela, no distrito de Viseu, no início do século XX. “A vila, designada estância sanatorial, chegou a ter 17 sanatórios, constituindo o mais importante complexo do género na Península Ibérica. Dispunha de mais de 1100 camas.”¹²²

Seguem-se alguns depoimentos sobre o quotidiano no Caramulo que o jornalista Paulo Santos recolheu e que se referem a pessoas que viviam e trabalhavam na estância sanatorial na década de 1950 e que reflectem a elevada mortalidade causada pela doença e noutros casos, a doença é responsável por paixões e destinos de vida em comum.

“Aurélíio Marques (Taxista e proprietário do Café Avenida, no Caramulo), 72 anos, não tinha mãos a medir no tempo dos sanatórios no Caramulo. “No café era preciso ter cuidado. Não podíamos servir o café aos doentes na chávena das outras pessoas”, diz. Quanto ao táxi, “serviu de ambulância e até carro funerário. Havia pessoas que entravam em fase terminal e morriam na viagem. Por causa da Polícia, levávamos sempre um enfermeiro ao lado”, descreve. “Uma das vezes, transporteí uma pessoa já muito doente. No tejadilho ia a urna que lhe estava destinada.
(...)”

¹²⁰ FELGUEIRAS, Margarida Louro, *Para uma história social do Professorado primário em Portugal no séc. XX*, Vol.1, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2002, p. 108. [No prelo].

¹²¹ ROSA, Álvaro Barros, Serviço de Luta Antituberculosa, *Da ANT ao SLAT, História Sumária da Instituição, 1899-1979*, Lisboa, 1979, p. 83.

¹²² SANTOS, Paulo João, OLIVEIRA, Luís, “Os anos negros da peste”, *Correio da Manhã*, 13 de Outubro de 2006.

David dos Santos (Antigo coveiro no Caramulo). Muitos casos de tuberculose terminavam na morte do doente. Sempre que isso acontecia, o coveiro do Caramulo, David dos Santos, hoje com 80 anos, era dos primeiros a saber. “Havia alturas em que morriam aos pares”, lembra o responsável pelo ‘sanatório 18’, como era conhecido o cemitério. “Num dia morreram quatro. Fui abrir as sepulturas e ajudei a colocá-los naquelas urnas muito fraquinhas. Como anoiteceu, optei por enterrá-los no dia seguinte mas durante a noite a família de um veio buscá-lo. Para não pagarem o imposto de morte.

(...)

Agostinho e Angelina (Antigo doente e empregada do Sanatório do Caramulo) A história de amor entre Agostinho Martins, de 67 anos, e Angelina Alves, de 69, nasceu no Grande Sanatório do Caramulo. Agostinho, natural do Porto, esteve três anos internado. “Foi nessa altura que a conheci. Era empregada no sanatório e ajudou-me muito na recuperação”, refere Agostinho Martins. “Houve uma altura em que ele esteve muito mal, mas recebeu de mim muito carinho e amor”, acrescenta Angelina Alves, natural de Coimbra. A relação desenvolveu-se e acabaram por ficar juntos, até hoje. Vivem no Caramulo.¹²³”

O rastreio em massa, obrigatório para os funcionários públicos, permitiu, a par de outras acções desenvolvidas nas décadas seguintes, um maior controlo da doença, mas a taxa de mortalidade manteve-se alta até meados dos anos 60, revelando um atraso significativo, na ordem dos dez a 15 anos, em relação ao resto da Europa. Um facto, explicável pelas deficientes condições de vida da maior parte dos portugueses, comparativamente com os seus parceiros europeus. Se é verdade que a doença só se transmite pelo ar, uma população mal alimentada, logo, com o corpo mais indefeso, e a viver em habitações precárias, pouco ventiladas, com famílias inteiras a dormirem no mesmo espaço, resiste menos à doença. A generalização da vacina antituberculosa (BCG) e o aparecimento dos antibióticos foram determinantes para reduzir drasticamente a incidência da tuberculose.

O ano de 1901 foi fundamental na luta contra a tuberculose porque foi criada a Direcção-Geral de Saúde e de Beneficência Pública, na sequência da reforma sanitária de Ricardo Jorge: Organização Geral dos Serviços de Saúde Pública (Decreto de 28 de Dezembro de 1899, sob o Governo de José Luciano de Castro), e

¹²³ *Ibidem.*

Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública, de 24 de Dezembro de 1901, sob o Governo de Hintze Ribeiro.¹²⁴

Os serviços de saúde pública passam a dividir-se em centrais (Inspeção Geral dos Serviços Sanitários, Repartição de Saúde e Conselho Superior de Higiene Pública) e externos (as chamadas autoridades sanitárias). A reforma sanitária de 1899-1901 inspira-se explicitamente no exemplo da Inglaterra, considerada a "pátria da higiene"¹²⁵ e o modelo de organização médico-sanitária.

O Instituto Central de Higiene, o décimo primeiro a ser fundado no mundo (mais tarde *Instituto Superior de Higiene* a que ficará associado o nome do Dr. Ricardo Jorge, em 1929), tinha como missão, entre outras, a de "ministrar a instrução especial técnica e conferir o tirocínio profissional prático, necessário como habilitação de admissão aos lugares de médicos e engenheiros do corpo de saúde pública " ¹²⁶.

No conceito de "autoridades sanitárias" inclui-se também o governador civil (art. 52º) e o administrador de concelho (art. 53º), uma disposição que já vinha de resto do Código Administrativo de 1844 e da Reforma Sanitária de 1868.¹²⁷

Ao Governador Civil competia, entre outras funções, "conceder licenças para a laboração dos estabelecimentos insalubres, incommodos e perigosos" e determinar a sua cessação, nos termos regulamentares respectivos (art. 52º, nº 7º); o administrador do concelho, por sua vez, intervinha nos processos relativos aos referidos estabelecimentos, concedendo as licenças que eram da sua competência e

¹²⁴ ROSA, Álvaro Barros, Serviço de Luta Antituberculosa, *Da ANT ao SLAT, História Sumária da Instituição, 1899-1979*, Lisboa, 1979, p. 60.

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ Nº 1 do art. 115º do Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública.

¹²⁷ Cf. ROSA, Álvaro Barros, Serviço de Luta Antituberculosa, *Da ANT ao SLAT, História Sumária da Instituição, 1899-1979*, Lisboa, 1979, p. 60.

obrigando "ao cumprimento das condições sanitárias impostas a esses estabelecimentos" (art. 53º, nº 18º).¹²⁸

Finalmente, ao Delegado de Saúde (médico, com formação em saúde pública) que tinha a direcção técnica dos serviços sanitários do distrito (art. 76º), competia, entre outras, a função de: "informar os processos de licença aos estabelecimentos insalubres, incommodos ou perigosos, fiscalizar a hygiene industrial e do trabalho operário, investigar o estado da hygiene infantil, as condições sanitarias da população operária industrial ou agrícola e das classes "¹²⁹

O primeiro director-geral de saúde foi João Ferraz de Macedo, clínico de renome, professor de clínica médica na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Sob proposta de João Ferraz de Macedo, a Sociedade das Ciências Médicas tinha-se debruçado em 1876 sobre as condições de trabalho dos menores nas indústrias. Com a sua morte, em 1906, sucedeu-lhe Ricardo Jorge, que ocupava até então o cargo de Inspector-Geral dos Serviços Sanitários.

Aprovados os cursos de medicina sanitária e engenharia sanitária, a ministrar no Instituto Central de Higiene. Eram inovadores e já avançados para a época. Incluía um módulo sobre higiene industrial "O trabalho e a saúde dos operários; O trabalho das mulheres e menores; A insalubridade industrial; Estabelecimentos insalubres, incómodos e perigosos"¹³⁰.

O programa do curso de medicina sanitária, por exemplo, com a duração de quatro meses, compreendia, entre outras, as seguintes disciplinas e matérias: Direito sanitário; Demografia e estatísticas sanitária; Meteorologia e clima; Química sanitária; Veterinária; Epidemiologia geral, **Profilaxia contra a tuberculose**, a febre

¹²⁸ Cf. GRAÇA, Luís, "Os Conceitos do Moderno Sanitarismo", 2000, www.ensp.unl.pt/graca/textos_papers.htm, 2/10/06.

¹²⁹ *Ibidem*.

¹³⁰ *Ibidem*.

tifóide, a varíola, o **sezonismo**, a raiva, etc. Desinfecção pública e Higiene industrial; Prática sanitária oficial; **Sanidade marítima**; A assistência das classes pobres, **higiene hospitalar** e **higiene escolar**; Saneamento ambiental. Por sua vez, o Instituto Central de Higiene, e seguindo os melhores modelos — o inglês e o alemão, "tinha como missão, entre outras, a de "ministrar a instrução especial technica e conferir o tirocínio profissional pratico, necessario como habilitação de admissão aos logares de medicos e engenheiros do corpo de saude publica" (nº 1 do art. 115º).¹³¹

Os cursos a ministrar no Instituto Central de Higiene eram dois, a medicina sanitária e a engenharia sanitária. Os primeiros cursos realizados tiveram lugar em 1903: à matrícula do curso de medicina sanitária eram "admitidos os médicos diplomados pelas três escolas do continente do reino", bastando para o efeito apresentar um requerimento e, anexo a este, "a pública-forma da sua carta de habilitação"¹³².

Também podiam candidatar-se os alunos de medicina que tivessem concluído o último ano do curso médico-cirúrgico de Lisboa ou Porto, desde que juntassem ao requerimento certidão de aprovação nas disciplinas do 5º ano das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa ou Porto. No final do curso de medicina sanitária, para poderem submeter-se ao respectivo exame final, estes alunos teriam de se apresentar munidos do diploma do curso médico-cirúrgico.¹³³

Ao curso de engenharia sanitária eram, por sua vez, admitidos os engenheiros diplomados pelas respectivas escolas do reino. No caso do curso de medicina

¹³¹ Cf. GRAÇA, Luís, "Os Conceitos do Moderno Sanitarismo", 2000, www.ensp.unl.pt/graca/textos_papers.htm, 2/10/06.

¹³² Portugal. Ministério do Reino. Inspeção-geral dos Serviços Sanitários do Reino. *Boletim dos Serviços Sanitários do Reino*, 1903: Edital de 9 de Janeiro de 1903.

¹³³ Cf. GRAÇA, Luís, "História da Saúde no Trabalho: A Reforma da Saúde Pública no Virar do Século XIX", 2000, www.ensp.unl.pt/graca/textos_papers.htm, 2/10/06.

sanitária, as matérias a leccionar deviam compreender, entre outras: “Hygiene industrial. O trabalho e a saude dos operarios. Protecção da vizinhança e dos operarios contra a insalubridade industrial. Concessão de licenças industriais” (nº 9º do art. 118º).

Por edital de 21 de Fevereiro de 1903 (publicado no *Boletim dos Serviços Sanitários do Reino, Anno 1903, nº 4*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1905. 38-41), era aprovado programa do curso de medicina sanitária, com a duração de quatro meses de Março a 12 de Julho de 1903.¹³⁴

2. O início das campanhas antituberculose

Posteriormente verificamos em diferentes associações e organismos, a preocupação higienista. Assim, foram criadas várias associações que tinham como principal função a profilaxia da tuberculose. Estas associações promoviam eventos como congressos, conferências, publicações, etc. com objectivos pedagógicos sempre no combate à doença.

No primeiro Congresso da Liga Nacional Contra a Tuberculose, em 1901, em Lisboa, exprimiram-se os seguintes votos: diminuição dos preços dos bens alimentares de primeira necessidade; aplicação e simplificação da legislação sobre trabalho industrial e de menores; lei sobre a higiene infantil; divulgação da higiene nos estabelecimentos de ensino; isolamento dos doentes tuberculosos, entre outros.

Houve um grande envolvimento dos médicos, com destaque para Miguel Bombarda, e da imprensa médica nas campanhas de profilaxia contra a tuberculose.

¹³⁴ *Ibidem.*

Nas diferentes campanhas é grande a preocupação no combate à mortalidade infantil, em que se defende a infância com argumentos fundamentalmente demográficos e económicos “a criança é o obreiro do amanhã”¹³⁵. Há uma grande insistência no perigo que representa esta doença devido ao seu elevado contágio (tuberculose pulmonar) e às terríveis deformações (tuberculose óssea) que comprometiam, num futuro próximo, a existência de uma sociedade saudável e produtiva.

Estas iniciativas foram implementadas sobretudo por instituições beneméritas e caritativas, que dependiam do auxílio dos mais favorecidos que através de dinâmicas sociais várias e de uma profusão de eventos artísticos, culturais e desportivos, angariavam fundos para suportar a cura e tratamento, geralmente prolongados, das crianças vítimas de tuberculose. Estas e outras campanhas caminharam inicialmente em separado, dirigindo-se para problemas concretos que, noutras épocas, tinham sido tratadas de forma diferente por essas instituições de benemerência.

Graças aos congressos nacionais, internacionais e aos intercâmbios com estrangeiros, principais orientadores e difusores das novas propostas médico-sociais nestes domínios, a luta contra a tuberculose foi encontrando pontos de união.

A educação assume inevitável protagonismo como instrumento de divulgação de condutas mais higiénicas e morais, com a defesa da caridade como método de luta para obtenção do equilíbrio social. Destacavam-se os diferentes recursos técnicos, humanos e materiais disponíveis para corrigir os factores socio-económicos que afectavam as probabilidades de sobrevivência dos menores, vítimas de tuberculose. Os maus hábitos higiénicos, a miséria e imoralidade

¹³⁵ Cf. LPPS.

individual e familiar passarão a ser os primeiros factores a combater, desde a infância. A escola, as associações femininas, a Igreja, e outras associações de profilaxia social, sempre sob a tutela dos preceitos da medicina social, desenvolveram iniciativas de divulgação de práticas saudáveis e higiénicas.

Estas campanhas apostaram em acções mais directas, inclusive repressivas, que incidiam nos grupos de risco. O espaço médico deixa de ser o habitual hospital ou asilo. O novo espaço médico procura uma maior proximidade com a população para actuar com mais rapidez e maior eficácia no caso das doenças infecto-contagiosas e para implementar acções preventivas e educativas. O seu principal objectivo, desde a década de 20, é a profilaxia social e a prevenção. Para os concretizar foram criados os Dispensários e os Sanatórios antituberculosos. A partir destas instituições, a medicina social curará e educará de modo a que sejam adoptados preceitos de saúde individual e colectiva, que conduziram à disciplina e à reeducação das classes populares.

Eram alvo de intervenção as condições sociais em que vivia a maior parte das vítimas. Fazia-se a desinfecção das casas e desenvolviam-se várias iniciativas, entre elas a propaganda, que deu lugar a um projecto de educação da população através de cartazes, panfletos, selos, postais, etc. Porém, nenhuma medida foi eficaz contra a doença, apesar de eventualmente ter melhorado a vida a algumas pessoas.

O combate à tuberculose gerou cartazes e campanhas marcantes até aos anos 50. O espólio português dessas acções, entre eles, um cartaz com mais de três metros de altura, encontra-se arquivado no Instituto Ricardo Jorge, em Lisboa, por doação do Ministério da Saúde.

As instituições beneficentes contarão com o apoio das autoridades políticas do país, principais interessadas na normalização social a partir de parâmetros, aceites

como científicos. A ascendente intervenção de Estado na organização das campanhas higienico-sanitárias facilitou a sua divulgação a nível nacional e integraram, também, a divulgação e consciencialização do aleitamento materno como método preventivo da mortalidade infantil, da educação como instrumento de higiene física e moral da sociedade, e do valor da saúde para conseguir uma nação forte e numerosa.

Será importante referir o papel desempenhado pelas Misericórdias, tomando como exemplo a Misericórdia do Porto, que em 1880, quando a cidade do Porto foi fustigada pela tuberculose “Famílias inteiras foram varridas pela doença sem qualquer hipótese de salvação, dadas as suas condições habitacionais precárias e promíscuas.”¹³⁶ O então provedor da Misericórdia, conde de Samodães, sensibilizado pela extensão do flagelo, apelou aos beneméritos para que ajudassem a Santa Casa a enfrentar o problema.

Desde logo, em 1886, o benfeitor Cunha Lima tomou a responsabilidade de abrir na Misericórdia uma enfermaria para mulheres e em 1890 o benemérito Pereira Cardoso financiou uma enfermaria para homens.

Com o mesmo objectivo e igualmente estimulado pela Misericórdia, Manuel José Rodrigues Semide deixou em 1903 um vultoso legado para se construir um hospital para tuberculosos pobres, que, por causa das convulsões sociais e da penúria dos tempos da I Guerra Mundial, só veio a ser concluído em 1926, tendo tomado o nome de Hospital Rodrigues Semide (actual Universidade Lusíada).¹³⁷ No mesmo tipo de envolvimento, a Santa Casa da Misericórdia do Porto criou um

¹³⁶ ALMEIDA, António Ramalho, *O Porto e a Tuberculose, História de 100 anos de luta*, Fronteira do Caos, Porto, 2006, p. 74.

¹³⁷ Foi provedor o Dr. Calem Júnior e 1.º director o avô do Dr. Artur Santos Silva, Dr. Eduardo Santos Silva, cuja obra veio a ser reconhecida pela atribuição do seu nome ao sanatório e hospital de Vila Nova de Gaia.

Centro de Convalescença e Recuperação de Doentes Tuberculosos, anexo ao Hospital Rodrigues Semide, com oficinas e ensino de artes e ofícios para permitir o regresso dos doentes à vida profissional.

Ainda no Porto, Francisco de Noronha, em memória do filho tuberculoso, vítima de acidente, doou à Misericórdia a Quinta da Prelada, com a condição de aí se construir um hospital para tuberculosos. O que não viria a acontecer. Nesses terrenos a Misericórdia veio a construir o conhecido Hospital da Prelada, nos anos que a Santa Casa gere mas com outras especialidades.

Em Lisboa, a Misericórdia veio a assumir o Hospital de Santana, na Parede, construído para tratamento da tuberculose óssea.

À semelhança destas duas maiores Santas Casas, também os hospitais das demais Misericórdias, que detinham e geriam a quase totalidade da estrutura hospitalar do País, foram criando unidades específicas para a tuberculose e doenças infecto-contagiosas, que foram durante muitos anos as únicas respostas de saúde a esta doença.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social (LPPS) foi fundada em 1924, numa sociedade marcada por vários flagelos sociais e problemas de saúde pública, de que eram exemplo a sífilis, a tuberculose, o tétano, a lepra, o alcoolismo, a prostituição infantil, os sem abrigo, entre muitos outros.

Através dos seus três médicos fundadores, António Emílio de Magalhães, Cândido Henrique Gil da Costa e Veiga Pires, médicos de reconhecido valor na sociedade portuense daquele tempo, a Liga Portuguesa de Profilaxia Social inicia o que viria a ser uma longa história de intervenção médico-social, vocacionada para a prevenção das principais doenças de cada época.



Figura 2 – Cartaz da Liga Portuguesa de profilaxia Social, Porto (Década de 30)

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social, desde a sua fundação, investiu fortemente na imagem associada a frases, com objectivos pedagógicos e didácticos de doutrinas de profilaxia de intervenção social.

O cartaz apresentado fornece conselhos à mulher para prevenção de doenças venéreas. Alerta os doentes para a urgência da intervenção médica, aconselha os professores a introduzir a educação sexual nas escolas, e aos industriais recomenda a higiene e segurança no trabalho com dividendos económicos.

Este organismo desenvolveu diferentes intervenções e campanhas, pertinentes e fundamentais, entre as quais merecem destaque: a campanha de combate ao pé

descalço (1927/65); a campanha contra o hábito de escarrar e cuspir na via pública (1929) – iniciada nos primórdios da Liga, época em que os inúmeros tuberculosos vagueavam pela cidade, lançando para a via pública abundante expectoração que, além do perigo que representava, demonstrava uma grande falta de civismo; a campanha contra a sífilis (1929) – mais uma vez provando o seu carácter pioneiro na abordagem dos mais graves problemas sociais, a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, afluía as questões de educação sexual e de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Quando a sífilis proliferava entre a população da cidade do Porto, a Liga mantinha uma consulta de doenças sexualmente transmissíveis; a luta pela introdução do BCG, em 1929, no combate à tuberculose – além do esforço desenvolvido pela Liga na luta contra esta doença, desempenhou ainda um papel activo na criação do Sanatório D. Manuel II e, através da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal, na construção do Sanatório do Mont'Alto, em Valongo.

A Liga Portuguesa de profilaxia Social desempenhou, também, um papel inovador através das conferências doutrinárias, que promoveu ao longo de sete séries, desde a sua fundação até 1952. Estas conferências tinham lugar no Salão Nobre dos Fenianos Portuenses, que cediam o espaço para as numerosas sessões culturais promovidas pela Liga, que convidava os mais diversos prelectores, especialistas nos mais variados temas de intervenção social.

“Assim, a Liga Portuguesa de profilaxia Social se foi tornando uma verdadeira Universidade Livre, onde as vozes mais autorizadas do País inteiro têm vindo expor os resultados dos seus aturados estudos e profunda reflexão quanto aos problemas de que são especialistas, abrangendo num vasto círculo todas as grandes questões médicas, científicas, artísticas, económicas, financeiras e técnicas dos vários ramos que importam ao progresso humano e ao progresso nacional.

E dessas lições, difundidas logo pela Imprensa sob forma de resumos, depois pela publicação integral nas mais importantes revistas e de novo distribuídas em separata, e finalmente reunidas nestes volumes em enormes tiragens, - dessa boa semente tão prodigamente espalhada, muito se tem já concretizado em reais benefícios para o nosso País.”¹³⁸

Na Zona Centro e no combate à Tuberculose destacou-se a Fundação Bissaya-Barreto, que teve uma importante intervenção social em diferentes domínios com destaque nos cuidados prestados à criança e à maternidade.

“Iniciámos nossa vida na Medicina Social organizando a luta contra a Tuberculose no distrito de Coimbra, através da sua Junta Geral. A importância desta doença, o pânico que atormentava o mundo, o perigo que ela representa na verdade para a Saúde dos Povos, o que quer dizer para a sua Felicidade, justificava plenamente semelhante preferência.”¹³⁹

Esta obra, dedicada sobretudo à criança, começou por uma intervenção pedagógica junto da mulher grávida, pelo acompanhamento da mãe à criança em diferentes vertentes, alimentação saudável, assistência médico-sanitária e cuidados de saúde primária.

“Entretanto, surge a concepção da Tuberculose-doença e Tuberculose-infecção e surge a noção da primo-infecção, que faz orientar a Profilaxia da Tuberculose para a protecção e vigilância dos novos das crianças, dos adolescentes; daí a necessidade de lhes assegurar curas de repouso e higiene; nasceram então os Preventórios, a Colocação Familiar e um maior interesse pela criança. Assim nasceu naturalmente a Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança, cuja finalidade consiste fundamentalmente na protecção sanitária e social das mulheres grávidas, das mães e dos filhos na 1ª e na 2ª idades. É pois uma forma bem eficiente, de ir contra a mortalidade infantil.”¹⁴⁰

¹³⁸ COSTA, Cândido Gil, MAGALHÃES, António Emílio, *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, 7ª série, Porto, 1951, p. 36.

¹³⁹ BISSAYA-BARRETO, *Uma Obra Social realizada em Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, 1970, p. IX.

¹⁴⁰ Idem, p. XI.

Nas campanhas antituberculosas, as famílias e a escola foram alvo de atenção, sempre com intenções educativas, pois era no seio familiar e na escola, sobretudo primária, que se registava a maioria dos contágios e disfunções.

Os manuais escolares foram utilizados como um meio eficaz de divulgação de conselhos higiênicos que se dirigiam aos alunos mas também aos seus familiares. Neles são constantes as referências à adopção de hábitos alimentares saudáveis, de exercício físico, de uma vida ao ar livre e hábitos de higiene regulares, como os seguintes excertos de manuais de diferentes épocas demonstram:

“Os nossos deveres a respeito do nosso corpo são principalmente as seguintes: em relação à alimentação, em relação ao trabalho e em relação à hygiene.

1º Pelo que toca á alimentação deve esta ser frugal e sadia tanto quanto o permittam os recursos de cada um, não esquecendo nunca, além d’isso, que o homem deve comer para viver e jamais viver para comer.

2º Em relação ao trabalho deve ele ser methodico e proporcionado ás nossas forças e aptidões. O trabalho, n’estes termos, robustece o corpo; e, evitando a ociosidade, faz-nos fugir aos vícios, de todos os quaes, com bastante verdade, costuma dizer-se que a ociosidade é mãe.

3º Em relação á hygiene devemos ter sempre presentes os seus preceitos para a conservação da vida e saúde, sobre tudo no tocante a bom ar, habitação saudável, escolha dos vestidos e aceio do corpo.”¹⁴¹

“Regras de hygiene

Quantas vezes teu pae e tua mãe te recomendam: - Não bebas água fria, porque estás suado! Tira-te d’essa corrente de ar! Esse coz das calças está muito apertado, não deixa o sangue circular livremente!

Pois todas estas advertências muitas outras que os paes costumam fazer aos filhos, são regras de hygiene, isto é parte da medicina que nos diz qual a maneira de conservarmos a saúde e de evitarmos e prevenirmos numerosas doenças.

Manda a hygiene que não se traga o tronco apertado, pois que soffrem com isso o estômago, o coração e os pulmões.

O nosso dever é seguir as regras de hygiene, fazendo todo o possível para prevenir o mal.”¹⁴²

¹⁴¹ PEREIRA, Elias Fernandes, *Guia dos Exames de Admissão*, Livraria Universal, Porto, 1888, p.207.

¹⁴² CAMARA, João, AZEVEDO, Maximiliano, BRANDÃO, Raul, *Livro de Leitura para as Escolas de Instrucção Primária*, Livraria Ferreira, Lisboa, 1919, p. 103.

“Preceitos de Higiene – Deve-se respirar ar puro, condição indispensável à saúde. O bom ar é uma ótima defesa contra as doenças dos pulmões. Deve-se comer e beber com moderação, a escolher comidas simples. Evitem-se as bebidas alcoólicas, preferindo-lhes a água, o leite e os frutos, que fortificam o organismo, aumentam o poder do trabalho e criam boa disposição de espírito. Deve-se cuidar da higiene da pele, mantendo-a em perfeito estado de limpeza, fazendo lavagens com água fria todos os dias, e tomando banhos quentes uma ou mais vezes por semana. A habitação deve ter muita luz, ser bem exposta ao Sol, seca, espaçosa, limpa, e dar uma impressão de agrado e conforto.”¹⁴³

As diferentes campanhas também dirigiam a sua atenção à colaboração das famílias e das professoras tendo surgido a figura da enfermeira visitadora¹⁴⁴, que apostavam no controlo da qualidade dos alimentos, sobretudo do leite de vaca, no repouso e numa alimentação mais equilibrada. A acção do pessoal médico centrou-se na vigilância, na prevenção e educação sobre a tuberculose. Esta doença estava intimamente ligada à pobreza e a um estilo de vida pouco higiénico. Neste domínio, a mulher, como mãe e como mulher, vai desempenhar um papel central. Cabia-lhe a responsabilidade de higienizar e moralizar a sua família.

Foram desenvolvidas práticas de acção social capazes de modificar a longo prazo certos hábitos e práticas anti-higiénicas e anti-sociais. A luta contra a tuberculose passou a ser uma obrigação social do Estado.

“A contaminação é, pois, função da quantidade de bacilos emitidos e contidos nas gotículas de Pflugge e das qualidades de recepção do organismo que as acolhe. Esta doutrina-base permitiu organizar uma larga campanha, intensiva campanha, interessando muita gente de todas as categorias sociais, que, adoptando e difundindo certas regras de higiene, foram valorosos combatentes no movimento aguerido. Pelos Tuberculosos. Contra a Tuberculose.”¹⁴⁵

¹⁴³ *LIVRO DE LEITURA para a 4ª Classe*, Editora Educação Nacional, Porto, 1951, p. 51.

¹⁴⁴ Por iniciativa do Professor Adelino Vieira de Campos de Carvalho foi criado o primeiro Curso de Tisiologia e Medicina Social, também a ele se deveu a criação do Curso de **Enfermeiras-Visitadoras**, tendo deixado uma vasta obra científica: *Profilaxia da Tuberculose em Coimbra (1928)*, *Dispensário Antituberculoso, com sede nos hospitais da Universidade, sua Origem e Organização (1932)* e *Algumas sugestões relativas ao problema da tuberculose em Coimbra – um grande Preventório Escolar em Covões (1933)* e *Formulário dos Hospitais Cíveis da Universidade de Coimbra*.

¹⁴⁵ BISSAYA-BARRETO, op. cit., p. XI.

3. A defesa dos sanatórios marítimos

Nas primeiras experiências de cura sanatorial os modelos dividem-se em cura marítima e cura de altitude e acreditava-se que a recuperação do doente de tuberculose se conseguia com repouso, bons ares e uma alimentação equilibrada.

O Médico Artur Dória, em 1909, apresenta já uma distinção relativamente às instituições de tratamento para a tuberculose e divide-as em preventivas e curadoras, inclui as últimas, os sanatórios marítimos.

“Obras anti-tuberculosas - Preventivas: affastam os pequenitos ainda são do meio contaminado ou contagioso ou então beneficiam os das cidades com curas d’ar vivificantes que os fortalecem. Curadôras: Apoderam-se da creança suspeita de bacillose o mais cedo possível para a submeter á cura d’a sob regimen sanatorial. Os sanatorios marítimos aproveitam ao rachitismo, lymphatismo anemia, tumor branco, abcesso frio, lúpus, mal de Pott, etc.”¹⁴⁶[sic]

Como medida de cura inovadora para a tuberculose surge a helioterapia, desenvolvida sobretudo nos sanatórios marítimos. A este propósito Monteuis afirma:

“L’homme ne se nourrit pas seulement de pain, il se nourrit également l’air, qui est le pain de la respiration; mais l’alimentation n’est pás seulement digestive et respiratoire, elle est aussi cutanée” e para Finsen “Rien ne vaut le soleil”.¹⁴⁷

Também o médico brasileiro Alves Filgueiras, assumido defensor da helioterapia, partilha as suas investigações e resultados obtidos com as prescrições por ele criadas para a tuberculose óssea com base nos tratamentos solares.

¹⁴⁶ DORIA, Arthur, *Assistência Infantil*, Typographia Minerva, Famalicão, 1909, p. 42.

¹⁴⁷ FILGUEIRAS, Alves, *Breves considerações sobre a technica, os efeitos e as indicações da Heliotherapia*, Empreza Graphica Editora, Rio de Janeiro, 1926, p. 9.

“A cura solar representa hodiernamente therapia segura e imprescindível ao tratamento de determinado grupo de doenças.(...) Contrariamente aos que vêm no banho de sol uma operação banal, não exageramos em asseverar que raros processos therapeuticos exigem tanta argúcia, tanta precaução e tão estricta individualisação.”¹⁴⁸

O sanatório desenvolveu-se como programa específico de combate à doença considerada quase um flagelo. A cura assentava em três exigências para o restabelecimento do organismo: comer bem, repousar e respirar ar puro. Inicialmente o sanatório apareceu ligado à hotelaria de luxo e ao turismo aristocrático. Com a Grande Guerra alteraram-se os hábitos, o turismo decresceu e as nações empenharam-se em garantir contingentes populacionais capazes de fazer frente aos conflitos armados e à preservação das colónias ultramarinas.

“Não esqueçamos a frase de Ritz quando proclamou que, se pudéssemos destruir os bacilos espectorados pelos tuberculosos em toda a Humanidade, a tuberculose desapareceria da superfície do Globo. Os Sanatórios, recebendo os tuberculosos, isolando-os, educando-os, constituem pois, uma poderosa arma na luta contra a tuberculose e um valioso meio de combate contra os bacilos. Os Sanatórios são, pois, estabelecimentos de cura e profilaxia. A tuberculose do adulto é o último couplet de uma canção de que os primeiros versos foram cantados no berço. (...) Conclui-se que a profilaxia da tuberculose exige a defesa e a protecção das crianças, sobretudo nas primeiras idades, porque são mais sensíveis, de maior receptividade, mais vulneráveis.”¹⁴⁹

Um pouco por todo o país surgem defensores da construção de sanatórios destinados essencialmente às crianças. Apontam como justificação o elevado número de vítimas mortais para além das graves deformações provocadas que chegam frequentemente a mutilações. Como consequência imediata são apontadas a diminuição do rendimento de trabalho útil, a redução da capacidade funcional dos doentes vítimas de tuberculose óssea em criança. O tratamento da tuberculose

¹⁴⁸ Idem, p. 4.

¹⁴⁹ Discurso proferido por Bissaya-Barreto na inauguração da Casa da Criança “Joana de Avelar” BISSAYA-BARRETO, *Uma obra social*, Coimbra, 1970.

cirúrgica é considerado um problema económico e social que necessita de pronta intervenção com a construção de sanatórios marítimos.

“Torna-se urgente a construção de um Sanatório Marítimo, onde possam ser tratadas as diversas modalidades da tuberculose cirúrgica. Desnecessário á encarecer a urgência e a necessidade de tal peça, indispensável num arsenal anti-tuberculoso completo, se atendermos q que a tuberculose cirúrgica, pelos perigos imediatos e pelas consequências à distancia, representa um flagelo, que pesa enormemente sob o ponto de vista económico social em todas as nações; e Portugal, infelizmente não foge a essa fatalidade”.¹⁵⁰

Podemos verificar, na apologia dos sanatórios, um enaltecimento da helioterapia e dos poderes, quase milagrosos, do clima marítimo que, cumulativamente, com uma disciplina de tratamento pretende actuar directamente a causa da doença, actuando no organismo, modificando-o, fortalecendo-o, tornando-o mais resistente à infecção tuberculosa.

“Os efeitos da cura marítima são verdadeiramente maravilhosos, maravilhosos sob o ponto de vista local das lesões, maravilhosos sob o ponto de visita do estado geral dos doentes. (...). O mar dá-lhes um espírito alegre, vivo, sadio em corpo são, forte, tonificado, cheio de força e resistência para vencer o bacilo inimigo

A melhor regularidade do clima, a possibilidade dos doentes permanecerem ao ar livre, durante um maior número de dias, o ar puro e sempre renovado, a grande quantidade de oxigénio, a presença do ozono, a menor percentagem de ácido carbónico, o grau de humidade do ar marinho, os sais que entram na sua composição iodo que o acompanha, fazem propriamente da beira-mar o lugar de eleição para o tratamento dos doentes de tuberculose cirúrgica.”¹⁵¹

Na história da arquitectura o sanatório conduziu à adopção de importantes dispositivos espaciais, em particular quando a helioterapia, a cura por intermédio da exposição disciplinada do corpo aos raios solares, foi prescrita e fez sucesso no combate às formas ósseas da doença. Abrir ao máximo os compartimentos para o exterior, deixar o sol penetrar no interior e liquidar bacilos que permaneciam

¹⁵⁰ *A Saúde*, Outubro de 1932.

¹⁵¹ *Ibidem*.

latentes. Recomendava-se ar puro e sol, muito sol. Em determinado momento, o programa terapêutico confundia-se com os manifestos pelas transformações das cidades e pela Arquitectura Moderna.

“É preciso, portanto, evitar a tuberculose do adulto protegendo-o durante a infância.

A nossa criança ou faz uma vida de prisão doirada, estiolando-se entre paredes com medo que o ar e o sol a constipem, ou então vive forçadamente na rua, mal agasalhada e mal alimentada, sem o maior elementar preceito higiénico, e portanto criada num íntimo convívio com os agentes microbianos, onde por certo se encontra o agente da tuberculose que a contamina, fazendo dela mais tarde um tuberculosos.”¹⁵²

Já antes da descoberta dos antibióticos específicos em 1944¹⁵³, a tuberculose tinha entrado em decréscimo em toda a Europa, em parte graças às alterações arquitectónicas preconizadas pelos arquitectos “modernos” e pela melhoria das condições de vida da classe operária urbana. Naturalmente, esse progresso incluía práticas implícitas ou explícitas de helio-profilaxia. Poder-se-á questionar se os médicos terão pressionado os arquitectos para encontrarem soluções para aplicarem as suas terapêuticas ou se terão sido os arquitectos a conceber novos modelos de espaço para a renovação do habitar?

Na actualidade, poderemos responsabilizar a nova organização da cidade contemporânea pelo reaparecimento da tuberculose? Num estudo histórico será possível estabelecer uma correlação entre a doença e a cidade e os seus edifícios, tal como a forma urbana, resultado da difícil articulação das instituições e das lógicas de funcionamento que provocam a discriminação social e a segregação dos “grupos de risco” atingidos? Afinal, o espaço desqualificado que estamos a construir

¹⁵² FARIA, Raul, *Tuberculose, Doença Social*, Conferência proferida no salão nobre do Club Fenianos Portuenses, em 10 de Novembro de 1934. in *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, Porto, 1934, 3ª Série, p. 124.

¹⁵³ Em 1944 foi descoberta, por Alban Waksman, a *Streptomycina*, fundamental no tratamento da tuberculose.

quotidianamente não é mais do que a tradução física do modo como funciona a sociedade.

Num artigo da revista “Os Nossos Filhos”, o médico J. Rosa Paixão, assistente livre da cadeira de Pediatria da Faculdade de Medicina de Lisboa, refere-se à tuberculose como um flagelo a combater e fornece conselhos às mães para evitar a doença, novamente os preceitos de higiene são lembrados e reforçados e o Sol volta a assumir o protagonismo como inimigo da doença.

“(…) a tuberculose uma das doenças que mais vítimas causa entre nós (...) alguma coisa sobre as precauções devemos tomar para evitar o contágio. Há um certo número de regras que, uma vez observadas por todos bastante contribuiria para a diminuição da mortalidade. (...)O indivíduo portador de doenças de evolução longa muitas vezes é um revoltado ou um céptico. Ser indiferente ao infortúnio destes infelizes é um crime que muitas vezes os nossos filhos, inocentes, pagam caro. Amigo que beija os nossos filhos, o seu companheiro de escola, a criada, etc., podem ser os portadores involuntários e inconscientes do bacilo de Koch. Auxiliar a cura dos que sofrem é precavermo-nos contra a mesma doença. Diagnóstico tão precoce quanto possível, o ideal seria o internamento do doente num sanatório donde só regressaria curado. Quando isto se não pudesse realizar deveriam os filhos ser afastados da residência dos pais e dedicar o máximo de atenção à desinfecção dos recipientes destinados à recolha dos escarros; à desinfecção do soalho e paredes ao quarto, das roupas e de todos os objectos de uso do doente. De modo algum as crianças podem ser beijadas pelo doente. Deixar entrar o ar e o sol no quarto do doente, expor as suas roupas e os seus objectos ao sol tanto quanto possível, é da maior importância. Nunca devemos dar às crianças leite, de vaca ou cabra, sem ser previamente fervido, pois a infecção pode partir de qualquer destes animais. O leite das mães também as pode contaminar. Evitar a permanência das crianças em recintos de ar viciado, tais como salões de baile, cinemas, etc. constitui um dever de toda a boa mãe.”¹⁵⁴

Noutro artigo da mesma revista são apontados os defeitos das cidades em termos de arquitectura e organização social. Para superar estas lacunas que prejudicam essencialmente as crianças são sugeridas as colónias de férias e as escolas ao ar livre bem localizadas, de preferência à beira-mar ou na montanha, em

¹⁵⁴ PAIXÃO, J. Rosa, *Os Nossos Filhos*, 1 de Março de 1943. (Gentilmente cedido pela Professora Doutora Ana Maria Pessoa).

edifícios simples e arejados e com água potável acessível. O respectivo pessoal devia ser seleccionado com rigor e habilitado a desempenhar as suas funções com competência higiénica e pedagógica.

“Nas cidades principalmente nos bairros humildes e sombrios, as crianças não encontram meio ambiente favorável ao seu desenvolvimento. Para corrigir tais desmandos de falta de higiene, se vai recorrendo, cada vez mais, às colónias de férias e às escolas ao ar livre. Desde o princípio do século que tais instituições se têm desenvolvido em todos os países civilizados. A guerra, que acaba de devastar a Europa, se por um lado pôs entraves ao regular desenvolvimento dos colónias de férias e das escolas ao ar livre, por outro lado veio trazer ensinamentos preciosos. As colónias de férias fazem portanto parte do vasto plano de medicina social que os Poderes Públicos têm obrigação de pôr em marcha (...). É preciso escolher os locais climáticos, onde se deve instalar as colónias de férias e as escolas ao ar livre, aproveitando para isso as nossas melhores e mais isoladas regiões da beira-mar, do interior e da montanha e também algumas regiões termais, onde se devam instalar tais colónias e tais escolas.

Os campos climáticos devem ser escolhidos segundo as suas melhores condições geográficas e condições higiénicas, Não se deve repetir, com o nosso climatismo social o mesmo erro que se tem cometido com o nosso climatismo turístico, que sejam estabelecidos longe dos grandes cidades e longe das estâncias turísticas muito mundanas, dos sanatórios e casas de saúde, das zonas (...).

As construções terão de ser simples, mas dando as condições de conforto e de higiene necessárias. Nunca se deve instalar uma colónia de férias ou uma escola ao ar livre onde não haja água potável, onde o esgoto não esteja assegurado e muito principalmente em praias onde o mesmo esgoto seja lançado ao nível do mar, como acontece.

Todas as crianças que vão para colónias de férias e escolas ao ar livre devem ser submetidas a inspecção médica, na terra da sua naturalidade. Michelet, cantando o sol e o mar, na sua prosa lírica dizia que «La fleur humaine est, de toutes lês fleurs, celle qui a lês plus besoin de soleil.»¹⁵⁵

Apesar de longos, estes excertos sintetizam as temáticas e propostas que vão ser defendidos desde os anos 20, mas que tomam relevo nas décadas de 40 e 50. Destacamos: a definição do perfil do tuberculoso céptico e revoltado, a necessidade de tratamento e precaução, a apologia do sanatório, o combate aos escarros, as preocupações com a arquitectura, a circulação do ar nas casas, a importância no sol

¹⁵⁵ NARCISO, Armando, Prof. Dr., *Os Nossos Filhos*, 1 de Dezembro de 1945. (Gentilmente cedido pela Professora Doutora Ana Maria Pessoa).

nas habitações, o papel das colónias de férias, das escolas ao ar livre, dos exercícios e dos jogos destinados à criança.

Como tentamos evidenciar, a tuberculose era um problema que atravessava toda a sociedade e desencadeou uma série de acções que envolveram múltiplos sectores da sociedade civil e do Estado, a que a escola não ficou alheia.

4. A Filantropia antituberculose

“Deveres sociaes geraes

Todos os deveres geraes para com os nossos semelhantes podem reduzir-se á pratica das duas grandes virtudes – a justiça e a caridade. E assim que a ideia das cooperativas, montes-pios, caixas económicas e outras sociedades d’igual natureza, e grandíssimas vantagens moraes e materiaes.

A caridade exerce-se por três formas principaes, a saber: benevolência, pela beneficência e pela veracidade.”¹⁵⁶

A Filantropia desempenhou um papel importante na luta contra a tuberculose. Em termos históricos poder-se-á fazer a distinção entre a filantropia e a caridade, entendida esta como uma assistência desorganizada aos pobres sem um cunho de cientificidade.

A prática caritativa, até ao século XVIII, estava basicamente sob o domínio da Igreja Católica, que estabelecia uma divisão moral da sociedade entre os que tinham o poder de perdoar e os que precisavam de ser perdoados. Tinha por objectivo aliviar a dor temporária para salvar os seus semelhantes e assegurar a felicidade eterna depois da morte. Propunha a tutela dos ricos sobre os pobres, o que garantia aos ricos o reino dos céus.

¹⁵⁶ PEREIRA, Elias Fernandes, *Guia dos Exames de Admissão ou Noções sobre Arithmetica, Systema Métrico-decimal, Geometria Syntetica, Chorografia Portugueza, Historia de Portugal, Grammatica Portugueza e Moral*, Livraria Universal, Porto, 1888, p.208.

“Dai, dai sempre, lembrai-vos
Que já não tem
Quem teve hontem; receai-vos
Por vós também;
Dai, que do rico as migalhas
São d’um pobre em pobres palhas
Todo o seu bem!”¹⁵⁷

João de Lemos

Numa altura em que a sociedade procura o seu desenvolvimento económico nos moldes capitalistas e o trabalho começa a ser visto como fonte de riqueza, a tutela dos ricos sobre os pobres começa a ser inadequada. Os homens precisam de ser livres para vender a sua força de trabalho e receber justamente o seu sustento que deve ser inteiramente da sua responsabilidade individual.

No decorrer do século XIX, ficou evidente que as instituições caritativas privadas ou religiosas eram incapazes de gerir a questão da pobreza. A concepção de que o pobre tem direito a ser socorrido pelo rico ou poderoso e este, consequentemente, tem obrigação moral de socorrer os pobres foi combatida na Europa a partir da segunda metade do século XIX.

Era preciso superar a assistência indiscriminada e distinguir o pobre “válido” do pobre “inválido” para o trabalho, isto é, distinguir os pobres inaptos para o trabalho dos operários regulares provisoriamente em dificuldades. Tornou-se necessário operacionalizar esta distinção.

Nesse momento, a filantropia, surgiu como modelo assistencial, assente na cientificidade, que estaria habilitado a substituir o modelo caritativo. Sem abandonar em absoluto a ideia de com boas obras se atinge o reino dos céus, utiliza agora o discurso da moralidade para assinalar o dever da sociedade, e nesta os que a sorte bafejou, em organizar a protecção social com vista ao bem estar e tranquilidade

¹⁵⁷ In Folheto de Récita oferecida pela Companhia Taveira do Teatro da Trindade ao Sanatório Marítimo do Norte [Espólio ESJGFA].

pública. Não é tanto a noção de direito que preside à filantropia, mas a ideia de uma distribuição e controlo social, que iniba os comportamentos socialmente perigosos, quer do ponto de vista da inutilização dos indivíduos para a actividade económica quer de prevenção de actos públicos que possam por em risco a propriedade, a saúde dos concidadãos.

“David Jones (1993) associa o aparecimento da escola e do professor urbano à descoberta, por parte dos movimentos filantrópicos, da miséria indiferenciada da cidade e ao reconhecimento da necessidade de reformar o pobre, no sentido de encontrar a sua salvação”¹⁵⁸

Para reformar o pobre, além da cura era necessário educá-lo e é interessante verificar que foi no sanatório que funcionou o primeiro posto escolar oficial de Valadares, reconhecido pelo Ministro da Educação. Foi o próprio Ministério que passou a financiar directamente as despesas do funcionamento deste posto escolar, a pedido do Sanatório Marítimo do Norte, como se infere da correspondência, que teve resposta positiva.”¹⁵⁹

A escola, que aparece ligada a um movimento filantrópico inserido num projecto médico-sanitário, consegue ter autonomia e, apesar da forte dependência da instituição hospitalar, adquire um estatuto próprio, com funções distintas da realidade em que nasceu passando a projectar-se no meio social. O aparecimento da escola foi simultâneo à constituição do núcleo habitacional.¹⁶⁰

¹⁵⁸ CORREIA, José Alberto, *Para uma teoria crítica da educação*, Porto Editora, Porto, 1998, p. 23.

¹⁵⁹ “Requerimento do Sanatório Marítimo do Norte, pedindo subsidio. Deliberou-se incluir no próximo orçamento suplementar.”, in CARTAS DIARIAS, Sessão Camarária (Novo colégio), *O Primeiro de Janeiro*, 16 de Dezembro de 1916.

¹⁶⁰ O núcleo habitacional foi constituído em simultâneo com a construção do Sanatório. O Arquitecto Oliveira Ferreira, em conjunto com o Fundador da Instituição Joaquim Ferreira Alves, concebeu um projecto, inspirado em modelos suíços, de construir uma cidade sanatorial. Ainda actualmente se mantém um conjunto considerável de habitações com diferentes inspirações da autoria do mesmo arquitecto e que revelam uma intenção de reproduzir a arquitectura típica de diferentes regiões portuguesas como por exemplo o “Casal Minhoto”, construção tipicamente minhota.

O liberalismo proporciona as sociedades de beneficência. Lentamente, a caridade seculariza-se, à medida que as velhas instituições da sociedade senhorial desaparecem ou entram em crise (os conventos, as corporações de ofícios, as confrarias). E o mais curioso é que, sob o consentimento do Estado e da Igreja, as mulheres da nova elite dirigente passam a ter um papel de maior relevo, já não privado mas público, na gestão das actividades filantrópicas. Um exemplo é a *Associação Consoladora dos Aflitos*, uma associação de caridade constituída exclusivamente por mulheres, pertencentes à melhor sociedade portuguesa, contavam-se 14 baronesas, 14 viscondessas, 22 condessas, 7 marquesas e 5 duquesas.¹⁶¹

As associações de socorros mútuos irão desenvolver-se juntamente com a filantropia privada o “movimento mutualista floresceu em Portugal, sobretudo na segunda metade do século XIX, na sequência da revolução liberal de 1820 e da abolição, em 1834, das corporações de artes e ofícios que vinham do Antigo Regime.”¹⁶²

À margem das misericórdias cuja elitização contribuiu em muito para a sua decadência já no século e do próprio Estado liberal, a quem era estranho o conceito de protecção social, o incipiente movimento operário e popular iria fundar as suas próprias associações, nomeadamente de socorros mútuos, ao mesmo tempo que rejeitava liminarmente a caridade, mesmo que laicizada e camuflada sob a forma de beneficência pública ou filantropismo privado.

“Preocupando-se com problemas de urbanização, Oliveira Ferreira elaborou um plano de arruamento das praias de Valadares e Miramar (...) tinha por fim fazer daquela praia o mais importante centro turístico do Norte.” “O Girassol” Setembro de 1955.

¹⁶¹ Cf. GRAÇA, Luís, “Assistência Pública e Filantropismo Privado no Séc. XIX”, 2000, <http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos30.html>, 2/10/06.

¹⁶² *Ibidem*.

Com a instituição da República em 1910, não se concretizam as expectativas alimentadas pelo movimento operário e sindical em relação a uma melhoria das suas terríveis condições de trabalho e de vida.

“caracterizadas por ausência de contrato colectivo de trabalho, pagamento à jorna ou empreitada, exploração do trabalho feminino e infantil, duração do trabalho entre as dez e as doze horas, descanso para almoço de meia hora no Inverno, não distinção entre trabalho nocturno e diurno, elevada mortalidade e morbilidade devido aos desastres de trabalho e à tuberculose, total ausência de protecção social, incipiente desenvolvimento do mutualismo, recurso à solidariedade operária em caso de morte ou incapacidade temporária ou permanente, etc.”¹⁶³

Em Portugal, o movimento mutualista, irá quase desaparecer com a instauração do regime salazarista com receio de vir a ser um instrumento de resistência popular ao projecto do Estado corporativo.

Perante a ameaça da Tuberculose, principal causadora da mortalidade infantil, fazem-se apelos ao nível da profilaxia e do apoio monetário de todos: “Compete-nos gritar bem alto: Comprai o selo e, com o produto obtido tratai os vossos tuberculosos, defendei os vossos filhos da morte, fazendo a Profilaxia da Tuberculose.”¹⁶⁴ São dadas sugestões de mobilização popular para criar estruturas físicas no combate à tuberculose.

“É necessário que em cada concelho se organize a Comissão de venda do selo, podendo ser a própria Comissão que dirija o respectivo Dispensário. Assim se obterão, e com facilidade os bens necessários para o seu regular funcionamento; a sua vida passara a ser desafogada, ser-lhe-á possível enfim realizar a sua acção social. Façamos a campanha regional contra a Tuberculose e teremos a certeza de vencer.”¹⁶⁵

¹⁶³ *Ibidem.*

¹⁶⁴ BISSAYA-BARRETO, Uma obra social, Coimbra, 1931, p. 28.

¹⁶⁵ *Ibidem.*

Paralelamente a este tipo de sugestões são feitas campanhas de propaganda de apelo à compra do selo antituberculoso. A título de exemplo reproduzem-se alguns dos apelos à contribuição de todos para a profilaxia e combate à tuberculose:

“Se amais os vossos filhos e os quereis defender da tuberculose, comprei o selo Antituberculoso.

O combate à Tuberculose exige dinheiro, muito dinheiro.
Dai a vossa quota-parte, comprando Antituberculoso.

O futuro de Portugal exige protecção à Infância.
Defendê-la-eis da Tuberculose comprando o selo Antituberculoso.

Quem deixará de dar dois tostões para os tuberculosos pobres?

Durante as Festas do Natal lembrai-vos dos tuberculosos pobres, afixando da a correspondência o Selo Antituberculoso.

Se quereis defender a vida dos vossos filhos, auxiliai a luta contra a Tuberculose, afixando na correspondência, em recibos, nas facturas, em todos os documentos, o Selo Antituberculoso.”¹⁶⁶

A criação dos sanatórios é uma necessidade sentida por todo o país devido aos elevados índices de mortalidade e deformidades por ela causados.

“A Tuberculose é considerada hoje em todos os Países o mais terrível flagelo das Sociedades contemporâneas, capaz de produzir mais mortes do que todas as outras doenças contagiosas.

Depois da gripe de 1918 e do conflito europeu o número de tísicos aumentou extraordinariamente enxertando-se a tuberculose umas vezes nas lesões que na guerra tiveram a sua origem, surgindo, outras vezes, em consequência das condições económicas e sociais a que ela deu lugar.

Muitos soldados tuberculizados em campanha ou tuberculizados depois espalharam-se por todo o País, disseminando a tuberculose e criando outros tantos centros de difusão de tão perigoso inimigo.

Nenhum País tinha o seu armamento Antituberculoso suficientemente apetrechado para fazer frente à invasão de tal enfermidade; nenhum País tinha o seu material de profilaxia convenientemente preparado para proceder a um útil e aguerrido combate antituberculoso; nenhum País possuía as instalações suficientes para albergar aqueles que, em defesa da Pátria, foram receber a doença que os havia de vitimar e que tantas vezes vitima os próprios filhos.”¹⁶⁷

¹⁶⁶ BISSAYA-BARRETO, Uma obra social, Coimbra, 1931, p. 28.

¹⁶⁷ Diário do Governo, 1ª série, nº 30, de 5 de Fevereiro de 1931.

A classe dos professores primários, perante o flagelo da tuberculose, doença social e bem presente na escola, “reivindicando um sanatório privativo, patenteia o medo que pairava entre os docentes perante a possibilidade de contágio.”¹⁶⁸ A criação de um sanatório seria uma garantia para os professores trágica e diariamente expostos ao risco de contágio.

“Tendo em conta a incidência com que os temas da tuberculose e da pneumónica apareceram nos jornais de classe e a reivindicação, a dado momento, de criação de um sanatório já desde 1914 para professores e de uma subscrição a favor dos órfãos dos professores, que morreram com a terrível epidemia, era de supor encontrar-se um número significativo de casos de morte devido à pneumónica de 1918 e posteriormente à tuberculose.”¹⁶⁹

O cartaz apresentado, pertencente ao espólio da Liga Portuguesa de profilaxia Social, faz a apologia da benemerência como meio de construção de sanatórios e é particularmente rico em mensagem icónica. Integra dois planos, o superior que ilustra a construção de um edifício, um sanatório, no plano inferior, está representado um mealheiro com a cruz de Lorena¹⁷⁰ na parte central. O mealheiro está rodeado por dezanove mãos femininas e masculinas, de velhos, novos e mesmo de uma criança, que contribuem com diferentes quantias de dinheiro. Inclui a frase imperativa, o apelo “Auxiliai a construção de sanatórios”¹⁷¹.

¹⁶⁸ FELGUEIRAS, Margarida, *Para uma história social do Professorado primário em Portugal no séc. XX*, Vol.1, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2002, p. 319.

¹⁶⁹ Idem, p. 319.

¹⁷⁰ No IV Congresso Internacional da Tuberculose, Berlim, 1902, Gilbert Sersiron, Secretário-geral da Federação das Associações francesas contra a tuberculose, propôs a adopção da **Cruz de Lorena**, como símbolo internacional da luta contra a tuberculose. Esta cruz foi usada por Godofredo de Bouillon, Príncipe de Lorena, no seu estandarte ao conquistar Jerusalém em 1099. O Conselho da Unidade Internacional contra a tuberculose (UICT) recomendou no Congresso Internacional de Roma, 1928, adoptar como símbolo da luta mundial antituberculose a cruz de Lorena. In www.aspb.es/uitb/docs/cruztbc.htm, 04/02/07.

¹⁷¹ Vide figura 3.



Figura 3 – Cartaz da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, de angariação de fundos para a construção de Sanatórios (Espólio LPPS)

A ciência e a filantropia unem-se no combate à tuberculose, são os médicos que investigam e trocam experiências, são também eles que, juntamente com personalidades empenhadas na profilaxia social, mobilizam esforços e influências para a angariação de fundos destinados às campanhas de luta antituberculose e à construção de sanatórios.

Capítulo III

O Sanatório Marítimo do Norte e a Clínica Heliântia

1. Joaquim Gomes Ferreira Alves



DR. FERREIRA ALVES, figura de gentleman e de homem de ciência

Figura 4 – Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves¹⁷²

Joaquim Gomes Ferreira Alves nasceu no Porto a 9 de Abril de 1883, filho de Luíz Ferreira Alves, natural de Paços de Brandão, e de Francisca de Jesus Gomes de Macedo, natural do Porto. Licenciou-se em Medicina, pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1911. Ferreira Alves terá iniciado a sua actividade no consultório da Rua Galeria de Paris, nº36, 2º andar, Porto. Neste mesmo consultório foi constituída a sede da Comissão Administrativa do Sanatório Marítimo do Norte.

Em 1916 encontra-se como Director Clínico na Colónia Sanatorial Marítima da Foz do Douro. No seu relatório de actividades, apresentado à Câmara Municipal do Porto, escreveu: “Tendo-me sido conferida a honra de dirigir a Colónia Sanatorial Marítima da Foz, a mim me cabe o dever de apresentar o seu respectivo relatório”¹⁷³. Nele preconiza os princípios da helioterapia precocemente defendidos

¹⁷² *O Girassol*, 2ª Série.

¹⁷³ ALVES, Ferreira, *Colónia Sanatorial Marítima da Foz do Douro, Relatório Apresentado à Exma Câmara Municipal do Porto*, Porto, 1917, p. 3.

na sua Dissertação de Licenciatura, “A Heliotherapia no tratamento da Tuberculose Cirúrgica”¹⁷⁴.

“Para essa enorme legião de creanças anémicas, linfáticas e escrofulo-tuberculosas que se estiolam no ar contaminado da cidade, vivendo nas habitações mais insalubres e com uma alimentação insuficiente, torna-se indispensável a criação de Escolas d’ar livre em terrenos arborizados e nos subúrbios do Porto, com um semi-internato, onde, em constante permanência de ar puro e de sol, se fortifiquem e instruem simultaneamente. (...) escolher-se-hiam as de manifestações mais graves, para transitarem pela Colónia Sanatorial, onde o seu organismo enfraquecido e mórbido sujeito ao forte estímulo do ar marítimo e dos banhos de mar, receberia uma verdadeira chicotada que muito contribuiria para a sua regeneração; (...) os portadores de tuberculose cirúrgica para os quaes é necessário um rigoroso tratamento, seriam então internados n’um hospital marítimo.”¹⁷⁵

Dedicou a sua vida à criação do Sanatório Marítimo do Norte, como se deduz dos contactos e solicitações para a execução do projecto e a fundamentação da pertinência e urgência que fez do mesmo. Desde cedo que desenvolveu como que uma campanha de recolha de apoios e incentivos. A imprensa fez eco desses seus esforços como a seguinte notícia confirma:

“Mais uma étape vai passada para a realização de um generoso pensamento que o talentoso clínico snr. dr. Joaquim gomes Ferreira Alves concebeu e a que tem consagrado uma boa parte da sua actividade – a criação, perto do Porto, de um sanatório marítimo para tuberculosas cirúrgicas, destinado especialmente a creanças. (...) O projecto do Sanatório Marítimo.que o snr. dr. Ferreira Alves intenta fazer construir em Valladares, auxiliado por um grupo de pessoas beneméritas está feito. (...) Com taes elementos, o Sanatorio Marítimo virá preencher uma grande lacuna que se sente entre nós. (...) É digna de ser auxiliada a iniciativa prestadia [sic] do snr. dr. Ferreira Alves, e oxalá a vejamos rodeada de tantas e tão valiosas cooperações, que o Sanatório Marítimo de Valladares se transforme, em breve, na mais bela realidade.”¹⁷⁶

Foi numa zona relativamente isolada, nas proximidades da praia, que se construíram a "Clínica Heliântia" e o "Sanatório Marítimo do Norte", no meio do

¹⁷⁴ *Ibidem*.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

¹⁷⁶ *O Commercio do Porto*, 12 de Dezembro de 1914.

Pinhal de Francelos. Esta localização foi motivada pela oferta do terreno à Comissão Administrativa conforme se pode comprovar pelo requerimento apresentado à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

“A Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte desejando mandar construir num terreno que possui na Praia de Valladares um Sanatório conforme o projecto e memoria descriptiva que junta pede a Exma. Câmara se digne mandar a respectiva licença.” [sic]¹⁷⁷

Entre finais do século XIX e princípios do século XX, a Europa assistiu a um movimento inovador de construção de sanatórios, preferencialmente edificadas em zonas onde se pudesse vislumbrar uma Natureza ainda pouco transformada pelo desenvolvimento económico, em zona de, montanha ou junto ao mar. Contudo, o início da 1.^a Guerra Mundial (1914-1918) provocaria um acentuado decréscimo na expansão destes hospitais.

Foi, no entanto, em plena Guerra Mundial, e numa altura em que Portugal se envolvia directamente no seu desenrolar, em 1916, que Ferreira Alves procedeu à construção do Sanatório Marítimo do Norte. O projecto de arquitectura foi concebido pelo arquitecto Francisco de Oliveira Ferreira (1884 - 1957) a quem, em 1909, fora atribuído o primeiro lugar no concurso para o monumento a erguer aos Heróis da Guerra Peninsular, na cidade de Lisboa.

Teve um impacto significativo no país o lançamento da primeira pedra do Sanatório e o evento foi amplamente divulgado na imprensa da época.

“Domingo, ali na praiazinha calma de Francelos, em frente ao mar, que a voz da Medicina vem proclamando igual ao sol na realização das curas milagrosas da pequenada doente, foi lançada a primeira pedra de um sanatório marítimo – o esplêndido ninho em que as criancitas enfezadas que a escromia tuberculosa

¹⁷⁷ Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte, *Requerimento apresentado à Câmara Municipal de Gaia*, 19 de Fevereiro, 1916, [Espólio ESDJGFA].

crucifica, hão-de encontrar remédio e hão-de volver-se em criaturas válidas para luta da vida.

Começa, assim, para o norte do País a realização dum velho sonho que a iniciativa de um homem de bem e médico distinto – o dr. Ferreira Alves – ajudado por dadivosas mãos de senhoras ilustres, afeitas a espalhar a beleza e o bem por toda a parte, amou e acalentou durante muito tempo.

Honra a quantos, compreendendo nobilissimamente a sua missão social, da sua fortuna desprendem todas as generosas refulgências que vão transfundir a miséria em pobreza consolada e a doença em existência confortável”.¹⁷⁸[sic]

No lançamento da primeira pedra do Sanatório Marítimo do Norte, Ferreira Alves, justifica a necessidade da obra como um projecto pessoal, estimulado pelo filho atacado pela tuberculose e cuja degradação física e sofrimento o perturbaram particularmente. Como médico o contacto com crianças em idêntico sofrimento e que ficavam inválidas sensibilizou-o de certo para esta cruzada.

“Ao usar da palavra, o Dr. Ferreira Alves disse: “A criação deste estabelecimento de caridade desde muito tempo que para mim se tornou numa ideia fixa, dominando por completo a minha vida clínica.

Um filho meu, a quem a escrofulo-tuberculose tão intensamente tinha atacado, reduzindo-o a tal miséria fisiológica que quase por completo perdera a esperança de salvação da sua vida, fez com que muito particularmente me dedicasse ao estudo desta especialidade.

Pude então verificar a terrível miséria das desgraçadas criancinhas que, portadoras de idênticas manifestações escrofulosas, estavam irremediavelmente condenadas a sofrer longo e longo tempo e por fim morrer ou ficar na invalidez, indo aumentar o já bem crescido número dos não-valores sociais. Não há médico algum a quem não tenham aparecido esses infelizes e para os quais nenhum tratamento eficaz podem instituir, pois lhe falta o que constitui a mais importante terapêutica: boa alimentação, ar puro e sol. (...)

Pensei então que era um crime cruzarmos os braços perante esta atroz miséria e que era indispensável e urgente renovar tentativas antigas para leva a efeito a função de um Sanatório Marítimo.”¹⁷⁹

O artigo “O Sanatório Marítimo do Norte na Praia de Valadares” integrado na “Ilustração Portuguesa”¹⁸⁰ confirma a motivação do médico para a construção do

¹⁷⁸ *O Primeiro de Janeiro*, 7 de Junho de 1916, [Espólio ESJGFA].

¹⁷⁹ *Ibidem*.

¹⁸⁰ FREIRE, João Paulo, *O Sanatório Marítimo do Norte, Na Praia de Valadares. Uma grande obra em realização*, *Ilustração Portuguesa*, 27 de Outubro de 1919, p. 331

Sanatório, refere-se aos seus destinatários e ao financiamento da instituição, através da benemerência.

“Volto-me para o Dr. Ferreira Alves, como a interrogá-lo, como a inquirir qual foi a mola oculta que fez nascer a ideia do Sanatório, e que sustenta hoje essa admirável fábrica de futuros homens válidos. E logo o Dr. Ferreira Alves, com as lágrimas a bailar nos olhos tranquilos:

- Tudo isto se deve a um dos meus filhos. escrofulo-tuberculoso, era uma miséria fisiológica que todos os meus colegas e eu próprio reputávamos perdido. Um dia como último recurso tentei os banhos de sol. O milagre deu-se. Foi a ressurreição. Da cura do meu pequeno nasceu a ideia de cuidar em larga escala de tantos desgraçados nas mesmas condições. Daí o Sanatório todo feito a expensas de almas boas, levantado e mantido à custa de dádivas generosas de corações magnânimos.”¹⁸¹

Como se pode verificar Ferreira Alves aliou a sensibilidade aos problemas humanos e sociais com uma argumentação de cariz económico ao salientar os “não valores sociais” que aquelas crianças representariam como adultos. Argumento que de certo serviria para convencer os mais relutantes no apoio à obra.

“E O Dr. Ferreira Alves, olhos de iluminado, olhando as criancinhas dizia-me cheio daquela fé com que se realizam todos os grandes ideais: -É a minha obra, por certo não morrerá já agora. Outras dádivas, outros benfeitores hão-de vir, e hão-de fazer com que o Sanatório Marítimo do Norte realize por completo os seus fins de benemerência e patriotismo!”¹⁸²

A Clínica Heliântia, construída a poucos metros do Sanatório Marítimo do Norte, na década de 30, por iniciativa do Dr. Ferreira Alves e do benemérito Manuel Pinto de Azevedo, destinava-se à clínica privada e destacou-se na cirurgia ortopédica pelas práticas inovadoras introduzidas pela sua equipa de cirurgiões.

Este médico, pleno de convicções altruístas, dominado por uma crença e uma convicção, capazes de mudar o destino de muitas crianças vitimadas pela doença. Revelou, na sua acção, uma estreita ligação entre a Medicina, a Pedagogia e a

¹⁸¹ *Ibidem.*

¹⁸² *Idem*, p. 332.

Educação. Preocupou-se com o domínio das competências científicas, procurou intercâmbios longínquos – França e Suíça – investigou, experimentou.

Partilhou saberes e experiências com a comunidade científica, divulgou-os com rigor, sempre recebeu, com grande simplicidade, os alunos de medicina, acompanhando muitos deles, na sua formação académica, adoptando rotinas pedagógicas, conforme pudemos constatar em diversas dissertações apresentadas à Faculdade de Medicina do Porto com base em estudos realizados no Sanatório.

“No último capítulo, apresentarei as observações feitas em três doentes tratados pelo Exmo Snr. Dr. Ferreira Alves no Sanatório Marítimo do Norte (...) seja-me lícito consignar aqui os meus agradecimentos ao Dr. Ferreira Alves pelos bons conselhos, animadoras palavras e cativantes deferências que tem tido para comigo; e pela maneira gentil como pôs o sanatório Marítimo do Norte à minha disposição, para observar os doentes e colher as minhas impressões, prestando-me todos os esclarecimentos acerca dos seus pequenos doentes.”¹⁸³

O impacto social da obra e do seu autor foi grande e com projecção internacional. Podemos comprová-lo através da visita dos congressistas e participantes nacionais e internacionais do X Conferência Internacional Contra a Tuberculose ao Sanatório Marítimo do Norte em Setembro de 1937.

“Au retour à Cúria, les Congressistes ont visité le Sanatorium Maritime du Nord, dont le Directeur, le Dr. Ferreira Alves, a offert aux Dames de petits souvenirs en filigrane d’or, une spécialité de l’orfèvrerie portugaise.”¹⁸⁴

Ferreira Alves, com a sua prática e investigação clínica, muito contribuiu para o desenvolvimento científico da tuberculose ósteo-articular. De acordo com os relatos de colaboradores, possuía um arquivo de grande qualidade acumulado ao longo dos

¹⁸³ TELES, Aires Gomes de Oliva, *A cura pelo sol nas tuberculosas cirúrgicas (Observações do Sanatório Marítimo do Norte)*, Dissertação Inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Porto, Porto, Escola Tipográfica da Oficina de S. José, 1919, p. 30.

¹⁸⁴ Assistência Nacional Aos Tuberculosos, *Xème Conférence Internationale Contre la Tuberculose*, 5-11 septembre, 1937, Lisboa, p. 566.

anos através da prática clínica desenvolvida no Sanatório Marítimo do Norte. O seu filho, Álvaro Ferreira Alves, também médico, refere o seu próprio trabalho de pesquisa realizado com base nos registos do seu pai.

“Os casos clínicos apresentados neste trabalho pertencem ao arquivo do Sanatório Marítimo do Norte, onde o seu Fundador, Dr. JOAQUIM FERREIRA ALVES, laboriosamente foi acumulando a experiência de longos anos. Estudando este arquivo, julgámos de todo interesse a sua publicação, não só pelos resultados obtidos e pela experiência que representa da aplicação de um método (Método ROLLIER), mas ainda por nos parecer a mais justa homenagem a prestar a quem em Portugal inteiramente dedicou a Sua Vida ao problema da Tuberculose ósteo-articular. Representa pois este trabalho o primeiro passo e ao mesmo tempo a mais modesta contribuição para o estudo que pretendemos realizar.”¹⁸⁵

A educação e escolarização das crianças e adultos em tratamento foram, para ele, uma prioridade, paralela à prática médica. Acompanhou, com regularidade, o ensino ministrado no Sanatório. Apostava no ensino lúdico com recurso a materiais diversificados, desde as leituras da imprensa diária, da participação na execução do jornal “O Girassol”, aos grandes clássicos da literatura, programas de rádio e mais tarde no cinema.

Na década de 40, Joaquim Ferreira Alves foi condecorado com as insígnias da Comenda da Ordem de Benemerência como reconhecimento da obra realizada no Sanatório Marítimo do Norte. Apresentamos um excerto do discurso proferido pelo Governador Civil por ocasião desta condecoração:

“E aqui está um exemplo bem digno de ser imitado: o de um médico que aperfeiçoa e industrializa a sua profissão, não para enriquecer nem para auferir lucros materiais, mas para dar largas a uma aspiração generosa e altruísta, e para auferir, como principal lucro, a saúde que distribue pelos doentes. V. Ex.^a,

¹⁸⁵ ALVES, Álvaro Ferreira, *A correcção da cifose no mal de Pott*, Separata do “Arquivo de Patologia”, vol. XX – nº 2, Agosto, Instituto Português de Oncologia, Lisboa, 1948, p. 3.

assim, Sr. Dr. Ferreira Alves, amontoa, pode crê-lo, uma grande riqueza: não de dinheiro, que a ninguém dá felicidade, mas de virtude e de valor moral.”¹⁸⁶[sic]

Joaquim Gomes Ferreira Alves perdeu a vida num acidente na passagem de nível do apeadeiro de Francelos, junto à sua casa, na noite de 10 de Novembro de 1944, assim como o seu amigo íntimo o notável arqueólogo, Dr. Pedro Vitorino, organizador do Museu de Etnografia duriense do Porto.

Para dar continuidade à sua obra, o seu filho, também médico, Álvaro Ferreira Alves, assumiu a direcção do Sanatório e da Clínica Heliântia.

A sua obra representa a força das suas convicções. A este respeito julgamos oportuno referir o que Felgueiras afirma a respeito do papel das convicções profundas na constância por um projecto:

“Mas o que dá identidade às suas pedagogias não é o discurso da “ciência” enquanto tal, mas a intuição, a crença, a convicção que organizaram e estruturaram as acções em que se desdobraram as suas propostas ou dos que a elas aderiram. A força das suas convicções advém da actividade profunda a que o sujeito se dedica, desinteressado e sem reservas, e da adesão aos próprios conteúdos que propõe, poupando a demonstração das possibilidades de êxito. Assumem a centralidade da acção original do sujeito, realizando a tendência, sem a esgotar; neste processo o *eu* retira a satisfação ou o contentamento de espírito. Desta relação entre a acção e a adesão ao conhecimento resulta a aprovação, a satisfação” ¹⁸⁷.

2. A filantropia na origem do Sanatório Marítimo do Norte

“Compreender, significaria, deste modo, ver as coisas como razões para determinados actos ou crenças, ver uma acção como apropriada aos fins e intenções do agente, à sua visão da situação. Implica também, considerar o que foi feito e o que se pretendia fazer, ter em conta que as razões de um agente concreto (grupo ou individuo) podem fornecer um conjunto de razões para outros actuarem. A compreensão de um processo histórico, sempre complexa, é, de

¹⁸⁶ CID, Justino, “O Verdadeiro Monumento ao Dr. Ferreira Alves”, in *Amigos de Gaia*, Novembro de 1987, pp 72-73.

¹⁸⁷ FELGUEIRAS, Margarida Louro, “O poder da crença em Educação” in *Jornadas da Primavera*, Porto, Faculdade de Letras, Março 2007 [no prelo].

certo modo recorrente e dinâmica e implica, num grau mais elevado, o diferenciar a situação dos agentes da situação do historiador.”¹⁸⁸

O Sanatório Marítimo do Norte é pensado com base num movimento filantrópico, são os cidadãos que unem esforços para encontrar solução para um problema social., a tuberculose.

Procuram-se os mais favorecidos, fazem-se contactos e abordagens, organizam-se festas, saraus, exposições, diferentes torneios, jogos de futebol, cujas receitas revertem a favor de uma causa comum, o Sanatório.

O Sanatório Marítimo do Norte surge sob a designação de casa de caridade com uma plêiade de beneméritos abastados com grande poder económico.

“(…) prestante casa de caridade (...) considerando sócios beneméritos os protectores, que voluntariamente sustentam os leitos para crianças pobres (...) abrangidos nesta proposta os seguintes beneméritos: Câmaras Municipais do Porto, Gaia e Vila da Feira, Santa Casa da Misericórdia, Creches do Comercio do Porto, Romariz, Filhos, Artur André Gaspar, D. Helena Dias Ribas, D. Amélia Mariani Martin, D. Rosa da Silva Soares, (...) e Assistência das Mulheres Portuguezas ás vitimas de guerra.”¹⁸⁹[sic]

Ao longo da acção benfeitora da Instituição são feitos apelos frequentes à generosidade dos benfeitores “ a Direcção confia na generosidade dos benfeitores d’esta casa de caridade”¹⁹⁰ e são utilizadas estratégias de vinculação dos benfeitores como a atribuição os seus nomes a camas e enfermarias “Enfermaria Helena Dias (Indigentes)” e a inclusão em comissões“ Para intensificar mais a sua acção beneficente, foi ainda resolvido criar junto da comissão zeladora uma

¹⁸⁸ FELGUEIRAS, Margarida Louro, *Pensar a história repensar o seu ensino*, Porto, Porto Editora, 1994, p. 61.

¹⁸⁹ *O Século*, 2 de Outubro de 1922, in *Sanatório Marítimo do Norte – Praia de Valadares. Notícias publicadas na Imprensa do Porto e Lisboa*, [Espólio de ESJGFA].

¹⁹⁰ *Ibidem*.

Comissão de Zeladores Auxiliares, a cujos corações e inteligencias serão confiadas a vida, a saúde de tantos desgraçados.”¹⁹¹

O próprio fundador do Sanatório Marítimo do Norte, Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, investe na filantropia como o único meio de conseguir erguer um sanatório “Só a iniciativa particular poderá abrir o caminho para a realização desta admirável obra de beneficência.”¹⁹² E refere exemplos de obras realizadas em diferentes países graças a donativos particulares, – em Inglaterra, em Margate, o primeiro sanatório marítimo do mundo, – em França, Cette, com o esforço da benemérita Madame Armangaud, – no cabo Breton outra mulher Madame Desjobert também cria um hospital marítimo, – Madame Furtado Heine funda outro hospital marítimo com 300 leitos em Pen-Bron (Loire Inferieur), com o objectivo de incentivar as mesmas medidas em Portugal:

“Em Portugal é da mesma forma á iniciativa particular que devemos o pouco que em hospitaes marítimos possuímos: o Sanatório da Torre do Outão, e Carcavelos da Assistência Nacional de Tuberculosos e o suntuoso Sanatório de Santa Ana em Parede, mandado edificar e sustentado pela Ex.ma Snr^a D.Claudina Chamiço, a ilustre benemérita a quem Lisboa deve esse extraordinário beneficio. (...) E temos a certeza que não é debalde que lançamos este pregão á generosidade e beneficência pública, pois é no norte onde ela mais inteligente e fervorosamente se manifesta.”¹⁹³

A execução material deste projecto, de interesse justificadamente público e urgente, conta com a generosidade de todos:

“O projecto, executado e offerecido pelo notável architecto snr. Oliveira Ferreira, propõe-se a reunir na máxima simplicidade, todas as condições de um edifício modelar no género. Assim, terá gabinete de raios X, applicações eléctricas, laboratório, pharmacia, salas de gymnastica, orthopedica, operações, banhos, etc. (...).

¹⁹¹ *Ibidem*.

¹⁹² ALVES, Joaquim Gomes Ferreira, *Necessidade dos Sanatórios Marítimos no Norte de Portugal*, p.5.

¹⁹³ *Idem*, pp. 6-7.

O terreno, offerecido pelo snr. Luiz Ferreira Alves, sito na praia de Valladares a 10 minutos do apeadeiro de Francelos (...).

É thesoureiro da commissão o conceituado banqueiro snr. José Augusto Dias, a quem se podem dirigir quantos queiram dedicar o seu concurso a esta obra prestantissima.

Bem digna é ella desse concurso, porque nada mais humanitário e sympatico do que agasalhar e curar as infelizes creanças tuberculosas que ahi arrastam uma existência angustiosa.”¹⁹⁴

Curiosamente, e no espírito da época, poder-se-á reconstituir um núcleo feminino abastado que para além de fazer donativos do próprio património empenhavam-se em mobilizar capitais para dar continuidade a este projecto:

“[Ferreira Alves] descreve as dificuldades com que luctou para conseguir o seu desideratum e os nomes das sr^{as} viscondessa de S. João da Pesqueira, D. Helena Dias e D. Izabel Mulier que secundaram generosamente os seus esforços para a doação do sanatório.”¹⁹⁵

“Na França e em Inglaterra são senhoras que carinhosamente acolhem as creancinhas raquíticas e as fazem resurgir para a vida em estabelecimentos próprios. No sul de Portugal os dois sanatórios principais foram mandados construir sob a iniciativa de duas illustres senhoras. No norte foi também uma bondosa senhora, de coração sempre sensível a desgraçados que soffrem,, que acolheu com entusiasmo a ideia da criação deste sanatório(...). Outras senhoras se alliam já a esta santa cruzada(...). A direcção esteve domingo passado na Granja , procurando interessar a colónia balnear, que ali é composta de senhoras da nossa primeira sociedade, tendo sido coroada do melhor êxito a sua primeira tentativa.”¹⁹⁶

“Dirige um appêllo ás senhoras, novas madrinhas que hão-de patrocinar a obra do sanatório, tendo como recompensa uma saudação duplamente angélica, por parte de anjos e se dirige ás madrinhas, seus anjos da guarda.”¹⁹⁷

Todos os recursos são válidos para contribuir para a execução do sanatório e são rentabilizados todos os contactos e influências para canalizar verbas para uma instituição ainda inexistente no norte do país.

¹⁹⁴ *O Commercio do Porto*, 10 de Junho de 1915, [Espólio ESJGFA].

¹⁹⁵ *Idem*, *A Liberdade*, 6 de Junho de 1906.

¹⁹⁶ *Idem*, *O Primeiro de Janeiro*, 17 de Agosto de 1917.

¹⁹⁷ *Idem*, *O Commercio do Porto*, 21 de Agosto de 1917.

“Foi lido um officio do Club Fenianos Portuense, em que a direcção atendeu o pedido feito pela direcção do Sanatório, transferindo para a obra de construcção do edificio a quantia de 1.636\$630. Representa esta importância o producto de uma subscrição ha annos feita para auxilio de um asylo-escola Funchal e que nunca chegou a realizar-se, sendo por isso, depois da aprovação dos respectivos subscriptores, destinada ao Sanatório Marítimo do Norte.”¹⁹⁸

Para além da solicitação frequente ao apoio e caridade de todos o Sanatório Marítimo do Norte divulga, com alguma insistência, os serviços prestados à comunidade e aos mais carenciados, como forma de prestar contas do apoio recebido e aumentar a confiança dos benfeitores.

“Vae tomando grande incremento o Sanatório Marítimo do Norte, benemérita instituição (...) e resolveu dispensar desde já, gratuitamente na sua sede, consultas e medicamentos aos pobres, a par de todas as indicações necessárias para o modo de vida da creança escrofulosa. Os mais ligeiramente atacados pelo escrofulismo serão conveniente tratados no Dispensário, logo que haja recursos que permitam, e os de mais gravidade serão internados em hospitalisção logo que esteja uma parte do hospital prompta (...). A direcção resolveu mais activar a acquisição de sócios para levar efeito as suas humanitarias resoluções e dar-lhe a maior amplitude no tratamento dos desgraçados.”¹⁹⁹

Os apoios beneméritos são muito diversos, há como que um movimento de entreajuda em que todos os apoios são fundamentais, reconhecidos e agradecidos. Surgem donativos de todo o país e mesmo do estrangeiro, bastante diversificados, desde a oferta de obras de arte até aos materiais de construcção e mesmo mão-de-obra,

“ (...) resolveu a direcção agradecer ao distinto pintor snr. António Carneiro, a offerta valiosa de um seu trabalho de arte adequado ao fim a que o Sanatório se destina”²⁰⁰.

¹⁹⁸ Idem, *O Commercio do Porto*, 1 de Agosto de 1916.

¹⁹⁹ Idem, *A Opinião*, 26 Outubro de 1916.

²⁰⁰ Idem, *O Commercio do Porto*, 1 de Agosto de 1916.

"Foi resolvido agradecer ao ilustre engenheiro, sr. Moreira de Sá a offerta gratuita dos seus serviços para a construcção de pavimentos de cimento armado; á conceituada Casa Alba (vidros e cristaes), da rua 31 de Janeiro, a offerta d'um excelente quadro; á acreditada papelaria Araujo & Sobrinho a offerta de uma magnifica gravura; ao illustre pintor, sr. João Augusto Ribeiro, o seu valioso offerecimento para collaborar em qualquer trabalho de arte necessário ao Sanatório."²⁰¹

Nas descrições, o edifício, é caracterizado como uma obra inovadora, higiénica e admirável onde o branco desempenha o papel principal:

"um soberbo edificio, construído sob todas as exigências científicas que semelhantes estabelecimentos exigem, e o grande sol creador entrou de exercer a sua bemfazeja influencia sobre a pobre colónia sofredora dos pequeninos doentes (...) revela ao visitante deslumbrado uma verdadeira maravilha de conforto, hygiene e organização. Tudo ali é branco, como a alma ingénua da população que abriga _ os doentinhos e as enfermeiras carinhosas que os tratam.(...) Depois foi uma visita demorada e minuciosa ás enfermarias ao laboratório magnifico, ás cozinhas espaçosas e claras, de reluzentes metaes e azulejos de espelhante brancura, á lavanderia, á rouparia e ao balneário. " ²⁰²

Foi determinante na localização do Sanatório em Valadares a proximidade com o apeadeiro do Caminho-de-ferro de Francelos que possibilitava a ligação, mais fácil e rápida na altura, entre todo o país e mesmo a Galiza.

"O projecto, executado e offerecido pelo notável architecto snr. Oliveira Ferreira, propõe-se a reunir na máxima simplicidade, todas as condições de um edificio modelar no género. Assim, terá gabinete de raios X, applicações eléctricas, laboratório, pharmacia, salas de gymnastica, orthopedica, operações, banhos, etc. (...).

O terreno, offerecido pelo snr. Luiz Ferreira Alves, sito na praia de Valladares a 10 minutos do apeadeiro de Francelos (...).

É thesoureiro da commissão o conceituado banqueiro snr. José Augusto Dias, a quem se podem dirigir quantos queiram dedicar o seu concurso a esta obra prestantissima.

Bem digna é ella desse concurso, porque nada mais humanitário e sympatico do que agasalhar e curar as infelizes creanças tuberculosas que ahi arrastam uma existência angustiosa. "²⁰³

²⁰¹ Idem, *O Primeiro de Janeiro*, 8 de Novembro de 1916.

²⁰² Idem, *O Século*, 22 de Outubro de 1917.

²⁰³ Idem, *O Commercio do Porto*, 10 de Junho de 1915.

A tuberculose, uma doença com um importante significado social, torna pertinente pensar nos efeitos que teve quando foi, entre meados do século XIX e o início do século XX, indubitavelmente, uma das doenças mais temíveis. Pela sua elevada mortalidade, facto trágico e difícil de ultrapassar, e do pavor motivado pela sua contagiosidade indiscriminada, alheia às diferenças sociais, a doença induziu novos hábitos de comportamento social. Desde a interdição de “escarrar no chão” ao hábito de radiografar os pulmões para a frequência escolar, interessa salientar o aspecto revolucionário que a doença provocou no modo de pensar a construção em geral e a habitação em particular.

2.1. e na origem a escola

Tendo sido o Sanatório Marítimo do Norte uma instituição criada com o objectivo de curar crianças vítimas de tuberculose óssea, cujo período de internamento durava meses e mesmo anos seria pertinente questionar o processo de escolarização e de ocupação do tempo. Que actividades lhes seriam proporcionadas para amenizar a dor e o afastamento?

Como “O passado encerra uma singular contradição que consiste em abarcar em si tudo o que é pretérito, mantendo todavia uma ubiquidade em todos os domínios da realidade presente.”²⁰⁴, parece-nos importante, através do estudo desta instituição, analisar como as rotinas foram humanizadas, num sistema de internamento de crianças e acautelada a sua educação.

Será relevante referir a preocupação dos fundadores desta instituição, na fundamentação da mesma, apontar de imediato a necessidade da contratação de

²⁰⁴ FELGUEIRAS, Margarida Louro, *Pensar a história repensar o seu ensino*, Porto, Porto Editora, 1994, p. 52.

uma professora primária.”O mesmo director clínico mostrou à Direcção a necessidade de crear um lugar de professora para as crianças, cuja cura demande largo tempo de hospitalisação, não ficando assim descurada a sua educação intelectual.”²⁰⁵[sic]

Também relativamente à contratação “da professora para o ensino das creanças, o Sr. Luiz Ferreira Alves propôs Alice Sarmento Duque com o vencimento anual de cento e vinte escudos”²⁰⁶, senhora de Valadares, que vai diariamente ao sanatório e é paga pela benemérita Helena Dias. Esta professora, depois de algum tempo a trabalhar no sanatório, será dispensada porque “não tem competência para o ensino, faltando-lhe prática de educação infantil tão necessária no sanatório.”²⁰⁷

Depois de analisada em detalhe a questão da contratação da professora, foi decidido em reunião da Comissão Administrativa, a contratação de uma professora interna, “D^a Maria Silvana de Souza Carvalho, que fique a acumular as funções de sub-directora”.²⁰⁸

Esta preocupação terá influenciado outras instituições congéneres como o Sanatório D. Manuel II, actual Hospital Santos Silva, onde existia a sala de aula, ao lado da sala de brinquedos, na enfermaria feminina e infantil, que não era suficiente para as crianças pequenas, pois foi necessária a construção de um edifício de raiz, exclusivo para o funcionamento da escola primária.²⁰⁹ Na Maternidade Júlio Dinis, também fruto do intercâmbio com as maternidades suíças, a experiência foi semelhante.

²⁰⁵ *O Século*, 2 de Outubro de 1922, [Espólio ESJGFA].

²⁰⁶ AHMP, Livro de Actas das Sessões da Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte, Acta nº 14, 20 de Junho de 1918.

²⁰⁷ AHMP, Livro de Actas das Sessões da Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte, Acta nº 15, 5 de Dezembro de 1918.

²⁰⁸ *Ibidem*.

²⁰⁹ Cf. Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, *Sanatório de D. Manuel II*, Vila Nova de Gaia, Junho de 1949, Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda., Porto [Plantas - anexo nº8].

O período de internamento, para a maioria das crianças, era longo e sujeito a uma rigorosa disciplina, com o cumprimento de rituais diários dependentes dos preceitos da helioterapia. A rotina diária era completamente ditada pelo sol e pelo mar e pelos períodos benéficos à recuperação do doente.

No âmbito da tuberculose óssea, geradora de múltiplas deformações, o corpo assume um papel de relevo. Terão de ser corrigidas as deformações de modo a reintegrar o indivíduo na sociedade. Assim, poderão ser reconhecidas muitas das reflexões de Foucault, no que diz respeito à “arte do corpo humano” e ao aumento das suas capacidades como objecto de poder e de obediência, “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis.”²¹⁰

Como complemento à helioterapia, a escola ao ar livre, a ginástica rítmica, os longos passeios pelo pinhal e pela praia e os banhos de mar, funcionam como estimulantes à recepção do iodo e, ao restabelecimento de corpos sãos, de preceitos higienistas e disciplinares de operações no corpo humano.

Esta instituição poderá também ser considerado um exemplo de pedagogização da vida hospitalar na medida em que, através dos frequentes intercâmbios culturais com a Suíça (Dr. Rollier, Leysin), introduz conceitos inovadores na época como a ginástica rítmica, jogos, actividades, o controlo do corpo e dos movimentos, tal como a noção de ritmo, que pretendem garantir estabilidade emocional e moral dos doentes. O gosto pela harmonia, simetria e ordem é patente na expressão corporal.

Outro dos conceitos introduzidos por Ferreira Alves, a “École au soleil”, pretende conciliar as teorias médicas da helioterapia, as vivências ao ar livre e o benefício do sol com a escolarização da criança doente e pretende introduzir a

²¹⁰ FOUCAULT, Michel, *Vigiar e Punir*, Ed. Vozes, Petrópolis, 2006, p. 119.

“École au soleil” – “na 2ª parte do plano de construção do Sanatório Marítimo do Norte estaria a construção de uma escola ao Sol com artes e ofícios para convalescentes.”²¹¹

A escola ao ar livre, implementada nos sanatórios suíços, aproveitava ao máximo as potencialidades do ar puro e do sol das montanhas, conciliava as duas realidades a médica e a escolar sem pretender que houvesse qualquer tipo de hierarquização. Outra preocupação terá sido a de integrar “a anormalidade” do corpo humano (algumas das crianças apresentavam grandes deformações do corpo), num contexto próprio sem que a criança/aluno sentisse qualquer tipo de hostilidade, naturalizando assim o processo de reabilitação do corpo.

Assim como a medicina terá desempenhado um papel importante na aquisição de um estatuto de cientificidade para a educação “o ensino dos médicos e a organização do controlo hospitalar parecem ter desempenhado um papel determinante na construção da moderna organização da educação e das modalidades de se pensar a educação.”²¹² Importa descobrir, no desenvolvimento deste projecto, se a escolarização das crianças internadas terá sofrido influências directas da disciplina médica e de toda a sua organização e dinâmica.

Na consulta das actas da Comissão Administrativa do Sanatório Marítimo do Norte, verifica-se que são os médicos, entre eles, o Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, o director clínico, os responsáveis pela contratação da professora, são também eles que impõem uma disciplina de escola e de tratamento, são ainda os mesmos que despedem uma professora quando esta “não tem a competência

²¹¹ Carta de Joaquim Gomes Ferreira Alves a Lopo de Carvalho, 4 de Julho de 1935. in TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose, Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, FAUP Publicações, Porto, 2005, p. 93.

²¹² CORREIA, José Alberto, *Para uma teoria crítica da educação*, Porto Editora, Porto, 1998, p. 22.

suficiente para o ensino, faltando-lhe prática de educação infantil tão necessária no sanatório”²¹³.

Como seriam definidas as prioridades entre a cura ou a escola? Como e por quem seria estabelecido o equilíbrio entre as duas realidades? Estavam, sem dúvida, a cargo do director clínico que estipulava as rotinas de cura intercaladas com as rotinas de escolarização.

O Sanatório devido ao estatuto de relevo adquirido através dos resultados obtidos com os tratamento e operações e à instrução e escolarização ministrados na instituição foi considerado Instituição de Utilidade Pública pelo Ministério da Instrução.

“Nesta data de tanta alegria, dia do aniversário do nosso querido Director Clínico, quis o governo, pelo Ministério da Instrução, conceder o justo título de “Instituição de Utilidade Pública” ao Sanatório Marítimo do Norte. Bem hajam os governos que assim praticam a justiça e aqui saudamos em especial Sua Excelência o Senhor Ministro da Instrução, Snr. Dr. Alfredo de Magalhães.”²¹⁴

Que tipo de disciplina funcionaria no sanatório, que relação existiria entre a criança e o professor, entre o doente e o médico, como seriam discriminados os diferentes papéis. Estaríamos perante uma “obediência voluntária” na perspectiva de Durkheim que “se apoia numa aprendizagem da autonomia entendida como compreensão intelectual da necessidade de regras e prescrições.”²¹⁵

Que papel teria o professor num projecto como este? Seria sensível ao rigor dos tratamentos da helioterapia, ao cansaço dos banhos de mar, à recuperação de intervenções cirúrgicas, à sonolência provocada por esta rotina ou, por outro lado,

²¹³ AHMP, *Actas das sessões da Comissão Administrativa do Sanatório Marítimo do Norte*, acta nº 15, 5 de Dezembro de 1918.

²¹⁴ *O Girassol*, 9 de Abril de 1927.

²¹⁵ CORREIA, José Alberto, *Para uma teoria crítica da educação*, Porto Editora, Porto, 1998, p. 35.

seria imune a estas questões e importaria uma disciplina escolar sob risco de despedimento?

3. A Clínica Heliântia

Terá sido, precisamente, o Sanatório esta sua primeira incursão pelos meandros de uma arquitectura especializada na área da saúde pública e que o motivou a examinar os principais modelos europeus da época nesta área, a fim de conceber um novo projecto nas proximidades do Sanatório.

Ferreira Alves, o médico, e Oliveira Ferreira, o arquitecto, pretenderam analisar os modelos europeus de arquitectura sanatorial para conceberem o seu projecto em Valadares.

“Foi com essa finalidade que, o Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, juntamente com o arquitecto Oliveira Ferreira, se deslocaram à Suíça, onde visitaram as clínicas do Dr. Rollier (1874 - 1958), em Leysin, famosas pelas técnicas inovadoras que implementava ao nível da Helioterapia. É certo que a acção benéfica do Sol era conhecida há algum tempo, como comprovavam os trabalhos de cientistas do século XVIII, como Lazzaro Spallanzani (1729-1799), Loreti, Faure e Le Peyre e Comte, assim como de Christoph Wilhem Hufeland (1762-1836), do médico francês Bertrand, e de muitos outros que, ao longo de toda a centúria de oitocentos, dissertaram sobre o assunto, assaz pertinente num século que vira aumentar o número de tuberculosos. Mas foi, sobretudo, no dealbar do século XX, que a Europa assistiu a uma multiplicação de estabelecimentos de saúde consagrados à Helioterapia, nomeadamente para tratamento da tuberculose óssea, como a coxalgia, "Mal de Pott", peritonite tuberculosa, etc. E foi, assim, que, a par dos inaugurados em Saint Moritz (França) e em Veldes (Áustria), o sanatório helioterápico de Rollier obteria enorme sucesso, funcionando como verdadeiro modelo de muitos outros construídos um pouco por todo o Continente europeu.”²¹⁶

Os contactos de Ferreira Alves com Rollier eram frequentes, existindo uma admiração mútua, conforme se comprova pela análise da fotografia do gabinete de

²¹⁶ MARTINS, A., TOSTOES, Ana Cristina, BECKER, Annette, *Arquitectura do Século XX – Portugal* (Catálogo da Exposição), Frankfurt-Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998.

Ferreira Alves na Clínica Heliântia, em cuja mesa de trabalho se encontrava uma fotografia do Dr. Rollier.

“Em Valadares está ainda presente uma dessas casas de saúde de uma nobre aparência, isto é, produzidas no convénio excelente que pode haver entre a função de curar e o espírito de captar a energia local, quase sempre uma energia endémica que o pinhal ou o mar representam.”²¹⁷

Reunidas as condições indispensáveis à concretização de tão ambicionado projecto, Francisco de Oliveira Ferreira iniciou a sua concepção em 1926, com base nos mais modernos conceitos da Helioterapia que aí visionara, e que deveria ganhar corpo em breve na praia de Valadares. Em 1930, inaugurava-se a "Clínica Heliântia", edificada segundo os parâmetros mais exigentes desta nova tipologia arquitectónica, onde o autor utilizou de modo arrojado e inovador alguns pormenores, tornando-se numa verdadeira fonte inspiradora para outros projectos nacionais.

A visita ao edifício não deixa ninguém indiferente e a higiene é referida nas descrições dos antigos doentes e funcionários, que a consideram condição necessária para o modelo hospitalar, no entanto, não correspondia à imagem do hospital tradicional.

“Percorri todo o Sanatório. E perguntava constantemente a mim próprio se estava num Sanatório ou num Hotel de categoria? Amplos corredores, um asseio requintado. Ausência completa de cheiros, principalmente daquele cheiro desagradável dos hospitais. Visitei a cozinha, um modelo de assepsia, os serviços de cirurgia, as galerias de cura, as suas lindíssimas salas de estar, as suas enfermarias estuantes de claridade e de conforto, as suas varandas de ilimitados horizontes, a sala de jantar (e tomariam muitos hotéis de 1ª ordem possuí-las assim!), e de tudo o que ia vendo verificava porque se sentiam bem os seus doentes.

Na verdade, dificilmente se podia conseguir instalação mais cuidada, mais de harmonia com a doença e com os doentes, mais expressiva nos seus requintes de bem-estar e de conforto.”²¹⁸

²¹⁷ BESSA-LUÍS, Agustina, *Os Meninos de Ouro*, Guimarães Editores, Lisboa, 1983, p. 9.

²¹⁸ Relato de visitante do Sanatório Marítimo do Norte em 1939 [Espólio ESJGFA].

O projecto da clínica Heliântia, ainda hoje, com grande significado e importância arquitectónica, revelou-se na época uma experiência arrojada, de comunhão de um ideal, a concepção de uma moderna clínica de helioterapia, destinada ao combate da tuberculose, e um paradigma da construção moderna e saudável, “estimulado por uma encomenda vocacionada para um programa hospitalar, Oliveira Ferreira concebe uma das mais precoces e surpreendentes obras modernas.”²¹⁹

Inteligente e estrategicamente projectada, está em comunhão perfeita com os elementos naturais, com o sol, com o mar e com os pinhais. Convida a natureza através das amplas varandas e solários e das janelas rasgadas para o horizonte.

“De planta rectangular de quatro pisos com pé direito duplo e cobertura plana revestida com lajes de betão, toda a estrutura é ritmada pelas varandas abertas e separadas por pilares redondos e estriados; pela própria diversidade volumétrica, assim como através de outros elementos, como o escalonamento dos terraços e a presença do próprio solário. Concebida em função da luz solar, as fachadas Nascente e Poente apresentam balcões sobrepostos verticalmente, enquanto os amplos degraus da fachada Sul recebem a luz solar sem qualquer interferência.”²²⁰

A fachada exterior apresenta várias faixas circundantes a todo o edifício repletas de girassóis.

Todos os pormenores foram concebidos de modo a assegurar o bem-estar físico e psíquico dos doentes e de todos os habitantes do Sanatório, em muitos relatos orais de antigos doentes é comum considerarem-se uma grande família em que se reconfortavam mutuamente nos maus momentos e celebravam nas boas ocasiões.

²¹⁹ Cf. FERNANDEZ, Sérgio, “IAPXX-Zona Norte”, 2005 (texto policopiado realizado no quadro do IAPXX, p. 2), *Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2005, p. 19.

²²⁰ MARTINS, A., TOSTOES, Ana Cristina, BECKER, Annette, *Arquitectura do Século XX – Portugal* (Catálogo da Exposição), Frankfurt-Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998.

“Ao entrar num sanatório marítimo, como já me sucedeu nos sanatórios de Berck-Plage (França), do Outão e de Valadares (Portugal), não pode deixar de notar-se o bem estar físico e principalmente psíquico destes doentes. Nada os preocupa, estão satisfeitos com a marcha da sua doença, o ar do mar, o sol e a convivência dispõem-nos bem e mal se reconheceria neles os infelizes meses antes pálidos, tristes e cheios de dores demandavam o hospital”.²²¹

No interior, ainda é possível observar a escadaria principal e as grades do antigo elevador, onde o principal elemento decorativo continua a ser assumido pelo girassol, presente nos demais recantos da clínica, como nos mosaicos dos pavimentos e nalguns candeeiros de tecto.

Esta instituição desempenhou um papel de relevo em termos científicos e constitui uma referência mesmo a nível internacional. Eram frequentes as visitas de estudantes de Medicina nacionais e estrangeiros interessados nas inovadoras técnicas de Helioterapia, desenvolvidas num sanatório marítimo, considerado modelo.

“O Exmo Decano da Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela, Sr. Dr. Novo Campelo, o notável cirurgião Sr. Dr. Puente Castro e vários médicos ilustres; e ainda aquela Faculdade organizou uma excursão de mais de 40 alunos de Medicina que, acompanhando os seus mestres, vieram assistir a todas as conferências científicas celebradas no Porto. (...) Além disso, professores e alunos visitaram a Maternidade de Júlio Denis em construção, o Abrigo dos Pequenininos de que levaram ótimas lembranças, o Sanatório “Heliantia”, em Valadares, etc., como desenvolvidamente os jornais da época [1934] noticiaram.”²²²

²²¹ SERRA, Augusto Pães da Silva Vaz, *Sanatórios Marítimos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930, p. 29.

²²² MAGALHÃES, António Emílio, COSTA, Cândido Henrique, Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Conferências (3ª Série), Imprensa Social, Porto, 1936, p. VI.

4. Movimentos de benemerência

“Dê uma pequena esmola para
Esta grande obra de caridade:

Que é o mesmo que dar a vida
a muitas creanças tuberculosas.”²²³

A benemerência foi o movimento fundamental de garante do Sanatório Marítimo do Norte, na sua génese, construção e actividade. Ao estudarmos esta instituição pudemos testemunhar, através de inúmeras provas, a diversificada e privilegiada dinâmica de constante angariação de fundos.

A 20 de Dezembro de 1918 foi criada na praia de Valadares a sociedade “Propaganda da Praia de Valadares”. Eram sócios, entre muitos, Luiz e Joaquim Gomes Ferreira Alves. O objectivo desta sociedade era “desenvolver o progresso moral, social e material da Praia”²²⁴.

Esta sociedade propunha estimular o espírito de solidariedade entre os habitantes da praia, interessar-se pelas instituições de beneficência, instrução popular e assistência, preservar as condições de salubridade e higiene da praia, participar na conservação e restauro de monumentos e curiosidades históricas, criar um museu e biblioteca, atrair o movimento de nacionais e estrangeiros e fomentar a criação de hotéis, casinos e parques.²²⁵

“Festas de Arte Portuguesa” foi um grande concerto, com a primeira audição de “Composições Portuguezas” de Virgilo Angelo realizado no salão de festas Passos

²²³ Desdobrável da Ópera de Puccini “A vida Bohemia”, “Récita extraordinária (...) generosamente oferecida pela Exma Empreza do Teatro da Trindade de Lisboa ao Sanatório Marítimo do Norte a 13 de Dezembro de 1916”. [Espólio ESJGFA].

²²⁴ Estatuto da Sociedade “Propaganda da Praia de Valadares”, p. 3, [Espólio ESJGFA].

²²⁵ Cf. *Ibidem*.

Manuel, no Porto, a 30 de Junho de 1919 onde vários artistas “gentilmente prestam o seu concurso a esta festa altruista e requintadamente artística.”²²⁶

A ajuda popular também se verificou por se reconhecer o valor da obra de assistência pública “foi a gente boa de Valadares, muito especialmente os lavradores de então, os homens-bons valadarenses que, através de «rogadas», transportaram em seus carros-de-bois a chiarem ao peso da carga, toda a pedra necessária à construção.”²²⁷

Noticiado pelo jornal “A rasão do Pará” de 9 de Junho de 1917, o Comendador Jorge Correia, proprietário da importante Fábrica Palmeira no Pará, promove um grandioso festival no Theatro da Paz a 12 de Junho de 1917 “em benefício do Sanatório Marítimo do Norte (...) ao qual prestam o seu concursos distintos cavalheiros coadjuvados por gentis senhoras e senhoritas da sociedade belemense e pelo aplaudido grupo executante da Tuna Luso Commercial.”²²⁸

Todas as ajudas são preciosas e destacam-se ajudas generosas e vindas de longe como é o seguinte caso:

“Teve a ideia de organizar uma festa dedicada à nossa Casa de Caridade. Já em viagem, organizou a bordo interessantíssimas festas igualmente a favor do Sanatório. A sua actividade e dedicação deram provas inexcedíveis no Pará, onde realizou um luzido espectáculo representando ele próprio e ainda a sua muito inteligente filha.

Nessa árdua tarefa, foi muito amavelmente coadjuvado pela Tuna Luso Comercial do Pará, a quem igualmente a Direcção do Sanatório se confessa profundamente agradecida.”²²⁹

“Festival attraente, promovido pelo proprietário da fábrica Palmeira, Commendador Jorge Corrêa, em favor do Sanatório Marítimo do Norte.”²³⁰, “está sendo organizado por vários membros da colónia portuguesa (...) cujo producto

²²⁶ *O Commercio do Porto* 1 de Julho 1919, [Espólio ESJGFA].

²²⁷ CASTRO, Rui, “O Sanatório Marítimo do Norte está a morrer de inanição”, in *Os Amigos de Gaia*, Outubro de 1982, p. 37.

²²⁸ *A Rasão do Pará*, 6 de Junho 1917, [Espólio ESJGFA].

²²⁹ Sanatório Marítimo do Norte, *Relatório e Contas, Anos Económicos, 1918 a 1920*, s.l., p. 18.

²³⁰ *A Rasão do Pará*, 9 de Junho 1917, [Espólio ESJGFA].

reverterá em benefício do Sanatório Marítimo do Norte, modelar instituição para tratamento pela helioterapia, de crianças pobres, lymphaticas e tuberculosas.”²³¹

Este evento foi descrito através do seu programa detalhado e terminado com um arraial típico, com iluminação minhota e com a largada de um balão para festejar a noite de Santo António, tendo sido cedido o Teatro da Paz pelo Governo do Estado e a colaboração da banda de música cedida pelo Comandante Geral da Brigada Militar do Estado.

Outra ajuda vinda do Brasil, Rio de Janeiro, foi “a bondosa protecção da menina Maria Leopoldina, gentilíssima filha do nosso consocio Snr. Alberto Augusto de Sousa, uma lista de subscrição em beneficio desta Casa de Caridade (...) com o concurso de algumas casas bancárias do rio de Janeiro.”²³²

As iniciativas são despoletadas pelas senhoras da sociedade a quem a direcção do sanatório agradece fervorosamente.

“V. Ex.^a que é uma fervorosa devota da caridade, sublime devoção que incansavelmente efectiva na divina tarefa de valer aos que sofrem (...). Beijo pois respeitosamente a mão dadivosa de V. Ex.^a por mais esta esmola ao Sanatório, e que as bênçãos de Deus, impetradas pelas criancinhas, anjos humanos, chovam sobre a cabeça de V. ex. que seu bondoso coração tanto ocupa e preocupa.”²³³[sic]

Na estância balnear da Granja realizou-se uma elegante festa promovida por uma senhora da sociedade Amélia Burnay Morales Del Rio, com diferentes atracções em benefício do Sanatório.

“haverá barracas de sortes com lindos prémios, alguns de valor e todos sorteados por preços mínimos, barracas de jogos, curiosidades, «pim-pam-

²³¹ Idem, *Folha do Norte*, Pará, 8 de Junho de 1917.

²³² Idem, p. 19.

²³³ FREITAS, Paulo Marcelino Dias, Carta de agradecimento à Secretária da Assistência das Portuguezas às Victimas da Guerra, 2 de Agosto de 1919, in Sanatório Marítimo do Norte, Relatório e Contas, Anos Económicos, 1918 a 1920, s.l., p. 11.

pum», quebra louça. Em acampamento de gitanas encontrarão os curiosos do futuro misteriosas sibilas que lhes lerão a buena dicha. Elegante barraca de chá servida por *soubrettes* Luís VI. À noite iluminações, fogo de vista, arraial e a tradicional barraca de bolinhos de bacalhau e vinho verde”²³⁴.

Esta festa teve um grande impacto social como se pode comprovar através das diversas notícias publicadas na imprensa da época.

“além do pavilhão especial para a kermesse, serão levantados outros para o serviço de chá, divertimentos públicos etc. À noite haverá iluminação, fogo, música e arraial minhoto, com descantes, no qual tomam parte distintas senhoras. Para esta festa concorrerão muitas senhoras do Porto, Miramar, Aguda e Espinho.”²³⁵

“A festa da praia da Granja ultimamente realizada em favor deste sanatório, mostrou de uma maneira clara a sympatia e carinho que a todos merece esta tão valiosa instituição. A par da elegância e bom gosto que a colónia balnear da Granja sabe imprimir às suas festas, notava-se em todas as pessoas que n’esta collaboraram um enorme desejo de conseguir obter o melhor resultado monetário possível.”²³⁶

A Kermesse de caridade “Festa da Flor” foi organizada na Praia da Granja em Setembro de 1919 por um grupo de senhoras portuenses,

“É a caridade a flor das virtudes, e se a flor, que brota da terra recebe do sol cor e aroma, a flor da caridade, que brota do coração, recebe de Deus, (sol do mundo moral), brilho e perfume!
E como a caridade seja a flor das virtudes, vai essa flor desabrochar, nesta formosa Praia, numa kermesse de caridade, cujas prendas são ainda resto daqueles abundantes fructos, em que a magia do poder feminino transformou os milhares de flores, distribuídas nesta inolvidável “Festa da Flor”.²³⁷

A ideia da criação de um selo para angariação de fundos foi também concretizada e oferecida pelo seu criador em benefício do SMN “ Ao ilustre artista

²³⁴ O Norte 24 de Setembro de 1917, [Espólio ESJGFA].

²³⁵ Idem, O Commercio do Porto 24 de Setembro de 1917.

²³⁶ Idem, O Commercio do Porto 12 de Outubro de 1917.

²³⁷ Direcção do Sanatório Marítimo do Norte, Folheto de divulgação da “Festa da Flor”, 28 de Setembro de 1919, [Espólio ESJGFA].

Snr. Cândido da Cunha foi solicitado pela Direcção um desenho que pudesse servir de modelo para a impressão do selo do Sanatório.”²³⁸

O selo foi criado com base numa fotografia, com três crianças na praia acompanhadas por uma enfermeira, utilizada para a propaganda de divulgação do Sanatório.

A existência da série de selos de diferentes valores denota o impacto social da obra e o campo de influência do seu autor.



Figura 5 – Selos do Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)

Os Quintanistas da Faculdade de Medicina do Porto, depois de agradavelmente surpreendidos pela visita que realizaram ao Sanatório, decidiram ajudar a instituição e ofereceram a receita da organização de uma Garraiada realizada na praça de touros da Areosa.

“tão simpática ideia foi acolhida com o maior entusiasmo e estamos certos que o redondel da Areosa terá uma enchente colossal, tanto mais que os artistas, recrutados de entre os mais destemidos estudantes da Faculdade estão dispostos a brilhar”.²³⁹

²³⁸ Sanatório Marítimo do Norte, *Relatório e Contas, Anos Económicos, 1918 a 1920*, p. 17.

²³⁹ *Jornal de Notícias*, 19 de Abril de 1923, [Espólio ESJGFA].

A companhia Lucília Simões ofereceu, no Teatro Sá da Bandeira em 15 Março de 1924, uma récita “A Castelã”²⁴⁰. Este espectáculo integrou ainda uma revista “Mayonnaise”, recitação de poesia e ainda diferentes números de música.

“Noite de arte

Começa despertando invulgar interesse a récita que a companhia Lucília Simões-Erico Braga oferece ao Sanatório Marítimo do Norte (...). Erico Braga reconhecendo a obra altamente social e caritativa que representa aquela instituição, resolveu escolher uma das melhores peças do seu reportório e ainda a reprise da finíssima revista “Maionaise” que foi retirada do cartaz em pleno sucesso.”²⁴¹

Para além de espectáculos artísticos eram organizadas outras iniciativas de beneficência, os jogos de futebol. O mais famoso foi sem dúvida o que se realizou entre o Foot-Ball Club do Porto e Real Celta de Vigo que teve lugar no campo da Constituição. Para a divulgação do evento foram realizados cartazes, foi amplamente noticiado na imprensa da época, realizaram-se postais de propaganda do sanatório e concebida uma taça para o vencedor, o Celta de Vigo.

“Tanto a direcção do Foot-Ball Club do Porto como do Real Celta, reconhecendo a situação difícil que o sanatório está atravessando, desinteressadamente se colocaram à disposição demonstrando assim a sua generosidade. O desafio está despertando o maior interesse não só porque o Celta (1º team) é a primeira vez que joga no Porto, como ainda pelo Foot-Ball Club do Porto, que reúne jogadores de valor incontestável.”²⁴²

5. O doente do sanatório

O doente do sanatório era proveniente de todo o país, recomendado por médicos, geralmente ortopedistas de outros sanatórios cuja lotação já não permitia

²⁴⁰ O programa da récita oferecida pela Companhia Lucília Simões ao Sanatório Marítimo do Norte [Espólio ESJGFA].

²⁴¹ *O Commercio do Porto* 8 de Março de 1924, [Espólio ESJGFA].

²⁴² *Idem*, *O Commercio do Porto*, 19 de Abril de 1924.

mais internamentos. Eram então encaminhados para o Dr. Ferreira Alves, reconhecido no meio médico um pouco por todo o país.

“E lembrava, entre muitas coisas, aquela célebre e precipitada sentença de morte do velho Dr. Fernandes, a amargura da vida durante os meses em que estivera condenado (...) a casual indicação, mais tarde obtida, acerca daquele médico do Porto, do Dr. Ferreira Alves, e da sua obra assistencial seguindo os passos do Dr. Rollier, a consulta que lhe tinham feito na Galeria de Paris, o diagnóstico do Mal de Pott, a indicação da Helioterapia como fórmula de tratamento, a luz de esperança que nascera, a resolução para o seu internamento na casa de saúde milagreira.”²⁴³

Vários doentes do Sanatório vinham do sul do País, depois de realizarem consulta no Sanatório da Parede, também sanatório marítimo dedicado à cura da tuberculose óssea, e eram encaminhados para o Norte pelo facto de não haver, na Parede, qualquer disponibilidade de internamento.

O doente internado era particularmente problemático por sofrer de tuberculose óssea que tinha consequências ortopédicas ao nível de dores e graves deformações corporais.

Ao longo da investigação, pudemos constatar que este tipo de doentes se mostravam resignados à sua sorte e, motivado por um clima de instituição, investia, a longo prazo e com grande perseverança na cura, sempre distante e inacessível muito demorada e sujeita a rigorosas imobilizações.

“Era característico dos doentes ortopédicos, com poucas excepções, aceitarem os tratamentos restrictores e limitativos duma maneira positiva. Pareciam satisfeitos durante a imobilização e faziam um esforço decidido para suportar o seu sofrimento e melhorar a sua condição física futura. Esta atitude, possível de encontrar até nos muito novos, era suficientemente perplexa para suscitar a nossa curiosidade e fazer-nos procurar explicações. Havia várias fontes possíveis donde pudesse derivar a sua força surpreendente.”²⁴⁴

²⁴³ *Ibidem.*

²⁴⁴ BERGMANN, Thesi, *A criança, a doença e o hospital*, Moraes Editores, Lisboa, 1978, p. 49.

As crianças eram rápida e carinhosamente integradas na grande família do Sanatório. Estas eram recebidas, quer pelos médicos e enfermeiras quer pelos doentes adultos com grande preocupação. Todos se empenhavam em substituir a família, para que o seu afastamento fosse menos doloroso.

“Havia crianças que também pareciam contar com acontecimentos miraculosos, que aconteceriam se apenas esperassem por eles com paciência suficiente. Comparavam-se com as crianças no conto de fadas, que feitas de pão de gengibre também têm de se manter imóveis – na esperança que o feitiço depressa fosse quebrado e lhes permitisse saltar para uma liberdade sem restrições. Quase todos desejavam, intimamente, uma magia que pudesse resultar numa cura instantânea e completa.”²⁴⁵

Estas características verificam-se em inúmeros depoimentos de crianças vítimas de tuberculose óssea que, em muitos momentos de revolta e de questionação, procuram apoio nos mais velhos que são solidários na dor e no sofrimento. Encontram, muitos deles, apoio na Fé e nas Orações.

“Hoje ando aborrecida e um pouco sem coragem para levar esta minha cruz da doença. Triste como estava virei-me para o Céu e disse: Meu Deus! Meu Jesus, porque me fazeis sofrer tanto?
Meu Jesus que mal vos fiz para ser assim tão castigada? Eu no meu pensamento ouvi Jesus numa tão doce voz: Não digas isso, ganha coragem que depois terás, a recompensa da saúde. Rezei uma ave-maria a Jesus por me ter feito compreender que nunca se deve desesperar com a doença, pois devemos de nos lembrar que Jesus sofreu muito mais. E assim termino o dia.”²⁴⁶

Contrariamente ao registo do diário da doente do sanatório de D. Manuel II, não há no Sanatório Marítimo do Norte, qualquer prática ou simbologia ligada a qualquer religião. A natureza com os seus elementos principais – sol, água, plantas – para ser a Grande Deusa protectora e fonte de vida, com a qual se deviam

²⁴⁵ Idem, p. 50.

²⁴⁶ CHAMBRE, Maria Flaviana Freitas Amaral, A vida duma criança no Sanatório, Fafe, 1956, p. 13. (Esta doente esteve internada no Sanatório D. Manuel II, Vila Nova de Gaia).

reconciliar, cuidando do corpo. O que parece indicar uma filiação maçónica ou de livre pensamento do fundador e do seu ideário filantrópico. Este procura aliar Natureza e Ciência, humanidade e felicidade social. O processo de cura beneficia não só o doente mas também a sociedade, ao torná-la mais útil, mais esclarecido, mais preparado, mais livre. Também a arquitectura e decoração do edifício representam em si mesmas igualmente um ideário laico, de culto pela Natureza, a fonte da vida e da cura.

O afastamento da família era particularmente doloroso e assustador, porque a maioria dos doentes eram crianças e as famílias não tinham possibilidades económicas para os visitarem com alguma frequência. Geralmente iam acompanhá-las no internamento e voltavam na saída da instituição.

“E no dia seguinte, com a curiosidade e o contentamento duma criança que vai a uma festa, a partida de manhãzinha, com o pai intimamente ralado, o pobre, do quanto ia gastar com o filho, numa altura em que a vida ainda não estava correndo muito bem; depois a chegada, a impressão penosa à vista daqueles pobres seres pequeninos ali encamados e presos aos leitos com tiras e pesos; e, por fim, à despedida, o pai que sempre vira impassível, fugindo dele pela rua além e ele, que não pensara em tal, com um nó a esmagá-lo, e, depois, a estranheza da culinária, numa mezinha baixa entre garotos queimados e enervantes, a hora de recolher, a sensação penosa do despir diante de olhos estranhos, as suas roupas logo retiradas para a rouparia, o colchão duro e estreito, a almofada insignificante.”²⁴⁷

As saudades eram enganadas com a troca de correspondência com a família “Vingara-se a escrever longas cartas à mãe, cheias de queixumes, molhadas de choro”²⁴⁸ em que desabafavam as angústias e valorizavam tudo o que tinham deixado, a casa, o quarto, os objectos, as pessoas, os hábitos. Tudo aquilo que nunca tinham valorizado suficientemente e, que agora, longe, tinham mais valor do que nunca.

²⁴⁷ GUERRA, Oliveira, *Caminho Longo*, p. 144.

²⁴⁸ *Ibidem*.

No entanto, no Sanatório havia um controlo da correspondência dos mais novos, quando era pressentida alguma inadaptação

“Pressentindo difícil aclimação, essas cartas tinham sido violadas no gabinete da Directora, antes de seguirem o seu destino, e como que, por artes mágicas, todos os motivos de queixa, ainda que caprichosos, tinham sido reparados e, quando não reparados, fora-lhe dada hábil e subtil explicação, de modo que nunca pudesse ele descobrir a violação. Para os pais (viera a sabe-l’o mais tarde) tinham seguido notícias acusando o seu conhecimento das lamúrias, recomendando calma e paciência, e, finalmente, a recomendação de que antes de um mês fosse evitada qualquer visita, que viria interromper a fase laboriosa e lenta da habitação ao meio, ao ambiente, à disciplina, aos novos costumes...Era um doente difícil, dizia-se...”²⁴⁹

A adaptação da criança, apesar do apoio e carinho dos outros doentes e funcionários, é sempre difícil: há que se habituar ao colchão duro, à almofada insignificante, aos coletes presos aos ferros do leito, aos pesos pendurados nos pés, às comidas, às faltas de vinho e de iguarias. Aprendem a lavar-se na cama, deitados, sem se molhar, a comer na posição deitada, a escrever sobre um livro, a arrumar, como todos os doentes, ao seu lado, os papeis e pequenos objectos

Engordam, enegrecem, adquirem outro sotaque e organizam o seu tempo diário e sentem-se privilegiadas pelo destino as ter levado para o Sanatório Marítimo do Norte “a permanência aqui nunca nos deixará na alma essa tristíssima lembrança que a maioria dos hospitais deixa nos seus internados”²⁵⁰.

O bom ambiente proporcionado pela alegria das crianças, o sol sempre em convívio com todos são uma referência constante na correspondência e no Jornal da instituição.

“E que o observe quem nos queira fazer uma visita dalguns momentos. A alegria estuante do Sol entrando a jorros pelas largas janelas das enfermarias e dos

²⁴⁹ GUERRA, Oliveira, *Caminho Longo*, 1960, p. 144.

²⁵⁰ *O Girassol*, 23 de Março de 1924.

quartos patentar-lhe-á logo esse perfeito contraste que há entre as nossas arejadas instalações e as instalações sombrias de um hospital.

Os petizes, de todas as idades, e quer estejam de cama ou andem de pé, parecem não ter o mais pequeno conhecimento dos males (...) brincam e riem na mais completa alegria infantil. De manhã à noite a garrulice é contínua, mesmo a quando das horas de descanso, iludida, travessamente, a vigilância das empregadas.”²⁵¹

5.1. A rotina

O rigor da disciplina médica, dos tratamentos prescritos e da rotina da instituição são, sem dúvida, a explicação dos excelentes resultados obtidos com os tratamentos da helioterapia. Esta prática médica dispunha de momentos fulcrais do dia que teriam de ser amplamente usufruídos pelos corpos dos doentes de modo a proporcionar a cura total. Estes momentos seriam desfrutados por todos os doentes nas mesmas condições. Para que isto fosse possível, era necessária uma organização de toda a rotina com grande precisão. Será necessário referir que a maioria dos doentes se encontrava imobilizada nas suas camas de ferro, que era necessário arrastar para as galerias de cura, ao ar livre, para o contacto benéfico do sol.

“Cada fase da actividade diária do participante é realizada na companhia de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto (...) todas as actividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma actividade, leva em tempo predeterminado, à seguinte (...) as várias actividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objectivos oficiais da instituição.”²⁵²

A resignação é uma constante na mente do doente e os rituais do dia-a-dia são um modo de tentar superar o amargor do tempo que custa a passar. “Toda

²⁵¹ *Ibidem.*

²⁵² GOFFMAN, Erving, *Manicómios, prisões e conventos*, Editora Perspectiva, S.Paulo, 1974, p. 16.

instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo.”²⁵³

A revolta é um sentimento comum aos doentes imobilizados nas suas camas, que ao verem o mar, a praia e as crianças que a frequentam, ali tão perto, gostariam de as acompanhar, e a resignação é o seu refúgio,

“uma praiasinha só para os da casa, particular, íntima, (...) aquela que mais veemente desejo de ser percorrida desperta – porque não há ninguém, com certeza, que mais ambicione ir até à beira-mar, do que nós, os que vivemos aqui presos, vendo o mar, sim, mas de longe, vendo os outros, os que andam de pé, correndo por lá, livres – os felizes! Sem que nós os possamos acompanhar!”²⁵⁴

As crianças são, no Sanatório, um factor de animação constante, cujo convívio se torna enriquecedor para os mais novos e reconfortante para os mais velhos, que frequentemente os assumem como missão educativa.

“Tudo passa e aquele amargor passara também, lentamente, diluído no tempo como sombra de fumo que se desfaz no céu e se deixa de ver. A vida agora era aquilo, assim mesmo, entre lençóis brancos duma cama de rodas que, dia após dia, girava da enfermaria para a varanda e da varanda para a enfermaria sem parar (...).

Nos dias soalheiros, logo de manhãzinha, acordava-se com o rodar surdo dos leitos baloiçantes no soalho encerado e com o estrépito das rodas transpondo as soleiras das portas ao passarem para o piso de mosaico da galeria. E se o sono era teimoso e resistia, a aragem do Norte, arrepiadora, incumbia-se de abrir os olhos entumecidos e acabava com o torpor. E se o frio era impotente, alguma coisa havia de mais forte: A algazarra da miudagem de todas as idades que se erguia, vencedora, na alegria irradiante do despertar matinal das crianças”²⁵⁵.

As refeições dos doentes funcionam como pausas merecidas, na dolorosa prática curativa, são um complemento fundamental à recuperação física do doente e à obtenção de uma robustez que resistisse ao rigor dos tratamentos de helioterapia.

²⁵³ Idem, p. 18.

²⁵⁴ *O Girassol*, 10 de Agosto de 1924.

²⁵⁵ GUERRA; Oliveira, *Caminho Longo*, 1960, p. 141.

“Vinha então o pequeno-almoço, aquele detestável café com leite, que ele nunca pôde emborcar com gosto, logo em seguida, o arranjo das camas e os curativos dos doentes fistulados. Sob o calor das roupas não apetecia o jornal nem o Júlio Verne e os olhos prendiam-se, impressionados, ao verde muito verde do mar batido pelo Sol levante, às cristas brancas das ondas vindas a rolar de longe para se entrechocarem e quebrarem lá em baixo nos penhascos da praia, ao esvoaçar de asas longínquas, ao desenho ledó e fino dumas velas avermelhada”²⁵⁶.

A cura ao sol é descrita pelos doentes como um momento de preguiça, não deixando de ser doloroso e penoso. A exposição solar revela-se eficaz na mutação dos corpos enfermos por isso uma etapa necessária à cura. Na varanda, é companhia privilegiada o livro²⁵⁷ e os jornais diários. As crianças faziam os deveres escolares marcados pelos seus professores, entre os doentes esta classe profissional marcou sempre presença e participavam na escolarização dos doentes como eles. Na Instituição havia um ambiente em que a leitura era incentivada quer aos mais novos, quer aos mais velhos. Os menos instruídos eram estimulados pelos outros doentes a aprenderem a ler e a aumentarem a sua cultura literária.

Muitos doentes chegavam ao Sanatório sem qualquer tipo de instrução. Aí aprendiam a ler, faziam o exame de admissão e continuavam os seus estudos. Há notícia de doentes que, depois de adultos, concluíram mesmo cursos universitários. Muitos sentiam-se tão reconhecidos pelo que lhes tinham proporcionado que enveredaram por profissões ligadas à saúde. Muitos tornaram-se auxiliares de acção médica, enfermeiros e mesmo médicos.

“Mais tarde, já o sol galgava sobre o beiral e roçava sobre as grades verdes da varanda, os leitos corriam à beira, para irem ao seu encontro e, aos primeiros contactos com o seu calor caricioso, apareciam os braços nus fora das roupas, vinham toldos e chapéus, abriam-se “Notícias” e “Janeiros”, as histórias e os deveres escolares. Tomava-se então, se o termómetro subia, o primeiro banho

²⁵⁶ *Ibidem*.

²⁵⁷ No Sanatório Marítimo do Norte havia uma Biblioteca, com um Director responsável que era escolhido entre os doentes internados. Os doentes tornavam-se sócios para usufruir das suas leituras.

de luz, morno, sedoso e benéfico, delícia das delícias. Os corpos negros refastelavam-se, postos ao léu, de bruços e de costas, a leitura era mais saborosa e às vezes mais saboroso que nunca um leve delíquio de sono sobre a almofada ou o livro aberto, já que interrompido fora o das primeiras horas da manhã e a este, agora, não havia que resistir, que ele era mais forte que a aragem, que a algazarra, que tudo, em suma”²⁵⁸.

Para os doentes estirados, os momentos de intimidade com o Sol revelavam-se purificadores e exorcistas do mal da tuberculose. O Sol era quase um Deus, que ao livrá-los do mal da doença, lhes possibilitava momentos de inspiração poética, literária e mesmo romântica.

“E o Sol, então, sorrindo das próprias travessuras, daqueles espreguiçamentos langorosos e daquelas soneiras que produzia, aproveitava a ocasião e agia como senhor bondoso e todo-poderoso à mercê do seu grande coração, como feiticeiro que adormecesse os entes para neles obrar prodígios espectaculares, milagres de magia estranha. Nunca o Sol era tão bom, tão penetrante, tão sedento dos corpos; nunca se apossava tanto deles e os afagava e trespassava tanto com o calor das suas mil línguas de fogo, com o febricitante e voluptuoso contacto dos seus lábios ardentes, como naquela magnífica parte da manhã.”²⁵⁹

Toda a varanda de cura do Sanatório assemelha-se a um altar pagão em cujas paredes, os seus construtores, colocaram lápides de odes ao Sol e os doentes, em sacrifício, se oferecem e se entregam, em plenitude, ao Sol e ao Mar, não surgindo referências a Deus ou a símbolos religiosos.

A sesta depois de almoço é referida como um momento sagrado em que o silêncio é imperativo,

“Vinha depois o almoço e, após ele, outra hora boa, a hora do silêncio, a fuga à calma escaldante, a fase do descanso imposto e do sono aconselhado. E quanto mais tarde, após o repouso, se retomava o banho de sol, temperado por doce aragem, era o momento, então, das longas horas de leitura, posta de lado às vezes para meditar e para ver o mar desde o Senhor da Pedra à Afurada, nas suas mudanças de cor.”²⁶⁰

²⁵⁸ Idem, p. 142.

²⁵⁹ Idem, p. 143.

²⁶⁰ GUERRA, Oliveira, *Caminho Longo*, 1960, p. 143.

O descanso é fundamental depois do banho de sol e da merecida refeição “as minhas amiguinhas disseram-me que temos de nos ir deitar agora das duas horas até às quatro.”²⁶¹. Todo o ritual servia a orientação da recuperação do doente com tuberculose. Para além de ter de respirar bons ares, teria de cumprir momentos de descanso rigoroso e uma alimentação rica, saudável e escrupulosamente regular. Algumas das crianças iam à praia como rotina de tratamento.

“(…) nós temos aqui defronte das nossas galerias de cura uma outra praiasinha, uma praiasinha só para os da casa, particular, íntima, (...) É ver a graça desta pequena colónia balnear, exclusivamente composta por doentes do Sanatório, partindo para a *nossa* praia, a praia do Sanatório, e voltando, após o banho e as mil cambalhotas da sua traquinice, em grupos animados ou numa interessante fila, a caminho do almoço que um bom apetite já lembrando!... Nota interessante então, que se destaca bem nessa quotidiana e benéfica excursão e nos prende sobretudo: montado no burrico do Sanatório porque não pode andar muito, com um petiz habitualmente no colo e um creado no lado (...). Que pena, que pena não poderemos ir também até lá à nossa pequena praia, ver os pequenos tomar banhos!”²⁶².



Figura 6 – Crianças do Sanatório na praia acompanhadas por uma empregada

²⁶¹ CHAMBRE, Maria Flaviana Freitas Amaral, *A vida duma criança no Sanatório*, Fafe, 1956, p. 8.

²⁶² *O Girassol*, 10 de Agosto de 1924.

O crepúsculo, o momento do dia preferido pelos poetas, tinha também um significado algo mítico para os doentes. Despertava-os para demoradas e profundas reflexões sobre o seu estado de saúde que se reflectia no seu estado de alma. Faziam um balanço dos resultados sentidos no corpo e preparavam-se para repetir tudo de novo no dia seguinte.

“Ao descer o lento crepúsculo, andorinhas, morcegos e besoiros rodopiavam na calma da tarde, divertindo os olhos da pequenada e provocando gritos estrídulos de entusiasmo ou receio, e entre risos, gritos e canções, o Manecas, no seu canto, engolfava-se em cogitamento saboroso e sentia saudade...”²⁶³

Os pequenos doentes eram estimulados, de acordo com as suas potencialidades, a desenvolverem hábitos de estudo e interesse pela literatura, matemática e línguas estrangeiras.

“Pequeno letrado de treze anos (...). Dotado de tendências para o trabalho e para a metodização, organizara a vida e passára a não ter sobras de tempo, naquela ociosidade aparente, muito repartida pelo estudo de línguas, pelas matérias liceais, pelas cartas a escrever, pelas leituras saborosas, pelas horas de repouso e pelas que à noite, extinta a luz do dia, eram dispendidas no gosto inefável das cogitações”²⁶⁴.

Era notável a dinâmica de rentabilização dos recursos humanos e das competências dominadas pelos doentes internados, o conhecimento e habilidades eram transmitidos aos pequenos doentes com grande entusiasmo.

“Nos impresiono extraordinariamente una joven de diez y ocho años, que por su falta de desarrollo, creimos todos que no passaria de once a doce. Por un capricho de la naturaleza, aquella niña de belleza poço comum de pelo rubio e grandes ojos azules com las piernas deformes, llenas de llagas y en mui buenas vias de curacion, está dotada de una voz deliciosa, y se há instituído en professora de canto de sus pequeños compañeros de infortunio, y unos

²⁶³ *Ibidem*.

²⁶⁴ GUERRA, Oliveira, *Caminho Longo*, Porto, 1960, p. 145.

colocados alrededor de su camita, y otros desde las suyas, nos cantaron algunos fados y canciones del país.”²⁶⁵

As visitas, momento particularmente importante na vida do sanatório, aconteciam ao Domingo, e, segundo os doentes, eram dias fantásticos mesmo quando as visitas eram para os outros.

“Às três horas começavam de aparecer, no alto da rua, os mais apressados, pais, irmãos, vizinhos e amigos, com flores e sacas, e, através das cortinas claras ou das grades da varanda, havia sempre os que, soerguidos e como quem procura alvíçarar, iam, quais gageiros no cesto da gávea, denunciando em brado alto os que iam surgindo: O pai da Alzirinha...O irmão do Fernando Mota...A mãe e o pai do Gustavo...os tios da Angélica.”²⁶⁶

A expectativa era grande, aguardavam com ansiedade se teriam visitas ou não. Os mimos e carinhos eram distribuídos por todos “porque os pais duns sentiam-se pais de todos e a todos procuravam e mimavam”²⁶⁷. Alguns impacientes e eufóricos, outros decepcionados e tristes. Os visitantes encontravam-se no apeadeiro e, em romagem, desciam em direcção ao Sanatório. Levavam presentes, iguarias para matar saudades de casa e flores para alegrar “o leito do internamento”²⁶⁸.

“E quando às 3 horas, findo o descanso e ajeitadas as roupas, tocava a sineta para a entrada dos visitantes, era um reboliço por ali dentro, de dezenas de sapatos martelando os mosaicos dos corredores, de vultos correndo alegremente pelo soalho encerado da enfermaria, de braços abertos e bocas alongadas em busca de beijos e também de mãos estendidas para bonecos, sacas e malas recheadas de guloseimas e brinquedos.”²⁶⁹

²⁶⁵ *La Vos Valenciana*, Impresiones de un congresista, 11 de Julho de 1921, [Espólio ESJGFA].

²⁶⁶ GUERRA, Oliveira, *Caminho Longo*, 1960, p. 146.

²⁶⁷ *Ibidem*.

²⁶⁸ “O leito de internamento” era expressão utilizada para designar a cama do doente.

²⁶⁹ *Ibidem*.

As tardes de domingo são descritas com grande animação, plenas de alegria e de entusiasmo. Os mimos e carinhos eram distribuídos por todos “porque os pais duns sentiam-se pais de todos e a todos procuravam e mimavam”²⁷⁰.

A hora da despedida acabava com o ambiente de felicidade e de partilha, ficava no ar uma sensação de cansaço e de contentamento, perdiam o apetite para o jantar e saboreavam as guloseimas e os mimos deixados pelas visitas.

Outra visita importante foi a motivada pela realização em Lisboa, a X Conferência da União Internacional contra a Tuberculose em Setembro de 1937. Este evento foi preparado com grande rigor e foram mobilizados todos os meios para que fosse um sucesso. Foram organizadas visitas turísticas a todo o país para as famílias dos convidados estrangeiros que eram recebidos com chás e jantares oferecidos com a maior elegância. Em visita ao Norte houve uma passagem por Valadares, pelo Sanatório Marítimo do Norte.

“A Comissão de Senhoras ofereceu às famílias dos congressistas estrangeiros dois passeios de automóvel (...) partiram para o Porto, onde os aguardava a mais carinhosa recepção. Recebidos no Palácio de Cristal (...) ali eram aguardados pela municipalidade, altas individualidades civis e militares (...). De regresso à Curia, após visita ao Sanatório Marítimo do Norte, dirigido por Ferreira Alves, que ofereceu às senhoras uma pequena lembrança de filigrana de ouro”²⁷¹.

Os dias de festa mobilizavam tudo e todos. As habilidades, os talentos, e as aprendizagens eram postas ao serviço do projecto comum da instituição.

“ Naquele domingo, além de ser domingo era dia de festa. A D. Filomena Braga, professora de canto, ensaiara novas cantigas muito insulsas e desmaiadas como o autor, seu marido, e organizara também um pequeno espectáculo de comédias e variedades. Os solitários das mesas estavam enramalhados como

²⁷⁰ Idem, p. 143.

²⁷¹ ROSA, Álvaro Barros, Serviço de Luta Antituberculosa, *Da ANT ao SLAT, História Sumária da Instituição, 1899-1979*, Lisboa, 1979, p. 78.

nunca e os leitos luziam na brancura e no arranjo das roupas. As enfermeiras e ajudantes, impecáveis, sorriam prazenteiramente e um contentamento esfuziante e comunicativo pairava em tudo, à mistura com um sol morno e doirado que jorrava de fora, através das cortinas, e se espalhava em largas faixas de luz na enfermaria...”²⁷²

As prestações dos pequenos cantores eram sempre acolhidas com grande entusiasmo e unanimemente aplaudidas. Os números eram ensaiados com grande afinho para que no dia de festa as variedades fossem apresentadas com grande profissionalismo. As enfermarias enchiam-se de gente emocionada e feliz, familiares, funcionários, doentes, beneméritos, que compensavam os pequenos artistas das horas dispendidas num sem número de ensaios.

O regresso à rotina do Sanatório é sempre deprimente para o doente e gerador de incertezas relativamente ao futuro. Há como que um mergulho na tristeza e na revolta de um destino que se vive num mutismo sem fim.

Muitos destes doentes, quando recuperados, deixavam o Sanatório. No entanto, o desrespeito pelos preceitos básicos ensinados durante o internamento, determinava o regresso ao sanatório bastante frequente. Tudo regressava ao início. A doença voltava a dominar o quotidiano e assumir o protagonismo

“Volto a Francelos ao fim de quatro anos de vida quase airada, durante os quais, como pássaro liberto e ávido, sorvera a vida a largos haustos, alheio a todas as regras de bom senso e a todos os conselhos de médicos e progenitores, e ao fim dos quais, como natural consequência de loucuras e desmandos, contraíra de novo o negregado Mal de Pot, fazedor de tantas mortes e aleijões...E a rotina começou...”

Dia após dia, os dias, iguaizinhos como contas dum rosário, começaram a correr como dantes, como sempre, na mansidão mole duma ausência de ruídos e dum sol benévolo e caricioso que ia aquecendo devagar, na visão permanente dum espalhar de ondas espumosas lá em baixo no branco areal”²⁷³.

²⁷² Idem, p. 147.

²⁷³ GUERRA, Oliveira, Texto original [Espólio ESJGFA].

5.2. A girândola do Tempo no Sanatório

O tempo no Sanatório está envolto numa aura de mistério e de incertezas. É o passado, acompanhado de sofrimento originado pelo diagnóstico da doença e as dúvidas relativas ao seu combate. O presente, que é preciso ocupar o mais possível, com o quotidiano preenchido com as rotinas da cura, com as leituras, com as conversas, com *O Girassol*, que se devora e se comenta como alimento espiritual e identitário da nova família. O futuro, pleno de incertezas, sujeito a um vaticínio que muito dependerá do milagre do sol e da natureza.

Segundo Felgueiras “O conceito do tempo é uma criação do homem, na sua tentativa para compreender o universo e a vida humana. É uma abstracção.”²⁷⁴ No Sanatório o tempo poderá ser considerado uma criação da própria comunidade, doentes e funcionários, que para além da disciplina médica, muito dependente do tempo e do sol, incentivam a ocupação do tempo com uma multiplicidade de actividades que leve o doente a abstrair-se da realidade da doença.

A mesma autora também refere que o tempo não é independente do homem e o mesmo tem de o conquistar através das vivências em que vai participando.

“O homem tem que fazer esforço para se apropriar dele [o tempo]. Ele emerge na criança como tempo pessoal, vivido. Sendo um conceito relacional, necessita de referência a um critério, a uma medida ou facto, para a sua definição e a criança vai-o construindo a partir da sucessão de eventos, que consegue referenciar a si mesma. A construção do conceito de tempo está dependente, ainda, da percepção que dele tem a época, a sociedade e o grupo em que a criança se insere. Deste modo, o desenvolvimento do conceito é condicionado pelas experiências que o meio social proporciona, pela educação e pela maturação.”²⁷⁵

²⁷⁴ FELGUEIRAS, Margarida Louro, “As noções de tempo e espaço: exemplos de progressão”, in *Primeiro Encontro sobre o Ensino da História – Comunicações*, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação, Lisboa, 1992, p. 256.

²⁷⁵ *Ibidem*.

Assim, podemos afirmar que o Sanatório, consciente ou inconscientemente, cria um tempo próprio, que funciona como elemento de identidade e de união entre os internados e que é substancialmente diferente do vivido até então. A distração surge sempre como uma necessidade vital à sobrevivência ao tratamento.

“Canta o sol nas varandas, grasnam as pegas no pinhal e o som cavo do gong marca as horas firmes do dia (...). Doente que entra, visitantes, buzinas de automóveis, silvos de traineiras ou paquetes, tudo são distrações para os internados. A entrada no sanatório marca o fim de uma vida e o princípio de outra.”²⁷⁶

Ao longo da história, o tempo, foi e será uma incógnita, sujeita a interpretações múltiplas do sujeito, de acordo com os contextos vividos e com as interpretações das diferentes experiências ligadas ao tempo e à mudança.

“O que é então o tempo? É (...) esta “massa fluida”, este oceano movediço, misterioso, grandioso e poderoso que vejo à minha volta, em mim, por todo o lado numa palavra, quando penso no tempo. É a mudança. Eu designo-o, de uma forma aproximada e bem imperfeita, eu afirmo-o.”²⁷⁷

O tempo, no seu poder misterioso, não deixa qualquer pista para podermos dar uma opinião ou fazer um juízo de valor acerca de si. É universal e impessoal, torna-se caótico, no entanto está tão próximo de nós que constitui mesmo a base da nossa vida.

Habitualmente, consideramos o tempo como um produto da abstracção que tem como referência as modificações concretas produzidas no mundo exterior e no próprio sujeito. No fundo ele não é nada. O tempo apresenta-se como um fenómeno primitivo sempre presente, vivo e muito próximo de nós.

²⁷⁶ *O Girassol*, 17 de Julho de 1934.

²⁷⁷ MINKOWSKI, Eugène, *Le temps vécu*, Presses Universitaires de France, Paris, 1995, p. 16. [Tradução nossa].

“Oui, je dirai même qu’il est perçu dans toute sa pureté, quand il n’a aucune pensée, aucun sentiment précis dans la conscience; il la remplit alors entièrement, il efface les limites entre le moi et le non-moi, il le embrasse si bien mon propre devenir que le devenir de l’univers ou le devenir tout court; il les fait confluer et se confondre; mon moi semble se résoudre en lui entièrement, sans que pour cela j’éprouve un sentiment pénible d’atteinte portée à l’intégrité de ma personnalité.”²⁷⁸

Minkowski refere que nos momentos de cansaço, de fadiga, de desencorajamento, de decepção, o tempo lhe parece fugidio, efêmero, inacessível, a vida parece realmente fugir com o tempo sem que consiga compreender a sua essência. Dá-nos também outra ideia do tempo, a de um mosaico, como qualquer coisa de contínuo, de descontínuo e ininterrupto.

Para Blondel²⁷⁹ o sentimento de ter vivido “dans la durée” é indispensável para a compreensão do que são os meses e os anos, os procedimentos objectivos que as colectividades adoptaram para medir o tempo, seriam incompreensíveis sem a experiência original do desenrolar do tempo e das realidades que o preenchem. Imagina a duração do tempo como uma estrada direita e unida que é cortada pelas divisões do calendário.

Segundo o mesmo autor, a passagem do tempo, constitui uma aquisição, um resultado de longos esforços de adaptação. O tempo apresenta-se, por um lado, como um fenómeno irracional, mas, por outro lado, a partir do momento em que se tenta representá-lo, ele assume uma linha direita onde os fenómenos e acontecimentos se intercalam e escalonam de modo a tornar possível a passagem de um tempo para o outro.

São inúmeros os autores que apresentam reflexões sobre o tempo, as suas características e diferentes dimensões. Muitos sentem necessidade de criar imagens e metáforas para os explicar, é quando surge a imagem do caleidoscópio,

²⁷⁸ Idem, p. 17.

²⁷⁹ BLONDEL, *La conscience morbide*, Alcan, éditeur, 2e édition, 1928, p. 214.

do mosaico e da estrada contínua, entre outras. Levi, na sua obra, caracteriza o tempo de uma forma magistral, associando-o ao percurso vital do ser humano.

“Esse tempo era, na verdade, extremamente longo, imóvel, pleno de coisas, de todas as coisas do mundo, e, de certo modo, quase eterno, como o do paraíso terrestre, que é, simultaneamente, um mito da infância e da eternidade. Mas depois o tempo encurta-se, a principio lentamente, nos anos da juventude, depois sempre mais à pressa, uma vez passado o cabo dos trinta anos, que cerra o vasto oceano sem margens da idade madura. As acções urgem, os dias fogem, um após o outro, e não há tempo de os olhar, de os contar, quase de os ver, e já desapareceram, deixando nas nossas mãos um punhado de cinzas. Quem nos constrangiu a correr assim, sem repouso? Talvez seja precisamente o tempo objectivo, que, seguindo uma sua curva matemática, se encurta progressivamente até se reduzir a nada no dia da morte?”²⁸⁰

N´ *O Girassol* a temática do tempo é amplamente abordada, na medida em que o doente internado, durante longos períodos, travava uma luta diária contra o tempo. Esta luta reveste-se de uma dupla faceta, o tempo presente que teima em passar, o quotidiano do sofrimento, do pesar, da luta contra a doença, um tempo de espera, de estagnação, e o tempo futuro, a esperança da cura, de tempos melhores e da libertação do sanatório.

O tempo presente reveste-se de dor, de tédio. A espera, atitude vital, engloba a determinação do doente em professar a demora e angústia da cura.

“Relógios de todos os géneros, de hastes, de meridianos, de pêndulas, de despertadores, de clepsidras. A areia corria nas clepsidras, um leve roçar, como de leves conchas levantadas pelo vento. E com esse roçar adormeci. Como essa cama estava morna, enquanto lá fora se voltava ao duro Inverno! Nesse calor tenebroso navegava já quase de manhã. É esta a hora dos sonhos: a hora invisível onde sabemos que o mundo se desenvolve e trabalha, e outros vivem, o Sol já brilha (...) as sereias chamam os operários ao trabalho e ao tédio quotidiano (...), é a hora em que nas prisões começam os rumores, os toques de sineta e o monótono cair das horas. Os relógios, contudo, marcam as horas, os sinos tocam, os ponteiros giram, lentos, sobre as torres, mas, nesta hora dos sonhos, estamos sobre uma margem segura, numa cama fofa, fora do tempo, dos relógios e dos sinos, e vemos coisas que não sucedem.”²⁸¹

²⁸⁰ LEVI, Carlo, *O Relógio*, Editora Arcádia, Lisboa, 1965, p. 17.

²⁸¹ Idem, p. 20.

Há quase uma paragem do tempo em que o período de internamento corresponde uma pausa na vida do indivíduo, uma pausa que na maioria dos casos corresponde a vários anos.”O tempo, que é pleno, é longuíssimo, e, quando se esvazia, encurta-se e acaba. Ou, a certo ponto, deixámos de lhe resistir.”²⁸²

No sanatório constitui uma prioridade a ocupação do tempo, para que ele passe mais depressa para que se esqueça o triste vaticínio. Esta espera é superada essencialmente com a leitura “Muitos doentes do sanatório já deram a volta ao mundo com Blasco Ibanêz, acompanharam Júlio Verne à “lua” e ao “centro da terra” e foram “a caminho do Oriente” com Jaime de Niso”²⁸³.

O futuro, próximo ou longínquo, representa a libertação da doença e a saída do sanatório, a anseia mas também o receio da reintegração na sociedade.

²⁸² Idem, p. 19.

²⁸³ *O Girassol*, 4 de Agosto de 1934.

Capítulo IV

***O Girassol*, Fonte e quotidiano no Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliântia**

1. Os espólios

1. O Jornal como suporte de memória

“Os meios de comunicação coletiva, através dos quais as mensagens jornalísticas penetram na sociedade, bem como os demais meios de reprodução simbólica, são “aparatos ideológicos”, funcionando, se não monoliticamente atrelados ao Estado, pelo menos atuando como uma consciência, influenciando pessoas, comovendo grupos, mobilizando comunidades, dentro das contradições que marcam as sociedades. São portanto, veículos que movem na direção que lhes é dada pelas forças sociais que os controlam e que refletem também as contradições inerentes às estruturas societários.”²⁸⁴

A imprensa actua na vida da sociedade através da divulgação das concepções ao nível da economia, da educação, da política e mesmo da moral. Através da imprensa podem-se definir as trajectórias da vida social de um determinado período e as relações sociais vividas num tempo específico, numa área geográfica e numa comunidade. Os jornais representam grupos de interesses sociais, políticos e económicos mas podem dar voz a visões relativamente distintas também. Daí que analisar um jornal implique perceber perante que grupos de interesses estamos, qual a orientação, o programa ideológico-político, social ou cultural que visa cumprir.

As colecções dos jornais, além de se constituírem num precioso material para os historiadores – afinal, o jornalismo é o relato da história humana no exacto momento em que ela acontece – contêm um acervo literário como raras bibliotecas possuem. Os grandes escritores, na sua maioria, frequentaram redacções de jornais e contribuíram para a sua existência através da colaboração prestada, de críticas realizadas ou mesmo pela sua simples leitura, como meros consumidores de notícias.

²⁸⁴ CARVALHO, Carlos et alii, *Estado, Educação e Imprensa (re)visitando a legislação educacional no triângulo mineiro durante o estado vanguardista(1930-1945)* in Portugal-Brasil: Memórias e Imaginários, Congresso Luso-Brasileiro, Actas, volume II, 2000, p. 618.

Nos últimos anos têm surgido pesquisas, que se centram nas actividades jornalísticas e nos próprios jornais, especialmente no século XIX e início do século XX. A investigação histórica em diferentes áreas do social, conduzida por universitários ou por pessoas responsáveis pela salvaguarda de documentos impressos e espólios de escritores tem contribuído para o conhecimento e utilização cada vez mais frequente dos jornais como fonte. No campo da literatura um romance, uma novela ou um poema, antes de eles tomarem a forma de um livro, apareciam muitas vezes nas páginas dos jornais. Posteriormente, muitos desses textos literários foram impressos. Os editores, mais selectivos que os dos diários e, sobretudo, bem menos aventureiros, preferem apostar em nomes consagrados em vez de desconhecidos e elegem géneros consagrados, em lugar dos inovadores. Parte considerável dos escritores que se destacaram no período em estudo colaborou em mais de um jornal, configurando os inícios da profissão de jornalista, regulamentada muitas décadas depois. E um número considerável de romances apareceu antes em jornais ou revistas, passando para a publicação em livro, quando completos. Podemos citar o exemplo de grandes nomes da literatura como Eça de Queirós e Ramalho Ortigão entre outros.

Ao constituir-se num elemento essencial do desenvolvimento da maior parte das sociedades contemporâneas com uma acção voltada para os mais amplos sectores que caracterizaram estas mesmas sociedades, a imprensa ganhou no século XX e de forma crescente, o estatuto de “fonte histórica”. À disposição dos pesquisadores em bibliotecas físicas e digitais, os jornais são analisados para encontrar os mais diversos elementos da existência humana, sejam eles a notícia social, política, económica, religiosa, cultural, entre outras. No que diz respeito à História, os jornais contribuíram também para a abertura a novos campos, como a

divulgação e controlo ideológico, a publicidade, as informações comerciais, etc. É uma fonte que deixa transparecer as acções, as alianças, as disputas, as críticas, a política, a cultura que demarcam a vida de uma dada época e comunidade.

Ainda assim, durante décadas, a imprensa sofreu graves preconceitos quanto ao seu conteúdo histórico, por ser considerada uma fonte “tendenciosa”. Esta desconfiança foi gradualmente sendo vencida, sobretudo a partir da ampliação do raio de acção do historiador quanto às suas fontes, que não apenas as oficiais e da necessária crítica externa e interna a todas elas. “

“A história mudou a sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo”, e “sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo – ela organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações”²⁸⁵

Foi nesta linha, que a imprensa passou a ser utilizada de maneira cada vez mais constante como importante manancial de informações históricas, vencendo-se gradualmente as resistências, até pelo facto de que, num grau maior ou menor, toda a fonte apresenta algum tipo de tendência. A imprensa detém, além disso um elemento precioso para o historiador – a possibilidade de datação de factos, de forma rápida e precisa.

O discurso pode ser definido como uma prática “resultante de um conjunto de determinações reguladas em um momento dado por um feixe complexo de relações com outras práticas, discursivas e não-discursivas”²⁸⁶, inscritas num processo histórico. Nesta perspectiva, o discurso tende a constituir-se num elemento que reflecte as diversas características de uma sociedade, uma vez que, pela sua

²⁸⁵ FOUCAULT, Michel, *A arqueologia do saber*, 4.ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995, p. 7.

²⁸⁶ ROBIN, Régine et alii. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa, in ORLANDI, Eni P. (org.). *Gestos da leitura da história no discurso*, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1994, p. 82.

própria existência, ele “marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação” de “redes de memória” e “trajetos sociais”²⁸⁷ A historicidade do discurso consolida-se à medida em que ele “se produz em condições determinadas e projecta-se no ‘futuro’”, bem como “porque cria tradição, passado, e influencia novos acontecimentos”. O discurso jornalístico toma parte no processo político-social de selecção dos acontecimentos, que serão recordados no futuro e, além disto, uma vez que ao seleccionar está a dar sentido a estes acontecimentos, a imprensa acaba por constituir no seu discurso um modo de recordação do passado. Esta fixação do passado pela imprensa, é bom recordar, não é todo o passado nem todas as versões dos factos. A imprensa não dá voz igual aos sujeitos e aos grupos. Representa uma voz dos que têm o poder do discurso. E se muitas vezes, se encontramos vozes marginais ao poder do discurso é preciso perscrutar o interesse, o porquê das suas presenças. A imprensa, como qualquer “fonte” tem de ser cotejada com outras. Nela se pode atender, contudo, a múltiplos elementos “marginais ao discurso” e que traduzem os factos ordinários da vida, como são os anúncios, reveladores da vida social, económica ou cultural, significativos para o historiador.

2. Descrição do espólio de *O Girassol*

Na base deste trabalho está a intenção de trabalhar um espólio, há alguns anos guardado dentro de um armário, depois de ter sido adquirido a um herdeiro pela escola secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, Valadares, Vila Nova de Gaia.

²⁸⁷ PÊCHEAUX, Michel, *O discurso: estrutura ou acontecimento*, Campinas, Pontes, 1990, p. 56.

Este espólio é constituído por três séries do jornal “O Girassol”, que pertenceu ao Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliântia, dedicados à cura da tuberculose óssea através da helioterapia.

A primeira série é constituída por dezoito números publicados entre 1924 e 1928. A segunda série compreende vinte números que têm início em 1934 e vão até 1940. A terceira série tem início na década de 50 (1954) e é constituída por dezanove números. O jornal foi mensal e nalguns períodos quinzenal, com alguns números especiais.

Este espólio integra ainda a correspondência respeitante à realização deste jornal, correspondência entre colaboradores, dos Directores e Administração, entradas e saídas do Sanatório, operações e tratamentos realizados, correspondência oficial (supervisão da censura), textos literários enviados, textos corrigidos, manuscritos enviados pelos leitores, registos de assinantes e respectivos pagamentos.

As fotografias assim como postais de divulgação da Instituição, folhetos e cartazes de eventos nela e por ela organizados, são parte integrante deste pequeno acervo.

Também, uma cuidadosa selecção de recortes da imprensa nacional e internacional foi guardada num livros de actas pelo fundador deste jornal, Manuel Oliveira Guerra.

A Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves adquiriu este espólio pelo facto de o seu patrono ter sido o Fundador do Sanatório Marítimo do Norte. Houve e continua a existir uma preocupação em integrar documentos importantes para o conhecimento da personalidade deste médico, que consagrou a vida à

instituição hospitalar que marcou o desenvolvimento da localidade em que se insere esta escola.

É simultaneamente um acto de reconhecimento pela acção filantrópica do seu autor e de conhecimento do contexto em que a escola actua, procurando recuperar o que de melhor a memória colectiva conservou. Do medo à tuberculose, que marcou gerações, à luta contra ela, ao seu domínio, há toda uma simbologia, uma organização do espaço, uma marca nos edifícios e nas memórias das gentes. Reconhecer, estudar, devolver à comunidade é criar memórias vivas do passado comum. É contribuir para a estruturação da identidade do local e dos seus actores. É transformar o conhecimento científico, individual, em conhecimento de nós.

2.1. O Fundador de *O Girassol*

Manuel Oliveira Guerra nasceu em 24 de Agosto de 1905, filho de um operário vidreiro da Marinha Grande que veio a tornar-se um industrial do mesmo ramo em Oliveira de Azeméis. Seguiu o pai na profissão. Com apenas onze anos foi-lhe diagnosticada tuberculose óssea, Mal de Pott, e foi prontamente internado no Sanatório Marítimo do Norte e aí permaneceu durante vários anos. Aí terminou a escola primária e iniciou os estudos liceais que eram ministrados por uma professora que ali se deslocava propositadamente.

“O Manuel Guerra de olhos buliçosos, muito investigadores, cheio de livros, cabecinha de 20 anos cheia de fantasia... e às vezes um pouco em revolta com os versos de António Nobre”²⁸⁸.

²⁸⁸ *O Girassol*, 31 de Agosto de 1924.



Figura 7 – Manuel Oliveira Guerra (Espólio ESJGFA)

Publicou os primeiros poemas e trabalhos em prosa no Jornal *Correio de Azeméis* (1922) e fundou e dirigiu o jornal *O Girassol*, entre 1924 e 1928, a que, mais tarde, entre 1955 e 1956, voltou a dar colaboração. Ali publica textos inéditos de Eugénio de Andrade, Pedro Homem de Melo e Teixeira de Pascoais. Do contacto com os jornais da Galiza, a que tinha acesso naquela instituição, adveio-lhe a paixão pela cultura e pelas relações luso-galaicas. Com 20 anos é integrado pelo pai no mundo operário, numa fase de grande agitação laboral, que conhece mais de perto em 1928, regressa a casa e exerce funções na empresa paterna, o Centro Vidreiro de Oliveira de Azeméis.

No mesmo ano casa com Maria Emília dos Santos Teles, em Espinho, e desta união que manteve até à morte, nascem 4 filhas. Terá, mais tarde, um filho de outra relação.

Em 1932, com 27 anos, por sugestão de um amigo, escreve, em pouco mais de um mês a colectânea de sonetos *Padre ...Nosso*, que Silva Pinto editou com prefácio de Ramada Curto e se esgotaria em duas semanas.

Se o sucesso inaugural de Oliveira Guerra teve a vantagem de instigar a sua febre criativa e editorial, teve, por outro lado, responsabilidades de provocar a polémica que estalou na imprensa entre sectores ideológicos antagónicos, entre conservadores e liberais, teve ainda consequências a nível familiar. Apesar das convicções republicanas do pai, não parecia possível que naquele pequeno império vidreiro houvesse um filho que punha em causa o estatuto religioso dominante e o que instaurava as relações entre operariado e patronato.

Oliveira Guerra vê-se, assim, forçado a abandonar a vida literária pública, que retomará em 1960, com a reedição de *Padre... Nosso*, a publicação de *Ave Maria* e de um livro de contos, considerados autobiográficos.

Com o regresso à vida literária, desperta também a antiga paixão pela Galiza. Fundou a revista de aproximação luso-galaica, *Céltica- Cadernos de Estudos Galaico-Portugueses*²⁸⁹, tendo sido publicados quatro volumes, entre 1960 e 1963, com a colaboração de intelectuais do norte português e da Galiza, onde a iniciativa foi acolhida com entusiasmo. Desses cadernos decorreu também a tentativa de criação, em 1961, do círculo de Estudos Galaico-Portugueses, de que foi o principal impulsionador e teve o apoio de intelectuais e artistas da Galiza e da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto.²⁹⁰

A iniciativa, que viria a terminar “por óbvias razões políticas, era pioneira e criou oportunidades múltiplas de discussão do problema das relações culturais entre os dois países.”²⁹¹

²⁸⁹ O espólio da revista *Céltica* pertence à Biblioteca Municipal de Viana do Castelo.

²⁹⁰ O projecto de estatutos deste Círculo de Estudos consta do livro de *Actas da Primeira y Segunda Asambleas Lusitano-Gallegas* – 1967, p. 107ss., da Real Academia Gallega, e foi transcrito no caderno nº 4 da *Céltica*, p. 247ss Oliveira Guerra, em artigo que precede essa transcrição, descreve todo o processo de formação do Círculo e seus antecedentes.

²⁹¹ ROCHA, Ilídio, (Coord.), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Vol. IV, Mem Martins, Publicações Europa -América, 1998, p. 234.



Figura 8 – Oliveira Guerra com poetas galegos (Espólio ESJGFA)

Sobre Oliveira Guerra, escreveram diversos autores do mundo das letras e das artes, entre eles, seleccionamos dois autores que contribuem para uma caracterização da personalidade e obra deste autor.

“Ao chegar ao Porto, de férias (...) tive sorte. Conheci, entre outros, um homem inesquecível: Manuel de Oliveira Guerra. (...) Delicado, intuitivo no (re) conhecimento do outro, percebendo a sua cidade, generoso, partilhando; partilhando a experiência, o jantar, a viagem, os amigos, o lar, as suas paixões. A sua simplicidade estonteante, o seu olhar por detrás dos óculos, sempre mal postos, feito de amizade preocupada, o seu prazer nas eventuais afinidades, fizeram dele, para mim, **homo novus** nesta sociedade, um inesquecível guia dos primeiros passos. Foi mais: poeta, profeta luso-galaico”²⁹².

²⁹² LISTOPAD, Jorge, in GUERRA, Manuel Oliveira, *Esta Cidade Que Eu Amo*, M^a Virgínia Guerra, Porto, 1998, p. 1.

Jorge Listopad nasceu em Praga em 1921 escritor, crítico, professor universitário e encenador teatral, naturalizou-se português nos anos 50. Foi um resistente à ocupação nazi. Trabalhou na rádio e televisão francesas. Publicou várias obras premiadas em Paris. Cf. *Céltica -Caderno de Estudos Galaico-Portugueses*, org. Oliveira Guerra, Porto, p. 310.

“Não esqueço o Oliveira Guerra, – um homem calado absorto, de poucas palavras, que aparecia em tudo o que de bom ali (no Porto) se fazia. Era assim com uma palavra certa, um sonhador, que esquecia os bens materiais da vida, pelo encontro com a poesia.”²⁹³

“Ei-lo que passa de cabeça baixa,
A mirar sempre, estranho, para o chão,
Como quem anda a ver se busca e acha
Rima difícil, chave ou solução...”²⁹⁴

Entre as múltiplas actividades de relevo que marcaram a vida de Oliveira Guerra, a quem pertencia o espólio em estudo, conta-se a fundação e direcção d' *O Girassol*, jornal dos doentes e trabalhadores do Sanatório Marítimo do Norte e, mais tarde, também da Clínica Heliântia, associados à iniciativa e acção do Dr. Ferreira Alves, no âmbito do tratamento da tuberculose óssea pela helioterapia.

O Girassol, de longa história, para além de dinamizar e dar conta do quotidiano dessas instituições, fazendo eco dos tempos que iam correndo, soube também abrir-se, muito pela sensibilidade e contactos de Oliveira Guerra, a colaborações exteriores de qualidade – o grande poeta e pensador Teixeira de Pascoais publica aqui um texto inédito. O ainda jovem Eugénio de Andrade oferece ao jornal um poema que nunca tinha sido impresso.

²⁹³ Idem, BABO, Alexandre, p. 34.

RODRIGUES, Urbano Tavares, “ [Sobre **Alexandre Babo**] Passou pelo Socorro Vermelho, pelo bloco -académico antifascista, pelo MUD, formou-se em Direito e advogou, entrou em 1943 para o Partido Comunista, defendeu presos políticos no Supremo. Dava-se, no Porto e depois em Lisboa, com jornalistas e escritores e assim nos encontrámos e nos tornámos amigos e companheiros de jornada: nos colóquios em que, sob a orientação de Óscar Lopes e de outros intelectuais progressistas, se discutiam livros e ideias para podermos dizer também as verdades que iriam despertar o povo, acorrentado por mitos e medos, para um futuro a construir. O Alexandre foi sempre um entusiasta dos empreendimentos colectivos, inúmeras vezes sacrificou lazes e despendeu esforços generosos para criar ou empurrar instituições culturais, com o Centro Cultural do Porto, o TEP, o Palco Clube de Teatro, a Sociedade Portuguesa de Escritores” in “*Avante!*”, nº 1386 – 21 de Junho de 2000.

²⁹⁴ Alexandre Babo escreve sobre Oliveira Guerra in GUERRA, Oliveira, *Escritos*, ed. Jornal “A Voz de Azeméis, 2002, p. 27.

3. A primeira série de *O Girassol* (1924 a 1928)

3.1. O surgimento do jornal



Figura 9 – Cabeçalho da 1ª série de *O Girassol*

O Girassol surge como um projecto pessoal de Oliveira Guerra que passa a colectivo quando assumido pelos membros da Instituição como elemento aglutinador e uma prova da identidade do Sanatório. Inicialmente, funciona como uma estratégia de combate ao tédio e à solidão do internamento.

“Mergulhei também no mundo do sonho e da contemplação e dei os primeiros passos na ladeira da tristeza, que se começa a descer suavemente, lentamente, e no fundo da qual não se sabe muitas vezes o que haverá. Mas nisto surge, não sei como, uma ideia, uma ideia que é de repente como um jacto de luz: a publicação de um pequeno jornal de todos e para todos quantos ali viviam, e também para as famílias e para os amigos e para quantos quisessem que ele vivesse.”²⁹⁵

O projecto é acolhido com entusiasmo e rapidamente mobiliza todos para a sua concretização. Desde o início tem o apoio incondicional do Dr. Ferreira Alves “ E a

²⁹⁵ GUERRA, Oliveira, Texto original, [Espólio ESJGFA].

ideia mereceu o apoio entusiástico de todos e o generoso acolhimento de grande homem de coração e de ciência que foi o Dr. Ferreira Alves.”²⁹⁶

Com grande modéstia, Oliveira Guerra caracteriza o seu projecto com um diminutivo, que será concretizado com grande esforço devido ao estado muito débil e à mobilidade reduzida de todos os futuros colaboradores. Manifesta alguma preocupação pelo facto de a maioria dos doentes serem crianças, e assim terem uma participação limitada no futuro jornal.

“Mercê da nossa imensa boa vontade e do carinhoso auxílio do nosso querido Director Dr. Ferreira Alves, sentimos hoje a gratíssima satisfação de vermos realisada uma ideia que já por diversas vezes nascera no espírito d’alguns doentes d’esta casa e que também em nós se radicou persistentemente. (...) temos a nítida consciência do pequeno mas verdadeiro valor deste empreendimentozinho e a antecipada certeza de que ele será bem aceite por todos, a todos causando tão grande agrado como o que nós sentimos nesta hora(...) para as nossas magras forças, ele representa um arrojo enorme: - Além da triste condição de doentes, que nos não permite o necessário dispêndio de energia, falta-nos, como é natural, a mais pequena competência intelectual e não nos será ainda licito esperar qualquer colaboração de companheiros d’esta casa, na maioria creancinhas.”²⁹⁷[sic]

Como a participação das crianças será limitada, Oliveira Guerra solicita a colaboração dos pais das crianças internadas para a compra do jornal, pois assim terão notícias regulares dos seus filhos e do lugar onde se encontram.

“Como é justo “O Gira-sol” faz-se sobretudo para creanças, visto que (...) estas constituem a maioria dos habitantes do Sanatório. (...) Aos pais dos nossos pequenos também o entregamos, porque nas suas secções infantis encontrarão, uma vez por outra, noticia dos seus doentinhos. Que eles e todos quantos conhecerem “O Gira-Sol” se dignem auxiliar-nos, e ajudarão uma obrasinha toda de carinho e afecto – que outros sentimentos nos não guiam nesta empreitada que nos impuzemos com a mais viva das satisfações”²⁹⁸.

²⁹⁶ *Ibidem*.

²⁹⁷ *O Girassol*, 23 de Março de 1924.

²⁹⁸ *Ibidem*.

Ferreira Alves, para além de apoiar com entusiasmo este jornal, é o próprio que, em momentos de desalento e de inércia de Oliveira Guerra, o incentiva e insiste para que o jornal seja realizado “Então esse número d’*“O Girassol”* quando sai? É preciso terminar esse número que já estava começado.”²⁹⁹

O longo internamento no Sanatório constituía, para além da dor física e dos penosos tratamentos, um período de grande tristeza e incerteza perante a recuperação da doença. Para Oliveira Guerra a ideia deste projecto foi um grande incentivo para ajudar a superar a vida no Sanatório.

“E a ideia (do Jornal) salvou-me das garras da tristeza, daquela tristeza mortal para que nasci, e de que tenho passado a vida a fugir, a fugir instintivamente, por todos os meios, como quem foge ao veneno mais corrosivo que pode haver na vida...A ideia empolgou-me e foi como que a asa alígera e poderosa que, arrancando-me o espírito da ladeira escorregadia por onde ele deslizara, mo levou para céus desanuviados e azulinos”³⁰⁰.

A escolha do nome, provocou, segundo “*O Girassol*”, acesa discussão “Uns queriam este, outros desejavam aquele. Mas o que nós queríamos, afinal, era um nome que dissesse qualquer coisa de muito querido e significativo.”³⁰¹ Há sempre a preocupação de pensar e discutir o pormenor, havia que preencher o tempo, o ócio.

“Assim foi que, “Gira-Sol”, que depois de várias denominações...ficou sendo “Gira-Sol” – a grande roseta dourada dos campos e dos jardins que o Sanatório tomou por emblema. E estava escolhido para sempre o nome mais próprio que nos seria dado escolher.”³⁰²

No segundo número de 9 de Abril de 1924 é explicada a razão da grafia “Gira-

²⁹⁹ Carta a Oliveira Guerra endereçada pelo Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves anunciando a sua cura e perguntando pel’ *O Girassol*, [Espólio ESJGFA].

³⁰⁰ GUERRA, Oliveira, Texto Original, [Espólio ESJGFA].

³⁰¹ *O Girassol*, 23 de Março de 1924.

³⁰² *Ibidem*.

-Sol” presente no cabeçalho do primeiro número “semeamos o nome da folha com grande erro ortográfico, dando isso em resultado sair o próprio cabeçalho com o mesmo erro. Assim, em lugar de *Girassol*, saiu *Gira-Sol*.”

3.2. Visitantes ilustres

Nesta primeira série é dedicada uma rubrica aos visitantes ilustres. Pela listagem de nomes e sua ressonância social, verifica-se que o Sanatório foi uma iniciativa arrojada, com impacto social, a que as grandes figuras se procuravam associar ou prestar homenagem e apoio. O que demonstra a importância da obra e a rede social em que se movia o seu autor. Entre os visitantes poderíamos destacar, os actores Lucília Simões, Erico Braga, Amélia de Souza, O Presidente da República, Teixeira Gomes, o Ministro do Comércio, António da Fonseca, o Presidente do Senado Municipal do Porto, Souza Júnior, Eduardo de Souza, o Governador Civil do Porto, Luiz Ferreira Alves e Jaime Atlas, Chefe do Protocolo da Presidência da República.

“O Dr. Sidónio Paes visitou o sanatório, acompanhado dos seus secretários. Percorreu a enfermaria, procurando interessar-se por tudo e entretendo-se com as criancinhas, durante largo tempo com o maior carinho. Reconheceu a necessidade do desenvolvimento desta Instituição, prometendo todo o auxílio possível. Ao retirar-se as suas ultimas palavras foram: «*Saio desta Casa de Caridade verdadeiramente encantado!*»³⁰³[sic]

A visita de um grupo de médicos lisbonenses foi referida no jornal de 9 de Abril de 1924 “percorreram todas as instalações do Sanatório, retirando-se com as

³⁰³ Sanatório Marítimo do Norte, *Relatório e Contas, Anos económicos 1918 a 1920*, p. 8.

melhores impressões desta casa, conforme o deixaram consignado no Livro de Honra.”

Foi assinalado n’*“O Girassol”* de 11 de Maio de 1924 a visita de estudo, a convite do Dr. Ferreira Alves, “dos tercianistas da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (...) deixaram as suas impressões, as mais elogiosas”.

Na publicação de 10 de Agosto de 1924, anuncia-se a visita do Sr. Gustavo d’Avila Perez, conhecido Engenheiro – Electricista do Porto “ que veio ao Sanatório estudar a montagem nesta casa de iluminação eléctrica, cuja falta muito se faz sentir (...) e na primeira oportunidade trará o seu aparelho de telefonia para proporcionar aos internados a audição de alguns concertos em Londres, Paris, etc.”

A Princesa D. Maria Luiza de Bourbon visitou o Sanatório por se encontrar a veranejar em Espinho “Chegou acompanhada de algumas senhoras (...) após a visita a todo o sanatório, durante a qual um grupo de crianças entoou algumas canções, Sua Alteza assinou o Livro de Honra e passou ao salão central onde foi servido um chá.”³⁰⁴

3.3. As diversões

“As nossas diversões”, é a secção de *O Girassol* onde se faz uma reconstituição da vida social do Sanatório “Quem não conhece a nossa vida cá dentro, poderá talvez supôr que ela é feita só de tristeza e monotonia”³⁰⁵. Dele fazia parte a rubrica “As datas festivas”, sempre assinalada ao longo de todas as séries de *O Girassol*. Essas datas são o aniversário do Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves,

³⁰⁴ *O Girassol*, 14 de Setembro de 1924.

³⁰⁵ *Ibidem*.

dia nove de Abril e o dia oito de Abril, aniversário da benemérita D. Helena Sousa Dias.

A leitura e as festas ocupam um lugar de destaque “ Nem só livros e jogos infantis tem sido oferecidos ao Sanatório para uso das sua creancinhas. Algumas festas (...) cheias de mimo, de amor e de beleza se tem realizado cá.”³⁰⁶

O Carnaval foi festejado com grande animação, não esquecendo as brincadeiras típicas desta data festiva, embora os seus vestígios, por terem sido difíceis de eliminar, provocaram alguma zanga entre as empregadas.

“Não se deixou de jogar, n’este pequeno mundo, o confeti, a serpentina, o lança-perfumes, como lá fora, em toda a parte. Jogou-se e muito, a ponto de, passados alguns dias, ainda as empregadas do Sanatório se enfurecerem contra esses irritantes papelinhos carnavalescos que, por todos os cantos.”³⁰⁷[sic]

O Natal no Sanatório era festejado cumprindo os costumes desta época e destinado fundamentalmente às crianças “sem brinquedos seria a festa incompleta (...) vemos todos os anos a snr^a D. Helena Dias – ajoujada de lindas prendas (...) que entregará às criança e às não-crianças, porque todos, sem exclusão de ninguém, têm sempre na sua alma amiga lugar par uma lembrança.”³⁰⁸

3.4. O financiamento de *O Girassol*

As assinaturas garantem o financiamento para a impressão do jornal “ Assinar “O Girassol” é ajudar uma obrasinha carinhosa”³⁰⁹. É distribuído gratuitamente a todas as crianças do Sanatório, são enviados às suas famílias para que o assinem e

³⁰⁶ *Ibidem.*

³⁰⁷ *Ibidem.*

³⁰⁸ *O Girassol*, 1 de Janeiro de 1925.

³⁰⁹ *Ibidem.*

ainda o enviam aos antigos doentes para que façam a sua assinatura, “rogando áqueles que não queiram assignar a fineza da sua devolução”³¹⁰. No segundo número do jornal é referido que não houve nenhuma devolução dos exemplares enviados às famílias dos doentes, pelo que tenha sido bem aceite por todos quantos o receberam.

As notícias sobre os pequenos doentes apresentam-se de uma forma humorística e revelando muito carinho nas alcunhas que lhe são atribuídas, sempre de acordo com as características da sua personalidade, que se destacam no quotidiano do Sanatório.

“Estão na berlinda os meninos: Fernando Pereira por ser o rei dos diabretes, Joaquim Epifânio pelo seu simpático olhar de garoto; Fausto Picado pela sua pronuncia vareira; Ignacio de Souza por ter cara de japonêz; Júlio Fromigal por ser um pequeno Sancho Pança; Beba por ser o maior doente do Sanatório, Edgar por ser muito chorão; José Maria por ser apaixonado pelo gramofone e José Carvalho por ser mimalho (e rimou...).”³¹¹

As actividades beneméritas eram imensas e todos contribuíam de acordo com as suas possibilidades. A propósito da oferta dos actores Lucília Simões e Erico Braga de duas récitas do seu espectáculo, no teatro Sá da Bandeira, é descrito o evento:

“Com efeito a casa estava repleta e avultado numero de bilhetes foram generosamente pagos por quantias muitos superiores ao seu custo, verificando-se assim quão bem aceite foi a valiosa iniciativa daquela noite de arte e caridade.”³¹²

³¹⁰ *Ibidem*.

³¹¹ *O Girassol*, 11 de Maio de 1924.

³¹² *O Girassol*, 9 de Abril de 1924.

Ainda a propósito desta festa é descrito, com pormenor, o espectáculo, o agradecimento do Dr. Ferreira Alves, a oferta aos actores de lembranças e a receita acima de vinte mil escudos.

Os mesmos actores ofereceram outra récita do mesmo espectáculo no próprio Sanatório. É então descrita a preparação da enfermaria Helena Dias. Os artistas presentes, os números apresentados, os representantes da imprensa presentes e a oferta, aos artistas, de um “fino chá, gentilmente fornecido pela Sociedade Industrial Aliança”³¹³, assim como a distribuição, aos convidados d’*“O Girassol”*, “vimos o snr. Luiz Ferreira Alves feito distribuidor de jornais”³¹⁴.

Para festejar o aniversário do Dr. Ferreira Alves, o Orfeão do Porto, com 40 dos seus elementos e o seu Director – Regente, Raul Casimiro, fez uma apresentação no Sanatório,

“Com as suas canções representavam-se, alternadamente, os diversos números infantis, monólogos e outros recitativos, canções e uma comediasita, tendo-se conduzido todas as crianças muito bem, pelo que mereceram também os maiores aplausos de todos, e provocando alguns franca gargalhada entre a assistência (...). Todas as crianças, depois de recitarem, eram chamadas pelo Sr. Dr., que os beijava afectuosamente”³¹⁵.

Depois da actuação foi servido um “chá ambulante” à assistência, aos orfeonistas, e aos doentes. Como era habitual, quando havia algum evento com convidados, eram distribuídos alguns números d’*“O Girassol”*.

Outra iniciativa de angariação de fundos foi o desafio de futebol entre o “Real Celta de Vigo” e o “Foot-ball Club do Porto”

³¹³ *Ibidem.*

³¹⁴ *Ibidem.*

³¹⁵ *Ibidem.*

“Aceite gentilmente o convite pelos dois importantes agrupamentos desportivos, realizou-se o desafio, que vinha despertando grande interesse, no dia 23 de Abril, no campo da Constituição, do “Foot-ball Club”.³¹⁶



Figura 10 – Cartaz de divulgação do jogo de futebol entre o Futebol Clube do Porto e o Celta de Vigo

Neste desafio esteve presente uma grande assistência, cabendo a vitória ao grupo galego por 3-2, ficando esta equipa detentora da “Taça Sanatório Marítimo do Norte” oferecida pela Direcção do Sanatório³¹⁷. É também referido que, durante o

³¹⁶ O Girassol, 11 de Maio de 1924.

³¹⁷ Pertence ao espólio deste jornal, o cartaz que anuncia este evento, impresso a vermelho com as dimensões 60X 60cm.

desafio, foram vendidos à assistência, pelas empregadas da instituição, postais com vistas do Sanatório.³¹⁸

Um grupo de circo, a companhia Luftmann, a actuar no teatro Carlos Alberto, deslocou-se ao Sanatório para fazer uma exibição aos seus doentes. O número mais aplaudido pelos pequenos doentes foi o dos palhaços “E foi, de facto, um dia de completo regosijo para a pequenada, que neste triste Inverno, vinha tendo sobejas razões para andar aborrecida.”³¹⁹

“A Carteira” é a rubrica dedicada aos aniversários, às entradas e saídas do Sanatório, às visitas, às operações. Constatamos a saída de doentes estrangeiros “Regressou a sua casa em Vigo, o menino José Maria Dotras”³²⁰; a visita de antigos doentes “o menino Arnaldo Gomes, antigo internado do Sanatório durante dois anos. Aluno, actualmente do Instituto Nun’Alvares de Vigo.”³²¹ ; e a partida para Favaio, Chaves, para passar as férias da Páscoa “a. D. Carlota de Barros, digna professora do Sanatório”³²²; foi internado “o menino João Gonçalves Martins de S. Paulo (Brazil)”³²³.

São publicados contos infantis, poesia, adivinhas, charadas, anúncios sentimentais brincalhões, lendas tradicionais, pensamentos, citações de autores, correio recebido.

O número de 6 de Julho de 1924 é dedicado à viagem aérea Lisboa-Macau. São homenageados os aviadores Brito Paes e Sarmiento Beires. São incluídas citações de Leonardo de Coimbra e de Pedro Victorino relativas a estes dois aviadores, expressamente escritas para “O Girassol”.

³¹⁸ Estes postais estão inseridos em anexo e pertencem ao espólio ESJGFA.

³¹⁹ *O Girassol*, 1 de Janeiro de 1925.

³²⁰ *O Girassol*, 1 de Junho de 1924.

³²¹ *Ibidem*.

³²² *Ibidem*.

³²³ *Ibidem*.

“Lisboa, Macau: dois extremos do solo luzitano. O voo que os uniu foi um arripio da raça: um sobressalto do coração da Pátria voltando-se dentro do arcaboço do seu imenso feito.”

Leonardo Coimbra (Palavras expressamente escritas para “O Girassol”)³²⁴ [sic]

“O sonho do Oriente, dos países desse lendário Prestes João, que determinou a missão de Pêro da Covilhã por terra e dirigiu depois Vasco da Gama através do Oceano, deveria seduzir ainda, seculos volvidos, o espírito português, num expontaneo arranco pelo espaço, como um meteoro que iluminando a rota levantina, fosse a consagração dos heróis passados prestada sublimadamente pelos heróis de hoje.

Pedro Victorino (Palavras expressamente escritas para “O Girassol”) [sic]³²⁵

3.5. Valadares como zona de veraneio

“O *Girassol*” também nos revela a praia de Valadares, como uma zona de “vilegiatura” motivada pela fama crescente do Sanatório devido ao seu ar marítimo de excelência. O fenómeno de *villegiare* surge à imagem da estância balnear da Granja, tão próxima e frequentada por gente ilustre. “A Granja, como estância balnear de elite, foi estabelecida na segunda metade do século XIX (...). Esta praia viria a ocupar um lugar de grande destaque na vida social das mais altas classes da sociedade portuguesa e até estrangeira”³²⁶.

Podemos, ainda, verificar a existência de um tipo de casas de vilegiatura, muito próximas do mar e que se destinavam a albergar famílias para a época de banhos no verão.

“Podemos descrevê-las como *chalets* com janelas pontiagudas e águas fortemente inclinadas, que resultam em telhados de alpendre que ultrapassam as linhas de construção. Estas casas materializam as características da

³²⁴ O *Girassol*, 6 de Julho de 1924.

³²⁵ *Ibidem*.

³²⁶ ALVES, Miriam Ferreira, *Marcas da Presença Britânica na Granja e na Literatura Portuguesa entre 1837 e 1914*, Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, 2005, p. 27.

arquitectura balnear, ou melhor, das “maisons de plaisance”, na medida em que não é clara a distinção entre o chalet de praia e de montanha.”³²⁷

Ambos se destinam à mesma moderna função – as férias – e é esse factor que imprime semelhança e especificidade aos seus programas. O chalet de praia segue o esquema da casa Suíça de montanha porque a motivação é coincidente.

Muitas das famílias, que começaram a passar o verão na praia de Valadares, tinham crianças da família internadas no sanatório, vinham fazer-lhes companhia e usufruíam dos banhos de mar e das *soirées* animadas do Sanatório.

“Chega o verão e um período de grande animação para o Sanatório, com os doentes que aqui vem passar aquele tempo, longe do ruidoso veraneio das praias movimentadas. (...) Chegaram ainda a esta praia a snr^a D. Gertrudes Gomes e sua gentil filhinha Maria Manuel e o snr. Teixeira Val, sua esposa e cunhadas, respectivamente famílias dos meninos João Gomes e José Teixeira Val, a quem vem fazer companhia durante o verão.”³²⁸

“Encontra-se nesta praia, em casa do snr. Teixeira Vale, a snr^a D. Luciana Teixeira Vale. De casa do mesmo snr. partiu para Lamego a snr^a D. Regina Pimenta.”³²⁹

Encontramos, também, notícias de pessoas que passavam o verão no Sanatório com a intenção de seguir os conselhos do Dr. Ferreira Alves, que recomendava muito sol, ar do mar e boa alimentação, por serem o segredo da saúde do início do século “A veraneiar no Sanatório chegaram no dia 23 o Snr. Henrique Rodrigues, sócio da empresa do importante diário portuense “O Primeiro de Janeiro” e no dia 29 o Snr. Dr. António Augusto Cerqueira, advogado de Lisboa com a sua Exma esposa.”³³⁰

³²⁷ CARVALHO, Maria Filomena Barros, *Arquitectura e vilegiatura na Foz do Douro (1850-1910)*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997, p. 67.

³²⁸ *O Girassol*, 11 de Maio de 1924.

³²⁹ *O Girassol*, 6 de Julho de 1924.

³³⁰ *O Girassol*, 10 de Agosto de 1924.

O *Girassol* noticiava as viagens e as vilegiaturas das melhores famílias, assinalava as partidas e os regressos, o que permite conhecer as rotas seleccionadas, as distâncias percorridas, a sua orientação higiénica ou terapêutica, o ritmo adoptado entre o período mais quente do Verão e a chegada do Outono. Sobressaem os caminhos das águas. Uma temporada, a banhos de mar, a banhos de sol, também, em especial desde os inícios do século XX, depois de estabelecido o valor do sol, a sua importância na prevenção e no combate à tuberculose. No litoral, por sua vez, em particular desde Lisboa até ao norte, é grande a animação que invadia as praias, as povoações da costa, como Santo Amaro de Oeiras, Estoril, Monte Estoril, Cascais, Colares, Torres Novas, Praia da Âncora, Figueira da Foz, S. Martinho do Porto, Granja, Odemira, e outras.

A busca de bons ares era ainda assinalada, neste jornal, pela procura dos campos, a permanência de algum tempo nas quintas. No plano social, não é possível negar a animação que percorria os lugares de vilegiatura, de viagem.

“Chegaram ainda a esta praia a snr^a D. Gertrudes Gomes e sua gentil filhinha Maria Manuel e o snr. Teixeira Val, sua esposa e cunhadas, respectivamente famílias dos meninos João Gomes e José Teixeira Val, a quem vem fazer companhia durante o Verão.”³³¹

A chegada das famílias às localidades dos arredores com o fim de veranearem, era motivo de anúncio. A publicação deste tipo de notícia, mais do que sublinhar um facto recente, a chegada das famílias para uma nova temporada de banhos, nesse ano como, por certo, em anos anteriores e posteriores, não deixa de revelar o interesse de cada uma das populações pelos lugares de banhos, pela passagem de famílias e de grupos, que transportavam consigo, além dos hábitos e das exigências

³³¹ O *Girassol*, 1 de Junho de 1924.

urbanas, além dos haveres e de todos os apetrechos essenciais, a intensificação da vida, a animação do lugar, novas perspectivas de emprego, de comércio, melhoramentos económicos, modelos e ritmos sociais e culturais indispensáveis, na realidade, ao desenvolvimento de cada região.

A aglomeração dos banhistas suscitava a efervescência do lugar. A concentração temporária, à imagem do que acontecia no estrangeiro, onde locais como Brighton ou Deauville conheciam outra importância graças ao desenvolvimento da prática dos banhos de mar e da valorização do ar marítimo.

“Eis chegado o risonho tempo das praias, quando elas se começam de enfeitar de flores e envolver de luz, sob a cariciosa e azulina transparência do nosso fermoso Céu, para acolherem a alegria, os folguedos, os flirts....Despovoam-se aldeias e cidades, serras e vales, para se movimentarem estas deliciosas estancias de repouso e de recreio à beira-mar, desde a mais humilde à mais rica, desde a mais sossegada à mais ruidosa”³³².

Fomentava a criação de espaços reservados de divertimento, a realização de recitais que davam nova vida e sentido às filarmónicas e bandas de música locais, às sociedades de recreio e de teatro, nas quais se promoviam representações dramáticas, organizações de quermesses e de bailes, a formação de clubes. Promoviam, ao mesmo tempo, a necessidade de criação de hotéis e de construção de chalets para acolhimento do número crescente de banhistas, a sua ligação mais duradoura aos lugares, os melhoramentos sentidos como indispensáveis.

“Quem percorrer esta enfiada de adoráveis praiasinhas que do Porto até Espinho se estendem preguiçosas sobre o branco areal, pertinho umas das outras, aconchegadas como irmãs muito amigas, pequeninas e coquetes, envoltas num vasto manto de arvoredo mal se anuncia o tempo bom, como donzelas que busquem a sombra amiga e deleitosa dos seus aristocráticos caramanchões (...) quem as percorrer, uma a uma, demorando-se um pouco em todas para as admirar, para as analisar, nas linhas fidalgas dos seus palácios,

³³² *O Girassol*, 10 de Agosto de 1924.

na suas ruas ensombradas por grandes árvores, fica encantado e saudoso logo ao deixá-las.”³³³

Desenvolviam, ainda, novas fontes de interesse pela instrução e o saber. A vontade de construir, de fortificar, não se restringia aos corpos. Fomentava, na mesma linha, o desejo de consolidar a personalidade e o carácter, de construir atitudes cultas, de alimentar a curiosidade, através da criação de centros onde se divulgava o conhecimento de modo atraente e acessível.

Em Dezembro de 1918 foi criada em Valadares a “Sociedade da Praia de Valadares” amplamente referida n’O *Girassol*, entre os seus sócios figuravam Joaquim Gomes Ferreira Alves e Luiz Ferreira Alves, dos seus estatutos, vocacionados para criação de uma consciência de solidariedade e defesa de uma comunidade, destacamos os seguintes artigos:

“Artigo 1º – Com a denominação de Sociedade de Defesa e Propaganda da Praia de Valadares é instituída nesta praia (...) uma associação cujo fim é desenvolver o progresso moral, social e material da Praia, o que procurará realizar:

- a) Estimulando o espírito de solidariedade que deve existir entre todos os habitantes da Praia.
- e) Interessando-se pelas instituições de beneficência, instrução popular e assistência.
- g) Prestando judiciosos cuidados de conservação e restauração aos seus monumentos e curiosidades históricas e artísticas.
- k) Procurando chamar para a Praia o movimento de nacionais e estrangeiros para o que convirá:
 - Tornar bem conhecidas as suas condições especiais de clima e situação.
 - Fomentar a criação de hotéis, casinos e parques, que satisfaçam às condições de exigências modernas.
 - Criar um museu e biblioteca para recreio e instrução dos habitantes”³³⁴.

A ausência temporária da cidade para os banhos de mar sugeria, desde o primeiro instante, a elaboração antecipada, e minuciosa, de cada elemento da

³³³ O *Girassol*, 10 de Agosto de 1924.

³³⁴ Os estatutos da “Sociedade de Defesa e Propaganda da Praia de Valadares” fazem parte do espólio ESJGFA.

estada na beira do mar. Constituía uma maneira de iniciar, mesmo antes de abandonar os centros urbanos, de deixar para trás a rotina quotidiana, uma forma de partir, a possibilidade de uma outra realidade. Os banhos impregnavam, deste modo, uma alteração qualitativa da vida. A que não ficavam alheios, desde logo, os comerciantes atentos aos movimentos sociais, ao bulício suscitado pela transferência das famílias até à beira do mar e todos os preparativos de uma vilegiatura.

O contacto com o mar permitia, no local, a experiência intensa da imaginação. No mar reconheciam-se todas as dimensões do humano. Pela sua grandeza, as tonalidades de que se revestia a cada momento, as possibilidades que se desenhavam, em especial, no limite de cada dia, na experiência de momentos privilegiados que o fluxo e o refluxo das águas, o movimento do sol, a transformação da luz, inscreviam em cada observador. A sensibilidade exaltava-se, reclamava o primado do ser, do viver.

“Adormecera o sol, no mar argênteo e tranquilo de Francelos. O dia morrerá maravilhosamente...mas com uma melancolia, em que as almas pareciam sentir-se mais recolhidas e mais tristes!...
Não sei porquê, até as creanças se me afiguravam dominadas por esse vago sentimento que nos faz curvar extasiadamente às grandezas da Natureza! É que o mar estava tão sereno e tão belo!
E o sol, envolto em rendas de fogo...parecia que ao deitar-se, afagava as creanças com um sorriso muito doce e lhes prometia trazer no dia seguinte novos benefícios!
Bendito sol!”³³⁵

³³⁵ *O Girassol*, 10 de Agosto de 1924.

3.6. As viagens de Ferreira Alves

As viagens de Ferreira Alves são sempre amplamente noticiadas no jornal, estas constituirão, sem dúvida, um contributo importante para as práticas curativas do Sanatório “Na sua costumada viagem de estudo pelo estrangeiro, partiu no último dia 14 para o sul de França e Itália o ilustre director do S.M.N., Snr. Dr. Ferreira Alves. Acompanhavam-no seu irmão o importante banqueiro no Porto, snr. Luiz Ferreira Alves e o snr. António Patrício, sócio do segundo”³³⁶. Na génese desta viagem, estaria, sem dúvida, a construção da Clínica Heliântia. O Dr. Ferreira Alves, em busca de conhecimento médico, faz-se acompanhar de investidores, dois banqueiros, para a execução do projecto.

No número seguinte, de 10 de Agosto, é novamente anunciada a viagem anual de Ferreira Alves.

“Todos os anos o Snr. Dr. Ferreira Alves vai ao estrangeiro numa viagem e estudo (...). São sempre casas do género do Sanatório, que ele vai visitar, em busca de inovações introduzidas nestes processos de cura a que nos vemos sujeitos. Nos demais anos tem visitado a Suíça, que estão, como é notório, à frente de tudo quanto de melhor existe.”³³⁷

Para assinalar o regresso de viagem do Director do S.M.N., é sempre organizada uma festa com a actuação das crianças do Sanatório e alguns convidados. No fim da festa foi oferecido o tradicional lanche “foi servido um delicioso *lunch*, durante o qual predominou o esplendido champanhe das caves da Raposeira de Lamego oferecido pelos seus proprietários”³³⁸.

³³⁶ *O Girassol*, 6 de Julho de 1924.

³³⁷ *Ibidem*.

³³⁸ *Ibidem*.

São publicados em galego artigos e contos, nomeadamente Amador Montenegro de Saavedra que, de Vigo, envia regularmente, artigos, em que refere directamente o sanatório e as suas vivências.

Muito discretamente, vai sendo incluída alguma publicidade de apelo à compra do jornal como “Lede e propagai O GIRASSOL”.

4. A segunda série de *O Girassol* (1934 a 1935)



Figura 11 – Cabeçalho da 2ª série de *O Girassol*

Nesta série, ao contrário da anterior, com excepção do último número, de 1928, todos os exemplares incluem a indicação “Visado pela Comissão de Censura”. É abundante, no espólio deste jornal, a correspondência da direcção do jornal e da direcção clínica do Sanatório com a Comissão de Censura.

Esta série é publicada quinzenalmente e com dimensões superiores à anterior. O Director é Nuno Guerreiro Marques porque Manuel Oliveira Guerra, o fundador e antigo Director, já estava restabelecido da sua doença, Mal de Pott, já não era, portanto, doente do Sanatório.

Através das fotografias dos responsáveis de *O Girassol*, da década de 30, podemos imaginar as condições em que este jornal era realizado, na cama onde os doentes estavam imobilizados ou com graves limitações de locomoção.



Figura 12 – Nuno Guerreiro Marques – Director da 2ª Série de *O Girassol*³³⁹



Figura 13 – António Gouveia, Francisco Correia e Karminé Nobre membros da direcção d' *O Girassol*, imobilizados nas suas camas do Sanatório³⁴⁰

³³⁹ *O Girassol*, 2ª série, 1934.

³⁴⁰ *Ibidem*.

A crónica é o género jornalístico em grande destaque nesta série do jornal. É reveladora do quotidiano do Sanatório, sobretudo das reflexões e das angústias das crianças e adultos internados.

Na crónica “A mágoa da pequena M.”, preservada a sua identidade, é revelada a vergonha da criança visada que, por ter 12 anos, nunca tinha andado na escola, não sabia ler nem escrever. Tinha também a grande mágoa de não saber fazer “trabalhinhos” como as meninas do Sanatório, companheiras de enfermaria, que bordavam, faziam crochet, rendas de bilros. Depois de se adaptar à situação de doente de coxalgia e à posição deitada de bruços, começou a aprender com as outras doentes “Vais ver como aprendes depressa! Dizia-lhe a companheira em carinhoso incitamento, deitada de bruços, na cama junto da sua. (...) É animadora a camaradagem laboriosa que existe entre as pequenas doentes.”³⁴¹

A propósito dos trabalhos de labores encontramos referências à capelista ambulante do Sr. Fortuna que fornecia linhas, agulhas, lãs, linhos, bastidores e todos os materiais relacionados com os trabalhos manuais.

O fim de tarde é o momento do dia mais referido no jornal e por diferentes razões. As imagens da natureza revelam símbolos da vida; a praia, o banho, o passeio, a hora matinal, o pôr-do-sol, definem espaços, tempos, gestos e ritos marcados por uma valorização até aí desconhecida. Cada elemento, no entanto, inscreve-se na consciência, invade o olhar, impõe-se aos sentidos, confirma a legitimação do que é vivido com renovada intensidade. A sensibilidade temperada pela brisa do mar sugere a contemplação, atende à invenção, sem fim, de outros mundos.

³⁴¹ *O Girassol*, 13 de Fevereiro de 1934.

“A tarde estava maravilhosa! – As nuvens, iluminadas pelos reflexos do sol poente, tinham tonalidades ideais, fantásticas... Àquela hora, nas varandas do Sanatório, poucas pessoas haveria que não se sentissem um bocadinho artistas, capazes de apreciar a beleza daquela tarde incomparável!”³⁴²

Este momento é dedicado à escrita, é altura de inspiração privilegiada “Escrevo-te na varanda, delicioso fim de tarde, que torna mais bela ainda a paisagem deste lindo cantinho à beira-mar nesta encantadora vida sanatorial.(...) ante as nossas garotices de raparigas terrivelmente turbulentas”³⁴³.

“O Girassol dos pequeninos” com uma direcção diferente, Maria dos Prazeres P. Pinto, Rosmaninho, inclui contos tradicionais, palavras cruzadas, adivinhas, anedotas, paciências, bandas desenhadas (retiradas do jornal *Chick’s Own*), concursos com prémios “um lindo livro de histórias”³⁴⁴, correspondência com leitores e benfeitores, agradecimentos “carregamento de brinquedos oferecidos aos meninos do Sanatório”³⁴⁵.



Figura 14 – Cabeçalho de O Girassol dos Pequeninos

São publicados textos originais, muitos relatos de acontecimentos autobiográficos passados no Sanatório, de crianças de 9, 10, 11 e 12 anos.

³⁴² *Ibidem*.

³⁴³ *O Girassol*, 16 de Fevereiro de 1934.

³⁴⁴ *Ibidem*.

³⁴⁵ *O Girassol*, 1 de Maio de 1934.

Revelam-se grandes incentivos à leitura e à escrita entre os mais novos. São feitos pedidos de colaboração das crianças com histórias, charadas, versos, adivinhas, versos, desenhos, “todos podem ser pequenos jornalistas”³⁴⁶.

Deduz-se, pela qualidade dos trabalhos apresentados, que a professora do Sanatório teria um papel activo no incentivo e na correcção dos textos elaborados pelos pequenos doentes. Será também a mesma a fornecer bibliografia adequada à idade e aos interesses dos seus alunos.

4.1.O trabalho

O Trabalho é referido como um direito e como um dever “É que os doentes, quando não abatidos pela “prostração da temperatura” ou pela impertinência das dores agudas, não consideram a imobilidade como invalidez. Trabalham.”³⁴⁷

São feitas diversas comparações com os sanatórios “antigos” e com a obra de Thomas Mann, *A montanha mágica*, em que tal como a vida desses doentes com tuberculose pulmonar “Os doentes passavam as semanas e meses da sua cura de repouso, em perigosas cogitações. O Sanatório era um asilo de desesperados, que, continuamente ocupados com os seus padecimentos, se alheavam do mundo.”³⁴⁸ Nos Sanatórios modernos os doentes trabalham “Na verdade só o trabalho evita o mal próprio do sanatório, que é o medo sempre veemente de viver”³⁴⁹.

O trabalho, segundo a mesma fonte, incentiva o doente, transmite-lhe segurança e estimula-o a ter gosto em viver, dá ao doente a convicção de que não é um inútil e mantém a ligação com o mundo exterior.

³⁴⁶ O *Girassol*, 15 de Janeiro de 1935.

³⁴⁷ O *Girassol*, 13 de Fevereiro de 1934.

³⁴⁸ *Ibidem*.

³⁴⁹ Idem, in “Jornal Ilustrado de Berlim, Outubro de 1933.

Com frequência o trabalho é associado ao exercício físico que é defendido como necessário ao revigoramento e ao equilíbrio do organismo. A ginástica é considerada terapêutica e uma recreação para o espírito “quantos dos doentes dos sanatórios poderão atribuir à falta de exercício físico o estado mórbido em que se encontram”³⁵⁰

No artigo “Os doentes e o desporto” referem-se os interesses desportivos dos doentes que, impossibilitados de praticar desporto se limitam a admirar a arte e a perícia dos que o praticam. Revelam interesse nas informações desportivas, nos relatos de rádio e nas diferentes manifestações desportivas, principalmente nos jogos de futebol. Por todos estes motivos os doentes do Sanatório decidiram organizar torneios de sueca. Porquê a sueca? Porque não requer destreza de movimentos musculares, não exige exercício físico, é desporto porque recreia e é um factor importante para o auxílio da cura. Os procedimentos adoptados foram: constituição na enfermaria de uma comissão organizadora, as equipas de dois jogadores fizeram a sua inscrição. O vencedor receberia uma linda taça de prata “Dr. Ferreira Alves”. As equipas eram “Os Não-te-rales”, “Os Belicosos”, “Os Quiméricos”, “Os Derrotados”, “Os Maricões”, “Os Venenos. “.

Os trabalhos manuais são uma forte componente da ocupação das doentes, nesta secção “Com o louvável desejo de ser prestável às meninas doentes do Sanatório, a Menina Antónia Fortuna oferece-se para as ajudar nos seus trabalhinhos executando-lhes alguns bordados e pontos abertos à máquina.”³⁵¹

São reproduzidas várias conversas, entre elas, a da M^a Arménia e da Cândida em que uma das doentes se encontra muito desanimada porque “Esta ideia de que

³⁵⁰ O *Girassol*, 17 de Junho de 1934.

³⁵¹ O *Girassol*, 17 de Maio de 1934.(A menina Antónia Fortuna seria familiar do Sr. Fortuna, o capelista ambulante do Sanatório).

estou internada num sanatório horroriza-me”³⁵². As doentes discutem o seu estado e a conotação negativa da palavra Sanatório ligada ao grande número de mortes causadas pela tuberculose. Descobrem as vantagens do internamento num sanatório marítimo, em que a tuberculose não é contagiosa, sem grandes temperaturas e com possibilidades de ler, escrever e fazer trabalhos. Planeiam bordar uma toalha de chá e decidem encomendar o linho “Enquanto elas folheiam alguns números da revista “*Modes et Travaux*”, a Empregada traz as louças e dispõe-se a servir-lhes o jantar na varanda”³⁵³.

4.2. As visitas

As visitas à redacção do jornal são frequentes, por parte dos pequenos doentes e de visitantes “visita à redacção da pequenina e generosa assinante Miss Helen Holmes que distribuiu brinquedos pelos meninos pobres na enfermaria Helena Dias”³⁵⁴.

Visitou o Sanatório o Dr. Roque de Arriaga, Inspector-geral da Assistência Pública e apreciou a bela situação do edifício, a ginástica e o canto coral dos pequenos doentes. O visitante executou ao piano alguns trechos de música para alegrar e distrair a pequenada. Os elementos da redacção e administração do jornal, por se encontrarem imobilizados estavam instalados na varanda.

O Ministro da Guerra também visitou o Sanatório a 24 de Junho de 1934.

³⁵² *O Girassol*, 17 de Junho de 1934.

³⁵³ *Ibidem*.

³⁵⁴ *O Girassol*, 1 de Julho de 1934.

“Visitas ao Sanatório – No dia 24 de Junho visitou o Sanatório, o Exmo. Sr. Ministro da Guerra. Sua Ex.^a demorou-se uns momentos na nossa Redacção. Os nossos cumprimentos”³⁵⁵.

O Inverno é raramente mencionado no jornal e as poucas referências que existem imprimem aos doentes algum desânimo,

“No Sanatório seguiam-se ininterruptos os dias tempestuosos. A sinfonia infernal, alicerçada no bramir do oceano e no rolar do arvoredor, tinha por agudos o fustigar da chuva nas janelas e o sibilar do vento pelas frinchas. (...) Aconchega-se a roupa, pedem-se reforços, e há estremecimentos cutâneos pela impressão imaginativa do que se passa lá fora.(...) São depressores, estes dias no Sanatório!”³⁵⁶

Passada a tempestade, às 8.30 e, perante alguns tímidos raios de sol, “zumbem as campainhas e luzes vermelhas salpicam as portas dos quartos”³⁵⁷ empregadas e enfermeiras com grande azáfama preparam os doentes para o banho de sol “Deslizam, pelo corredor, as primeiras camas. Estreitas como berços, depositárias de tantas dores, elas lá vão, pintadinhas de branco, levar os doentes ao grande médico para que, penetrando os tecidos ele vá, in loco, exercer a sua terapêutica.”³⁵⁸

Os doentes pediam para ser levados para sítios determinados de acordo com a companhia que pretendiam e aproximavam-se segundo temperamentos, afinidades e convicções “Levanta-se a roupa das camas, e, tendo como indumentária o clássico papagaio, entregam-se ao sol os corpos já tisonados, para que ele venha activar o ergosterol do organismo.”³⁵⁹ Durante este ritual os temas das conversas são o mais diversos, desde o amor, à literatura, à música. Muitos excertos são reproduzidos em crónicas publicadas no jornal.

³⁵⁵ *O Girassol*, 17 de Julho de 1934.

³⁵⁶ *O Girassol*, 17 de Maio de 1934.

³⁵⁷ *Ibidem*.

³⁵⁸ *Ibidem*.

³⁵⁹ *Ibidem*.

Nesta série surgem notícias, com forte pendor humorístico, “*À última hora*” refere um movimento “levantadista” que rebentou nos dois sanatórios, são descritos os acontecimentos do Sanatório e da Heliântia, todos transmitidos pelo criado Joaquim. As camas, embandeiradas, são conduzidas pelas empregadas, e conduzem ao movimento revolucionário que tinha por fim levantar os doentes e deitar os que andam levantados. É ainda referida a tentativa de assalto à redacção de *O Girassol*.

Como notícia de última hora informa-se que já se “ergue na Praia do Sanatório” a primeira barraca para utilidade da nossa concorrida Colónia Balnear.”

O aniversário do Dr. Ferreira Alves continua a ser assinalado com uma festa que para os doentes será mais um pretexto de distracção. São descritos, com pormenor, os preparativos da festa, a deslocação dos doentes imobilizados nas suas camas. São horas de divertimento que constituem a “terapêutica da distracção”.

“Entre a elegante assistência, vêem-se, toilettes bonitas, sorrisos cativantes (...). Finda a representação começam a dançar animadamente aqueles que o podem fazer. Nós, os que não podemos, enquanto, com a vista, seguimos os pares dançantes, recordámos, talvez com saudade, tempos em que não éramos apenas espectadores imobilizados de diversões como esta! (...) os pares rodopiam num tango dolente ou num fox barulhento, cá em baixo trata-se de passar as horas o mais alegremente possível...”³⁶⁰

A correspondência publicada, geralmente de antigos doentes do Sanatório, relata a sua estadia na instituição e o reconhecimento pela recuperação física. Destacam-se os agradecimentos públicos ao Dr. Ferreira Alves, à directora, à Enfermeira D^a Virgínia, aos professores do Sanatório e a alguns beneméritos que contribuíram para o bem-estar dos doentes. As expressões são reveladoras da

³⁶⁰ *O Girassol*, 1 de Maio de 1934.

gratidão dos seus autores “Reconhecimento e eterna gratidão”, “muita competência e dedicação extraordinária”, “médico e amigo”, “funcionários que foram uma verdadeira família”³⁶¹.

“O nosso S. João”, como todas as datas festivas foi festejado com grande animação “fizemos uma *festona* em que todos os doentes se divertiram como se estivessem de saúde”³⁶². Na semana anterior todos os doentes se distraíram trabalhando afincadamente. Construíram 600 balões em frente ao Sanatório “que formaram uma artística e feérica ornamentação”³⁶³. Não faltou uma cascata, lindamente enfeitada. A noite “estava deliciosa, tépida, serena, uma autêntica noite de S. João”. De acordo com a tradição, foi lançado um deslumbrante fogo de artifício, lançado pelo próprio Dr. Ferreira Alves. A satisfação era geral “no semblante risonho de todos os doentes reflectia-se a satisfação intensa que os dominava.”³⁶⁴

Em Abril de 1935 é anunciada a publicação de *Sufrimento, escola da vida* de Suzanne Fouché, doente com coxalgia em tratamento no Sanatório de Leysin, na Suíça. Passados seis meses de convalescença a pé, voltou de novo para uma cama com uma recaída. Foi então para um Sanatório marítimo em França, na praia de Berk,

“Para os leitores de “O Girassol”- sobretudo para os que nos misteriosos caminhos da vida *descansam* algum tempo nos Sanatórios – fazerem uma ideia da forma como esta nossa companheira encarava a *Dor* e sabia aproveitar as lições desta *ciência difícil* que se chama *doença*, traduzo dois capítulos tirados ao acaso, dos muitos, cheios de elevação e beleza, que a autora nos apresenta.”³⁶⁵

³⁶¹ O Girassol

³⁶² O Girassol, 17 de Julho de 1934.

³⁶³ *Ibidem*.

³⁶⁴ *Ibidem*.

³⁶⁵ O Girassol, 9 de Abril de 1935.

Em Dezembro de 1934, o Director de “O Girassol”, Nuno Guerreiro Marques, estava recuperado, despedia-se pondo o seu lugar à disposição e apresentando o relatório da situação financeira. O novo Director é Carminé Gil Nobre que na tomada de posse agradece ao Dr. Ferreira Alves a nova função que lhe foi atribuída, enaltece o papel desempenhado pelo antigo director e refere o jornal como obra meritória de beneficência.

O número de 19 de Agosto de 1942 é dedicado à celebração dos vinte e cinco anos de fundação do Sanatório Marítimo do Norte. É feita uma avaliação dos resultados dos serviços prestados pela Instituição “tão prestante e benemérito estabelecimento. São os próprios antigos doentes que no-lo afirmam; libertos da morte ameaçadora ou da invalidez terrificante”³⁶⁶. Os antigos doentes testemunham a sua gratidão e total recuperação, lançados na vida “prontos para o trabalho, com fortaleza nos corpos e alegria nos corações.”³⁶⁷.

Lamenta-se a falta de apoios “desleixo de algumas entidades a quem cumpria o dever de uma cooperação para uma maior amplitude de serviços (...) e colocar o Sanatório nas circunstâncias necessárias para servir com mais eficiência as crescentes necessidades do Norte do país”³⁶⁸.

Enaltece-se a figura do Dr. Joaquim Ferreira Alves “o Dr. Rollier português, o mago da terapêutica do mar e do Sol (...) Vem “O Girassol” associar-se à festa que uma numerosa família – a família de todos os miraculados de Francelos – promove e realiza”³⁶⁹ Não são esquecidos outros funcionários como a Enfermeira Virgínia, a D. Beatriz, a “Tis”, a benfeitora D. Helena Dias, as Directoras, anteriores e actual.

³⁶⁶ *O Girassol*, 19 de Agosto de 1942.

³⁶⁷ *Ibidem*.

³⁶⁸ *Ibidem*.

³⁶⁹ *Ibidem*.

Neste artigo, Oliveira Guerra, aborda o ressurgimento de *O Girassol* pela mão de quem o tinha fundado há 18 anos.

5. A terceira série de *O Girassol* (1954 a 1955)



Figura 15 – Cabeçalho da 3ª série de O girassol

A direcção do jornal está a cargo de Manuel Rodrigues Pinheiro e Manuel de Oliveira Guerra. Nesta série desaparece a Secção Infantil, autónoma das décadas anteriores.

Esta série destaca uma homenagem ao Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves e aos seus filhos Fernando, Joaquim e Álvaro Ferreira Alves.

Podem-se ler vários artigos que relatam a viagem realizada por diferentes doentes, desde o seu domicílio até ao Sanatório. São inúmeros os detalhes mencionados, o itinerário percorrido, os transportes utilizados, os sentimentos vividos durante a viagem, as lágrimas inevitáveis, os comentários elogiosos referentes ao Sanatório, a recepção, o diagnóstico, o internamento.

É publicado o programa da sessão solene de homenagem que tem início e termina com o Hino do sanatório. Apresenta várias actuações a orquestra e o grupo coral de Paços de Brandão. É declamada poesia inédita, são executados trechos de

piano e são apresentados outros números diversificados. No fim da sessão foi também descerrada uma lápide comemorativa da homenagem e os doentes foram em romagem ao monumento de homenagem ao Fundador, Dr. Ferreira Alves.

Na publicação de Janeiro de 1955, lamenta-se a irregularidade da publicação de *O Girassol*, e indica-se uma directiva, a publicação em todos os números de uma entrevista. A primeira entrevista foi realizada ao Dr. Fernando Ferreira Alves que refere a importância de um projecto como *O Girassol* porque é uma forma de ocupar o tempo dos doentes, através da sua leitura e mesma da sua concepção e execução.

“Tudo o que possa para contribuir para que os doentes encontrem um derivativo do seu pensamento e lhes afaste as preocupações da sua doença traz um grande benefício aos seus males, estando neste caso “*O Girassol*”. Deve ser um jornal feito pelos doentes e para os doentes, limitando-se ao aspecto cultural e recreativo, com uma feição instrutiva e educativa, a par de um humorismo são e alegre.”³⁷⁰

O entrevistado refere o exemplo de uma “Clínica Manufactureira”, existente na Suíça que, para além de ocupar o espírito do doente, proporciona um modo de vida mais compatível com a doença.

O segundo entrevistado foi o Dr. Álvaro Ferreira Alves. Os assuntos abordados na entrevista referem-se à importância do reaparecimento de “*O Girassol*” e às novas técnicas e progressos médicos aplicados no sanatório “Os últimos vinte anos com a descoberta dos antibióticos, os novos processos de reanimação, de anestesia, etc.”³⁷¹.

Questionado sobre o doente do Sanatório, diz não ser difícil apesar do sacrifício que representa a imobilização prolongada. Preocupa-o a paragem na vida social, a

³⁷⁰ *O Girassol*, Janeiro de 1955.

³⁷¹ *O Girassol*, Fevereiro de 1955.

paragem na actividade profissional. Afirmar, que a grande ajuda do doente é ver os outros companheiros que saem completamente curados “É este convívio de enfermagem no Sanatório, que nos dá o melhor auxílio para manter o moral dos doentes e agora também o nosso Girassol que neste aspecto cumpre a mais elevada das suas funções”³⁷².

Referiu-se, em seguida, às suas viagens por vários países da Europa. Destacou a Inglaterra pela sua excepcional recuperação depois da guerra, domínio de técnicas de vanguarda ao nível da cirurgia e pela persistência e honestidade irão desempenhar um papel de relevo na medicina moderna.

Como apaixonado pela fotografia e pelos diários de viagens “aqui fica prometida uma projecção de fotografias a cores, dos vários países que a atravessai”³⁷³.

Também os Enfermeiros procuram actualização no estrangeiro “Regressou da sua viagem à Alemanha o nosso amigo e estimado enfermeiro do S. M. do Norte, Snr. Alfredo Tavares. O mais caloroso desejo de que tenha colhido boas impressões e os melhores ensinamentos.”³⁷⁴.

É igualmente contada a história verídica do doente José Ribeiro, “Zé Casca”, com 25 anos, da Falperra, internado em 1949, durante cinco anos. Chegou ao Sanatório completamente analfabeto, era atacado pelos “velhacos” devido à sua pronúncia minhota e à sua ignorância “educado e tolerante, sabendo que tudo era preciso na passagem daquela vida sanatorial, e sabendo ainda que ninguém era capaz de o ofender, aceitava o gracejo como necessária terapêutica espiritual para os irmãos na dor”³⁷⁵.

³⁷² *Ibidem*.

³⁷³ *Ibidem*.

³⁷⁴ O Girassol, Setembro de 1955.

³⁷⁵ *Ibidem*.

A escolarização deste doente teve início quando alguém lhe ofereceu um livro da 1ª classe “À parte as figuras, nada, lhe diziam os caracteres. O a-e-i-o-u eram símbolos sem representação fonética, eram letras mortas.”³⁷⁶ E o Zé Casca tinha cada vez mais vontade de aprender a ler e de participar nas conversas do solário.

“O tempo ia decorrendo; a vontade de aprender permanecia (...). Preso a uma cama sem nada que o distraísse ou ocupasse, o calvário tornar-se-ia mais duro. (...) Pedindo a este ou aquele a esmola do saber, foi-se familiarizando com o alfabeto. Já lia as primeiras letras, já desenhava as primeiras gratujas. As primeiras palavras saídas da sua caneta, trémula e hesitante foram dirigidas à sua Maria. Querida Maria: já sei escrever e já leio letra redonda...”³⁷⁷

Nos números seguintes são dadas notícias da evolução deste doente “Zé Ribeiro faz o seu primeiro exame, obtém o diploma do primeiro grau. (...) Lia os jornais todos os dias, já discutia as causas e consequências do “Dia a Dia”. Já conhecia o Camilo. Um diploma, um exame, uma esperança no futuro.”³⁷⁸ São descritos os pormenores da evolução deste doente, os exames por si realizados, a ajuda prestada a outros doentes, que ensinou a ler e escrever e as vantagens da escolarização na saída do Sanatório que lhe valeram uma ascensão social e profissional.

Surge, no final da publicação, “O Girassol humorístico”, que inclui anedotas, brincadeiras e sátiras ao quotidiano do Sanatório.

Neste número nasce uma secção intitulada “Valores do Nosso Tempo” dedicada a nomes importantes do século XX. A primeira figura que surge é Sarmiento Beires³⁷⁹, aviador, depois Hugo Rocha, jornalista do “Comércio do

³⁷⁶ *Ibidem*.

³⁷⁷ *Ibidem*.

³⁷⁸ *Ibidem*.

³⁷⁹ Com o avião “Pátria”, fez a 1ª viagem Lisboa/Macau, na década de vinte.

Porto”³⁸⁰, Pedro Vitorino, grande amigo do Dr. Joaquim Ferreira Alves, notável arqueólogo, organizador do Museu de Etnografia duriense do Porto. São também contemplados nesta rubrica Mestre Joaquim Lopes, pintor vilarense, director da Escola de Belas Artes do Porto³⁸¹, o arquitecto Oliveira Ferreira, autor, entre outras obras, do Sanatório marítimo do Norte, do edifício da Clínica Heliântia, da Câmara Municipal de Gaia e do monumento à Guerra Peninsular em Lisboa.

Evocam-se os poetas galegos Amador Montenegro Saavedra e Rosália de Castro, com poemas de ambos e trabalho inédito de do Mestre Barata Foyo, da poetisa enquanto jovem, cedido para “O Girassol”.³⁸² Termina com os artigos “Os aeronautas – de Bartolomeu de Gusmão a Sarmento de Beires” e “Sarmento de Beires, o Cavaleiro do Ar”.

À poesia é reservado um lugar de destaque, com várias contribuições, desde antigos doentes a viverem no estrangeiro, a poemas inéditos de Eugénio de Andrade, de Pedro Homem de Melo e de Teixeira de Pascoais.

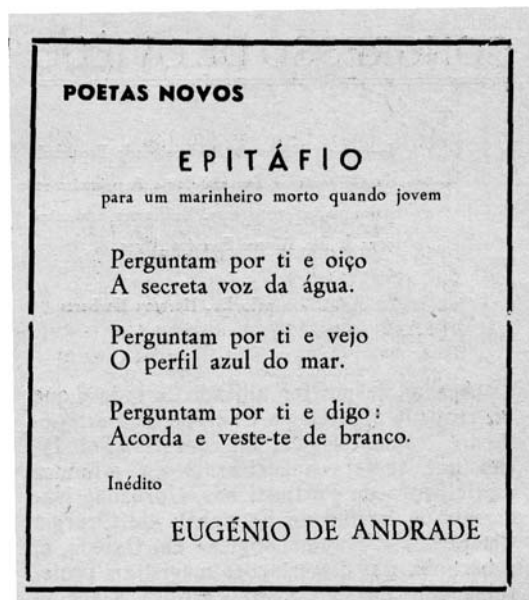


Figura 16 – Poema Inédito de Eugénio de Andrade

³⁸⁰ Hugo Rocha estreou-se, com 17 anos, n' *O Girassol* com dois sonetos “Os sinos de Outono”.

³⁸¹ A filha Lígia esteve internada no Sanatório. Cf *O Girassol*, de Julho de 1955.

³⁸² Barata Foyo foi também o autor da estátua a Rosália de Castro que se situa na Praça da Galiza, no Porto.

A propósito do texto de Teixeira de Pascoais, Oliveira Guerra, o director de então devido a uma recaída na doença, relata a forma como obteve este poema:

“Convidado pelo Dr. Álvaro Ferreira Alves a ir a sua casa (...) em demanda de determinados elementos que me interessavam, depois de colhidos esses elementos e de tomada a saborosa chávena de café eu ia desmaiando com uma comunicação...

- Tenho agora uma surpresa...

- Que é? Indaguei naturalmente, sem fazer a mínima ideia...

- Tenho aqui um... dois poemas inéditos de Teixeira de Pascoais...

- O quê?... Que me dizes? Estás a falar a sério?...

Vi-o procurar um livro na estante, um livro que depois vi ser de Teixeira de Pascoais (...).

- Oh! Álvaro! Tu tinhas isto aqui e estavas tão calado? Isto não se faz Álvaro!...”³⁸³

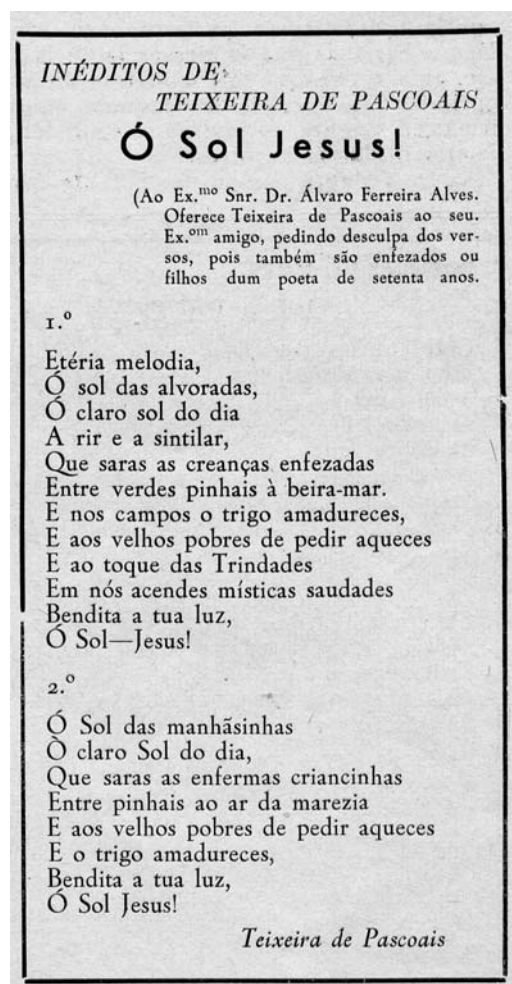


Figura 17 – Poema de Teixeira de Pascoais dedicado a Álvaro Ferreira Alves in *O Girassol*, Agosto 1955

³⁸³ *O Girassol*, Agosto de 1955.

As artes plásticas receberam atenção especial com os contactos privilegiados através dos doentes internados. São descritas as exposições no Museu Soares dos Reis, na biblioteca Municipal, na Escola de Belas Artes.

Capítulo V

Conclusão

Conclusão

“O problema da educação popular está intimamente ligado ao da assistência. A Escola tem no Sanatório um natural complemento. A saúde é condição fundamental para a espiritualização da Vida.

- Pela criança! seja o grito que a todos nos una. E que vão para o director clínico desta casa as homenagens do nosso respeito.”³⁸⁴

Eduardo Santos Silva
(Médico)

Ao longo deste trabalho pretendemos estudar o Sanatório Marítimo do Norte enquanto instituição curativa e educativa da criança vítima de tuberculose óssea.

Apresentamos, sob forma de narração, as vivências educativas no quotidiano do Sanatório. Pensamos ter dado um pequeno contributo para a História da Educação, na medida em tornámos visíveis práticas educativas em ambiente hospitalar, que tiveram lugar no cenário da tuberculose.

Na origem da nossa escolha estiveram motivos pessoais, o convívio diário com o Sanatório e a Clínica Heliântia e a solicitação constante das crianças para o relato de histórias aí passadas. Histórias de paixões e amores, transmitidas por outras gerações, com personagens desaparecidas e outras ainda vivas, e que fidelizavam ouvintes familiares.

Por outro lado, o contacto com o espólio de *O Girassol*, que permanecia encerrado no fundo de um armário, permitia-nos um regresso ao passado, a um

³⁸⁴ Sanatório Marítimo do Norte, *Relatório de contas*, Anos económicos 1918 a 1920.

ambiente com qualidade cultural e responsabilizava-nos pelo seu estudo e divulgação.

A problemática em estudo diz respeito à educação da criança nas práticas curativas e no quotidiano do Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliântia e, simultaneamente à origem e significado destas instituições.

Foi fundamental a compreensão dos discursos higienistas do princípio do século XX e respectiva produção bibliográfica, os movimentos de filantropia e benemerência na criação dos sanatórios e no financiamento de organismos de combate à tuberculose.

Detectamos questões pertinentes relativamente à educação, que não sendo uma prioridade política na época, representou uma prioridade para o médico fundador.

São os médicos, da Direcção, que contratam as professoras, que avaliam o seu desempenho e que as despedem se não cumprem os critérios definidos pela direcção.

É um médico que estimula a criação de um jornal, que incentiva a sua redacção e que contribui para a sua diversidade e qualidade. Angaria colaboradores, recolhe fotografias que oferece para publicação assim como inéditos de poeta, que lhe tinham sido oferecidos. Disponibiliza instalações para a execução do jornal, a sala da direcção, atenua interrupções de publicações, angaria novos assinantes e estimula o pagamento de números esquecidos.

Joaquim Gomes Ferreira Alves foi uma personalidade de convicção firme e crença numa missão que, acreditou, ter-lhe sido confiada: o tratamento das crianças atingidas pela tuberculose óssea. Este médico, assim como os seus colaboradores

(pessoal médico, auxiliares) e amigos pessoais (arquitectos, escritores e pintores) foram responsáveis pela circulação de ideias médicas profiláticas e sociais e pela implementação de novos ideais filantrópicos no contexto da sociedade em que viviam.

O livro de visitas do Sanatório regista por parte de inúmeras personalidades os maiores elogios à obra e ao homem, revela um enorme respeito e admiração dos colegas de profissão e de missão: “As minhas mais sinceras felicitações ao colega que da profissão fez um sacerdócio, como é prova frisante este Sanatório, obra inteligente de sciencia e de coração.”³⁸⁵ Reconhecem a importância das técnicas inovadoras por ele praticadas: “É admirável a iniciativa do colega Ferreira Alves. Felicito-o sinceramente. Em Berck-Plage, aonde estive, aprendi o que aqui vejo posto em prática.”³⁸⁶

O jornal *O Girassol*, feito pelos doentes e para doentes, constitui um poderoso instrumento de caracterização do doente, do seu quotidiano e do ambiente cultural da época. É uma fonte de informação que nos revela uma realidade que caminhava a passos largos para o esquecimento social, já que do ponto de vista da educação manteve-se desconhecido. O próprio jornal, confinado ao amplo círculo da Tuberculose, não faz parte do depósito da Biblioteca Pública Municipal do Porto o que explica o seu desconhecimento e o não figurar no *Repertório Analítico da Imprensa de Educação e Ensino*, coordenado pelo Professor António Nóvoa.

Depois de organizadas as três séries de *O Girassol*, dedicámo-nos à sua análise morfológica e temática. Este estudo permitiu-nos aprofundar os nossos

³⁸⁵ RICARDO, João Luiz, in Sanatório Marítimo do Norte, Relatório e Contas, Anos Económicos, 1918 a 1920, p. 21.

³⁸⁶ SOUSA, Pedro, in Sanatório Marítimo do Norte, Relatório e Contas, Anos Económicos, 1918 a 1920, p. 20.

conhecimentos sobre o flagelo da tuberculose, saber como esta atingiu as crianças e conhecer as novas concepções de cura introduzidas no país, fruto de um movimento de circulação de práticas terapêuticas entre médicos portugueses, franceses e suíços.

A recolha e análise de documentação conduziram-nos aos movimentos de filantropia e de benemerência e às suas inúmeras iniciativas para recolha de fundos, desde as *Kermesses* realizadas na estância balnear da Praia da Granja, à Festa da Flor, aos jogos de Futebol, às *soirées* elegantes, às operetas, aos espectáculos teatrais, exposições de pintura, etc.

A pesquisa efectuada permitiu também reconstituir a acção pioneira de Joaquim Ferreira Alves nos domínios das concepções clínicas e arquitectónicas e nas concepções educativas particularmente no domínio da educação em contexto hospitalar. Incentivador da criação, foi também co-responsável, juntamente com Manuel Oliveira Guerra, na concretização d' *O Girassol*, como instrumento de um projecto educativo fortemente inovador e vocacionado para a educação do doente internado no sanatório. Este jornal foi um poderoso instrumento internados de educação não formal, no contexto da educação de crianças e de adultos internados no Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliântia e revela dinâmicas educativas com projecção no meio social que lhes era exterior, mas ligado ao círculo da Tuberculose.

Permitiu-nos abrir a pesquisa à educação não formal, no sentido em que, para além da escola elementar que continha, todo o Sanatório foi uma escola. Desde a sua concepção foi uma escola de cidadania, pelo compromisso cívico que

demonstrou, escola de arquitectura sanatorial, pela inovação que constituiu, escola de medicina pela divulgação de práticas curativas de vanguarda

Pretendemos com o estudo que agora se apresenta despertar para a curiosidade de historiadores para a continuação do estudo deste tipo de instituições de forma a poder-se traçar um panorama das práticas médico-sociais relativas à assistência à tuberculose.

Será pertinente o estudo futuro da importância e do impacto social do Sanatório Marítimo do Norte e da Clínica Heliântia na criação do Sanatório D. Manuel II e posteriormente do Hospital de Vila Nova de Gaia. Esta questão despertou já algum interesse por parte da Administração do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, que, sob pretexto do nonagésimo aniversário do Sanatório Marítimo do Norte, o sexagésimo aniversário do Sanatório D. Manuel II e o trigésimo aniversário do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, iniciou as negociações para concretizar uma publicação sobre as três instituições, pela percepção de uma íntima ligação entre elas.

Este estudo revelou-nos também a necessidade de uma investigação cuidada das relações e dos intercâmbios estabelecidos entre os diferentes sanatórios do país; a mobilidade dos doentes, o excesso de lotação e os longos períodos de internamento; a circulação de conhecimentos científicos e de práticas médicas nos sanatórios; a frequente troca de favores entre médicos, políticos e beneméritos.

Está ainda por realizar o inventário e a descrição da toponímia de Valadares/ Francelos com forte influência do Sanatório e do seu arquitecto, Oliveira Ferreira, que, em conjunto com a experiência médica, preconizou ideias arquitectónicas inovadores e de combate à doença e à promiscuidade habitacional.

O estudo do espólio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social torna-se urgente, pela sua enorme pertinência na compreensão da evolução da cidade do Porto e dos seus problemas ao longo da história. De extrema utilidade seria ainda o estudo da sua produção didáctica e pedagógica, direccionada para a correcção dos costumes da população e preocupada em devolver à cidade uma vida com qualidade. Conveniente seria igualmente uma leitura atenta dos recortes de imprensa reunidos pelos seus fundadores – ainda hoje recolhidos, e religiosamente preservados, no gabinete médico do Dr. António Emílio de Magalhães. Aí se encontram testemunhos materiais que nos podem conduzir aos momentos difíceis da luta contra o flagelo da tuberculose que assolou a cidade do Porto no fim do século XIX e início do século XX.

Da análise d’*O Girassol*, ressaltam problemáticas relacionadas com a interpretação e o ensino da História às crianças, sobretudo da História de Portugal, havendo mesmo no jornal a rubrica “Páginas da nossa história contadas às crianças”³⁸⁷ que terá certamente importância para o confronto com o ensino oficial. Serão também pertinentes os estudos a partir das temáticas literárias do jornal, a reflexão sobre a ficção e a realidade e as diferentes questões da história da literatura. Há ainda um número importante de indícios e pistas com alguma relevância sobre espólios (particulares) de antigos doentes do sanatório e de seus familiares, e de personalidades que tiveram importância na vida da instituição. São referidas ofertas para o espólio da Liga dos Combatentes da Grande Guerra (Museu da Liga), do Grupo dos Estudos Brasileiros do Porto: “ Levando-nos então às caves da casa, tão recheadas como os dois pisos sobrepostos (...) o seu espólio

³⁸⁷ *O Girassol*, terceira série, 1955.

relacionado com a sua vida em França (...) Custódio Guimarães estava emocionado e soltava a cada peça que se lhe ia mostrando à luz sombria das caves, uma exclamação, um brado de ingénuo e vibrante entusiasmo”³⁸⁸.

Consideramos, apesar das limitações que se foram impondo ao presente estudo, que logramos conhecer uma realidade esquecida no tempo, a tuberculose e o seu tratamento num sanatório marítimo, assim como o património arquitectónico ainda existente e sua pertinência artística. Caracterizámos a génese de uma comunidade que teve início com a existência de uma doença e que muito beneficiou com um movimento privilegiado de doentes que, com grande reconhecimento pela instituição que os devolveu à vida, ofereceram o que tinham de melhor em gesto de gratidão. Os abastados ofereceram dinheiro e bens, os médicos aqui deixaram os seus conhecimentos e bibliografia específica, os artistas presentearam a comunidade com obras de arte, textos, poemas, os populares, mão-de-obra e dedicação, as crianças brindaram todos com a sua determinação e alegria de viver.

³⁸⁸ *O Girassol*, Junho de 1955.

Bibliografia

ALMEIDA, António Ramalho, *A Tuberculose, Doença do Passado, do Presente e do Futuro*, Prémio Bial 1994, 1995.

CADERNOS CEDES, *Educação pela higiene: histórias de muitas cruzadas*, 1ª edição, UNICAMP, Abril 2003.

FERREIRA, António Gomes, "A higiene e o investimento médico na educação da infância", in GONDRA, José Gonçalves (org.), *História infância e escolarização*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2002.

GUERRA, Oliveira, *Caminho Longo*, Porto, 1960.

"A Pátria Nova", *Números publicados*: dezoito, de 14 de Dezembro de 1913 (o primeiro) a 30 de Agosto de 1914 (o último). *Director*: Alfredo Moreira (professor primário) *Redacção e Administração*: Rua Conselheiro Fonseca, Vilar do Paraíso. *Formato*: comprimento – cerca de 58,5 cm; largura – 35,5 cm; texto em 5 colunas de 6 cm de largura. *Composição e impressão*: Typ. Paulino, rua Formosa, 219 – Porto.

ALMEIDA, António Ramalho, *O Porto e a Tuberculose, História de 100 anos de luta*, Porto, Fronteira do Caos, 2006.

ALMEIDA, António Ramalho, *Sanatório de D. Manuel II, Alguns contributos para a sua história*, Vila Nova de Gaia, 1998.

ALVES, Álvaro Ferreira, *A correcção da cifose no mal de Pott*, Separata do "Arquivo de Patologia", vol. XX - nº2, Agosto, Instituto Português de Oncologia, Lisboa, 1948.

ALVES, Joaquim Gomes Ferreira, *Relatório Apresentado à Exma Câmara Municipal do Porto pelo Director Clínico*, Porto, 1917.

ALVES, Miriam Raquel Ferreira, *Marcas da Presença Britânica na Granja e na Literatura Portuense entre 1837 e 1914*, Tese de Mestrado, Universidade do Minho, 2005.

Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal, *A inauguração oficial do Grande Sanatório de Mont'Alto*, Porto, 1958.

Assistência Nacional Aos Tuberculosos, *Xème Conférence de l'Union Internationale contre la Tuberculose*, Lisboa, 5- 11 Setembro 1937.

AUGE, Marc, *As formas do esquecimento*, Lisboa, Íman Edições, 2002.

BAPTISTA, Rosado, *A Tuberculose e vacinação do Dr. Friedmann*, Lisboa, 1921.

- BERNARD, Etienne, *Tuberculose et Médecine Sociale*, Paris, 1938.
- BESSA-LUÍS, Agustina, *Os Meninos de Ouro*, Lisboa, Guimarães Editores, 1983.
- BISSAYA-BARRETO, *Uma obra social*, Coimbra, 1970.
- BRIAULT, Ludovic, *Faits et gestes d'enfants. Nouvelles delicates illustrations*, 1892.
- BRICOUT, J., *Ce qu'on enseigne aux enfants dans nos écoles publiques*, Paris, 1910.
- BROW, A. & DOWLING, P., *Doing Research/Reading Research – A Mode of Interrogation for Education*, London: Falmer Press, 1998.
- CAMPOS, Agostinho, *Casa de Pais, Escola de Filhos*, Ensaios sobre Educação, Lisboa, Livraria Ferin, Rio de Janeiro, 1917.
- CANCELLA, Lopo de Carvalho, *A Luta Contra a Tuberculose nas Grandes Empresas; vantagens económicas da sua realização*, Lisboa, 1957.
- CARVALHO, Carlos et alii, Estado, Educação e Imprensa (re)visitando a legislação educacional no triângulo mineiro durante o estado vanguardista(1930-1945)in *Portugal-Brasil:Memórias e Imaginários,Congresso Luso-Brasileiro*, Actas, volume II, 2000.
- CARVALHO, Maria da Conceição, *LEITURAS, arquivística literária e crítica textual*, Revista Biblioteca Nacional Lisboa, nº 5, Outubro 1999/Abril 2000.
- CARVALHO, Rómulo, *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar – Caetano*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1986.
- CERTEAU, Michel de, *A invenção do cotidiano-artes do fazer*, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- CÍCERO, António, *Guardar: poemas escolhidos*, Rio de Janeiro, Record, 1996.
- CID, Justino, "O Verdadeiro Monumento ao Dr. Ferreira Alves", in *Amigos de Gaia*, Vila Nova de Gaia, Novembro de 1987.
- Congresso Nacional de Ciências da População, *Memórias e Comunicações*, Porto, 1940.
- CORREIA, José Alberto, *Para uma teoria crítica da educação*, Porto, Porto Editora, 1998.

-
- DORIA, Arthur, *Assistência Infantil*, Typographia Minerva, Famalicão, 1909.
- DOSSE, François, "Une histoire sociale de la mémoire", In *Raison Présente*, número 128, Paris, 1998.
- ESCOLANO, Agustin Benito, *Tiempos y espacios para la escuela. Ensayos históricos*, Madrid, Biblioteca Nueva, 2000.
- FALCON, Frederico J Calazans., 'História e Representação', in *Revista de História das Ideias*, vol. 21, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, 2000.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias, questões para a história da Educação*, S. Paulo, Editora da Universidade São Francisco, 2000.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro, "A arquitectura da escola primária em Portugal nos séculos XIX e XX. Contributos", in *LA ESCUELA Y SUS ESCENARIOS* (no prelo em Espanha).
- FELGUEIRAS, Margarida Louro, "As noções de tempo e espaço: exemplos de progressão", in *Primeiro Encontro sobre o Ensino da História – Comunicações*, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação, Lisboa.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro, "O poder da crença em Educação" in *Jornadas da Primavera*, Porto, Faculdade de Letras, Março 2007 (no prelo).
- FELGUEIRAS, Margarida Louro, *Para uma história social do Professorado primário em Portugal no séc. XX*, Vol.1, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2002.
- FERNANDES, Rogério, LOPES, Alberto, FILHO, Luciano, (org.), *Para a compreensão histórica da infância*, Porto, Campo das Letras, 2006.
- FERNANDES, Rogério, *O Pensamento Pedagógico em Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.
- FERNANDES, Rogério, *Os Caminhos do ABC*. Sociedade Portuguesa de Ensino das Primeiras Letras, Porto, Porto Editora, 1994.
- FERNANDES, Rogério. MAGALHÃES, Justino. *Para a História do Ensino Liceal em Portugal. Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895)*. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Centro de Estudos em Educação e Psicologia – Universidade do Minho, Braga, 1999.
-

-
- FERNANDEZ, Sérgio, "IAPXX - Zona Norte", 2005 (texto policopiado realizado no quadro do IAPXX, p.2), *Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2005.
- FERREIRA, António Gomes, "A higiene e o investimento médico na educação da infância", in Gondra, José (org.), *História, Infância e Escolarização*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2002.
- FERREIRA, António Gomes, *Gerar, Criar, Educar*, A criança no Portugal do Antigo Regime, Coimbra, Quarteto, 2000.
- FERREIRA, António Gomes, *Higiene e controlo médico da infância e da escola*, in Scielo Brasil, Caderno CEDES, vol.23, nº59 Campinas, 2003.
- FERREIRA, F. A. Gonçalves, *Moderna Saúde Pública*, Fundação Calouste Gulbenkian, 5ª Edição, Lisboa, 1882.
- FIGUEIREDO, Camilo Augusto, *Breves considerações sobre as escolas ao ar livre*, Porto, 1930.
- FILGUEIRAS, Alves, *Breves considerações sobre a technica, os efeitos e as indicações da Helioterapia*, Rio de Janeiro, Empreza Graphica Editora, 1926.
- FOUCAULT, Michel, *A arqueologia do saber*, 4.ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel, *Em Defesa da Sociedade*, São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel, *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Vozes ed., 2006.
- FREITAS, Paulo Marcelino Dias, *Unidade e Espontaneidade em Physiologia e Pathologia*, Dissertação Escola Medico-Cirurgica do Porto, 1876.
- FREUD, Anna, *Infância normal e patológica*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1965.
- GENTILLI, Victor, *Democracia de massas: jornalismo e cidadania*, S. Paulo, Edipucrs, 2005.
- GHIRA, Mariano, *Relatório sobre a Visita de Inspeção Extraordinária às escolas do Distrito de Lisboa feita no Anno Lectivo de 1863-1864*, Lisboa, Typographia Portugueza.
- GUERRA, Oliveira, *Coisas Desta Negra Vida*, Edições da "Céltica", s.d., Porto.

-
- GUERRA, Oliveira, *Escritos*, ed. “A Voz de Azeméis”, Oliveira de Azeméis, 2002.
- GUERRA, Oliveira, *Esta Cidade Que eu Amo*, Porto, Ed. M^a Virgínia Guerra, 1998.
- GUEVARA, Gisela Medina, *As relações luso-alemãs antes da primeira guerra mundial. A questão da concessão dos Sanatórios da ilha da Madeira*, Lisboa, Edições Colibri, 1977.
- HALBWACHS, Maurice, *Les cadres sociaux de la mémoire*, Paris: Alcan, 1925, *La mémoire collective.*, Paris, PUF, 1950.
- HAMELINE, Daniel, NÓVOA, António, “Autobiografia inédita de António Sérgio”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29 Fevereiro, 1990.
- JORGE, Ricardo, *Demographia e Hygiene na cidade do Porto*, Porto, 1899.
- LACERDA, Silvestre, *Apontamentos para a história da imprensa e das publicações periódicas no concelho de Vila Nova de Gaia*, Vila Nova de Gaia, Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, 1984.
- LE GOFF, Jacques, *História e Memória*, II volume, Edições 70, Porto, 2000.
- LEITE, Carlinda, *O currículo e o multiculturalismo no sistema educativo português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- LÉON, Antoine, *Introdução à História da Educação*, Lisboa, 1983.
- Liga Nacional contra a Tuberculose, *3º Congresso contra a Tuberculose*, Coimbra, Abril, 1904.
- LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL, *50 anos de actividade em prol do bem comum: 1924-1974*, Porto, LPPS, 1974.
- LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL, *Conferências, 1ª a 7ª série (1929 a 1952)*, Porto, Imprensa Social.
- LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL, *O combate às moscas e mosquitos transmissores de muitas e graves doenças visto através da actuação da LPPS*, Porto, Imprensa Social, 1954.
- LIMA, José de Oliveira, *Algumas considerações sobre a vida humana, sua duração e meios de a prolongar*, Conferência proferida no salão nobre do Clube Fenianos Portuenses em 10 de Dezembro de 1938.
-

-
- LPPS, *Escarrar, cuspir – A acção da Liga de Profilaxia e o Estado Actual da Questão*, 1944.
- LUÍS, Agustina Bessa, *Os meninos de Ouro*, Guimarães e C^a Editores, Lisboa, 1983.
- MARCONI, Marina, LAKATOS, Eva, *Técnicas de Pesquisa*, São Paulo, Editora Atlas, 2002.
- MARTINS, A., TOSTOES, Ana Cristina, BECKER, Annette, *Arquitectura do Século XX – Portugal (Catálogo da Exposição)*, Frankfurt – Lisboa, 1998.
- MIGNOT, Ana Chrystina, *Baú de Memórias, Bastidores de Histórias: o legado pioneiro de Armada Alvaro Alberto*. S. Paulo, Editora da Universidade São Francisco, 2002.
- Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, *Sanatório de D. Manuel II*, Vila Nova de Gaia, Junho de 1949.
- MINKOWSKI, Eugène, *Le temps vécu*, Presses Universitaires de France, Paris, 1995.
- MONTEIRO, A. Reis, *A revolução dos direitos da criança*, Porto, Campo das Letras, 2002.
- MONTERROSO, Manuel, *A Tuberculose e o Sanatório*, Porto, 1902.
- MORGADO, Emília, *A saúde dos pequeninos. Noções de puericultura*, Porto, 1937.
- NABAIS, João Maria, *Um estrangeirado na Europa das Luzes*, 2003.
- NEGRIER, P., *Les bains atravers de l'âges*, Paris, Librairie de la Construction Moderne, 1925.
- NEVES, Cassiano, *Sanatórios de Planície. O Sanatório Popular de Lisboa (Lumiar)*, Lisboa, 1937.
- NOGUEIRA, Braz, *A “Escola ao Sol” e a pretuberculose*, Lisboa, Tip. Henrique Torres, 1922.
- NÓVOA, António (Dir.), *A Imprensa de Educação e Ensino, Repertório Analítico (Séculos XIX-XX)*, Instituto de Inovação Educacional, 1993.
- O Nosso Jornal – Dos Internados e para os internados do Sanatório D. Manuel II, 10 de Junho de 1962.
-

- Ó, Jorge Ramos do, "Pedagogia moderna em tempos de conservadorismo político-social: a expansão das tecnologias de governo do aluno liceal nos anos 30 e 40 do século XX" in Martins, E. C. (coord.), *Actas do Vº Encontro Ibérico de História da Educação: Renovação Pedagógica*, 1.^a edição, Lisboa, Alma Azul, 2003.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1994.
- ONU (1990), *Convention relative aux droits de l'enfant* – Dossier d'information, Centre des Nations Unies pour les Droits de l'homme, UNICEF.
- ORTIGÃO, Ramalho, *As Praias de Portugal – guia do banhista e do viajante*, Porto, Livraria Universal, 1876.
- Os Nossos Filhos*, dir. Maria Lúcia Vassalo Namorado, Lisboa, Tip. Bertrand, imp. 1942.
- PÊCHEAUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEAUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.
- PESSOA, Ana Maria Pires, *A Educação das Mães e das Crianças no Estado Novo: a proposta de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, Doutoramento em Ciências da Educação Especialidade História da Educação, Lisboa, Setembro de 2005.
- PIRES, Arnaldo Veiga, *Contra a Tuberculose*, Porto, LPPS, 1936.
- PIZON, A., *Hygiène*, Paris, Gaston Doin éd., 1930.
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Coleção Trajectos, edições Gradiva, 2^a ed., 1998.
- RAWLINS, Thomaz, *Familiar architecture consisting of designs of houses for gentleman and tradesmen personages and summer-retreats*, 1768.
- RICOEUR, Paul, "Entre mémoire et histoire", *In Projet*, Paris: número 248.
- RICOEUR, Paul, *Soi-même comme un autre*. Paris, Seuil, 1990.
- RICOEUR, Paul, *Temps et récit*, vol.III: Le Temps raconté, Paris, Seuil, 1985.
- RIOUX Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François, *Para uma história Cultural*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998.

- ROBIN, Régine et alii. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Gestos da leitura da história no discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.
- ROCHA, Ilídio, (Coord.), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Vol. IV, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1998.
- SACADURA, Costa, *A Nobreza da Medicina e o Papel do Médico na Sociedade*, Lisboa, 1958.
- SANTOS, Mendonça, *Tuberculose Social*, Lisboa, 1933.
- SELMON, A., *Saúde e Longevidade*, Lisboa, Sociedade Filantrópica Adventista, 1930.
- SERRA, Augusto Paes da Silva Vaz, *Sanatórios Marítimos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930.
- Serviço de Luta Antituberculosa, *Da ANT ao SLAT, História Sumária da Instituição, 1899-1979*, Lisboa, 1979.
- SILVA, Carlos Manique, *Escolas belas ou espaços são? Uma análise histórica sobre a arquitectura escolar portuguesa 1860-1920*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 2002.
- SOUSA, Alberto B., *Investigação em Educação*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005.
- TAVARES, André, *Arquitectura Antituberculose, Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, Porto, FAUP Publicações, 2005.
- VEIGA, Cynthia Greive, FARIA, Luciano Mendes de, *Infância no sótão*, Autêntica, Belo Horizonte, 1999.
- VERNEAU, Ch, *Saúde a Amor na Vida Sexual*, Guimarães e Cº Editores, Lisboa, 1947.
- VIDIGAL, Luís, *Os testemunhos orais na escola, História oral e projectos pedagógicos*, Porto, Asa, 1996.

Anexo 1 – Cartaz de Propaganda ao Selo Antituberculoso (Espólio Liga Portuguesa de Profilaxia Social -Porto)	192
Anexo 2 – Cartaz da Liga Argentina de Profilaxia Social (Espólio Liga Portuguesa de Profilaxia Social - Porto)	193
Anexo 3 – Cartaz do Dispensário de Higiene da Armada (Espólio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social).....	193
Anexo 4 – Campanha Contra o Pé Descalço (Espólio Liga Portuguesa de Profilaxia Social -Porto).....	194
Anexo 5 – Campanha para a Salubridade Pública (Espólio Liga Portuguesa de Profilaxia Social).....	194
Anexo 6 – Campanha para a Salubridade Pública (Espólio Liga Portuguesa de Profilaxia Social).....	195
Anexo 7 – Campanha para a Salubridade Pública (Espólio Liga Portuguesa de Profilaxia Social).....	195
Anexo 8 – Planta do Sanatório D. Manuel II <i>in</i> Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Sanatório de D. Manuel II, Vila Nova de Gaia, Junho de 1949.....	196
Anexo 9 – Planta do Sanatório Marítimo do Norte (Arquitecto Oliveira Ferreira, Espólio ESJGFA)	197
Anexo 10 – Sanatório Marítimo do Norte (Arquitecto Oliveira Ferreira, Espólio ESJGFA)	197
Anexo 11 – Clínica Heliântia – Valadares	198
Anexo 12 – Folheto do Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)	198
Anexo13 – Doente do SMN internada durante 2 anos (Estudo de Álvaro Ferreira Alves)	199
Anexo 14 – Doente do SMN (Estudo de Álvaro Ferreira Alves)	199
Anexo 15 – Doente do SMN (Estudo de Álvaro Ferreira Alves)	200
Anexo 16 – Doente do SMN (Estudo de Álvaro Ferreira Alves)	201
Anexo 17 – Quadro Cronológico da Construção de Sanatórios e Organismos de Combate à Tuberculose	204
Anexo 18 – Análise Morfológica da 1ª série de <i>O Girassol</i>	205
Anexo 19 – Análise Morfológica da 2ª série de <i>O Girassol</i>	206

Anexo 20 – Análise Morfológica da 1ª série de <i>O Girassol</i>	207
Anexo 21 – Categorias de Análise definidas para o jornal <i>O Girassol</i>	209
Anexo 22 – Actividades de Beneficência referidas n' <i>O Girassol</i>	211
Anexo 23 – Postais de Propaganda ao Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)	212
Anexo 24 – Postais de Propaganda ao Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)	213
Anexo 25 – Postais de Propaganda ao Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)	214
Anexo 26 – Folhetos de Espectáculos de Beneficência nos Teatros Sá da Bandeira e Águia d' Ouro no Porto (Espólio ESJGFA)	215
Anexo 27 – Programa da récita oferecida pela Companhia Lucília Simões ao Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)	215
Anexo 28 – Capa do programa da récita oferecida pela Companhia Lucília Simões (Pormenor dos girassóis e elementos marítimos como as conchas e cordas náuticas da autoria de António Lima), (Espólio ESJGFA)	216
Anexo 29 – Carta de Ferreira Alves a Oliveira Guerra (Espólio ESJGFA)	216
Anexo 30 – Rubricas de <i>O Girassol</i> , <i>Carteira elegante</i> e <i>Carteira íntima</i> (<i>O Girassol</i> , 3ª série)	217
Anexo 31 – Desenho de Teixeira de Pascoais (<i>O Girassol</i> , 3ª série)	218
Anexo 32 – Inédito de Amélia Vilar (<i>O Girassol</i> , 3ª série)	218
Anexo 33 – Notícia de novidades bibliográficas (<i>O Girassol</i> , 3ª série).....	219
Anexo 34 – Revista fundada por Manuel Oliveira Guerra (Espólio ESJGFA)	219



Anexo 1 – Cartaz de Propaganda ao Selo Antituberculoso (Espólio Liga Portuguesa de Profilaxia Social -Porto)



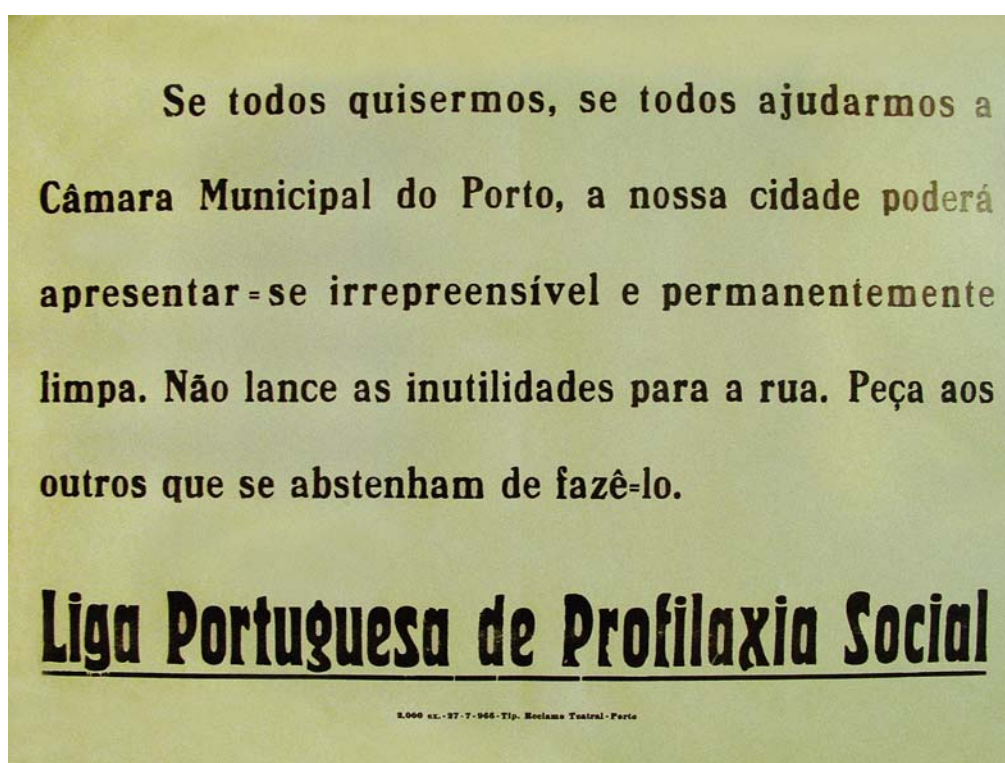
Anexo 2 – Cartaz da Liga Argentina de Profilaxia Social (Espólio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social - Porto)



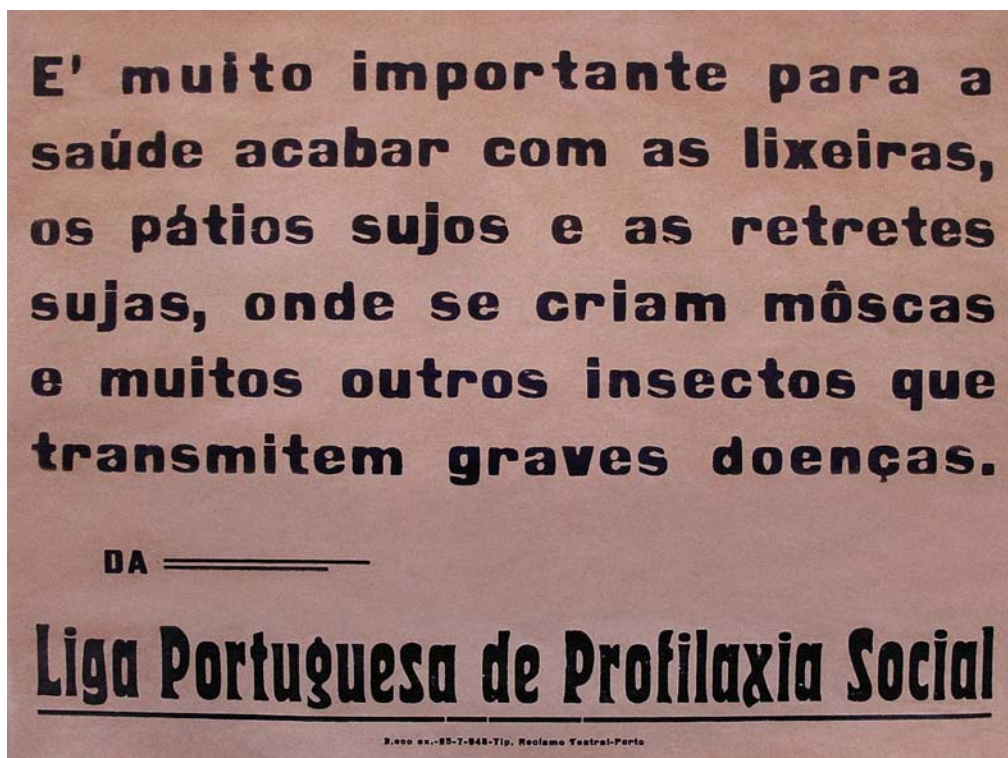
Anexo 3 – Cartaz do Dispensário de Higiene da Armada (Espólio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social)



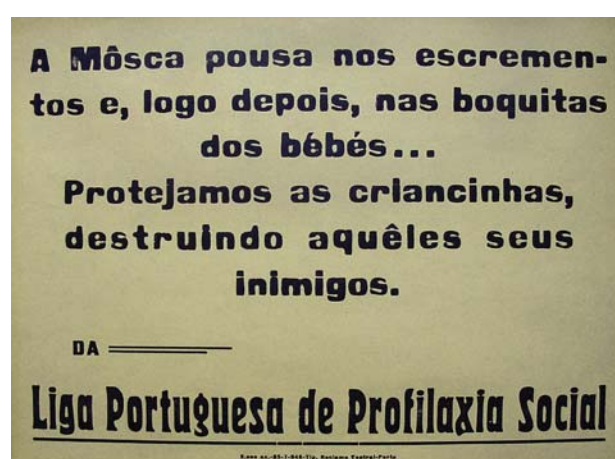
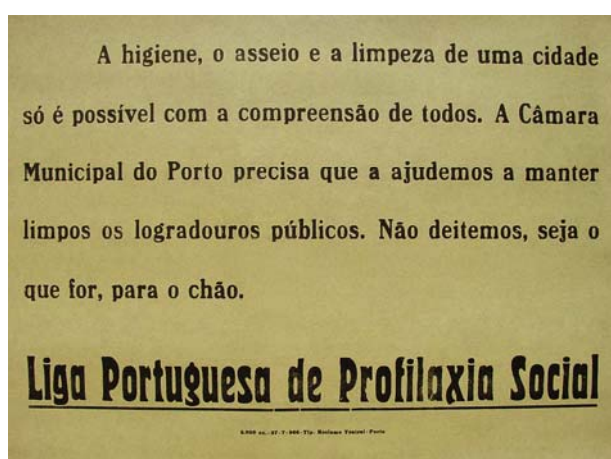
Anexo 4 – Campanha Contra o Pé Descalço (Espólio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social - Porto)



Anexo 5 – Campanha para a Salubridade Pública (Espólio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social)



Anexo 6 – Campanha para a Salubridade Pública (Espólio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social)



Anexo 7 – Campanha para a Salubridade Pública (Espólio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social)

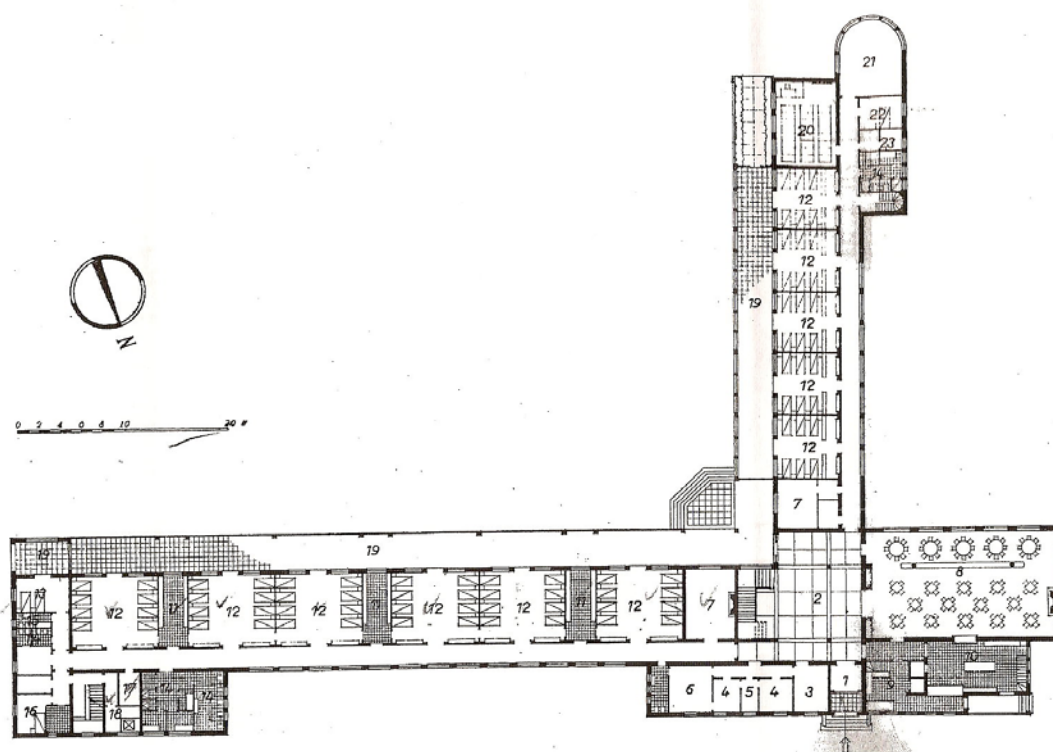
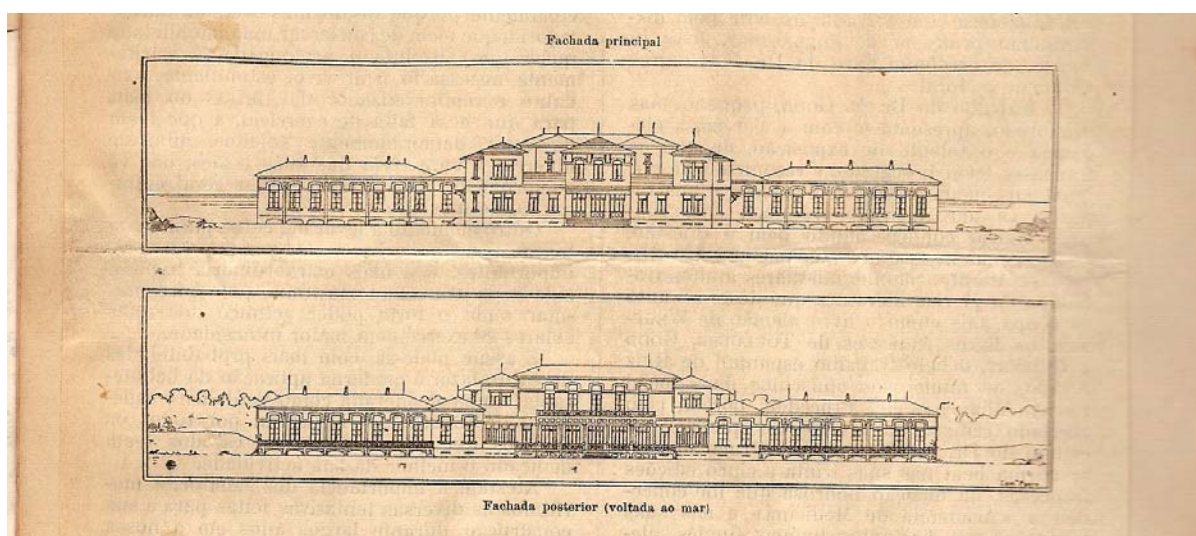


Fig. 20 — Sanatório de D. Manuel II — Vila Nova de Gaia.
Pavilhão de mulheres e crianças — Rés-do-chão.

1 — Vestíbulo; 2 — Átrio; 3 — Sala de espera; 4 — Consultas; 5 — Raios X; 6 — Tratamentos; 7 — Sala de estar; 8 — Sala de jantar; 9 — Copa suja; 10 — Copa limpa; 11 — Lavabos; 12 — Enfermaria; 13 — Isolamento; 14 — Serviços higiénicos; 15 — Banhos; 16 — Enfermeiro Chefe; 17 — Roupas limpas; 18 — Roupas sujas e lixos; 19 — Galerias de cura; 20 — Sala de aula; 21 — Sala de brinquedos; 22 — Quarto de enfermaria; 23 — Sala de enfermagem.

Anexo 8 — Planta do Sanatório D. Manuel II in Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Sanatório de D. Manuel II, Vila Nova de Gaia, Junho de 1949



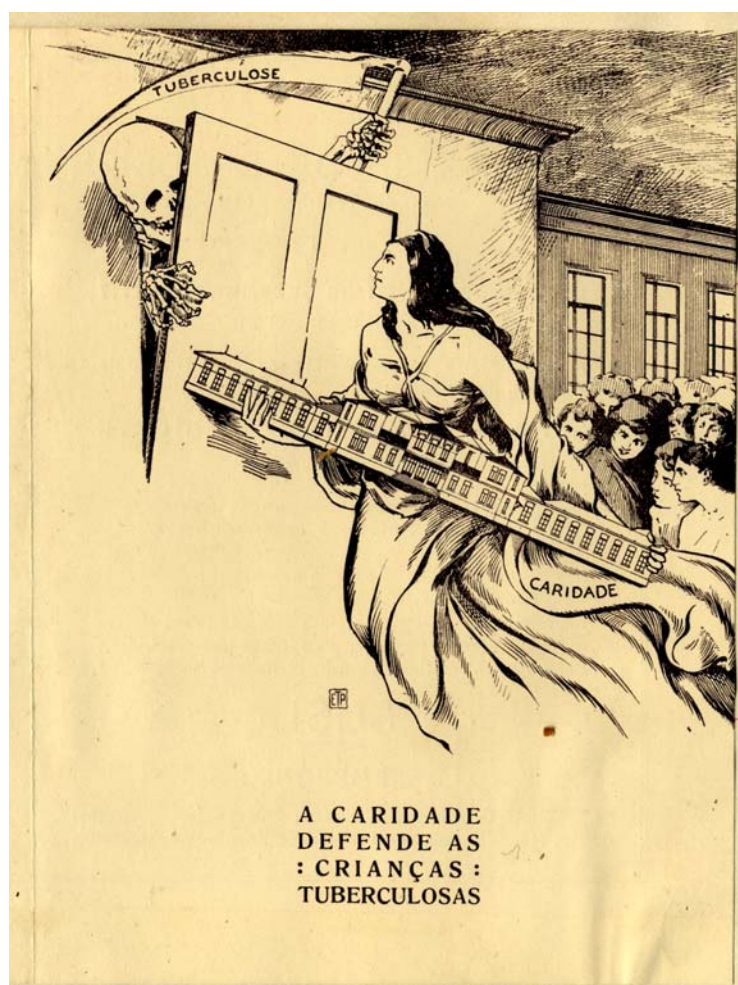
Anexo 9 – Planta do Sanatório Marítimo do Norte (Arquitecto Oliveira Ferreira, Espólio ESJGFA)



Anexo 10 – Sanatório Marítimo do Norte (Arquitecto Oliveira Ferreira, Espólio ESJGFA)



Anexo 11 – Clínica Heliântia – Valadares



Anexo 12 – Folheto do Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)

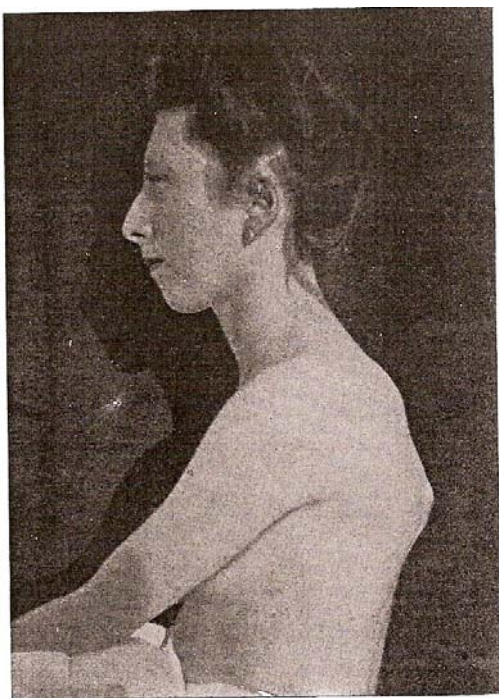


Fig. 8 — M. L. S. C. — 25 anos — Julho de 1945.

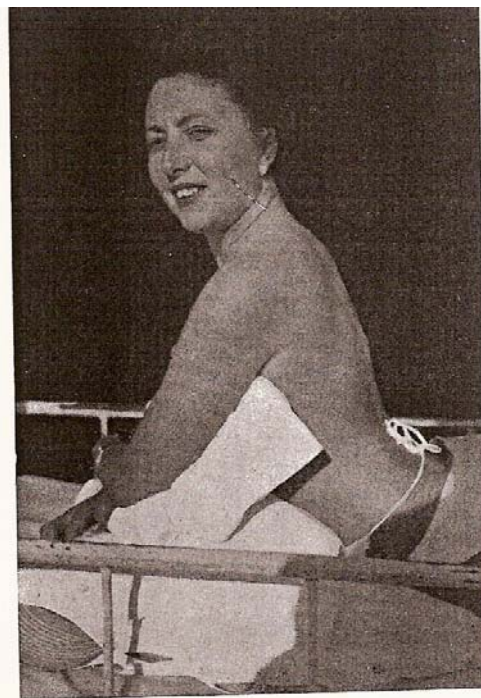


Fig. 9 — M. L. S. C. — 25 anos — Janeiro de 1947
(correção obtida em 18 meses).

Anexo13 – Doente do SMN internada durante 2 anos (Estudo de Álvaro Ferreira Alves)

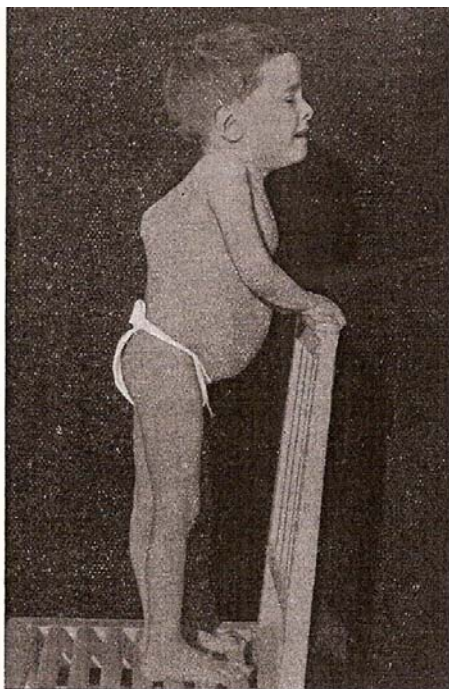


Fig. 12 — D. C. N. — 4 anos — Outubro de 1943.

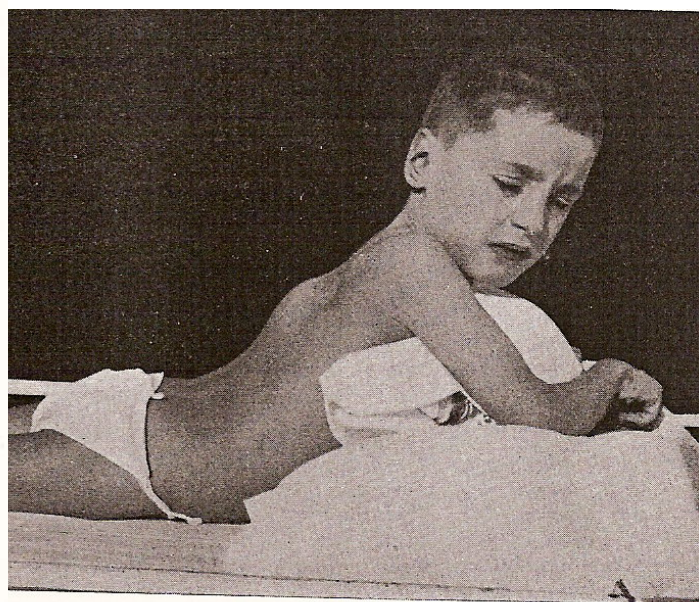


Fig. 13 — D. C. N. — 4 anos — Dezembro de 1944.

Anexo 14 – Doente do SMN (Estudo de Álvaro Ferreira Alves)

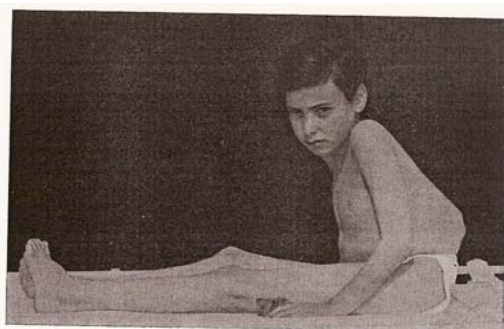


Fig. 17 — C. C. — 13 anos — Junho de 1940.



Fig. 18 — C. C. — 13 anos — Novembro de 1940 (após 5 meses de correcção).

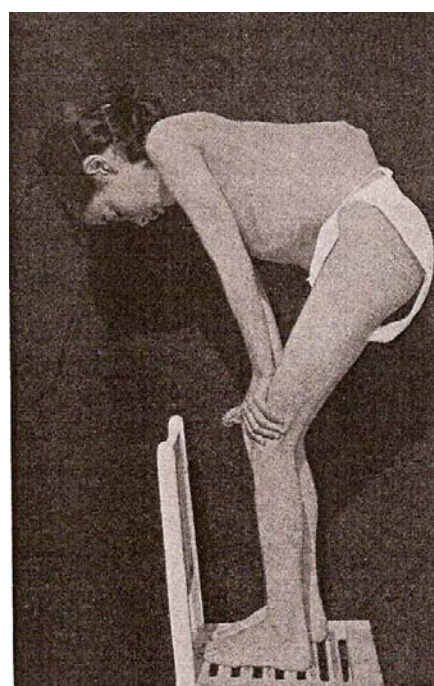


Fig. 16 — C. C. — 13 anos — Junho de 1940.

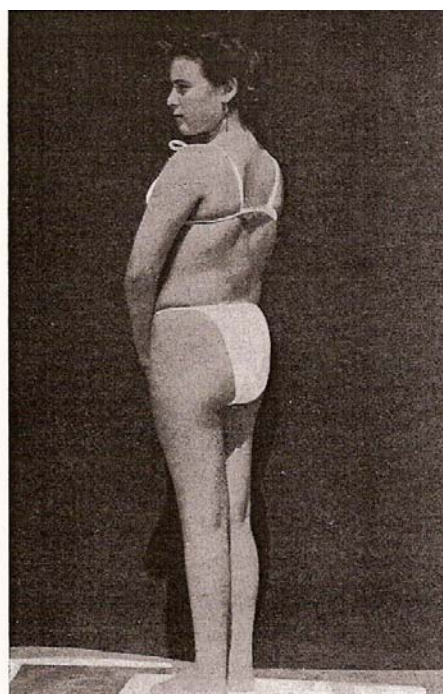


Fig. 19 — C. C. — Estado à saída — Curada (1943).

Anexo 15 – Doente do SMN (Estudo de Álvaro Ferreira Alves)

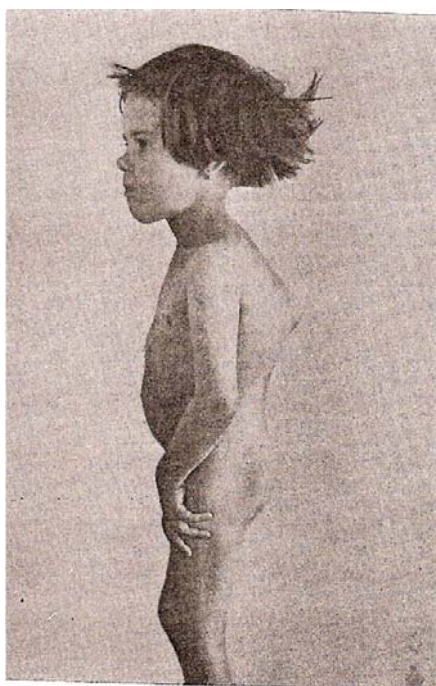


Fig. 20 — M. Z.

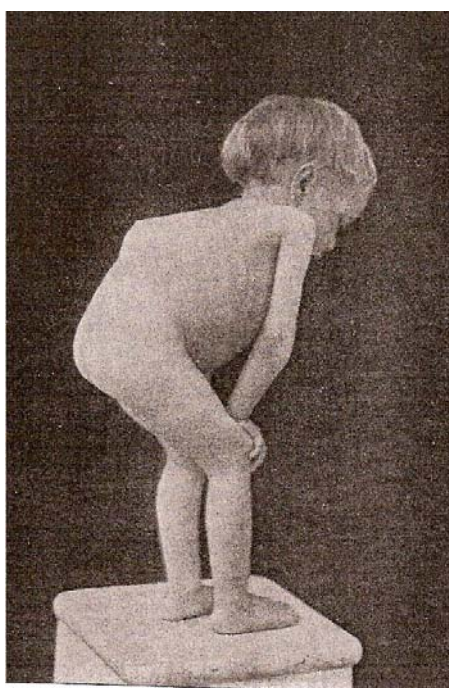


Fig. 22 — A. C. — Agosto de 1919.

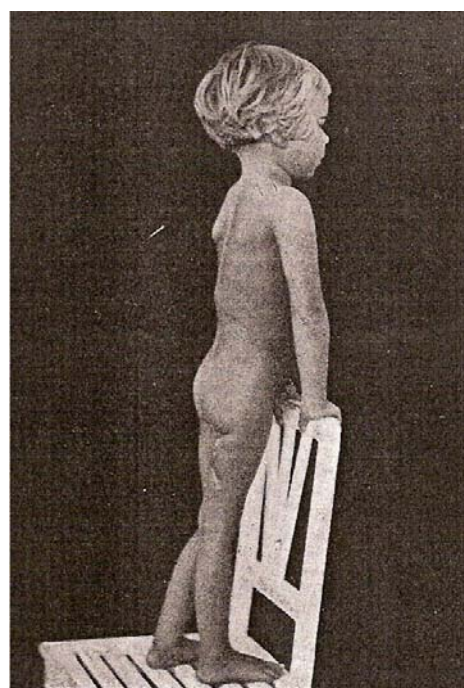


Fig. 23 — A. C. — Agosto de 1922.

Anexo 16 – Doente do SMN (Estudo de Álvaro Ferreira Alves)

Criação de Sanatórios e Organismos de combate à tuberculose

DATA	INSTITUIÇÃO/ORGANISMO	OUTROS ELEMENTOS
1862	Hospital para Tuberculosos	Funchal
1886	Hospital Santo António - Enfermaria para mulheres	Benemérito Pereira Cardoso
1890	Hospital Santo António - Enfermaria para homens	Benemérito Cunha Lima
1895	1º Congresso Português sobre Tuberculose	Coimbra Presidência-Prof. Augusto Rocha
1899	A.N.T. (Assistência Nacional aos Tuberculosos)	Por acção Rainha D. Amélia
1900	Sanatório Marítimo do Outão	400 camas 1º Dir. Augusto Loforte
1900	Reedição dos aforismos da A.N.T.: "Instruções populares contra a Tuberculose" "Cartilha de preceitos para a defesa individual da Tuberculose" "Instruções para a Desinfecção de Escarradores" "A Tuberculose, defesa Individual"	
1901	Dispensário de Lisboa	Dir. Alfredo Luís Lopes
1901	1º Congresso da Liga Nacional Contra a Tuberculose	Lisboa
1902	2º Congresso da Liga Nacional Contra a Tuberculose	Viana do Castelo
1902	Sanatório Marítimo de Carcavelos	1º Dir. José de Almeida
1902	Dispensário do Porto	1º Dir. Arantes Pereira
1903	Dispensário de Faro "Casa dos Tísicos"	1º Dir. Alexandre Pereira de Assis
1903	Dispensário do Porto	1º Dir. Arantes Pereira
1904	3º Congresso da Liga Nacional Contra a Tuberculose	Coimbra

1907	Sanatório de Sousa Martins	Guarda 1ºDir.Amândio Paul
1907	4º Congresso da Liga Nacional Contra a Tuberculose	Porto
1909	Em construção na Quinta das Mouras escola ao ar livre para os filhos dos tuberculosos cavitários	Porto
1909	Sanatório de Portalegre	1º Dir.Rodrigues de Gusmão
1912	Sanatório Popular Hospital de Repouso D. Carlos I	Lisboa 64 camas 1ºDir. Cassiano Neves
1912	Sanatório Marítimo da Gelfa Só começa a funcionar em 1929	Moledo, Pinhal do Camarido
1916	Colónia Sanatorial Marítima da Foz	1ºDir.Joaquim Ferreira Alves
1917	Sanatório Marítimo do Norte	1ºDir.Joaquim Ferreira Alves
1922	Estância Sanatorial do Caramulo	18 Sanatórios
1929	Hospital Rodrigues Semide	1º Director Eduardo Santos Silva
1930	A.N.T. (Assistência Nacional aos Tuberculosos)	Prof. Lopo de Carvalho
1930	Clínica Heliântia	1ºDir.Joaquim Ferreira Alves
1930	Sanatório de Covões	Bissaya Barreto Construído por acção Colónia Portuguesa do Brasil
1931	1ª Semana da Tuberculose-Cartazes com a cruz de Lorena, símbolo da união internacional contra a Tuberculose	Cartazes, selos, conferências, palestras, peditórios, sobretaxas nos bilhetes de comboio e carreiras de táxi
1930	Sanatório de Celas	Bissaya Barreto Destinado a mulheres
1930	Sanatório Dr Lopo de Carvalho	Penhas da Saúde
1930	Sanatório para Oficiais do Exército e da Marinha	Alcabideche Quinta do Pisão
1930	Sanatório de Sant´ana	Parede

1937	Xª Conferência da União Internacional contra a Tuberculose	Lisboa
1938	Sanatório Hospital Dr. João de Almada	Funchal
1945	I.A.N.T. (Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos) Decreto-Lei nº35.108 de 7 de Novembro 1945	
1946	Sanatório de Abravezes	Viseu
1946	Sanatório do Presidente Carmona	Paredes de Coura
1946	Sanatório Dr. Carlos Vasconcelos Porto	S. Brás de Alportel, Algarve
1947	Sanatório D.Manuel II	1º Dir. Mário Cardoso
1949	Sanatório Flamengo	Vialonga
1956	Sanatório do Barro -Torres Vedras	Dr. José Maria Antunes Júnior
1958	Sanatório do Montalto (construído graças à A.T.N.P. (Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal)	
1961	Casa de Saúde de Almeida Pinho (benemérito emigrado na Venezuela)	Macieira de Cambra
1968	A.C.T.P. (Associação Contra a Tuberculose do Porto)	
	S.L.A.T. (Serviços de Luta Anti-Tuberculose)	
1972	Jornadas Internacionais de Pneumotisiologia	Sanatório D. Manuel II 23 a 25 de Novembro
1988	A.N.T.D.R. (Associação Nacional de Tuberculose e Doenças Respiratórias)	

Anexo 17 – Quadro Cronológico da Construção de Sanatórios e Organismos de Combate à Tuberculose

Análise Morfológica

Primeira Série	Título	O Girassol
	Subtítulo	Folha literária dos internados do Sanatório Marítimo do Norte – Valadares - Gaia (Folha quinzenal)
	Propriedade	Sanatório Marítimo do Norte e Sanatório Heliântia
	Data Publicação	Março de 1924 a Março de 1928
	Direcção	Nº1 a 13-Dirigido por Manoel Guerra e António Correia
		Nº14 e 15-Dirigido por Mário Ramos e Alberto Cordovil
		Nº17-Dirigido por Manoel Coutinho e Alberto Cordovil
		Nº18- Dirigido por Alberto Cordovil
	Impressão	Imprensa Moderna, Lda., Porto
	Formato	30X20 cm

Anexo 18 – Análise Morfológica da 1ª série de *O Girassol*

Análise Morfológica

Segunda Série	Título	O Girassol
	Subtítulo	Quinzenário dos doentes internados nas clínicas helioterápicas do Dr. Ferreira Alves Sanatório Marítimo do Norte e Sanatório Heliântia-Valadares-Gaia
	Propriedade	Sanatório Marítimo do Norte e Sanatório Heliântia
	Data Publicação	Janeiro de 1934 a Abril de 1935
	Director	Nº2 a 13-Nuno Guerreiro Marques
		Nº14 a 18-Carminé Gil Nob
	Administradora	Maria dos Prazeres P. Pinto
	Redactor	Maria Eugénia A. Vianna
		Feliciano Tomás de Resende
	Impressão	Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda. Rua Mártires da Liberdade, 178-Tel.2798
	Formato	28X40 cm
	Preço	O produto líquido destina-se à Beneficência do Sanatório Marítimo do Norte Preço mínimo de um escudo - O Girassol é distribuído gratuitamente a todos os doentes do Sanatório que não possam pagar

Anexo 19 – Análise Morfológica da 2ª série de O Girassol

Análise Morfológica

Terceira Série	Título	O Girassol
	Propriedade	Sanatório Marítimo do Norte e Sanatório Heliântia
	Data Publicação	Janeiro de 1955 a Fevereiro de 1956
	Director, e Editor	Manuel Rodrigues Pinheiro nº1,2,3
		Manuel de Oliveira Guerra nº4 a 19 (Rua de Pinto Bessa, 603-Porto, Tel. 51929) nº4 a 19
	Administrador	António Alves Leite nº1 a 6
		Mário Ramos nº7 a 16
		Celeste S. Machado nº17 a 19
	Redactora	Palmira Nunes Viana Lopes
	Impressão	Escola de Tipografia Oficinas de S. José – Porto Rua Alexandre Herculano, 123, Tel. 21866)
	Formato	28X40 cm
	Preço	O produto líquido destina-se à Beneficência do Sanatório

Anexo 20 – Análise Morfológica da 1ª série de *O Girassol*

O Girassol – Categorias de Análise

Vida Na Instituição	Vida Cultural e Artística	Eventos Visitantes Datas festivas Produção literária – Inéditos, poetisas do norte Ilustrações Desenhos Fotografias Bibliografia nacional e estrangeira Entrevistas
	Quotidiano/rotina	Despertar Refeições Cura do sol Sesta Crepúsculo Visitas
	Notícias	Internamentos Saídas Recuperações Operações Aniversários Saraus
	Sentimentos E Emoções	Saudades, tristeza Resignação Família biológica e do sanatório Conselhos Reflexões sobre o tempo Conquistas e intrigas amorosas
	Questões Médico-científicas	Viagens de pesquisa de Joaquim Ferreira Alves Congressos científicos Glossário de doenças Novas terapêuticas Intervenções cirúrgicas Equipamento médico Mobiliário hospitalar Hierarquia de recursos humanos

	Gênese do Jornal	Origem Objectivos Destinatários Estrutura Dinâmica Financiamento Assinaturas
Educação	Girassol Dos Pequeninos	Contos infantis Poesia Passatempos Lendas e narrativas Adivinhas Humor, anedotas Charadas Palavras cruzadas Jogos e brincadeiras Correspondência Notícias de entrada, saída, recuperação de crianças Aniversários Concursos literários, de adivinhas e de participação dos pequenos colaboradores Banda desenhada Desenhos e ilustrações
		Deveres escolares
		Referência a professores contratados e internados
		Livros nacionais e estrangeiros
		Jornais diários
		Ginástica
		Canto coral
		Trabalhos manuais (bordados, trabalhos)

Anexo 21 – Categorias de Análise definidas para o jornal *O Girassol*

ANGARIAÇÃO DE FUNDOS Actividades de Beneficência			
Benemérito	Acção	Local	Data
António Castro Empresa Teatro da Trindade, Lisboa	Ópera “A vida boémia”	Teatro Águia D’Ouro	13 Dezembro 1916
Companhia Taveira	Opereta “Susi”	Teatro Sá da Bandeira	31 Dezembro 1917
Club Fenianos Portuense	Recolha de fundos para Fundação Asilo Escola no Funchal	Banco Lisboa e Açores	15 Junho 1916
Festas de Arte Portuguesa	Grande concerto, 1 ^a audição de “Composições Portuguezas” de Virgilo Ângelo	Salão de Festas Passos Manuel	30 Junho 1919
Comendador Jorge Correia	Grandioso festival	Theatro da Paz	12 Junho 1917
Senhoras do Porto	Festa da Flor “Venda da Flor”	Porto	1917
Amélia Burnay Morales Del Rio	Festa	Praia da Granja	Setembro 1919
Senhoras portuenses	Kermesse de caridade “Festa da Flor”	Praia da Granja	Setembro 1919

Abílio P. Magro A. Magrini	Récita de Despedida da Colónia Balnear da Praia de Francelos “Francelos Praia D’Encantos”	Praia de Francelos	12 de Outubro 1919
Amadores Gulpilharenses	Baile campestre “O Auto de Santa Catarina”	Quinta Forbes S. Félix da Marinha Granja	28 Agosto 1921
Club de Tiro da Granja	Torneio de Tiro aos pombos	Granja	6 Agosto 1922
Quintanistas da Faculdade de Medicina do Porto	Garraiada	Praça de touros da Areosa	Maió 1923
Companhia Lucília Simões	Récita	Teatro Sá da Bandeira	15 Março 1924
Campos Monteiro Lucília Simões e Erico Braga	“O Milagre D`um Beijo”	Teatro Sá da Bandeira	Março 1924
Campos Monteiro Lucília Simões e Erico Braga	“O Milagre D`um Beijo”	Enfermaria do Sanatório	23 Março 1924
Foot-ball Club do Porto e Real Celta de Vigo	Jogo de Futebol	Campo da Constituição	23 Abril 1924

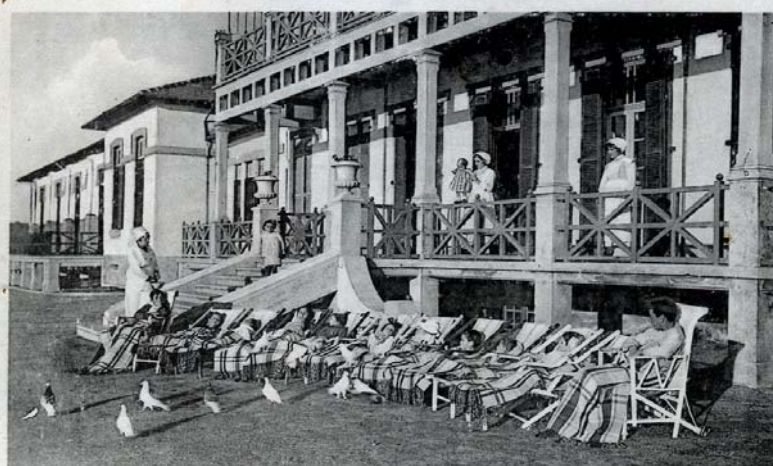
Anexo 22 – Actividades de Beneficência referidas n´O Girassol



Anexo 23 – Postais de Propaganda ao Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)



Enfermaria Helena Dias



CURA DE REPOUSO DOS CONVALESCENTES



BANHO DE SOL

Anexo 24 – Postais de Propaganda ao Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)



BANHO DE SOL



AS COMPANHEIRAS DOS DOENTINHOS

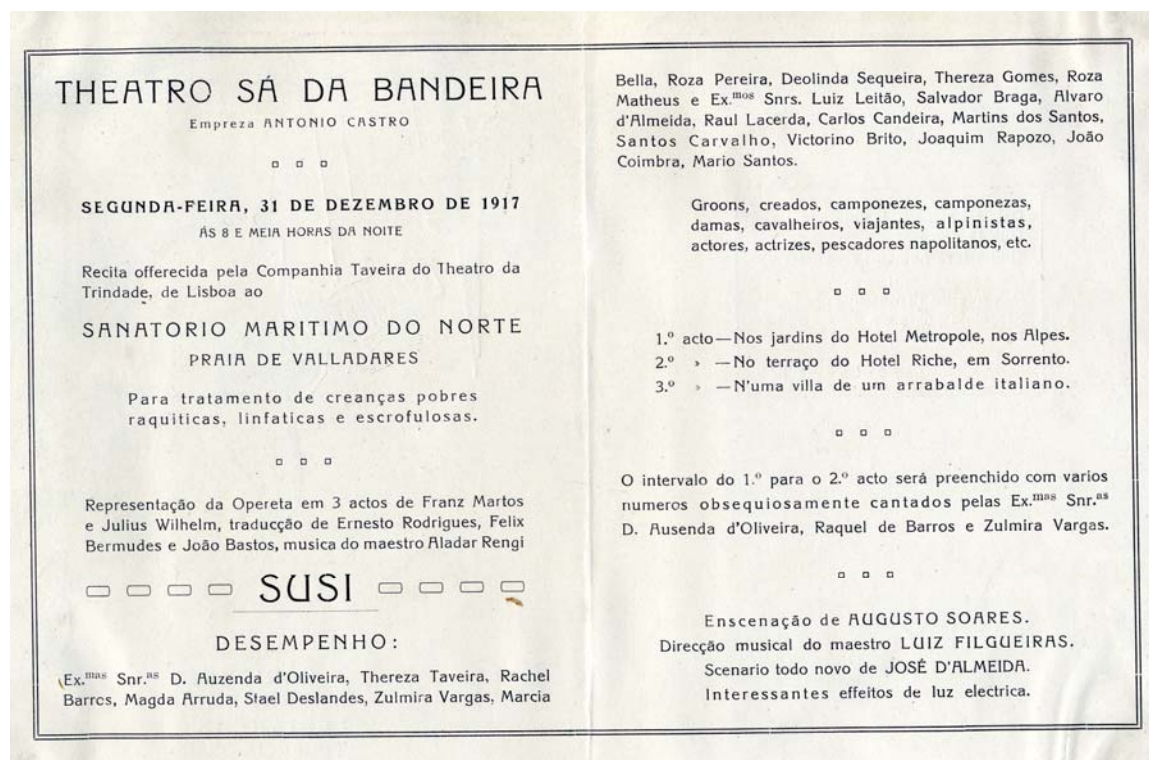


Diversão dos doentinhos- Troupe dramática aldeã apoz a representação do auto de S.ta Catarina

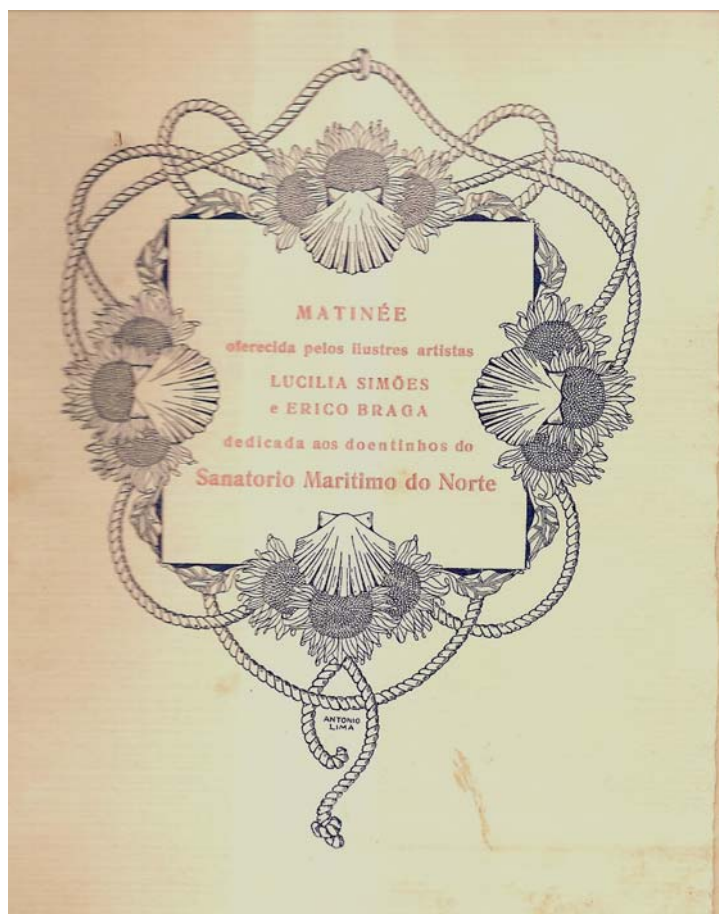
Anexo 25 – Postais de Propaganda ao Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)



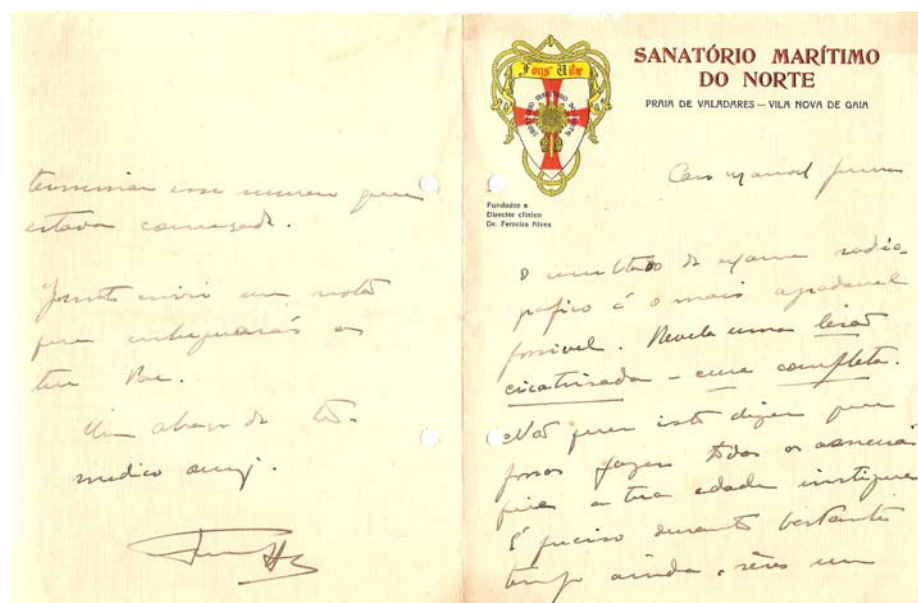
Anexo 26 – Folhetos de Espectáculos de Beneficência nos Teatros Sá da Bandeira e Águia d’Ouro no Porto (Espólio ESJGFA)



Anexo 27 – Programa da récita oferecida pela Companhia Lucília Simões ao Sanatório Marítimo do Norte (Espólio ESJGFA)



Anexo 28 – Capa do programa da récita oferecida pela Companhia Lucília Simões (Pormenor dos girassóis e elementos marítimos como as conchas e cordas náuticas da autoria de António Lima), (Espólio ESJGFA)



Anexo 29 – Carta de Ferreira Alves a Oliveira Guerra (Espólio ESJGFA)

O GIRASSOL

CARTEIRA ELEGANTE

ANIVERSÁRIOS

Fêz anos no dia 17 de Maio o menino Bento Vieira de Moura, no dia 1 de Junho a menina Maria Leonor Machado, no dia 6 de Junho a Menina Marília Júlia de Almeida, no dia 15 o menino Júlio Amâncio Soares e no dia 13 a Muito Ilustre Enfermeira-Chefe — do Sanatório — Sr.^a D. Virgínia Neves.

OPERAÇÃO

No dia 13 de Maio foi operado com grande êxito o Sr. Prof. Manuel José Monteiro, a quem o *Girassol* felicita e deseja um pronto restabelecimento.

RAIO X

Comunicam do Raio X que os Meninos Elvira Costa, Margarida Valente Oliveira e Armando da Silva estão muito melhor e que o menino Carlos Soares Leite está em vésperas de pisar terra firme.

O *Girassol* regosija-se com as melhoras de todos.

CHEGADAS

— Chegou à Heliântia o Sr. Francisco Pinto de Sá.

— Vai chegando de perfeita saúde à sua posição vertical a Sr.^a D. Ermelinda Alves.

— Chegou a um metro e setenta e nove o Sr. José Luís Seabra.

PARTIDAS

— Partiu as rodas da cama o menino Joaquim Ordonhas (Quim).

— Foi entusiástica a partida de *crapaud* que o Sr. Dr. Henrique Serrano e o Sr. José Luís Seabra jogaram há dias.

Carteira íntima

Aniversários

Fazem anos: Em 2 de Abril, Alberto C. Almeida em 7, Glória da Piedade Sá; em 8, Maria Filomena Ulrich A. e Sousa; em 15, Manuel B. d'Almeida; em 18, Manuel de J. Ruas; em 19, Eduardo Teixeira e Alberto Brito; em 20, Alexandre Machado; em 25, Arminda C. Vieira.

Muitos parabéns.

Operações

Foi operada em 4, Alzira Maria Figueiredo Santos; e em 12, Carlos Agostinho Tainha. Felicidades.

Entradas

No Sanatório Marítimo:—em 2, Agostinho Monteiro; em 4, Manuel B. d'Almeida; em 6, Manuel F. da Silva e Maria Arminda Monteiro; em 10, Maria do Céu G. de Sousa; em 24, António Mário do C. Ferreira e em 29, Margarida da C. Soares.

Na Clínica Heliântia:—Em 3, Abílio José Jantarada; em 13, Eduardo da C. Esperança; em 21, Manuel Costa e em 27 Maria Augusta M. Tavares. A todos uma cura rápida.

Retiradas

Do Sanatório Marítimo:—Retirou-se em 6, Amélia R. da Silva; em 14, Augusto Vilela e António J. das D. Pereira; em 17, Maria Celina.

Na Clínica Heliântia:—Em 13, Maria Adelaide T. Dias; em 17, Armando da Silva Rôlo; em 19, Maria de J. S. Vaz. Felicidades e boa sorte.

—X—

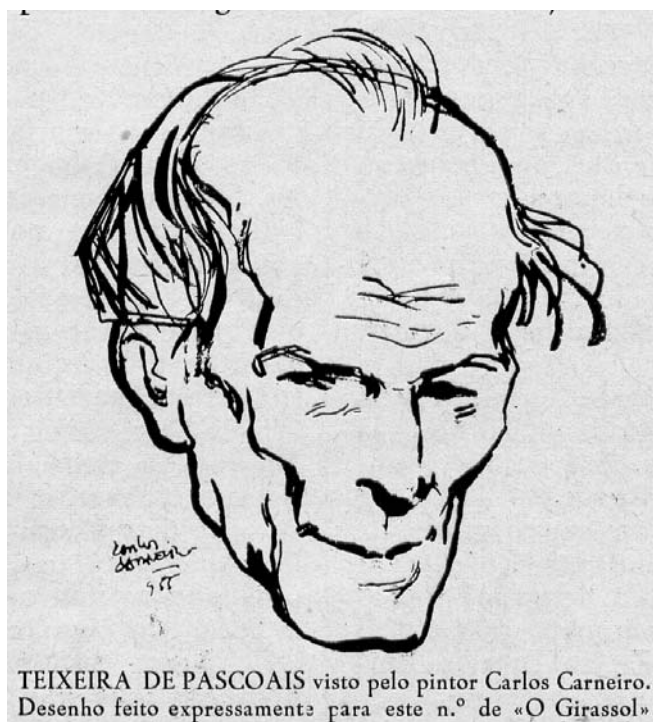
No dia 11 de Abril faz anos a Senhora D. Altina Cruz, Dg.^a Enfermeira, a quem apresentamos os nossos cumprimentos e desejamos Felicidades.

—X—

E em 24 de Abril passa o aniversário natalício da Ex.^{ma} Senhora D. Arminda Pinheiro, esposa muito querida do nosso prezado Director.

«O GIRASSOL» felicita-a e faz votos muito sinceros para que, no próximo ano possa festejá-la junto do seu marido, já completamente restabelecido.

Anexo 30 – Rubricas de O Girassol, Carteira elegante e Carteira íntima(O Girassol, 3ª série)



Anexo 31 – Desenho de Teixeira de Pascoais (*O Girassol*, 3ª série)

POETISAS DO NORTE

Xilogravura de Altino Maia

PUBERDADE

Adolescência pura! Assim, parece
—pela expressão do físico sadio—
um novo gladiador em desafio
de encantos que a beleza desconhece

Corpo esbelto e moreno! A ideia tece
rendas de sonho e caprichoso fio.
Musical como as fontes sobre o rio,
virtuoso como as falas de uma prece.

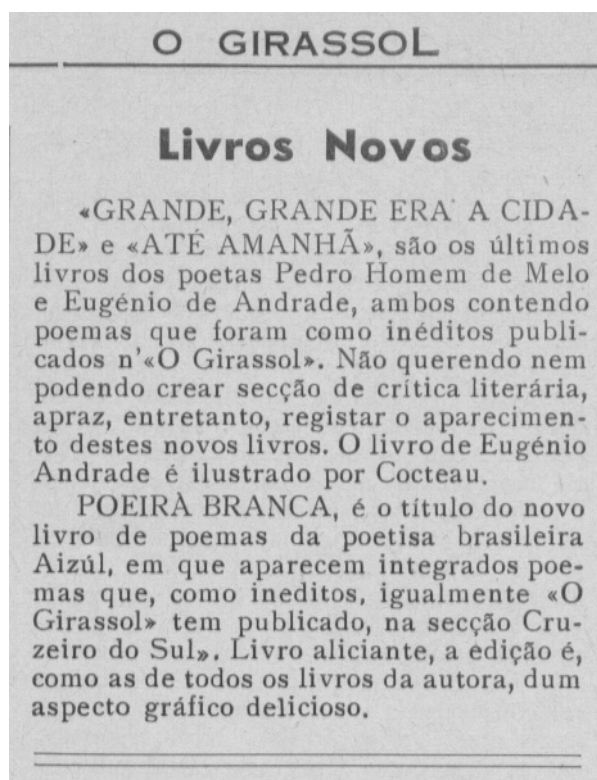
Uma escultura natural, sem músculos,
tocada pelo oiro dos crepúsculos,
envolta de penumbras fim da tarde.

Cheiro de flores, paladar de frutos,
seu paladar e aroma são tributos
da mocidade em que transcende e arde!

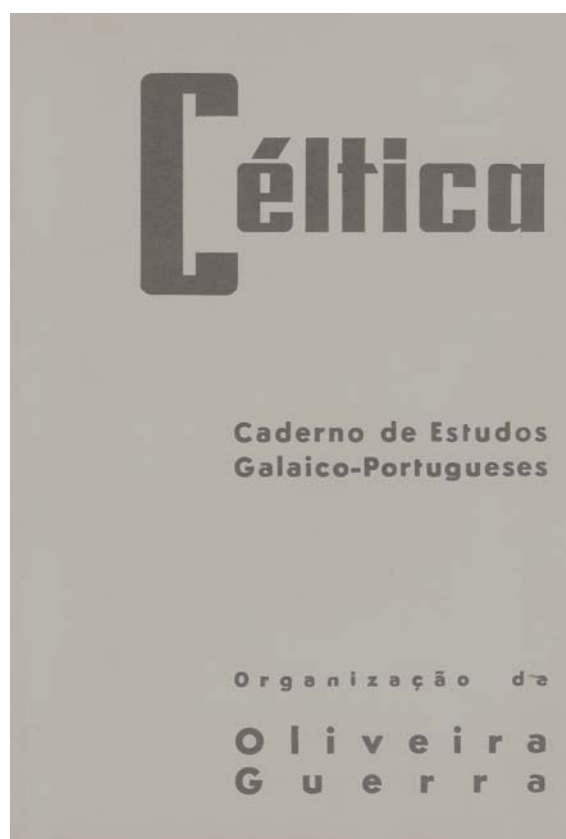
AMÉLIA VILAR

Inédito

Anexo 32 – Inédito de Amélia Vilar (*O Girassol*, 3ª série)



Anexo 33 – Notícia de novidades bibliográficas (*O Girassol*, 3ª série)



Anexo 34 – Revista fundada por Manuel Oliveira Guerra (Espólio ESJGFA)